

ATOS



Contando a História
da Igreja Apostólica

COMENTÁRIO
BÍBLICO
HOMILÉTICO



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

Mario Veloso

ATOS

Contando a História
da Igreja Apostólica

COMENTÁRIO BÍBLICO HOMILÉTICO

Mario Veloso

Tradução
Lucinda dos Reis Oliveira

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

Título original em espanhol:
LIBRO DE HECHOS

*Direitos de tradução e publicação
em língua portuguesa reservados à*

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-000 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

1ª edição: 29.556 exemplares
2010

Editoração: Zinaldo A. Santos e Michelson Borges
Programação Visual: Fernando Ribeiro de Lima
Capa: Mark Wallacy

IMPRESSO NO BRASIL / *Printed in Brazil*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Veloso, Mario

Atos : contando a história da igreja apostólica :
comentário bíblico homilético / Mario Veloso ;
tradução Lucinda dos Reis Oliveira. –
Tatuí, SP : Casa Publicadora Brasileira, 2010.

Título original: Libro de Hechos.

1. Bíblia. N.T. Atos dos Apóstolos –
Comentários 2. Bíblia. N.T. Atos dos Apóstolos –
História de eventos bíblicos 3. Cristianismo –
Origem 4. Igreja – História – Igreja primitiva
I. Título.

10-05417

CDD-226

Índices para catálogo sistemático:

1. Bíblia : Novo Testamento : Atos dos
Apóstolos : Cristianismo 226



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial,
por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.



Sumário

Introdução	8
1. Introdução de Lucas: Poder e Esperança	12
O evangelho: o que Jesus fez e ensinou (At 1:1-2a)	12
Jesus: prática e ensinamento (1:1)	13
Tempo: até voltar ao Céu (1:2a)	15
O Espírito Santo e Jesus: mandamentos e poder (At 1:2b-8)	15
O Espírito Santo transmite os mandamentos (1:2b)	16
O Espírito Santo transmite poder (1:3-8a)	17
O testemunho pelo Espírito (1:8b)	20
Ascensão de Jesus: promessa de retorno (At 1:9-11)	21
Ascensão: foi elevado (1:9)	22
A promessa: esse mesmo Jesus virá (1:10, 11)	23
2. Jerusalém, Pregação, Organização, Perseguições	24
Primeiras ações (At 1:12-2:47)	25
Escolha de Matias: procedimento e direção divina (1:12-26)	25
Pentecostes: recebimento do poder (2:1-13)	31
Primeiro discurso de Pedro: Jesus, o Senhor e Messias (2:14-36)	32
O diálogo da conversão: resultados (2:37-42)	35
Primeiros conversos: estilo de vida (2:43-47)	39
A cura de um coxo: consequências (At 3:1-4:31)	39
O milagre: entrou no templo (3:1-10)	40
Primeira consequência: segundo discurso de Pedro (3:11-26)	42
Segunda consequência: testemunho perante o Sinédrio (4:1-22)	49
Terceira consequência: falaram com coragem (4:23-31)	54
A comunidade de um coração e uma alma (At 4:32-6:7)	57

Comunidade de bens: nenhum necessitado (4:32-35)	57
Dois casos contraditórios: generosidade e mentira (4:36-5:11)	58
O número de crentes aumentava grandemente (5:12-16)	61
Perseguição a Pedro e João: pregação incessante (5:17-42)	62
Escolha dos diáconos: maior crescimento (6:1-7)	67
Estêvão, o defensor da fé (At 6:8-7:60)	70
O debate (6:8-10)	71
A intriga (6:11-12a)	73
Acusação perante o Sinédrio (6:12b-15)	73
Defesa de Estêvão (7:1-53)	75
Apedrejamento (7:54-60)	83

3. Judeia e Samaria	86
Perseguição em Jerusalém (At 8:1-4)	87
Mudança de tática (8:1)	87
O sepultamento de Estêvão (At 8:2)	87
A excessiva paixão de Saulo (8:3, 4)	88
Samaria: viagens missionárias de Felipe (At 8:5-40)	89
Primeira viagem missionária de Felipe: cidade de Samaria (8:5-13)	90
Visita de Pedro e João a Samaria (8:14-25)	92
Segunda viagem missionária de Felipe: todas as cidades (8:26-40)	95
Damasco: conversão de Saulo (At 9:1-31)	98
Uma viagem de ameaças e morte (9:1, 2)	99
A voz de Jesus (9:3-6)	100
O cego e os que não veem (9:7-9)	101
Saulo recebe a visita e o Espírito Santo (9:10-19)	102
Pregação em Damasco (9:20-25)	104
Saulo em Jerusalém: fim da angústia (9:26-31)	108
Viagens missionárias de Pedro (At 9:32-10:48)	109
Viagem de Pedro a Lida: todos se converteram (9:32-35)	110
Viagem a Jope: muitos creram (9:36-43)	111
Viagem a Cesareia: primeiro passo para o mundo gentio (10:1-48)	112
Relatório missionário de Pedro em Jerusalém (At 11:1-18)	122
A discussão: qual o motivo? (11:1-3)	123
A explicação de Pedro (11:4-17)	124
Fim do conflito: todos aceitaram (11:18)	126

4. Pregação em Todo o Mundo	127
Fenícia, Chipre e Antioquia: duas etapas (At 11:19-30)	127
Pregação somente aos judeus (11:19)	128
Antioquia: pregação aos gregos (11:20-30)	128
Perseguição de Herodes: glória e morte (At 12:1-24)	132
Glória de Herodes (12:1a)	132
Perseguição de Herodes (12:1b-5)	133
Libertação de Pedro: segurança (12:6-17)	134
Alvoroço na prisão: ninguém sabia de nada (12:18-19)	136
Morte de Herodes (12:20-24)	136
5. Primeira Viagem Missionária de Paulo	138
Início da viagem: ordenação (At 12:25-13:3)	138
Retorno de Saulo e Barnabé de Jerusalém para Antioquia (12:25)	138
Ordenação e envio de Barnabé e Saulo (13:1-3)	139
Primeira viagem missionária: lugares visitados (At 13:4-21a)	141
Chipre: primeiros ensinamentos (13:4-12)	142
Perge da Panfília: retorno de João Marcos (13:13)	144
Antioquia da Pisídia: os gentios creram (13:14-52)	145
Ícônio: muitos creram (14:1-7)	155
Listra: poderes divinos sem serem deuses (14:8-20a)	158
Derbe: estabilidade na igreja (14:20b-21a)	162
Retorno a Antioquia (At 14:21b-28)	163
Em viagem: espiritualidade e administração (14:21b-25)	163
Em Antioquia: relatório das missões (14:26-28)	166
6. Concílio de Jerusalém	168
Em Antioquia: o problema (At 15:1-3)	168
Problema na doutrina: por culpa das pessoas (15:1)	169
Contenda doutrinária (15:2)	170
Viagem a Jerusalém: relatórios em Fenícia e Samaria (15:5)	171
Em Jerusalém: a solução (At 15:4-29)	172
Reunião do concílio e relatório (15:4-5)	172
O concílio delibera (15:6-21)	173
Decisão do concílio (15:19-29)	177
Em Antioquia: alegria (At 15:30-35)	180

Entrega da carta: todos recebem (15:30)	180
Alegria de todos (15:31-35)	181
7. Segunda Viagem Missionária de Paulo	182
Paulo planeja a segunda viagem (At 15:36-41)	182
Conversa de amigos (15:36)	183
Desavença sem ódio (15:37-39a)	183
Duas equipes missionárias (15:39b-41)	184
Cidades visitadas na segunda viagem (At 16:1-18:18a)	184
Derbe: somente em anúncio? (At 16:1a)	184
Listra: um discípulo com bom testemunho (16:1b-3)	185
Em outras cidades (16:4-8a)	186
Em Trôade: obediência (16:8b-10)	190
Em Filipos: quatro histórias (16:11-40)	191
Em Tessalônica: alguns creem, outros acusam (17:1-9)	199
Em Bereia: os mais nobres (17:10-15)	207
Em Atenas: locais de pregação (17:16-34)	208
Em Corinto: fala e não te cales (18:1-18a)	216
Retorno e fim da segunda viagem (At 18:18b-22)	221
Primeira parada: Cencreia e o voto de Paulo (18:18b)	221
Segunda parada: boa recepção em Éfeso (18:19-21)	223
Terceira parada: passagem por Cesareia (28:22a)	223
Quarta parada: Jerusalém, uma saudação (18:22b)	223
8. Terceira Viagem Missionária de Paulo	225
Ásia Menor: vitória sobre o demônio (At 18:23-19:41)	225
Galácia e Frígia: fortalecimento aos irmãos (18:23)	225
Apolo em Éfeso: exatidão no caminho de Deus (18:24-28)	226
Paulo em Éfeso: batismo de crentes (19:1-7)	227
A Palavra do Senhor: crescia e prevalecia em Éfeso (19:8-22)	230
Tumulto contra o Caminho: Diana é vencida (19:23-41)	234
Macedônia e Grécia: vitória sobre os inimigos (At 20:1-3)	238
Macedônia: trabalhos importantes (20:1, 2a)	238
Grécia: conspiração dos inimigos (20:2b-3)	239
Retorno pela Ásia: vitória sobre a morte (At 20:4-38)	241
Os membros da delegação (20:4-6)	241
Sete dias em Trôade: uma despedida de grande consolo (20:7-12)	243

Viagem de Trôade a Mileto: solidão produtiva (20:13-16)	247
Em Mileto: reunião com os anciãos de Éfeso (20:17-35)	247
Despedida: oração e afeto (20:36-38)	254
Viagem de Paulo a Jerusalém: estou pronto (At 21:1-16)	256
Tiro: disposto a enfrentar o perigo (21:1-6)	256
Cesareia: disposto a morrer (21:7-16)	258

9. Paulo em Jerusalém: Prisão e Julgamento 259

Aprisionamento no templo (At 21:17-22:29)	260
Encontro com dirigentes cristãos: alegria e conselho (21:17-25)	260
Alvoroço e prisão de Paulo (21:26-36)	262
Defesa de Paulo (21:37-22:21)	264
A proteção do comandante (22:22-29)	269
Paulo perante o Sinédrio (At 22:30-23:22)	270
O Sinédrio se reúne (22:30-23:11)	270
Conspiração contra Paulo: um jovem frustra a ação (23:12-22)	273
Paulo perante dois governadores: manipulações (At 23:23-25:12)	274
Paulo é enviado ao governador Félix: proteção romana (23:23-35)	274
Acusação: bajulação e falsidade (24:1-9)	276
Defesa: consciência limpa (24:10-21)	278
Félix: decisão corrupta (24:22-27)	279
Festo: decisão política (25:1-12)	281
Paulo perante o rei Agripa: inculpável (At 25:13-26:32)	282
Agripa visita Festo: nenhuma acusação contra Paulo (25:13-27)	283
Defesa de Paulo perante Agripa: não é culpado de nada (26:1-32)	285

10. Paulo em Roma: Perigos e Pregação 290

A Viagem: perigos e determinação divina (At 27:1-28:15)	290
De Cesareia a Sidom: tudo correu bem (27:1-3)	291
De Sidom a Bons Portos: primeiras dificuldades (27:4-12)	292
De Bons Portos a Malta: tempestade e naufrágio (27:13-44)	293
Em Malta: dois milagres (28:1-10)	296
De Malta a Roma: encontro com os irmãos (28:11-15)	297
Em Roma: liberdade para pregar (At 28:16-31)	299
Com dirigentes judeus: discordância (28:16-29)	300
Dois anos de cativeiro: pregação livre (28:30, 31)	302



Introdução

Depois de haver escrito o início da história de Jesus, no Evangelho que leva seu nome, Lucas, o historiador da igreja apostólica, escreveu, no livro de Atos, uma história maravilhosa acerca dos acontecimentos que se seguiram. Abrangeu o período crítico da igreja apostólica, aproximadamente, do ano 31 d.C. a 63 d.C. Escreveu uma parte com base em minuciosa e diligente investigação de todos os fatos, a partir de sua origem, conforme menciona no Evangelho, dirigindo-se a Teófilo, a quem escreve a história (Lc 1:3); e de outra forma, como testemunha ocular dos fatos ocorridos. Produziu toda a obra sob a inspiração do Espírito Santo. O Espírito conduziu sua mente ao conteúdo que deveria ser incluído no livro, explicando-lhe com a clareza que nele é percebida. Isso ocorreu possivelmente no ano 63, antes do fim do julgamento de Paulo, em Roma, informação que Lucas não incluiu (At 28:30). Caso tivesse escrito após esse acontecimento ocorrido em 63, certamente o teria acrescentado.

Embora no mundo romano houvesse numerosas condições favoráveis para a pregação do evangelho, a igreja teve que enfrentar situações muito críticas que dificultaram seu trabalho.

As condições favoráveis foram: um governo bastante estável, imposto pelo Império Romano em todo o território em que a igreja

realizou sua obra; segurança relativamente confiável, oferecida pela paz romana mantida pela ação eficiente do exército imperial; o idioma grego, conhecido em todos os locais do Império, até os mais afastados, que facilitava a comunicação; boa rede de estradas bem conservadas e sem maior perigo de assaltantes.

A parte crítica apresentava vários elementos, mas entre os piores, estava o mau prestígio recíproco entre judeus e romanos, que precedeu a igreja em quase todos os lugares aos quais seus pregadores chegaram. Os judeus de Roma disseram a Paulo: “Queremos ouvir de sua parte o que você pensa, pois sabemos que por todo lugar há gente falando contra esta seita” (At 28:22, NVI). Entre os romanos não era diferente. A falta de prestígio inicial chegou até Cornélio Tácito (56 -117 d.C.), historiador romano contemporâneo, que registrou o fato em seu livro *Annales*. O livro não está completamente conservado, mas felizmente chegaram até nós partes sobre a história dos anos 14 a 60 d.C., período dentro do qual se encontra a história contada no livro de Atos. Essa foi a época dos imperadores Tibério (14-37), Calígula (37-41), Claudio (41-54) e Nero (54-68). Fala do caráter supostamente criminoso de Cristo, que “foi executado pela sentença do procurador Pôncio Pilatos, quando Tibério era imperador”, e dos cristãos, como grupo “odiado por seus vícios”. Outro problema é que onde quer que os pregadores cristãos chegassem, eram acompanhados por tumultos e desordens.

Nada disso os favorecia. Mas também nada os detinha em seu avanço. O livro de Atos relata o progresso da igreja incluindo seus triunfos e fracassos, sua admirável unidade na missão e seus conflitos doutrinários, a história de seus líderes cheios de virtudes e, em algumas ocasiões, sujeitos a simples divergências de opinião.

A história é verdadeira, objetiva e fiel, escrita com grande riqueza literária. A linguagem se adapta maravilhosamente aos temas tratados e ao padrão cultural nos quais eles se desenvolveram. Ao descrever acontecimentos na Palestina, usa semitismos apropriados e, quando os fatos ocorrem em ambientes helenísticos, o idioma apresentado é um grego cristalino e puro.

A narração é vibrante e feita com desenvoltura. Os detalhes da ação, dinâmicos e vigorosos. A inserção dos discursos é realizada com extrema habilidade, é muito equilibrada e faz com que o relato seja mais variado e mais intenso.

O que Lucas escreveu não é uma simples história de feitos humanos. Embora seus protagonistas se apresentem na mais visível humanidade de sua experiência, atuavam sob o poder do Espírito Santo. Através de todo o livro, Lucas inclui a obra do Espírito Santo de forma tão constante que, em cada fato narrado, de algum modo se refere a ela, a tal ponto que bem se poderia dizer que o livro de Atos dos Apóstolos, como é conhecido hoje, é o registro da obra executada pelo Espírito Santo por meio dos apóstolos e seus seguidores.

Parece que, inicialmente, o título do livro era simplesmente Atos. Assim o confirmam as cópias mais antigas que existem (Papiro 45, século 3 e Código Sinaítico, século 4). Esse título concordava com seu conteúdo, pois não incluía os feitos dos doze apóstolos; somente de Pedro, Tiago e João, sendo a maior parte do livro dedicada a Paulo, que, mesmo sendo apóstolo, não era um dos doze.

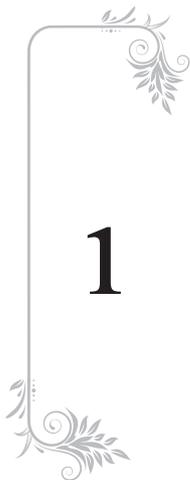
Do segundo século em diante, surgiram vários livros com a pretensão de apresentar a vida e obra dos apóstolos. Entre eles: Atos de Pedro e Paulo, Atos de Barnabé, Atos de Felipe, Atos de Pedro e André, Atos de Tomé, e outros. Para distinguir o livro canônico do de Atos apócrifos, ampliou-se o nome do livro de Atos, escrito por Lucas, para *Atos dos Apóstolos*, como aparece nas Bíblias de hoje.

Lucas era gentio e médico (Cl 4:14). Embora sendo membro da equipe missionária de Paulo, aparentemente não acompanhou o apóstolo em todas as atividades mencionadas no livro. Nota-se a presença de Lucas nas passagens em que a história é referida na primeira pessoa do plural, nós. Desse modo, ele se inclui. Essa inclusão começa a ocorrer em Trôade. Quando Paulo teve a visão do varão macedônio que lhe disse: “Passa à Macedônia e ajudanos”, Lucas escreveu: “Preparamo-nos imediatamente para partir para a Macedônia, concluindo que Deus nos tinha chamado para lhes pregar o evangelho” (At 16:8-10, ver também 16:11-17; 20:5-21:18; 27:1-28:16).

O itinerário seguido por Lucas em sua história mostra o crescimento da igreja cristã nascente, começando por Jerusalém, passando por Antioquia, até Roma. Na introdução do livro de Atos, ele mesmo detalha o roteiro de seu livro, ao registrar a ordem de Jesus sobre o progresso que o evangelho devia ter: “Sereis Minhas testemunhas, disse Jesus aos discípulos, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da Terra” (At 1:8, ARA). Em primeiro lugar, Pedro, João, Tiago e Felipe pregam em Jerusalém, Judeia, Samaria e na costa do Mediterrâneo. Depois, os crentes e Barnabé pregam em Chipre e em Antioquia. Finalmente, Paulo e sua equipe pregam desde Antioquia até Roma.

Sigamos Lucas em todo o roteiro de seu livro, dedicado a Teófilo, seu amigo gentio, possivelmente oficial romano, meio convertido ao cristianismo.

Uma palavra sobre a forma do texto e as versões da Bíblia usadas neste comentário. Optou-se deliberadamente por um texto sem a grandeza erudita, para torná-lo mais acessível e menos complicado para todos os leitores. Os temas da erudição não são desconhecidos, mas são tratados sem se fazer referência a ela. Não existe a menor intenção de se apropriar das ideias de outros escritores sem dar o devido crédito a seus expositores. Procura-se tão-somente simplificar tudo. As versões bíblicas usadas são as seguintes: Reina Valera de 1960, Reina Valera revisada de 1995, Bíblia de Estudo NVI de 2002 e o texto grego BNT – *Novum Testamentum Graece*, Nestle-Aland, 27ª edição, copyright 1993 pela Deutsch Bibelgesellschaft, Stuttgart, que tem sido controlado constantemente, sendo utilizado muitas vezes como base do conteúdo que é apresentado no presente comentário.



Introdução de

1 Lucas: Poder e

Esperança

Lucas faz a introdução de seu livro sobre a história da igreja apostólica destacando três fatos necessários para o conteúdo de todo o livro: (1) o evangelho, (2) o recebimento do Espírito como condição prévia indispensável para a execução da missão, e (3) a ascensão de Jesus. Ele faz essas menções como modo de preparação.

Desde o início, Lucas deseja mostrar que a pregação do evangelho é obra espiritual sujeita à condução do Espírito Santo e, por essa razão, toda a igreja cristã, especialmente seus pregadores e dirigentes, são pessoas espirituais que vivem, pensam e atuam espiritualmente. Vivem distantes das práticas iníquas que seus inimigos lhes atribuem, pensam em harmonia com a Divindade graças à presença constante do Espírito Santo que neles opera, e assim agem inteiramente consagrados à missão redentora que Jesus lhes confiou.

O evangelho: o que Jesus fez e ensinou (At 1:1, 2a)

O evangelho vem em primeiro lugar. Foi o primeiro na obra de dois volumes que Lucas escreveu – o Evangelho e Atos – e tem que ser sempre o primeiro, porque se baseia na experiência cristã e na pregação do cristianismo. Lucas vê o evangelho considerando nele dois elementos: Jesus e o tempo.

Jesus: prática e ensinamento (1:1)

“Estimado Teófilo”, começou Lucas o livro de Atos, indicando a quem dirigia sua história. Não era o grupo de pessoas composto por todos os que amam a Deus, nem um homem comum, desconhecido e sem influência. Era uma pessoa real que Lucas conhecia. Distinta e com a devida importância na comunidade, para que Lucas o considerasse representante apropriado a fim de procurar convencer, a ele mesmo, e, por meio dele, a todos os cidadãos do Império, especialmente os de Roma, que receberam informações incompletas ou equivocadas acerca do cristianismo. “Já lhe escrevi sobre Jesus, na primeira obra. Jesus é o evangelho. As boas-novas sobre a salvação surgem de Sua pessoa. Ele é o Deus amigo que veio ao mundo para salvar Seus amigos perdidos. Ele demonstrou, indiscriminadamente, amizade para com todos os seres humanos. Não favoreceu a ninguém em particular. É verdade que deu especial atenção aos pobres, às viúvas, às mulheres, às crianças e a todos que se encontrassem em algum tipo de desvantagem social ou econômica, mas não porque fizesse acepção de pessoas, nem porque desprezasse os ricos. Amou todos os seres humanos e morreu por todos. Suas obras e ensinamentos assim o demonstram.

“Teófilo, não se esqueça de que Jesus, como lhe contei em minha primeira obra, era uma pessoa íntegra, espiritualmente coerente. Sua vida foi coerente com Seus ensinamentos.

“Com Ele, geralmente não acontecia o que ocorre com os líderes da sociedade e com o povo. Quando falam a respeito de si, suas palavras descrevem uma pessoa boa, que não faz mal a ninguém, correta em tudo, sem más intenções para com qualquer pessoa, sempre fazendo o bem aos outros. Mas suas ações nem sempre condizem com as palavras. São tão diferentes... Nem o que dizem concorda com a descrição que fazem de si mesmos. Às vezes, falam de forma ferina, ofensiva, condenatória, recriminadora. São persistentes na recriminação. Diante de si mesmos, parece que se sentem superiores, quando corrigem os outros jogando-lhes na cara seus defeitos, suas falhas ou equívocos.

“As ações de Jesus eram cordiais, isentas de todo egoísmo. Eram nobres.

“Quando uma pobre mulher enferma, às escondidas Lhe tocou para ser curada, deixou que sua fé obtivesse a cura ansiada e mais: destacou-a diante de toda a multidão, dizendo-lhe: ‘Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz.’ Muito tempo de tristeza, doze anos de dor; em um instante tudo acabou. Ficou somente a recordação de alegria, a lembrança de grande compreensão com muito afeto e uma vida de gratidão pelo alívio e a saúde tão generosamente outorgados e tão alegremente bem recebidos (Lc 8:42-48, ARA)

“Como não lhe relembrar, Teófilo, a aflição de Jairo quando foi a Jesus para Lhe pedir que curasse sua filha enferma e a angústia que sentiu quando lhe deram a terrível notícia de sua morte? Jesus não Se deteve, seguiu Seu trajeto de amor até a casa cheia de tristeza por causa da dor e morte. Mas nEle não havia tristeza. Muito menos dor. Unicamente uma grande e bondosa disposição de ajudar e servir. ‘Não se preocupe’, Ele disse, ‘creia somente, e será salva.’ Momentos depois, tomando a morta pela mão, lhe disse: ‘Menina, levanta-te!’ E ela se levantou. Jairo e a esposa ficaram maravilhados, felizes! A filha morta, agora novamente viva para ser amada. Eles viveram com ela a imensa gratidão que nunca morreria (Lc 8:41, 49-56, ARA).

“Não se esqueça, também, Teófilo: quando os líderes judeus, as autoridades romanas, o povo, as pessoas de todos os povos, os povos de todo o mundo e o mundo de todos os tempos O crucificaram, com o amor de sempre, sem recriminar ninguém, Ele orou a Deus, dizendo: ‘Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem’ (Lc 23:34, ARA).

“As ações amorosas de Jesus concordavam com Seus ensinamentos de amor. Disse a Seus discípulos: ‘Amem os seus inimigos, façam o bem aos que os odeiam’ (Lc 6:20, 27, NVI). Se deviam fazer o bem e amar seus inimigos, quanto mais seus irmãos e amigos?

“O evangelho era e é Jesus. Suas obras e ensinamentos. Sua maneira de ser, de viver e de morrer pelos outros. Seu amor por todos, para que todos os que nEle cressem pudessem receber, com Ele, vida e salvação, eternamente.”

Tempo: até voltar ao Céu (1:2a)

O evangelho tem muito que ver com o tempo. Tempo da vida e da morte. Por causa do evangelho, o tempo da morte chega a seu fim; permanece somente o tempo da vida. O tempo de Jesus.

“Estimado Teófilo, em meu primeiro livro, o evangelho”, escreveu Lucas, “me referi a tudo o que Jesus fez e ensinou, desde o início até o dia em que foi levado ao Céu. Desde que deixou o Pai, para nascer no mundo como bebê humano, até Seu retorno ao Pai, nos Céus, quando o Criador foi declarado Filho de Deus pela ressurreição dentre os mortos (Rm 1:4).

“Vencida a morte, restou unicamente a vida. Para Jesus, a vida que gera vida, como sempre teve; porque sempre foi Deus. Para os seres humanos, a vida, recebida de Jesus, que supera o tempo da morte, e se estende, sem interrupção, por todos os séculos da eternidade.”

**O Espírito Santo e Jesus:
mandamentos e poder (At 1:2b-8)**

Lucas não demora em introduzir a ação do Espírito Santo. E não podia ser diferente, porque o Espírito Santo também não demorou para começar Sua obra em favor da igreja. Estando no cenáculo, na noite do quinto dia de Sua última semana, Jesus disse aos discípulos:

“Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não O vê, nem O conhece; vós O conheceis, porque Ele habita convosco e estará em vós” (Jo 14:16, 17, ARA). Esta promessa da presença contínua do Espírito, no futuro da comunidade apostólica, que nos discursos de Jesus, a esta altura de Sua vida, um dia antes da crucifixão, sempre inclui a igreja; tem que ver com a vida dela e com seu trabalho. Pouco depois, no mesmo discurso, Jesus descreve a obra do Espírito em favor da igreja.

“O Consolador”, disse-lhes, “o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em Meu nome, Esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (Jo 14:26, ARA).

Somos gratos porque o Espírito guia e conduz a igreja; e esta se mantém na verdade, a verdade passada, presente e futura, pois

a verdade não se altera nunca, é sempre verdade (Jo 16:13, 14). A obra do Espírito pela igreja estaria relacionada com o mundo, pois existe um dinamismo entre o que Jesus ensinou à igreja, inesquecível para ela, e o mundo. O mundo precisa ser convencido do pecado, da justiça, e do juízo. Sem a atuação do Espírito Santo isso seria impossível. Por isso, essa tarefa está incluída na promessa do Espírito Santo (Jo 16:8).

Lucas lembra seus leitores de que a promessa do Espírito está relacionada com os mandamentos, com o poder e o testemunho.

O Espírito transmite os mandamentos (1:2b)

Jesus, segundo escreveu Lucas a Teófilo, somente ascendeu ao Céu depois de ter dado os mandamentos, por meio do Espírito Santo, aos apóstolos que havia escolhido.

Esses mandamentos eram semelhantes aos dez mandamentos da lei moral, em relação aos quais Moisés disse:

“Deus falou e ordenou todos estes mandamentos” (Êx 20:1).

São como o mandamento do amor que Jesus ordenou aos discípulos, quando lhes disse:

“Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros” (Jo 15:17, ARA).

O mandamento da missão está nessa mesma categoria.

“Toda autoridade Me foi nos Céus e na Terra, portanto”, ordenou Jesus a Seus discípulos: “vão e façam discípulos de todas as nações” (Mt 28:18, 19, NVI).

Neste mesmo contexto, Paulo e Barnabé, explicando aos judeus de Antioquia e Pisídia, depois que eles os rejeitaram, a razão por que retornariam aos gentios, disseram:

“Pois assim o Senhor nos ordenou: ‘Eu fiz de você luz para os gentios, para que você leve a salvação até aos confins da Terra’” (At 13:47, NVI).

Quando Jesus, pessoalmente, transmitiu essas ordens aos discípulos, não estava só. O Espírito Santo estava com Ele e o Espírito foi a pessoa divina que colocou os mandamentos no coração deles, a fim de que pelo Seu poder e companhia pudessem compreendê-los, aceitá-los e cumpri-los.

O Espírito Santo transmite poder (1:3-8a)

Lucas conta a Teófilo que Jesus, por quarenta dias após Sua morte, esteve com os discípulos e lhes falou sobre o poder da ressurreição, do poder do reino de Deus e do poder do Espírito Santo.

1. *O poder da ressurreição.* “Depois de ter padecido”, escreveu Lucas, “Jesus Se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis” (ARA).

Muitas demonstrações, fatos evidentes e sinais de poder. Algumas foram simples. Como, por exemplo, para demonstrar que não era um espírito, mas uma pessoa real. Outras, mais complexas e até milagrosas. Saber o que Tomé exigia para poder crer, e, com divina tolerância, responder a suas exigências mostrando-lhe Seu lado e Suas mãos para que os tocasse e assim pudesse crer.

Podia Jesus convencer a dois desanimados discípulos que viajavam por um caminho de triste solidão e silêncio, pensando que Ele estava morto e nunca mais poderiam vê-Lo? Podia e o fez. Extraiu argumentos das Escrituras. Fez com que os profetas adquirissem um novo significado na mente deles, antes entorpecida e incrédula.

“Acaso não tinha Cristo que sofrer estas coisas antes de entrar em Sua glória?”, perguntou-lhes.

Finalmente, lhes abriu os olhos físicos e espirituais, para que O reconhecessem. Estava ali. Vivo. Nenhum argumento existe mais poderoso para provar a ressurreição de um morto do que a presença viva do morto. O poder que atuou para ressuscitá-Lo foi Seu próprio poder, foi o poder do Pai, foi o poder do Espírito Santo. Foi o poder de Deus. Ele era Deus. Aceitou a morte no lugar dos pecadores, e por eles, para que pudessem receber a vida que era toda Sua, e ninguém poderia havê-la tirado se Ele não a houvesse entregado voluntariamente e por Si mesmo. Todo o poder de Deus se tornou visível na ressurreição de Jesus, pois nela Deus ofereceu a vida eterna a todo aquele que nEle crera.

2. *O poder do reino de Deus.* “Jesus esteve com Seus discípulos durante quarenta dias”, conforme escreveu Lucas, “e lhes falou a respeito do reino de Deus.”

Não era a primeira vez. Já havia falado com eles muitas vezes, de forma direta, ou na multidão, enquanto pregava. Fez isso por meio

de parábolas, quando explicou: o reino dos Céus é semelhante a dez virgens que esperam o esposo para suas bodas. Algumas estavam preparadas para recebê-Lo quando Ele chegasse, outras não; as preparadas entraram com Ele para a festa de bodas, as outras ficaram de fora (Mt 25:1-13). O poder do reino chegou a elas por meio do Espírito Santo que as ajudou no devido preparo para as bodas.

O reino dos Céus, Ele disse também, é semelhante a um homem que partiu para um lugar distante e deu seus bens aos servos para que os administrassem. Quando o homem retornou, ajustou as contas com eles; o que recebeu cinco talentos e o que recebeu dois foram fieis e entraram no gozo de seu Senhor, mas o que recebeu um foi infiel e ficou de fora (Mt 25:14-30). O poder do reino, com justiça, discrimina as ações dos seres humanos.

Em outra oportunidade, Jesus disse: o reino dos Céus é semelhante a um rei que fez uma festa de bodas para seu filho; convidou pessoas importantes, supostamente dignas das bodas, mas elas não fizeram caso dos servos que foram chamá-las ao chegar o tempo das bodas. O rei, então, convidou os menos importantes, indignos, que andavam pelos caminhos. Todos foram considerados dignos pelo rei e entraram na festa com o traje de bodas que o próprio rei providenciou para todos, indiscriminadamente. Mas um deles não quis usá-lo e permaneceu indigno como os primeiros convidados. O rei, utilizando todo o poder do reino, tornou a uns dignos das bodas e aos que não aceitaram suas regras os deixou fora, onde somente encontraram o pranto, autorrecriações, destruição e morte (Mt 22:1-14). O poder do reino provê os meios para que entrem nele os indignos que aceitam a provisão do Rei.

Jesus também lhes falou sobre o reino com expressões de discurso direto.

“Quando o Filho do Homem vier em Sua glória”, disse uma vez, “e todos os santos anjos com Ele, então Se assentará no trono de Sua glória.”

Todas as nações serão reunidas perante Ele e separará a todos em dois grupos, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. Porá as ovelhas à direita e os cabritos à esquerda. Os que estiverem à

esquerda, por sua vida egoísta, sem nenhum interesse pelo próximo, serão condenados ao castigo de destruição eterna. Os que forem colocados à Sua direita, por haverem muitas vezes feito o bem a pessoas necessitadas e que, sem pretensão, serviram fielmente ao Senhor, receberão o reino preparado para eles desde a fundação do mundo (Mt 25:31-46).

O poder do reino é vida para sempre.

3. *O poder do Espírito Santo.* “E estando juntos”, Lucas informa, “deu-lhes uma ordem que deviam obedecer rigorosamente, dizendo-lhes: Não se ausentem de Jerusalém, mas esperem a promessa do Pai. A promessa que vocês ouviram de Mim, relacionada com o envio do Espírito Santo. Equivale a um novo batismo. João batizou com água para o arrependimento, mas dentro de poucos dias vocês serão batizados com o Espírito Santo. Será um batismo de poder.”

Os discípulos ouviram a ordem, sem que da mente lhes fossem apagados a força e o poder do reino. O poder de um reino é sempre mais visível, mais impressionante, grandioso, magnífico, desejado, mais procurado que o poder do Espírito. Pelo menos, a mente dos discípulos havia sido mais confundida pelas palavras a respeito do reino, do que pela ordem de esperar em Jerusalém até que recebessem o poder do Espírito Santo.

“Senhor”, disseram a Jesus, “será este o tempo em que restaures o reino a Israel?” (At 1:6, ARA).

No entanto, na mente dos discípulos, como um triste fantasma, rondava o reino de Israel. A pergunta deles foi a despedida desse reino que não voltaria a lhes incomodar a mente, pois a explicação de Jesus foi taxativa e decisiva.

“Não lhes compete”, respondeu-lhes, “saber os tempos ou as datas que o Pai estabeleceu pela Sua própria autoridade” (v. 7, NVI).

Imagine o mestre explicando: A pergunta de vocês é irrelevante. Não tem nenhum sentido para vocês, nem para ninguém. O poder do reino que vocês têm sonhado para Israel não está acessível para ninguém de Israel neste tempo. Entretanto, para vocês, israelitas convertidos ao cristianismo, existe um poder disponível que deve ser recebido imediatamente. É o poder do Espírito Santo.

O testemunho pelo Espírito (1:8b)

Quando vier sobre vocês o Espírito Santo, receberão poder que aumentará a força, as habilidades, a capacidade, e as possibilidades de vocês, e serão pessoalmente Minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria e por todo o mundo até aos confins da Terra.

Prestem cuidadosa atenção no seguinte:

1. Quanto ao recebimento do poder, quero que vocês o recebam. E, quando o Espírito Santo o outorgar, vocês precisam recebê-Lo natural e espontaneamente. O Espírito Santo não colocará pela força, em vocês, nenhuma capacidade do poder que Eu desejo que possuam e que Ele está empenhado em outorgar. A ação do Espírito Santo será sempre generosa, determinada, infalível. Nunca faltará. Mas vocês determinam se essa ação generosa permanece com vocês ou se deixarão que ela se vá, sem produzir o aumento das capacidades que Eu desejo para vocês.

2. Quanto ao poder em si mesmo, não se trata de um poder de comando, como se vocês, a partir do momento em que recebessem o Espírito Santo, se transformassem em chefes que dão ordens para que os outros executem a missão. Todos os cristãos têm que executá-la.

O poder que o Espírito lhes dará é a capacitação para que possam realizar a missão, tarefa que exige mais capacidade, além da que vocês naturalmente têm.

Inclui o aumento da força física e espiritual que vocês devem ter, e aquisição de habilidades que vocês receberão, mesmo que não tenham; entre outras, boa disposição para a missão, aptidão para executá-la, talento para vencer os desafios, e agilidade para promover a missão sem cair no sincretismo.

Para cumprir a missão, o poder do Espírito Santo inclui também o aumento das capacidades, aptidões, dos talentos, recursos econômicos, etc.

O Espírito não lhes dará esses benefícios para que vocês os usem por pura vaidade, para o engrandecimento próprio. O objetivo do Espírito, e de vocês também, não é a preocupação com fama pessoal, mas sim o cumprimento da missão. Caso tenham prestígio, isso deve contribuir para a missão.

3. Quanto a serem testemunhas, quero destacar duas coisas. Em primeiro lugar, isso é o que espero de vocês, assim como espero

obediência quando dou um mandamento. A missão não é opcional, como algo que possa ser feito ou não, conforme o desejo de vocês. A missão representa Meu desejo, Minha vontade. Digo-lhes: “Vocês serão Minhas testemunhas.” Não lhes digo: “Tomara que vocês desejem ser Minhas testemunhas.”

Em segundo lugar, ser testemunha significa estar sempre a Meu favor e declará-lo. Vocês têm que ser testemunhas objetivas e contar o que realmente têm experimentado comigo, em sua própria vida, e algo mais. Esse algo mais inclui o compromisso de estar comigo, a Meu favor, sob quaisquer circunstâncias e risco, inclusive a morte. Somente assim vocês poderão ser Minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia, em Samaria e até aos confins da Terra, pois, indo a todo o mundo, encontrarão lugares de extrema intransigência e agressiva intolerância onde não vacilarão em condená-los à morte, unicamente porque vocês viverão em harmonia com Meu estilo de vida e falarão coisas boas a Meu respeito.

Não se preocupem com os perigos. Eu cuidarei deles. Em algumas ocasiões, vou livrá-los de todo o mal que pretendam lhes fazer, mas haverá outras, em que a morte de vocês será necessária para que as pessoas criam no testemunho que vocês lhes derem. Nesses casos, vocês não perderão a vida que lhes prometi. Apenas o tempo de vida terrestre será abreviado, antes que o mal que existe neste mundo seja eliminado, porque depois, quando o mal chegar ao fim, a vida será eterna para vocês, e essa vida ninguém lhes poderá tirá-la. Então, os que forem Minhas testemunhas neste mundo, terão, no juízo final, Meu testemunho favorável, serão absolvidos de todo pecado e viverão para sempre comigo, no Meu reino.

Ascensão de Jesus: promessa de retorno (At 1:9-11)

Os discípulos estavam profundamente impressionados com a dimensão da missão que o Senhor lhes havia dado. “Todas as pessoas! Todo o mundo! Como conseguiremos? Somos tão poucos e tão pobres! Mas o Espírito Santo estará conosco. Seu poder suprirá todas as nossas necessidades. Como será isso?” Caminhando com Jesus, como em outras ocasiões, iam rumo a Betânia, acompanhando a

Jesus desde Jerusalém até a casa de seus amigos Lázaro, Marta e Maria, simplesmente para visitá-los ou passar a noite descansando, depois de um interminável dia de trabalho e de tensão. Caminhando com Jesus para o cumprimento da missão, descansando nEle, fortalecendo-se nEle, vivendo com Ele para Sua própria glória, sem pensar nas próprias necessidades, porque junto dEle tinham sempre tudo o que lhes faltara. Poder, todo o poder de Jesus, pela presença do Espírito Santo.

Continuaram caminhando com Jesus enquanto pensavam no próprio futuro.

Ascensão: foi elevado (1:9)

Ocorreu em Betânia. No fim da curta viagem, Jesus Se deteve ali com os discípulos, como sempre haviam feito. Rodearam-nO atentos aos ensinamentos que, numa ocasião como essa, sem dúvida, queria partilhar com eles. Mas tudo o que pudesse lhes dizer já havia dito. Brevemente, o Espírito Santo estaria com eles para lhes fazer lembrar todas as coisas. Apenas estendeu os braços, e com esse gesto assegurou-lhes Sua bênção e cuidado. Os olhos de todos estavam fixos nEle. Tantas vezes havia manifestado esse gesto. Assim, muitas vezes lhes havia comunicado uma sensação de segurança e simpatia, que tornaram a sentir. Desta vez, com um estranho sentimento de algo novo. Começaram a senti-lo desde que Ele começou a falar sobre o Espírito Santo, e logo depois quando lhes falou do reino e do testemunho. O silêncio de Jesus confirmou o que lhes havia dito. Eles também se calaram e, com reverente expectativa, esperaram para ver o que todos já pressentiam.

Lentamente, Jesus foi elevado ao Céu. Não estava levitando. Essa sensação de magia e mistério não acontecia ali. Somente a impressão do que era divino e uma forte evidência de muitos servidores que O assistiam, sem ruídos nem espantos, com a maturidade simples daqueles que sabem. Todos ali sabiam, incluindo os discípulos, que o Filho do homem havia finalizado a missão, e que o Filho de Deus retornava para o Pai, deixando paz e redenção em todos os crentes. Continuaram vendo-O por alguns momentos, até

que uma nuvem O recebeu e, cobrindo-O, ocultou deles Sua figura admirável, e já não O viram mais.

A promessa: esse mesmo Jesus virá (1:10, 11)

Os olhos deles continuaram fixos no céu. Talvez, tentando ver além do visível. Querendo, quem sabe, retê-Lo com eles, mesmo que fosse uma intenção, uma vez que, depois de anunciar Sua partida, lhes disse: “Voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para que, onde Eu estou, estejais vós também.”

Nesse instante, dois varões vestidos de branco se puseram junto deles e lhes disseram: “Varões galileus, por que estais olhando para as alturas?” A quem desejam ver? “Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao Céu virá do modo como O vistes subir” (ARA). Esperem-O! Ele virá outra vez. Nunca esqueçam Sua promessa.

Quando enfrentarem dificuldades próprias da missão e quando sem dificuldades puderem cumpri-la cabalmente, lembrem-se: Ele virá outra vez. E quando voltar, virá da mesma forma como O viram partir, visivelmente. Tão visível que todos os vivos O verão, até os mortos que tenham ido para o sepulcro crendo nEle, e também aqueles que O crucificaram (Ap 1:7; Dn 12:2).

Esperem. Nunca percam o senso de expectativa porque quem o perder, perde também a esperança. Não importa quanto tempo demore; continuem esperando-O para o tempo em que ainda estiverem vivendo. Continuem crendo na iminência de Sua vinda. Primeiro, porque Ele pode vir no tempo de vocês. Segundo, porque a esperança tem que ser própria de cada testemunha, até que a missão seja concluída. Terceiro, porque o triunfo da missão ocorre somente quando Jesus voltar, e como poderiam pensar que podem executá-la, em seu tempo, sem crer na iminência de Seu retorno?

Os que abandonam a fé na iminência da segunda vinda, abandonarão também a missão. Uma verdadeira tragédia, não para a missão, porque esta seguirá seu curso até o triunfo final, mas sim para eles, pois na falta de ação missionária da fé, há sempre a tendência da indiferença e incredulidade. Mantenham a esperança. Creiam e testemunhem, pois Jesus virá outra vez e assim como O viram ir para o Céu, virá e não tardará.



2

Jerusalém: Pregação, Organização, Perseguições

Em uma seção relativamente curta (At 1:12-7:60), Lucas concentrou a história do começo da igreja. Esse começo é de real importância. Relembremos que os feitos na vida da igreja, desde os dias apostólicos até a segunda vinda de Jesus, sendo feitos históricos reais, semelhantes aos feitos históricos de qualquer outra instituição humana, têm uma dimensão espiritual que procede de seu relacionamento com Deus e uma dimensão divina pela presença do Espírito Santo nela.

O Espírito Santo é o guia de todas as ações da igreja, a menos que essa escolha se desviar da revelação divina para a apostasia, numa ação independente, impensada e rebelde para com Deus. Mas a igreja terá sempre um grupo fiel a Jesus e à missão. Sendo assim, os feitos históricos da igreja cristã são tão válidos para o ensinamento dos crentes de todos os tempos, como foram válidos os feitos do passado na história de Israel. Assim entendeu Paulo e, de forma bem clara e direta, explicou aos cristãos de Roma. “Pois tudo quanto, outrora, foi escrito”, lhes disse, “para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança” (Rm 15:4, ARA).

A vida da igreja tem uma dimensão espiritual-humana e outra divina, e ambas, mescladas em uma única realidade divino-humana,

surgem nitidamente da história escrita por Lucas. Realidade que todos nós, como cristãos, devemos admirar na igreja apostólica e viver em total integração com Jesus, Deus Filho, e com Deus Pai. Como veremos, esse tipo de integração superior somente se fez e se torna possível para a igreja, por meio da obra que o Espírito Santo nela realizou e realiza. Por isso, a realidade divino-humana da igreja constitui seu próprio ser. Um ser ao mesmo tempo espiritual e terreno, prático e sublime, que, na missão, se torna história e vida eterna.

Primeiras ações (At 1:12-2:47)

A vida da igreja tinha que começar em Jerusalém, e ali começou. Os discípulos não perderam tempo. Atenderam primeiro um assunto administrativo que devia ser resolvido: escolheram no grupo apostólico um substituto para Judas. Em seguida, se prepararam para o recebimento do Espírito Santo. Nada foi casual. Nem a organização da igreja nem a vida espiritual surgiram espontaneamente. Assim eles entenderam e agiram com determinação e eficiência.

Escolha de Matias: procedimento e direção divina (1:12-26)

Então, escreveu Lucas, do monte chamado Olival, os discípulos voltaram para Jerusalém. Desse monte, Jesus havia sido elevado ao Céu, em Sua viagem de retorno ao Pai e ao governo de todo o Universo. O monte das Oliveiras não estava distante de Jerusalém. Apenas a jornada de um sábado – isto é, a distância que, conforme a lei judaica, um israelita, sem transgredir o quarto mandamento da lei moral, podia caminhar durante o sábado. Flavio Josefo diz que Betânia estava a cinco estádios (mais ou menos um quilômetro) de Jerusalém.

Quando chegaram a casa em que se hospedaram, subiram ao cenáculo onde os onze apóstolos estavam. Lucas menciona o nome de todos, organizados em quatro grupos. Já estão organizados para a missão? Primeiro grupo: Pedro, João, Tiago e André. Segundo: Filipe e Tomé. Terceiro: Bartolomeu e Mateus. Quarto: Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelote, e Judas, filho de Tiago. Viviam em comunidade.

Sabiam que não permaneceriam fisicamente juntos por muito tempo, pois teriam que trabalhar também na Judeia, Samaria e por todo o mundo. Mas até que recebessem o poder do Espírito Santo, podiam estar juntos e desfrutar mútua companhia. Tiveram oportunidade para superar diferenças, se integrar uns aos outros sem ambicionar os primeiros lugares, o que, antes, os havia dividido, para apreciar os valores que cada um possuía, para se aperceber de que todos eram necessários para a missão. E eles aproveitaram essa oportunidade. Com humildade, pediram perdão uns aos outros e manifestaram firme propósito de trabalhar sempre em união. Frequentemente, todos eles se reuniam com Maria, mãe de Jesus, com os irmãos dEle, e com as mulheres, possivelmente Maria Madalena, Joana, Susana, as esposas dos apóstolos casados e outras. Os irmãos de Jesus, que duvidavam dEle quando trabalhava na Galileia, haviam superado as dúvidas e, como os onze discípulos, criam que Jesus era o Filho de Deus e o Messias prometido. Todo o grupo estava unido em um só pensamento, oravam juntos e juntos se preparavam para as atividades futuras que todos esperavam.

Certo dia, houve uma reunião de negócios com todos os crentes. Eram cento e vinte pessoas. Homens e mulheres. Não havia machismo cultural, nem feminismo reivindicativo. A igreja nasceu livre das pressões culturais externas, com uma atitude contracultural, mas não anticultural. Não era inimiga da cultura, nem se deixou influenciar por ela. Tomou sua própria direção sob a orientação de Deus, solicitada em oração, desde o início de sua existência.

Pedro fez uso da palavra e pronunciou seu primeiro discurso. Nenhum complexo. Não havia mais desculpas para se pedir. Tudo estava em ordem, ninguém lembrava erros do passado, nem mais havia suspeitas. Todos haviam aceitado a restauração oferecida por Jesus junto ao Mar da Galileia. Ele tinha uma proposta a fazer e a fez no melhor estilo cristão. Baseada nela, a igreja tomou uma decisão sem pressões de ninguém. Proposta e decisão, simbólicas em sua forma de apresentação e no procedimento seguido sob a inspiração do Espírito Santo. Lucas descreveu o procedimento para mostrar a seus leitores a maneira transparente, espiritual, baseada

nas Escrituras e sujeita à vontade de Deus, como a igreja procedeu em seus negócios internos. Em nada semelhante aos procedimentos do Império, politicamente corruptos, egoístas, e muitas vezes cheios de pressões violentas.

O *discurso de Pedro* (1:15-22). Foi um discurso muito breve e contém duas partes: a primeira é uma sólida fundamentação escriturística, e a segunda é a proposta. Vai diretamente ao assunto.

1. Fundamentação da proposta. Irmãos, disse Pedro, era necessário que se cumprisse a Escritura, predita pelo Espírito Santo, pela boca de Davi. Naquela oportunidade, ele falou sobre o modo como a revelação de Deus chega a seus destinatários. Deus escolhe um instrumento humano que, nesse caso, foi Davi, e o Espírito Santo trabalha com ele para colocar em sua mente o que deve comunicar da parte de Deus. No caso referido por Pedro, tratava-se de uma profecia.

“A profecia”, disse Pedro, “é a respeito de Judas, aquele que serviu de guia para os que prenderam Jesus. Ele era membro de nosso grupo e recebeu, da parte do Senhor (não usurpou), uma posição importante nesse ministério.”

Essa posição de importância, no grego *klerikós*, que mais tarde deu origem ao conceito de clérigo, ele a perdeu. Não é necessário repetir o motivo. Já foi dito. Lucas apenas descreve as consequências da traição e o faz da maneira mais trágica possível. Faz lembrar que com o dinheiro recebido pela traição, salário de sua iniquidade, Judas comprou um campo e que, ao tirar a vida, precipitou-se, rompendo-se ao meio, e todas as suas entranhas se derramaram. Logo dá a esse campo o nome de Aceldama – Campo de Sangue.

Então, cita dois textos de Salmos, profecias aplicadas a Judas. Primeiro, fique deserta a sua morada, e não haja quem habite as suas tendas (Sl 69:25, ARA), com o qual explica o trágico fim de Judas. Segundo, tome outro o seu encargo (Sl 109:8). Com essas profecias, abre o caminho para a proposta que a seguir apresenta à assembleia de crentes.

2. Proposta. “Portanto”, disse, “é necessário que escolhamos um dos homens que estiveram conosco durante todo o tempo em que o

Senhor Jesus viveu entre nós, desde o batismo de João até o dia em que Jesus foi elevado dentre nós às alturas. É preciso que um deles seja conosco testemunha de Sua ressurreição” (v. 21, NVI).

Pedro acompanhou tudo. Apresentou as razões que provocaram a vaga. Não foram intrigas, questões pessoais, nem manobras políticas. Foi o procedimento traidor do que anteriormente tinha o ofício. Pedro falou sem eufemismos, diretamente, de forma clara e exata. Não há nenhuma intenção de cobrir a situação comprometedora de ninguém, nem de confirmar as razões reais com explicações convenientes. A única coisa que Pedro considerou, como sempre acontece na Escritura, foi o que realmente aconteceu.

Acrescentou o conteúdo da Escritura, que se aplicava ao caso, ao relatório do que Judas realmente havia feito. Nenhuma luz existe melhor que a da Revelação para se ver com clareza o modo de solucionar os problemas da igreja.

Era necessário escolher um homem. E Pedro propôs a escolha. Não apresentou um nome como candidato. Descreveu as características que o homem escolhido devia ter. Características que o qualificavam para ocupar eficientemente o cargo vago. A seguir, no relato de Lucas, está o que a igreja fez.

O *processo da escolha* (At 1:23-26). O modo de escolha foi simples. Conteve vários fatos realmente notáveis com os quais a igreja cristã se posicionou contra o governo ditatorial, contra o controle do governo por parte de grupos com interesses próprios, contra a manipulação dos eleitores, e a favor da transparência, da condução divina e da espiritualidade no processo.

1. Prepararam uma lista de candidatos. Propuseram dois: José, chamado Barsabás, apelidado de Justo, e Matias.

Quem propôs os nomes? Evidentemente, a assembleia; porque Pedro, com sua proposta, se havia dirigido a ela. Não era necessário formar uma comissão de nomeação porque a assembleia não era muito numerosa. Somente cento e vinte pessoas. De alguma forma, chegaram a dois nomes propostos.

Propostos a quem? Não foram propostos aos apóstolos para que eles fizessem a escolha final. Nem a um apóstolo específico que,

como líder, decidiu sozinho. Pelo que segue, a assembleia fez a proposta a Deus.

2. Apresentaram os candidatos a Deus em oração. “Tu, Senhor”, Lhe disseram, “que conheces o coração de todos, revela-nos qual destes dois tens escolhido para preencher a vaga neste ministério e apostolado, do qual Judas se transviou, indo para o seu próprio lugar” (v. 24, 25, ARA).

Eles conheciam as características externas dos candidatos. Sabiam que haviam estado junto com os onze apóstolos, todo o tempo em que Jesus esteve entre eles. Mas não conheciam seu interior. Por isso, em última instância, todos os homens que integram o ministério na igreja não são escolhidos por ela, mas por Deus. Deus utiliza a igreja como Seu instrumento, mas ela não deve jamais usurpar a decisão final que pertence unicamente ao Senhor. Não se pode dizer: a escolha dos pastores é uma questão puramente eclesial, no sentido de que a determinação dos que possam ser pastores e a escolha deles sejam decisão da igreja, independentemente da vontade de Deus.

A primeira assembleia da igreja cristã, cujo primeiro assunto administrativo foi a escolha de um pastor para fazer parte do grupo apostólico, não agiu assim. Submeteu-se à vontade de Deus e seguiu a orientação divina. Como Deus deu origem à Sua orientação?

3. O voto da assembleia. “Então tiraram sortes”, diz a tradução do que Lucas escreveu, “e a sorte caiu sobre Matias; assim, ele foi acrescentado aos onze apóstolos” (v. 26, NVI).

Acaso, foi o ato de tirar sorte como jogar uma moeda ao ar para saber a quem escolher, ou como usar dados para saber de que lado está a sorte com respeito a uma aposta? A resposta óbvia é não. E a razão é simples. A moeda no ar e o movimento dos dados não são instrumentos que Deus usa para expressar Sua vontade. Quando estão no ar ou em movimento, sem nenhum controle racional, Satanás pode usá-los com a maior facilidade e, com o conceito supersticioso de que Deus pudesse atuar através deles, impor sua vontade nos assuntos em jogo diante de uma decisão. “Tirar sortes para escolher os líderes da igreja não faz parte do sistema de Deus” (Ellen G. White,

Carta 37, 1900). Deus influencia nas decisões da igreja utilizando a mente de Seus filhos, a Escritura e o Espírito Santo.

Quando a assembleia orou, Deus impressionou a mente deles e eles, ao se expressarem, agiram sob a influência dessas impressões. Como se expressaram? A seguinte frase dá a explicação: “Foi contado com os onze apóstolos.”

A expressão “foi contado” é tradução de uma palavra grega que significa “foi votado, contando as pedras”. Eram pedras pequenas, pretas e brancas. As brancas eram voto positivo; e as pretas, negativo. Esse tipo de votação exigia um intercâmbio prévio de opiniões que eram expressas em voz alta. Paulo usa o mesmo termo quando conta ao rei Agripa as maldades que ele, antes de sua conversão, fez contra os cristãos em Jerusalém.

“E contra estes dava o meu voto, quando os matavam” (At 26:10).

Depois de votar, contaram as pedras e elegeram Matias para que ocupasse a vaga de Judas. A votação foi livre. Cada membro da assembleia, através da oração coletiva, deixou a mente aberta à influência do Senhor, para que Ele, como anteriormente havia escolhido Seus apóstolos, escolhesse o que faltava. E Ele o fez, expressando Sua vontade através da mente de todos os que votaram.

Dessa mesma forma, em todos os tempos, a igreja cristã deve decidir seus assuntos administrativos. Por voto livre. Cada votante, sem coerção de nenhuma natureza, com a mente aberta à influência do Espírito Santo, dá seu voto. Os assuntos que dizem respeito à igreja local, pelos membros da igreja local; os que dizem respeito a um grupo de igrejas em um território específico, pelos delegados desse território; e assim sucessivamente, até chegar aos assuntos que se referem à igreja mundial, cujas decisões devem ser tomadas pelos representantes da igreja mundial, reunidos em assembleia devidamente convocada. Veremos mais adiante que o ministério, as doutrinas, as práticas da igreja e o estilo de vida de seus membros eram assuntos que diziam respeito à igreja mundial.

Os princípios que guiaram a primeira assembleia administrativa da igreja cristã apostólica foram a livre expressão, voto pessoal diante de Deus, consciência de cada um, ausência de pressões para

induzir a votação na direção estabelecida por alguma pessoa em particular ou pelos líderes, profunda espiritualidade no processo, submissão incondicional à vontade de Deus e votação geral de todos os presentes na assembleia, composta por homens e mulheres.

Pentecostes: recebimento do poder (2:1-13)

Aconteceu o Pentecostes. Os discípulos estavam todos juntos, unidos, nos dias que precederam a festa. Lucas já havia informado sobre a unidade espiritual de seus pensamentos, ocorrida depois da ascensão de Jesus, tão logo retornaram do Monte das Oliveiras (At 1:14). Ao chegar a data da festa, pressentindo que o tempo para receber o poder estava se aproximando, acrescentaram mais um elemento à sua unidade – a ação. Aproximaram-se ainda mais uns dos outros, e todos, do seu Senhor, motivados pela missão cujo início, para eles, tinha que ocorrer a qualquer momento, e estavam prontos. Haviam confessado seus pecados e sentiam-se perdoados. Analisaram seus pensamentos e sentimentos com profundo exame de consciência, procurando descobrir qualquer resquício de egoísmo neles. Não havia, a não ser o intenso desejo de remir o tempo e, com todas as suas forças, se consagrar à missão. Pediam capacitação para executá-la e disposição para levar o evangelho a todas as pessoas utilizando o trato diário normal e qualquer outra oportunidade que se lhes apresentasse.

De repente, veio do Céu um som como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde eles estavam. Havia chegado o momento. “Ao transpor as portas celestiais, foi Jesus entronizado em meio à adoração dos anjos. Tão logo foi esta cerimônia concluída, o Espírito Santo desceu em ricas torrentes sobre os discípulos, e Cristo foi de fato glorificado com aquela glória que tinha com o Pai desde toda a eternidade. O derramamento pentecostal foi uma comunicação do Céu de que a confirmação do Redentor havia sido feita. De conformidade com Sua promessa, Jesus enviara do Céu o Espírito Santo sobre Seus seguidores, em sinal de que Ele, como Sacerdote e Rei, recebera todo o poder no Céu e na Terra, tornando-Se o Ungido sobre Seu povo” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 38, 39).

Surgiram línguas, como de fogo, que pousaram sobre cada um dos discípulos e todos foram cheios do Espírito Santo. Começaram a falar outros idiomas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem. Houve uma razão muito forte pela qual o Espírito Santo atuou neles dessa forma. Judeus piedosos, procedentes de todas as nações existentes debaixo do céu, estavam em Jerusalém por causa da festa, a fim de adorar. Eram integrantes da dispersão judaica. Muitos desses judeus dispersos por todo o mundo haviam nascido nos países em que viviam e falavam somente o idioma local.

Quando ouviram o grande ruído se acercaram dos discípulos que começaram a lhes falar nos diferentes idiomas deles. Ficaram assombrados e perguntaram: “Não são galileus estes que falam? Como, pois, os ouvimos falar cada um em nosso próprio idioma?” O mundo de então estava ali presente. Desde o império parto, adiante da Pérsia, no Oriente, até Roma, no Ocidente. E desde o Ponto, no norte, junto ao Mar Negro, até o Egito e adiante de Cirene, África, no Sul.

A enumeração dos lugares, apresentada por Lucas, é detalhada. Diz que havia partos, medos, elamitas, pessoas da Mesopotâmia, da Capadócia, do Ponto, da Ásia, Frígia e Panfília, do Egito e das regiões mais distantes de Cirene; romanos tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes.

“O que isto quer dizer?” Perguntavam uns aos outros. Atônitos e perplexos, não sabiam que Deus estava fazendo um grande milagre para que eles ouvissem o evangelho e para que eles mesmos o levassem a todo o mundo. E o fariam. Quando chegassem a seus territórios, por convicção ou sem ela (sempre há incrédulos), contariam essa extraordinária experiência que, naquele momento, começavam a viver em Jerusalém. E os incrédulos certamente estavam ali. “Estão embriagados”, disseram eles.

Primeiro discurso de Pedro: Jesus, o Senhor e Messias (2:14-36)

“Estes homens não estão embriagados, como vocês supõem”, começou Pedro seu discurso (v. 14, ARA).

Era o primeiro discurso de Pedro, sob a ação do Espírito Santo que estava operando nele, bem como em todos os demais discípulos.

Pedro se dirigia aos judeus da dispersão e a todos os habitantes de Jerusalém.

“Não podem estar embriagados, pois esta é a terceira hora do dia.”

Nove horas da manhã. Horário de trabalho. Ninguém comia nem bebia nesse horário. Tomavam o jejum antes de ir ao trabalho, que começava às seis horas da manhã. E comiam a principal refeição, de apenas duas por dia, quando o trabalho acabava, pouco antes do pôr-do-sol.

Após essa introdução explicativa, começou imediatamente o tema de seu discurso que aparece claramente enunciado na conclusão, quando diz: “Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus O fez Senhor e Cristo” (At 2:36, ARA). O tema, então, foi: Jesus, o Senhor e Messias.

Os argumentos que Pedro utiliza para provar que Jesus é o Senhor e Messias são os seguintes:

1. *De acordo com Joel, o Senhor é quem traz salvação* (At 2:16-21). Na realidade, o que está ocorrendo é o que o profeta Joel anunciou, disse Pedro, e citou textualmente a profecia de Joel 2:28-32, na qual Deus revela Seu plano de outorgar as bênçãos espirituais à nação restaurada de Israel, inaugurando o reino messiânico, imediatamente após o cativo babilônico. Mas Israel não cumpria as condições. Por essa razão a bênção do Espírito, como promessa e como realidade, passou à igreja cristã.

A profecia, de acordo com a interpretação de Pedro, devia se cumprir em dois momentos específicos: nos últimos dias da nação israelita, como povo de Deus (ou início da igreja cristã) e antes do dia do Senhor, o dia do juízo final. O que estão presenciando é o primeiro cumprimento.

A profecia também informa como se cumpriria o derramamento do Espírito Santo. Visões, sonhos, profecias. Tomando como base a família inteira: pai, mãe, filhos, filhas, avôs, avós, servos e servas, esses dons seriam outorgados a todos, indiscriminadamente. O mesmo ocorrerá antes da chegada do dia do Senhor, antes do juízo final que será precedido e anunciado por sinais especiais na Terra, no Sol e na Lua.

Entre esses dois momentos da história cristã, o primeiro derramamento do Espírito Santo (a chuva temporã) e o segundo momento (a chuva serôdia) todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. A salvação vem por meio de Jesus; Ele é o Senhor.

2. *Aprovado por Deus com milagres, prodígios e sinais* (At 2:22-23). Jesus, o Nazareno – continuou Pedro – foi um Homem aprovado por Deus, diante de vocês. Mostrou-lhes Sua aprovação por meio de milagres, prodígios e sinais que Deus fez entre vocês, por intermédio dEle. Vocês O viram, foram beneficiados por Seus milagres e, por isso, sabem muito bem. Entretanto, sabendo Deus antecipadamente todas estas coisas e em harmonia com Seu plano, vocês O prenderam e O mataram, crucificando-O por mãos de iníquos. E vocês sabem disso. Sabem muito bem que nenhum mortal, por si mesmo, pode fazer todas essas maravilhas. Somente o Filho de Deus pode. Nem mesmo nenhum mortal pode morrer como Ele morreu, mas Ele pôde porque era o Filho de Deus.

3. *Deus O ressuscitou* (At 2:24-28). Além do mais, Deus O ressuscitou. Venceu o poder da morte, pois era impossível que fosse retido por ela. Por que era impossível? Jesus era o Senhor, e o Senhor tinha que ressuscitar.

Davi falou sobre isso, e todos vocês sabem: “O Senhor, tenho-O sempre à minha presença, estando Ele à minha direita, não serei abalado. Alegra-se, pois, o meu coração, e o meu espírito exulta; até o meu corpo repousará seguro. Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção. Tu me farás ver os caminhos da vida; na Tua presença há plenitude de alegria, na Tua destra, delícias perpetuamente” (Sl 16:8-11, ARA).

Davi não se refere a si mesmo, argumenta Pedro, porque ele morreu e seu corpo se corrompeu. Unicamente Jesus, o Nazareno, pode ser o Messias porque Deus O ressuscitou e Seu corpo não permaneceu no sepulcro para ser corrompido.

4. *É a descendência de Davi* (At 2:29-32). Davi foi sepultado e seu túmulo permanece entre nós até hoje – continuou dizendo Pedro. Mas como ele era profeta e sabia que Deus, por meio de juramento, lhe havia prometido que de sua descendência, quanto à carne, suscitaria a

Cristo para que Se assentasse em Seu trono, tendo visto de antemão o que ocorreria, falou da ressurreição de Cristo, o Messias, de que Sua vida não seria deixada na morte, nem Sua carne veria corrupção. A esse Jesus, o Messias, descendente de Davi, Deus ressuscitou e todos nós somos testemunhas dessas coisas.

5. *Jesus subiu ao Céu e enviou o Espírito Santo* (At 2:33-35). Sendo assim – disse Pedro – a conclusão inevitável é esta: uma vez que Jesus foi exaltado à destra de Deus, e valendo-Se da promessa sobre o Espírito Santo, feita por Deus, derramou isto que vocês veem e ouvem. Não foi Davi quem subiu ao Céu, pois ele mesmo diz: “Disse o Senhor ao Meu Senhor: Assenta-Te à Minha direita, até que Eu ponha os Teus inimigos por estrado de Teus pés.” Foi Jesus. E porque Ele subiu ao Pai, enviou o Espírito Santo. Estejam absolutamente certos, todos vocês, israelitas, que esse Jesus que vocês crucificaram Deus o fez Senhor e Cristo.

O diálogo da conversão: resultados (2:37-42)

A argumentação de Pedro, para a mente israelita da época, foi altamente convincente. Uniu profecias messiânicas, bem conhecidas por seus ouvintes, com a experiência que todos os habitantes de Jerusalém haviam tido sobre Jesus e que os estrangeiros, que ali foram para assistir à festa, haviam ouvido deles desde que tinham chegado a Jerusalém. Escritura e experiência pessoal dos ouvintes, integrados pela fé, convicção sólida e atrativa do pregador, produziram um dos melhores sermões da igreja cristã do tempo apostólico e de sempre. Por isso, gerou um diálogo entre Pedro, o pregador, e seus ouvintes.

“Ao ouvir isto”, disse Lucas, “compungiram-se em seu coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos?” (v. 37, ARA)

A convicção de Pedro, clara e sem vacilações, com respeito a Jesus como Senhor e Messias, produziu convicção em seus ouvintes. Convenceu-os de que Jesus era, verdadeiramente, o Messias. A convicção, quando é autêntica, sempre se manifesta em ações. Por isso, a primeira coisa que os ouvintes de Pedro pensaram foi:

“Que faremos?” Procediam de muitos lugares do mundo, dispersos e distantes, mas eram todos judeus. Era essa uma pergunta legalista ou não? Seria muito superficial fazer um julgamento da reação de pessoas cujo coração foi tocado espiritualmente, sem considerar o nível de profundidade na reação. Não, certamente não pediam uma religião de salvação por obras. Queriam responder a Jesus de maneira plena. Por isso, Pedro não argumentou com eles. Simplesmente atingiu, com sua resposta, a pessoa na sua totalidade – interna e externamente.

“Arrependam-se”, disse-lhes, atendendo assim a parte espiritual deles, “s sejam batizados”, demonstrando, desse modo, a necessidade de uma ação externa e visível. A religião cristã não é um misticismo espiritual cujo conteúdo e completa expressão se reduzam ao que está no interior da pessoa cristã. Abrange suas capacidades espirituais internas e suas ações externas, sem desprezar nenhuma. O cristianismo é uma religião para a pessoa completa. O batismo tinha que ser no nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados e para o recebimento do Espírito Santo. A promessa do Espírito Santo não era somente para os apóstolos ou dirigentes. É para todos os cristãos.

“Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar” (v. 39, ARA)

Naturalmente, isso incluía os apelos no tempo dos apóstolos e em todos os tempos após eles. Acontece que, sem a presença do Espírito Santo, nunca é possível, para ninguém, viver o cristianismo com autenticidade. E não existe um cristianismo hipócrita. O que pode existir são cristãos hipócritas, mas o cristianismo, como tal, como crença e modo de vida, como imitação da pessoa completa de Jesus, não pode ser falso. Para que esse cristianismo seja uma realidade na pessoa que crê, é necessária a ação do Espírito Santo em sua vida. Ação pela presença real. O Espírito Santo não realiza ações virtuais; todas elas são reais, feitas na medida da pessoa cristã, nela, com ela, para benefício de outros e para a glória de Deus.

O ponto de partida para uma vida cristã genuína é o arrependimento. Arrepende-se implica saber o que é o arrependimento, para

transformar esse conhecimento em vida. Experimentar uma mudança de coração, abandonando o coração de pedra e adquirindo um coração de carne, pela obra do Espírito Santo, onde Ele escreve as leis de Deus e o modo de vida aprovado por Jesus. É a mudança do estilo de vida próprio, egoísta e pecador, pelo estilo de vida cristão, centralizado em Cristo, para servir aos outros e glorificar a Deus.

Os pensamentos e as atitudes são mudados com respeito ao pecado e à justiça. O pecado já não produz alegria, mas tristeza e rejeição. Apenas a insinuação de sua presença provoca uma espécie de asco espiritual, repugnância, repulsa. Repugnância que nasce das vísceras espirituais mais íntimas da pessoa arrependida.

O arrependimento produz mudança da mente e da conduta. Modifica os pensamentos e as ações. A justiça se torna atração e alegria, porque o pecador arrependido a possui como presente de Cristo Jesus, como justificação, e a vive pela ação do Espírito Santo, como santificação.

Após a pregação veio o testemunho. “Com muitas outras palavras”, Lucas escreveu, “Pedro os advertia e insistia com eles: ‘Salvem-se desta geração corrompida’” (v. 40, NVI)

O resultado do primeiro sermão foi extraordinário. “Os que aceitaram a mensagem foram batizados”, acrescentou Lucas, “e naquele dia houve um acréscimo de cerca de três mil pessoas” (v. 41, NVI).

Um acréscimo maravilhoso! Algumas horas antes eram cento e vinte, e após a pregação, no dia de Pentecostes, 3.123. Um aumento de 2.500%. Além disso, a qualidade de vida espiritual e comunitária que esses novos cristãos viviam – que Lucas define com a palavra “perseveravam” – era de dedicação contínua, com grande esforço, enfrentando qualquer tipo de dificuldade que pudesse surgir.

Perseveravam em quatro atividades ou experiências-chave da vida cristã (At 2:42):

1. *Na doutrina dos apóstolos.* Não significa que os apóstolos houvessem criado nova doutrina, própria deles, diferente dos ensinamentos do passado. Também não era um credo. O chamado credo dos Apóstolos, derivado do Antigo Credo Romano (século 4), somente adquiriu sua forma atual nos séculos 7 e 8. A doutrina dos

apóstolos era baseada na Palavra de Deus e era a própria doutrina do Senhor (At 13:5, 7, 12). Receberam-na diretamente de Jesus e através do Espírito Santo. Por isso, tinha sua própria autoridade e era confiável como a Escritura.

Depois do dia de Pentecostes, continuaram ensinando a Escritura, especialmente o que ela dizia a respeito de Jesus, da criação, da maneira como Deus dirige o mundo, da ressurreição, do arrependimento, do juízo e de todo o evangelho (At 17:19, 18, 24-32).

Os novos cristãos perseveravam em ouvir e em praticar o ensinamento dos apóstolos. Cada vez que um apóstolo pregava ou ensinava, eles estavam presentes; nunca faltavam às reuniões da igreja nascente, perseveravam nelas.

2. *Na comunhão uns com os outros.* Viviam em *koinonia*, em íntimo relacionamento que se produz num pequeno grupo, quando todos têm igual direito a um presente comum, ou uma herança recebida. Essa associação dura até que o presente (ou a herança) seja repartido. Depois o grupo se desfaz. A integração dos cristãos era produzida por Jesus, o presente de Deus, outorgado a todos os que criam. Quanto mais era repartido o conhecimento a respeito de Jesus, mais presente Ele estava entre eles, mais pessoas se agregavam a eles, e o grupo, por permanecer nEle, continuava como grupo para sempre.

O modo de perseverar nesse companheirismo era duplo: estavam sempre com Jesus e sempre O compartilhavam com os outros.

3. *No partir do pão.* Entre os judeus, partir o pão significava comer, referindo-se às refeições normais de cada dia. Perseverar no partir do pão poderia significar que muitas vezes faziam refeições juntos, desfrutando de uma integração comunitária muito agradável. Mais tarde, quando a crise provocada por uma grande fome assolou a cidade, os cristãos compartilharam na comunidade o que tinham, para que não faltasse a ninguém o alimento necessário. Um ato natural para quem já tinha o costume de comer junto.

Lucas destaca o sentido espiritual que o partir do pão tinha para a vida da comunidade cristã, indicando, possivelmente, que com frequência celebravam o ritual da Comunhão, com a cons-

tante participação de todos, o que constitui um testemunho da excelente integração que havia entre eles e que todos tinham com Cristo Jesus.

4. *Nas orações.* Todos oravam constantemente. Cada um particularmente, e todos juntos, como grupo. Abriam o coração a Jesus como a um amigo. Não é de se admirar, então, que a vida do grupo fosse tão agradável para todos – os que já haviam crido na doutrina dos apóstolos e os que a ouviam pela primeira vez.

Primeiros conversos: estilo de vida (2:43-47)

Resumindo, diz Lucas, um temor respeitoso, pelos cristãos, se apoderou de todas as pessoas e os apóstolos faziam sinais e maravilhas. Além disso, todos os crentes estavam juntos, como se fossem uma única pessoa, e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e bens e, de acordo com as necessidades de cada um, distribuíam o produto entre todos. Com devoção, diariamente estavam juntos no templo, partiam o pão de casa em casa, repartiam o alimento entre todos, comiam com alegria. No coração não havia complexos, louvavam a Deus, contavam com a participação de todo o povo e o Senhor, acrescentava-lhes, dia a dia, os que iam sendo salvos.

Que experiência! Digna de ser imitada. Havia sido acrescentada, na vida de seres humanos pecadores e perdidos, a mais autêntica realidade do evangelho com o máximo poder do Espírito Santo e as pessoas escravizadas pelo pecado agora viviam livres em Cristo Jesus.

Fácil, não é verdade? Basta aceitar o presente de Deus. Apenas crer em Jesus. Apenas se entregar ao Espírito Santo. Apenas viver pela fé. Apenas sentir o que é preciso sentir. Apenas fazer o que deve ser feito. Apenas ter um coração sem egoísmo e um espírito humilde. Apenas ser em Cristo o que Ele foi na carne. Jesus acrescentará uma multidão de conversos, cada dia, e a atração da vida cristã coerente manterá todos na igreja, até que Ele volte.

A cura de um coxo: consequências (At 3:1-4:31)

No tempo dos apóstolos, muito mais que nos dias de hoje, o coxo dependia inteiramente dos outros. Não podia se deslocar sozinho,

e o fato de que estivera no templo pedindo esmola indicava que havia pessoas bondosas para com ele: as que lhe davam esmola e, especialmente, as que o levavam ao templo e o traziam de volta a sua casa todos os dias. Cedo, pela manhã, o deixavam ali durante todo o dia e o buscavam à tarde, próximo do pôr-do-sol, quando quase todas as atividades comunitárias se encerravam em Israel.

Uma rotina diária. Cansativa para seus protetores? Possivelmente, sim. Toda rotina se torna mais ou menos cansativa, dependendo da motivação que sintam as pessoas envolvidas nela. Se o amor para com o coxo era demonstrado por parentes ou amigos dele, estes tinham melhor motivação para ajudá-lo, e a rotina, possivelmente, não os cansava nem aborrecia. De qualquer forma, no fim do dia, a única coisa que provocava alguma expectativa em seus protetores era a escassa quantia que o coxo tivesse conseguido, pois variava cada dia de acordo com a generosidade dos adoradores.

O milagre: entrou no templo (3:1-10)

Certo dia, tudo mudou para ele. O coxo havia passado quase o dia inteiro, repetindo sua rotina diária. Ele foi levado bem cedo e deixado junto à porta chamada Formosa. Nome desconhecido. Não é mencionada nenhuma descrição bíblica ou extrabíblica do templo. Estudiosos têm procurado identificá-la com alguma das portas, uma vez que os nomes de todas elas são conhecidos, mas em vão. Símbolo da vida anônima que o coxo vivia. A única coisa segura é que se tratava de uma entrada para o templo. Ali, o coxo era deixado, sem nunca ter conseguido entrar nele. Não ia para adorar a Deus. Ia para pedir esmola.

Às três horas da tarde, nesse dia, o coxo de nascimento, imóvel por ser coxo e por atrofia de seus músculos inativos durante quarenta anos, viu dois homens que se aproximavam. Não os conhecia. Não se importou com isso. Seguiu sua rotina. Estendeu a mão para eles implorando-lhes que lhe dessem uma esmola.

Quanto esperava deles? Não pensou em importância alguma em sua extenuada imaginação, fosse o que fosse. Sempre acontecia a mesma coisa. Os poucos que lhe davam algo o faziam com pressa,

sem se deter, sem sequer olhar para ele. Olhavam para sua mão e, colocando nela a esmola, entravam no templo.

Pedro e João se detiveram. Fixando os olhos nele, Pedro lhe disse: “Olha para nós” (ARA).

Ele olhou para eles, atentamente, esperando receber alguma coisa.

“Não tenho prata, nem ouro”, disse Pedro (v. 6, NVI).

E o cego abaixou a mão, esperando nada.

“Mas o que tenho, isso lhe dou”, continuou Pedro (v. 6, NVI).

Suas emoções foram novamente reativadas; sentiu que, depois de tudo, lhe dariam algo. Não seria muito, mas, que diferença fazia? Todos lhe davam pouco. Mesmo que fosse pouco, somando tudo o que recebia cada dia, teria alguma coisa no fim da tarde.

“Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno”, continuou Pedro, “levanta-te e anda!” (v. 6, ARA).

Algo estranho ocorreu na mente do coxo. Esqueceu a esmola. Esqueceu suas expectativas, tão limitadas, tão rotineiras, tão tristes. Esqueceu as moedas do dia. Tudo caiu no esquecimento e uma espécie de luz, nunca antes vista por ele, penetrou os mais profundos, abandonados e solitários recantos de sua mente cansada e sem vida. Caminhar? Nunca aprendeu a caminhar. Nunca pôde. Caminhar?! Sentiu que a mão de Pedro tomava a sua e uma força firme e generosa levantava seu corpo, sem que o peso ou o tempo dificultassem a ação. Seus pés se firmaram. Seus tornozelos, enferrujados e velhos, inativos e mortos, encheram-se de vida, com força, ação e movimento. Saltou! Seu corpo ficou em pé e andou!

A nova luz de sua mente se tornou uma aclamação de alegria. Seu espaço, tão limitado e tão fixo, não o deteve; não o deteve seu prejuízo. Entrou no templo com os discípulos. Já não era um mendigo da porta de fora do templo. Andando e saltando, louvava a Deus, com alegria mais livre, mais descontraída, com liberdade sem timidez, mais alegre, mais contagiante e mais forte.

Todos o viram e o reconheceram; coxo e esmoleiro, saltando e louvando a Deus. Atônitos e assombrados, eles também louvavam a Deus, como se eles mesmos tivessem recebido o milagre. Além da

reação das pessoas, o milagre produziu outras consequências mais amplas e de maior influência.

Primeira consequência: segundo discurso de Pedro (3:11-26)

“Apegando-se o mendigo a Pedro e João, todo o povo ficou maravilhado e correu até eles, ao lugar chamado Pórtico de Salomão” (v. 11, NVI).

As pessoas estavam prontas para ouvir os discípulos; qualquer coisa que desejassem lhes dizer. Eles não podiam perder essa oportunidade. Tinham que pregar em todo o mundo, primeiro em Jerusalém. Estavam ali, e o povo com eles. Não vacilaram. Eles eram evangelistas permanentes, tinham que atender os enfermos no momento em que fossem procurados, a qualquer hora; nunca os deixariam esperando.

Pedro fez uso da palavra. “Israelitas”, disse, para chamar sua atenção e começar o discurso. Um discurso muito breve, de conteúdo cristocêntrico e vivencial. Dirigiu-se ao povo em tom de conversação, direto, informal. Um modelo de discurso breve, eloquente e baseado na Escritura.

“Por que vocês se admiram por causa deste milagre”, prosseguiu, “ou por que fitais os olhos em nós como se pelo nosso próprio poder ou piedade o tivéssemos feito andar? O que aconteceu foi feito pelo Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó, o Deus de nossos pais.”

Todos os presentes podiam concordar com isso. Sentiram-se plenamente identificados com o discurso e com o pregador.

“Fez isso”, continuou Pedro, “para glorificar a Seu Filho, Jesus.” Com essa frase definiu o tema de seu discurso, que foi repetido na conclusão.

“Tendo Deus ressuscitado o Seu Servo”, concluiu, “enviou-O primeiramente a vocês, para abençoá-los, convertendo cada um de vocês das suas maldades” (3:26, NVI).

Em uma frase, o tema de Pedro foi: Jesus, o Filho de Deus, morreu para salvar os pecadores. É notável o progresso de Pedro, desde uma simples referência ao milagre de cura ocorrido na pessoa do coxo, até uma declaração de valor salvífico universal.

1. *Referência ao milagre* (v. 12). Que o milagre tinha ocorrido, ninguém podia negar. O ex-coxo estava ali, presente, junto a Pedro e João, como se fosse mais um dos apóstolos, pronto para ratificar, com palavras, o testemunho de sua própria presença. Além do mais, por causa do milagre, todos estavam ali reunidos para ouvir os discípulos. Apenas haviam atribuído o mérito total do milagre a Pedro e João.

Pedro lhes disse: “Não foi nosso poder, nem nossa piedade.”

Não nega nenhum dos dois. Pelo contrário, a frase afirma que houve um poder atuando através deles e admite que eles são piedosos. Somente diz que o poder não é deles, e a piedade que eles possuem não lhes concede o mérito, nem o direito de fazer milagres. Por isso, lhes diz: “A admiração de vocês não deve ser dirigida a nós.”

2. *Deus operou o milagre* (v. 13). Não existiu a mínima relação de causa e efeito entre a piedade deles e o milagre realizado. Essa realização esteve inteiramente sob o domínio da vontade de Deus. Então, por que Deus fez o milagre por intermédio deles e não através de qualquer outro adorador no templo? Simplesmente porque a vontade divina assim o determinou. Isso não deve ser entendido em termos humanos ou atitudes de pecadores, ou seja, não foi por capricho divino. Tal coisa não existe em Deus. Atitude obstinada e decisões caprichosas existem somente na mente distorcida de seres pecadores. Na vontade de Deus, não existem arbitrariedades, nem aversão, nem humor negativo.

Quando Deus utiliza a participação de um ser humano, Sua vontade continua sendo soberana e própria, mesmo que sempre escolha o mais bem preparado instrumento para executar a ação. A pessoa piedosa, pela sua entrega incondicional a Ele, torna-se mais útil e mais eficiente que uma pessoa sem piedade e, certamente, muito mais que as pessoas iníquas, pois elas atuam motivadas por uma autonomia rebelde contra Ele. Diante disso, ainda que para fazer o milagre Deus tenha utilizado dois homens piedosos, o mérito continuou sendo Seu, e a multidão devia dirigir toda possível admiração para Ele. Pedro e João reconheceram isso e O recomendaram às pessoas. Nisso, revelaram a humildade de sua vida piedosa.

“O Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó, o Deus de nossos pais”, disse Pedro, “fez o milagre.”

Com isso identificou Deus como fonte de todo o bem que acontece em favor da família humana e conquistou a simpatia de seu auditório, todos crentes absolutos no Deus que ele descreveu.

3. *Objetivo do milagre* (v. 13b-15). De acordo com Pedro, Deus fez o milagre para glorificar a Seu Filho Jesus. Aqui começa a novidade de sua mensagem. Jesus é Filho de Deus; um conceito estranho para a mente de seus ouvintes. Para eles, era mais fácil aceitar que fosse o Messias, o Cristo, o Ungido de Deus. Esperavam-no como um descendente de Davi. Mas que fosse o Filho de Deus, portanto Deus, era impossível. Deus é um – ressoava na mente de todos eles – e, por ser uma verdade revelada, era verdadeira.

Não haviam prestado atenção às passagens da Escritura nas quais Jeová, Deus Criador que fez os céus e a Terra, é apresentado como o Filho.

“Servi ao Senhor com temor”, escreveu Davi, “e alegrai-vos nEle com tremor. Beijai o Filho para que Se não irrite, e não pereçais no caminho” (Sl 2:11, 12, ARA).

O Filho é Jeová, o Criador. O mesmo nome que o anjo deu a Ele, ao anunciar a Maria o nascimento de Jesus. “Este será grande”, lhe disse, “e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, Lhe dará o trono de Davi, seu pai; Ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o Seu reinado não terá fim” (Lc 1:32, 33, ARA).

Palavras evidentemente baseadas na profecia de Isaías, o qual também a Ele se referiu com os seguintes termos: “Maravilhoso Conselheiro, Deus forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Is 9:6, 7, ARA).

Para que estivesse bem claro na mente de seus ouvintes que Jesus, o Filho de Deus, era superior a todos, Pedro lembrou-lhes o que haviam feito com Ele.

“Vós O traístes e negastes perante Pilatos”, disse, “quando este havia decidido soltá-Lo. Negastes o Santo e Justo e pedistes que vos concedessem um homicida. Matastes o Autor da vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas.

Tudo o que vocês fizeram para destruí-Lo, foi inútil. Ninguém pode matar Deus.”

“Mas Jesus, porque era Deus, entregou Sua própria vida para salvar da morte os pecadores, e a retomou por Si mesmo. Um ato de Sua própria vontade, completamente voluntário, feito por amor aos perdidos, para salvá-los. Não houve injustiça em Jesus, nem em Deus, o Pai. Unicamente em vocês. Mas, apesar dessa injustiça, Jesus os salvará, pela fé.”

4. *Pela fé em Seu nome* (v. 16). “Este homem, ex-coxo, que vocês veem e conhecem, foi curado pela fé. Pela fé no nome, na Pessoa e autoridade de Jesus, ele recebeu a força que não tinha e, agora, está completamente curado. Está diante de vocês. Não podem negar esse fato. O poder mediante o qual foi curado é de Jesus. Quem o curou foi Jesus. Nós apenas exercemos fé. Jesus é Deus; nós, apenas pessoas de fé, crentes nEle. Não, Ele não era alguém para ser negado diante de Seu juiz, para ser trocado por um homicida; não devia ser morto.”

5. *Agiram por ignorância* (v. 17, 18). “Irmãos, bem sei que vocês e seus governantes agiram por ignorância, sem percepção dos fatos. Não consideraram um aspecto: quem era a pessoa a quem vocês haviam feito tão grande mal. Vocês pensavam que Jesus de Nazaré era apenas um ser humano como todos os outros, pretendendo ser Alguém que na realidade não era. Vocês não mataram Jesus sabendo que matavam o Filho de Deus. Não tinham esse conhecimento. O que sentiam era o escândalo produzido pela ideia de que fosse Deus. Por isso, o que vocês Lhe fizeram, mesmo sendo um ato bem real, de total responsabilidade de vocês, não produziu o resultado que pretendiam. Queriam matá-Lo. Para Ele, queriam uma morte igual à que todos os mortais sofrem. Uma vez sepultados, dali não saem até o dia final. Isso não aconteceu. Jesus não ficou no sepulcro como vocês queriam. Ressuscitou e está vivo.

“Por meio de vocês, Deus cumpriu o que antes havia anunciado pela boca de todos os profetas: que o Seu Cristo havia de padecer. Entendam-me bem. O anúncio de Deus, por intermédio dos profetas, apresentava dois elementos: um planejado por Deus, e outro simplesmente profetizado. O plano de Deus para salvar os pecadores

incluía a morte de Seu Filho. Morte vicária. Morte no lugar dos pecadores e pelos pecados deles. Não era morte pelos próprios pecados, pois Jesus nunca cometeu pecado algum. A profecia, anúncio antecipado dos fatos que Deus, pela Sua onisciência, conhece mas não determina, era referente ao que vocês fariam com Jesus, e como O matariam. Mesmo que não soubessem a quem matavam, O mataram. Foram culpados. Agora, ao saber que Jesus é o Filho de Deus, resta-lhes somente um caminho.”

6. *Arrependimento e conversão* (v. 19, 20). “Arrependei-vos e convertei-vos”, continuou Pedro. “Anteriormente, na ignorância, vocês tinham o coração cheio de escândalo. Agora, é necessário enchê-lo de tristeza e pesar espiritual pelo que fizeram, mudando completamente o curso de sua vida que os conduzia para a morte, passando a seguir o caminho que conduz à vida. Para que entristecer-se? Para que seus pecados sejam apagados e, da parte de Deus, recebam consolo. Para que Ele lhes envie Jesus Cristo, como foi anunciado.”

Tristeza para se alegrar. Que ótima perspectiva! Estamos acostumados com a tristeza que magoa, que abate o ânimo, produz desgosto e angústia; que entristece o espírito. Obviamente, essa tristeza era centralizada em nós mesmos, considerando apenas o nosso futuro, sem nos importar com ninguém mais, muito menos com Deus. Por sua vez, a tristeza espiritual, que conduz ao arrependimento, está centralizada em Jesus; em Sua tolerância para conosco pelo que temos feito, em Seu amor por nós no presente e no futuro; em Sua vinda.

7. *O dia da restauração* (v. 21a). Demorará um pouco a chegar, porque é necessário que o Céu retenha até os tempos da restauração de todas as coisas.

Em outra parte Pedro disse: “Os céus e a Terra que agora existem estão reservados para o fogo, guardados para o dia do juízo e para a destruição dos ímpios” (2Pe 3:7, NVI). Não haverá restauração para eles, somente destruição. A Terra, por sua vez, e tudo o que nela há, será queimada, não para que deixe de existir, mas para ser restaurada. “Uma vez que tudo será destruído dessa forma, não deveriam vocês viver como Deus manda, seguindo uma conduta irrepreensível”

vel e esperando com grande expectativa, o dia de Deus, quando vocês, justos, também serão restaurados?” Apela Pedro. “Pois, segundo a Sua promessa, esperamos novos Céus e nova Terra, nos quais habita a justiça; esforcem-se para que Deus os encontre sem defeito e em paz com Ele” (2Pe 3:14).

8. *Profeta, Semente de Abraão, Filho de Deus* (v. 21b-26). Pedro continua o discurso concentrando seu conteúdo nos profetas. Na Escritura. Como que dizendo: “Tudo o que lhes ensinamos se baseia na Escritura, e lhes transmitimos unicamente o que ela diz.” Assim como a unicidade de Deus, a veracidade das Escrituras somente despertava aprovação na mente daqueles que ouviam a Pedro, na Porta de Salomão

Ele começou o discurso com duas verdades incontestáveis: o coxo havia sido curado e Deus era um. Concluiu com outra verdade de igual natureza: tudo o que a Escritura ensina é verdadeiro. Pedro fez tudo o que pôde para que, junto com o que já criam, seus ouvintes aceitassem também o que até o momento não haviam entendido a respeito de Jesus.

Disse: “Deus falou da restauração, no dia final, e de Jesus pela boca dos santos profetas que existiram desde os tempos antigos.”

Mencionou três exemplos: (1) Moisés, (2) todos os profetas a partir de Moisés e (3) Abraão. Com base nisso, Pedro demonstrou a seus ouvintes total credibilidade.

Moisés disse aos pais que surgiria um grande profeta. Pedro, citando as palavras de Moisés, disse: “O Senhor, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a Mim; a ele ouvirás; de todo aquele que não ouvir as Minhas palavras, que ele falar em Meu nome, disso lhe pedirei contas” (Dt 18:15, 18-19, ARA).

Ao citar Moisés, Pedro atraiu o peso da lei a favor de Jesus. Nesse aspecto, Moisés era autoridade máxima e nenhum dos doutores da lei, que pudesse se opor ao ensino de Pedro, sequer poderia pretender, para si, autoridade superior à de Moisés.

Pedro afirmou que Jesus era o profeta que, por meio de Moisés, Deus prometeu enviar ao povo. “Vocês O rejeitaram quando não sabiam

que Ele era o profeta prometido, e agora que sabem, não vão rejeitá-Lo. Certo? Vocês também conhecem as consequências de uma rejeição consciente: conforme ocorria com aqueles que, por não se arrependem, deixavam de confessar seus pecados enquanto o sumo sacerdote oficiava no lugar santíssimo, serão eliminados do povo, e não serão mais filhos de Deus. Os pais de vocês ouviram a promessa do profeta e creram. Se eles estivessem aqui seriam testemunhas contra vocês e, mesmo que não estejam, pelo fato de haverem crido, se tornariam testemunhas contra vocês, se vocês não cresssem.”

Todos os profetas de Samuel em diante. “Se vocês reconhecessem que Jesus é o profeta prometido, imediatamente perceberiam algo evidente: todos os profetas, a partir de Samuel, que, por revelação, falaram a respeito dEle, ensinaram acerca destes dias. Que dias? Os tempos em que Jesus realizará a restauração de todas as coisas (3:21). E vocês, verdadeiros filhos dos profetas, não podem desconhecer Seus ensinamentos.”

Abraão. “Vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus estabeleceu com vossos pais” (v. 25a, ARA).

Em relação a este pacto, Deus disse a Abraão: “Na tua descendência, serão abençoadas todas as nações da Terra” (v. 25b, ARA).

Ao ouvir essa frase, lembraram: Deus havia ordenado a Abraão que sacrificasse seu filho Isaque. Havia sofrido tanta incerteza por causa desse filho! Deus havia prometido que ele seria o herdeiro de todos os seus bens e o início de uma grande nação, tão numerosa como as estrelas do céu. Houve um tempo em que Abraão pensou que esse filho nunca chegaria. Mas Deus cumpriu Sua promessa e, quando Sara já não mais podia conceber, por causa da idade, nasceu Isaque. Que alegria indescritível! Teria mesmo que sacrificá-lo e desfazer a promessa? Novamente, incerteza. Havia somente uma coisa a fazer: obedecer. Por sua obediência, quando estava prestes a cravar o cutelo em Isaque a fim de sacrificá-lo, Deus o deteve e providenciou um carneiro que estava preso entre os arbustos, como substituto de seu filho no sacrifício.

Sacrificou o carneiro e aprendeu que Deus tinha um substituto para toda a família humana.

“Deveras te abençoarei”, lhe disse, “e certamente multiplicarei a tua descendência. Nela serão benditas todas as nações da Terra, porquanto obedeceste à Minha voz” (Gn 22:17a, 18).

Essa descendência era Jesus, o Filho de Deus.

“Deus enviou Seu Filho”, continuou Pedro, “primeiramente para vos abençoar, no sentido de que cada um se aparte das suas perversidades.”

Depois a bênção irá a todo o mundo. Essa primeira consequência foi a de pregar ao povo, com um resultado extraordinário: o número de crentes chegou “a quase cinco mil” (4:4). A segunda consequência foi a pregação aos dirigentes, embora as circunstâncias não fossem as mesmas.

Segunda consequência: testemunho perante o Sinédrio (At 4:1-22)

Admirada pelo milagre, a multidão tinha se dirigido aos discípulos. Ressentidos, os dirigentes, sacerdotes e saduceus foram a eles com o capitão do templo, a fim de prendê-los. Como motivação, o ressentimento é prejudicial às ações de todas as pessoas; pior ainda para os dirigentes. O ressentimento provoca ira que sempre é irracional, arbitrária, vingativa.

“Os sacerdotes e os saduceus estavam ressentidos”, diz Lucas, “porque Pedro e João ensinavam o povo e anunciavam, em Jesus, a ressurreição dentre os mortos. Eles os prenderam e os puseram no cárcere até o dia seguinte, pois já era tarde.”

Os saduceus eram a única seita judaica que conservava a antiga crença hebraica de que, ao morrer, a pessoa morre plenamente, sem que nada dela permaneça em estado consciente. Mas, erravam ao crer que não há ressurreição de mortos, nem anjos, nem espírito (At 23:8). Por isso, depois da ressurreição de Jesus, os mais incansáveis inimigos dos cristãos foram os saduceus, assim como os fariseus tinham sido os piores inimigos de Jesus em todo o Seu ministério. Raramente, Jesus mencionou a ressurreição dos mortos; os apóstolos, por sua vez, a mencionavam frequentemente.

Começa a reunião do Sinédrio (v. 5, 6). Os dirigentes se reuniram no dia seguinte em Jerusalém, conforme acrescenta Lucas.

Em seguida, menciona três tipos de dirigentes: (a) os governantes – sacerdotes, fariseus e saduceus; (b) os anciãos – dirigentes que representavam os leigos no Sinédrio; (c) os escribas – juristas do grupo, reconhecidos intérpretes da lei. O Sinédrio tinha seu representante máximo, que era o sumo sacerdote. Naquele tempo, Caifás. Mas, seu sogro, Anás, sumo sacerdote anterior e outros membros da família dos sumo sacerdotes eram também de muita influência, como os outros mencionados por nome: João e Alexandre.

Estavam presentes quase todos os dirigentes que condenaram a Jesus. Lucas deve tê-los mencionado de forma tão detalhada para mostrar que foram eles os próprios juízes de Jesus e para destacar a importância dessa reunião, consequência de um fato extraordinário, ocorrido com uma pessoa socialmente quase insignificante, um mendigo, coxo, cujo nome sequer é mencionado. Uma ironia. Porém, ao mesmo tempo uma prova de que as pessoas consideradas sem importância podem ocorrer fatos que, sob o poder de Jesus, exercem tamanha influência que até os próprios dirigentes da nação podem ser afetados por eles.

Primeira pergunta: Com que poder ou em nome de quem fazem isto? (v. 15). Segundo Lucas, Pedro e João foram colocados no centro do semicírculo formado pelos assentos do Sinédrio. O coxo estava com eles. À queima-roupa, fizeram aos apóstolos a primeira de duas perguntas básicas da reunião. A segunda pergunta foi dirigida aos membros do Sinédrio. Ambas feitas pelo sumo sacerdote, presidente do concílio.

“Com que poder ou em nome de quem vocês fizeram isto?” (v. 7, ARA).

1. *Significado da pergunta.* Poder. De onde receberam poder para fazer o que fizeram? Não negou a existência do poder, pois era impossível negar o milagre uma vez que o coxo estava em pé junto aos discípulos. Somente queria saber que tipo de poder era e de onde o haviam obtido. Tinha em mente a possibilidade de acusá-los, como fizeram antes com Jesus, de que o poder utilizado por eles tinha sua origem no príncipe dos demônios. Talvez por isso lhes perguntaram

em nome de quem agiram. Nome, autoridade. Poderia alguém ter mais autoridade que o Sinédrio? Jesus? Um morto!

Conhecendo Pedro, esperavam respostas tímidas e inseguras. Sem dúvida, a serva do sumo sacerdote que interpelou a Pedro na noite em que negou a Jesus lhes havia contado a reação covarde do apóstolo que se escondeu em negações e blasfêmias.

Mas Pedro já não era o mesmo homem. O covarde se tornara corajoso, com valentia ilimitada. Graças à sua total conversão, nessa nova experiência, valorizava Jesus mais que sua própria vida. O que importava se a perdesse testemunhando por Ele? Fez uso da palavra e, cheio do Espírito Santo, respondeu. Um testemunho poderoso, cheio de convicção e coragem.

2. *O testemunho de Pedro*. Extraordinário! Do começo ao fim, sem rodeios de palavras, sem eufemismo, sem vacilação. Demonstrava unicamente clareza e convicção. Começou de maneira cortês, muito apropriada para a ocasião.

“Autoridades do povo e anciãos”, disse ele. (v. 8, ARA).

Eram eles isso? Por que não reconhecer? Para que atacá-los, negando a autoridade que realmente tinham diante do povo? Logo tratou do assunto para o qual estavam ali.

“Hoje”, disse, “somos interrogados a propósito do benefício feito a um homem enfermo” (v. 9, ARA).

Todos olharam para o coxo, que estava ereto, tranquilo, confiante, demonstrando a atitude de um homem transformado pelo poder de Deus: humilde, com dignidade, muito diferente da postura de um coxo e mendigo. A impressão deixada foi profunda.

“Tomai conhecimento, vós todos”, continuou Pedro, “e todo o povo de Israel, de que, em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, sim, em Seu nome é que este está curado perante vós” (v. 10, ARA).

Silêncio.

Ninguém ousou interrompê-lo, muito menos contradizê-lo.

“Este Jesus”, continuou Pedro, “é pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual Se tornou a Pedra angular” (v. 11, ARA).

Poderosa ilustração, extraída de um fato ocorrido na construção do templo. Todos eles sabiam disso. As pedras para construção saíam da pedreira com as medidas infalivelmente exatas e para um lugar específico do templo. Certa ocasião, chegou uma pedra que não pôde ser identificada pelo construtor. Ele simplesmente, não soube onde colocá-la, e a deixou abandonada em algum lugar, esquecida sob os rigores do tempo, do sol e da chuva. No momento em que precisaram colocar a pedra angular do edifício, essa não foi encontrada. Inutilmente a procuraram entre as pedras que acabavam de chegar. Acaso, teriam cometido algum erro os trabalhadores da pedreira? Impossível. Finalmente, alguém se lembrou da pedra rejeitada e a buscou. Era exatamente a que faltava. O desprezo para com ela, embora aparentemente justificável, foi um erro. “Vocês cometeram o mesmo erro”, disse Pedro. E completou seu testemunho com uma declaração que, desde então, tem sido o próprio fundamento da pregação cristã de todos os tempos:

“E não há salvação em nenhum outro”, disse, “porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (v. 12, ARA).

3. *A impressão do testemunho.* Com um comentário simples, Lucas descreve a impressão que o testemunho de Pedro causou entre seus juízes: “Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se; e reconheceram que haviam eles estado com Jesus” (v. 13, ARA).

Admitiram que o ensinamento de Jesus havia correspondido ao ensinamento de um rabi. O resultado dele, em Seus discípulos, era visível.

Além disso, acrescenta Lucas: “Vendo com eles o homem que fora curado, nada tinham que dizer em contrário” (v. 14, ARA).

Segunda pergunta: Que faremos? (At 4:16-17). Depois de dar a ordem para que os discípulos fossem retirados da sala, começaram a decidir sobre o caso. O sumo sacerdote tomou a palavra fazendo uma pergunta dirigida aos membros do Sinédrio: “Que faremos com estes homens?”

Então, expressou seu reconhecimento e fez uma proposta:

1. *O reconhecimento.* “Um sinal notório foi feito por eles”, disse.

Ele aceitou o fato de que um poder superior havia atuado neles, o que era evidente, porque o próprio sinal se fazia reconhecível. Assim sendo, como duvidar? Sempre é possível duvidar de ideias, mas duvidar do poder quando esse é ativo e visível, é muito difícil, a não ser em atitudes irracionais que, naquela momento, não tinham lugar. Isso não apenas pela evidência do próprio milagre, mas pelo fato, politicamente válido para os dirigentes de uma nação, de que o milagre tinha sido notório a todos os habitantes de Jerusalém e eles o haviam aceitado.

“Não podemos negar”, disse o sacerdote.

Pelo visto, se tivessem podido negá-lo, o teriam feito. As evidências eram muitas e eles as haviam aceitado, como tais, como informações corretas, como conhecimento verdadeiro; mas não para acreditar. O ato de crer requer algo mais que exercício intelectual correto e muito mais que a aceitação de opiniões corretas. Exige também a participação de atitudes submissas à vontade de Deus. A disposição da vontade para atuar de maneira contrária à autonomia própria, contrária ao egocentrismo, disposta a seguir a vontade divina, sem questioná-la. O sumo sacerdote não demonstrava essa atitude. Por isso, sua proposta foi limitada.

2. *A Proposta.* “Entretanto, disse o sumo sacerdote, apesar de tudo o que tenho reconhecido a favor de Pedro e João, para que não haja maior divulgação entre o povo, ameacemo-los para não mais falarem neste nome a quem quer que seja.”

Ameaça, chantagem, castigo injusto, para obrigar alguém a fazer ou dizer algo contra sua consciência ou contrário à sua vontade. atentado contra a liberdade de uma pessoa e tentativa de destruir os atributos mais íntimos e próprios da personalidade humana. Esses atributos que Deus colocou na pessoa humana, por ocasião de Sua criação, são tão sagrados como sagrada é a própria vontade do Criador. Violá-los significa atentar contra o próprio Deus. Mas o Sinédrio, como estava acostumado a impor sua vontade sobre todos os israelitas, não teve problema algum para aceitar a proposta de seu presidente.

A sentença: somente ameaças (v. 18-22). “Então”, diz Lucas, “chamando-os ordenaram-lhes que absolutamente não falassem, nem ensinassem em o nome de Jesus” (v. 18, ARA).

Acaso, tinham eles poder para dar esse tipo de ordem? Existe alguém no mundo que tenha autoridade para dar ordens contrárias à consciência de uma pessoa, especialmente se essa consciência está em sintonia com a vontade de Deus? A resposta é óbvia e os apóstolos a expressaram da maneira mais clara e direta possível.

“Julgai”, disseram aos membros do Sinédrio, “se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós do que a Deus; pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (v. 19, 20, ARA).

Puderam apenas ameaçá-los.

Os membros do Sinédrio, relata Lucas, “ameaçando-os mais ainda, os soltaram, não tendo achado como os castigar, por causa do povo, porque todos glorificavam a Deus pelo que acontecera. Ora, tinha mais de quarenta anos aquele em quem se operara essa cura milagrosa” (v. 21, 22, ARA).

Como poderia alguém negar a validade de um milagre em um homem que havia passado a vida inteira sem caminhar, e agora estava andando?

Terceira consequência: falaram com coragem (v. 23-31)

Ao se sentirem livres dos perigos do poder exercido pelo Sinédrio e seus dirigentes, a primeira coisa que Pedro e João fizeram foi ir ao Cenáculo, onde estavam reunidos os demais apóstolos e os irmãos, que Lucas chama de os seus. Apenas o fato de ir vê-los mostra a estreita integração que havia entre eles e a identificação de todos com a mesma causa. Estavam unidos e sua unidade estava a serviço da missão.

Pedro e João tinham algo para contar. Algo detalhado, franco, sem segredos. Algo centralizado na origem dos fatos: sobre o Sinédrio, os principais sacerdotes, os anciãos, os dirigentes. Lucas, de forma direta, simples e clara, escreveu: “Procuraram os irmãos e lhes contaram quantas coisas lhes haviam dito os principais sacerdotes e os anciãos” (v. 23, ARA).

Com este relatório começa a terceira consequência produzida pela cura do coxo. É apresentada numa sequência natural.

1. *Pedro e João contaram aos seus.* O que contaram com tanta familiaridade e confiança? O que os dirigentes lhes haviam dito. O que disseram havia sido uma ordem. Categórica, precisa, autoritária: absolutamente, não falem nem ensinem em o nome de Jesus.

Quando os apóstolos concluíram seu detalhado relatório, a resposta dos seus foi imediata.

2. *Oraram.* Crentes em plena comunhão com Deus tinham que atuar assim. Já haviam compartilhado tudo entre si. Restava somente compartilhar com Deus. Comentar com Ele da mesma forma que comentavam o incidente entre eles.

“Unânimes, levantaram a voz a Deus”, registrou Lucas. Como se contassem uma realidade familiar e natural, espontânea e, por isso, espiritualmente preciosa. Quando a igreja ora a Deus de forma unânime e unanimemente fala a respeito de Deus, o poder dEle, através do Espírito Santo, flui por intermédio dela e seus membros vivem em paz de espírito, em crescimento espiritual constante e em obediência sem legalismo. A igreja é, na verdade, como Paulo a definiu, o corpo de Cristo e a plenitude de Deus. Cumpre sua missão sem resistência, com dedicação imutável, como Jesus.

3. *Conteúdo da oração*

a) Primeiro, invocaram a Deus: “Soberano Senhor, que fizeste o céu, a Terra, o mar e tudo o que neles há” (v. 24, ARA).

Poderia existir outro deus mais poderoso, com maior autoridade ou domínio do que Ele? Não, sem dúvida.

b) Então, evocaram as palavras de Davi sobre a autoridade rebelde de povos e nações, reis e governantes

“Tu”, disseram a Deus, “que disseste por intermédio do Espírito Santo, por boca de Davi, nosso pai, Teu servo: Por que se enfureceram os gentios, e os povos imaginaram coisas vãs? Levantaram-se os reis da Terra, e as autoridades ajuntaram-se à uma contra o Senhor e contra o Seu ungido” (Sl 2:1, 2).

E continuaram dizendo: “O que acontecia no passado, tem acontecido também em nossos dias. De fato, Herodes e Pôncio Pilatos

reuniram-se com os gentios e com o povo de Israel nesta cidade, para conspirar contra o Teu santo servo Jesus, a quem ungiste. Fizeram o que o Teu poder e a Tua vontade haviam decidido de antemão que acontecesse” (v. 27, 28, NVI).

c) Do passado, distante e próximo, passam à situação que eles, crentes fiéis de Jesus, estão vivendo. “Agora, Senhor”, acrescentam, “olha para as suas ameaças e ordens, para que não falemos nem ensinemos a respeito de Cristo Jesus. Não podemos obedecer-lhes nisto.”

Como obedecer ordens contrárias à vontade de Deus, que impediriam o cumprimento da missão?

d) Finalmente, expressam o pedido da oração: “Concede aos Teus servos o valor espiritual para que, com coragem, anunciem a Tua palavra. Com coragem confiante, segura; que nenhuma circunstância nos intimide, que nada diminua nossa liberdade para falar do evangelho, com toda a sinceridade.”

4. *Encorajados pelo Espírito Santo.* Então, os crentes são dotados da capacidade, alheia a eles, de sentir as coisas espirituais do mesmo modo como sentem os objetos e as coisas.

“Tremeu o lugar em que estavam reunidos”, escreveu Lucas, “todos ficaram cheios do Espírito Santo e anunciavam corajosamente a palavra de Deus” (v. 31, NVI).

As consequências produzidas pelo milagre que aconteceu na Porta Formosa, onde o coxo, em sua rotina mendicante, foi objeto do poder de Deus para curá-lo, causou impacto de diversas formas na missão. O discurso de Pedro à multidão que se aglomerou para ouvi-lo aumentou o número de membros da igreja para cinco mil. A prisão dos apóstolos contribuiu para que Pedro testemunhasse perante o Sinédrio, que finalmente os absolveu de culpa, deixando-os em liberdade. No momento apropriado, essa liberdade lhes concedeu uma boa oportunidade para falar do evangelho com grande coragem. Coragem segura, confiante e livre. Sem restrições psicológicas, espiritualmente forte, fortalecida na fé e estabelecida em Cristo pela presença viva do Espírito Santo na experiência pessoal de cada crente e de todos eles como igreja unida.

A comunidade de um coração e uma alma (At 4:32-6:7)

A seguir, Lucas descreve a comunidade dos fiéis. Ele o faz com palavras e fatos. Conta a história impressionante de Ananias e Safira e relata a perseguição a Pedro e João, com um fim cheio de entusiasmo e com determinação de continuar pregando, com mais persistência que antes. Conta também a murmuração dos helenistas contra os hebreus, sobre a atenção às suas viúvas e a solução que a igreja deu a esse problema.

Comunidade de bens: nenhum necessitado (v. 32-35)

Ao ler as histórias da igreja apostólica, contadas por Lucas, uma impressão se torna muito forte e permanece fixa na mente. A vida de todos era dedicada à missão e ninguém tinha outro interesse superior. Nem o interesse pela posse de bens materiais era superior ao interesse pela missão, chegando ao ponto de renunciar a esses bens. Mas não o faziam por imposição apostólica, nem por coerção de ninguém. Faziam por uma atitude espiritual, sem egoísmo. Lucas é maravilhosamente familiar na descrição.

“Da multidão dos que creram”, diz, “era *um o coração e a alma*” (v. 32a, ARA).

Essa era a base espiritual do grupo, que o tornava uma comunidade tão íntima e tão nobre.

“Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum” (v. 32b, ARA).

Isto é, cada um continuava possuindo os bens que tinha no momento de sua conversão. Nenhuma exigência apostólica obrigava os conversos a vender seus bens. O que mudava, em todos eles, era a atitude diante das posses. Ninguém possuía nada, no sentido egoísta tradicional, que o direito de propriedade particular pode oferecer às pessoas. Todos possuíam bens, aceitando que suas posses estavam a serviço da comunidade, e estavam dispostos a vendê-los para atender as necessidades do grupo e da missão, quando fosse necessário.

Sob essas circunstâncias, acrescenta Lucas, “com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça” (v. 33, ARA).

O resultado desse modo de vida era visível. Não havia entre eles nenhum necessitado. Lucas novamente destaca a razão: “Os que possuíam terras ou casas as vendiam, traziam o dinheiro da venda e o colocavam aos pés dos apóstolos, que o distribuíam segundo a necessidade de cada um” (v. 34, 34, NVI).

Dois casos contraditórios: generosidade e mentira (4:36-5:11)

Barnabé: deu tudo (v. 36, 37). Entre os novos conversos havia um que se chamava José; judeu da dispersão, nascido em Chipre, mas estabelecido em Jerusalém, possivelmente porque era levita e os levitas estavam ligados ao serviço do templo. Não se sabe quando aceitou Jesus, mas era um dos setenta enviados pelo Mestre, diz Clemente de Alexandria (cerca de 153-220), um dos mais notáveis pais da igreja do século 2, diretor da Escola Teológica de Alexandria (*Stromata*, livro 2, cap. 20).

José foi chamado pelos apóstolos de Barnabé, filho de exortação, possivelmente por seus dons de exortar que, conforme parece, eram notáveis nele (At 11:23, 24). Além disso, possuía generosidade extraordinária. Tinha um campo, em algum lugar de Jerusalém, e decidiu vendê-lo. Entregou aos apóstolos, de uma só vez, todo o produto da venda. Generosidade semelhante à de sua tia Maria, mãe de João Marcos. Ela não vendeu a casa que tinha em Jerusalém, mas a entregou para que servisse de sede, nas atividades da igreja nascente (At 12:12).

Essa generosidade, demonstrada em relação a suas posses materiais, foi o prenúncio da entrega de sua própria vida ao serviço missionário, primeiro em Antioquia; depois, na província romana da Ásia, juntamente com Paulo na primeira viagem missionária.

Ananias e Safira: deram somente uma parte (v. 1-11). Mas nem tudo era perfeito. A igreja apostólica teve seus momentos em que a natureza humana egoísta aflorou também em alguns de seus membros. Um caso assim, com fim trágico, é exemplificado por certo homem chamado Ananias e sua mulher, Safira. Ele vendeu uma propriedade e, em conivência com ela, guardaram parte do dinheiro para si. Levaram o restante aos apóstolos, dizendo que era o total da venda.

“Ananias”, disse-lhe Pedro, “por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo? (v. 3, ARA).

Essa era uma mentira estranha. Quem pode mentir ao Espírito Santo? Poderia a mentira parecer verdade perante o Espírito Santo por muito tempo? Nem por um segundo. Acaso, Ananias não sabia disso? Certamente, sim. Ele era cristão e todos os cristãos sabem disso. Mas existe uma espécie de necessidade espiritual, uma cegueira do espírito pecador, que não consegue ver o que está vendo. A mesma coisa acontece com todos os pecados que nós cometemos em segredo, escondidos, dando a impressão de que não fizemos nada de errado.

A quem queremos enganar com nossa hipocrisia? A outros cristãos? Talvez o consigamos. Mas enganar a Deus, a quem todos os pecados ofendem, não é possível. Como poderemos ocultar-nos de Deus cujo olhar tudo percebe, até a queda de um fio de nossos cabelos, incontáveis para nós, mas para Ele todos conhecidos, um a um?

Pedro continuou seu interrogatório como se fosse a própria consciência de Ananias, reativada pela obra do Espírito Santo.

“Acaso, você não poderia ter ficado com a propriedade, sem vendê-la, uma vez que era isso o que você desejava? Quem o obrigou a vendê-la? Vendendo-a, não podia ter ficado com todo o valor? Por que permitiu o engano em seu coração? Você não mentiu aos homens, mas a Deus”, sentenciou.

Não há hipocrisia maior que a de um cristão, quando, com engano, obriga a si mesmo a ser hipócrita. Mas Deus, em Seu ilimitado conhecimento, sabia da simulação de Ananias e o propósito de seu engano. Queria passar por generoso, sem o ser, mas ao revelar Deus a Pedro a verdadeira natureza de suas intenções, perdeu a honra que desejava e também perdeu o dinheiro que guardou para si.

“Ouvindo estas palavras”, diz Lucas, “Ananias caiu e expirou” (v. 5, ARA).

Por que uma sentença tão sumária e castigo tão imediato? A explicação de Lucas é clara e objetiva: “Sobreveio grande temor a todos os ouvintes.”

Parece claro que Deus pensou nos responsáveis pelo engano e nos que seriam influenciados por ele. Queria evitar o que a Bíblia diz em outra parte, que se aplica ao estado moral da sociedade antediluviana e à maneira impune como ela tratava seus membros: “Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal” (Ec 8:11, ARA).

Quando os demais membros da igreja viram que a mentira contra o Espírito Santo trazia consequências graves para a vida, perceberam muito bem uma coisa: não podiam tratá-Lo levemente. O juízo final será assim: final, definitivo, sem apelação. A diferença é que, entre o ato pecaminoso e o juízo, Deus concede um tempo de misericórdia para que o pecador se arrependa, se quiser. Para os que não quiserem se arrepender, o tempo de graça não tem nenhum significado. Nada acontecerá entre os pecados desses e o juízo final.

Foi o que ocorreu com Ananias. Ele não queria se arrepender; por isso, e para ensinar aos demais o tipo de consequência do pecado contra o Espírito Santo, Deus executou a sentença imediata contra Ananias.

Três horas depois aconteceu o mesmo com a mulher de Ananias. Pedro adotou o mesmo procedimento seguido com seu marido, isto é, deu-lhe oportunidade para refletir sobre o conluio feito entre ambos e para se arrepender.

“Dize-me”, perguntou, “vendestes por tanto aquela terra?” (v. 8, ARA).

Ela respondeu: “Sim, por tanto.”

“Por que entraste em acordo para tentar o Espírito do Senhor?” Não se aperceberam de quão grave é submeter à prova a natureza e caráter do Espírito do Senhor, e quão sério é tentar enganá-Lo?

Desta vez, além de se referir ao Espírito Santo, Pedro envolveu também o Senhor. Os dois foram tratados levemente. Como pode um ser humano, insignificante e mortal, se tornar tão arrogante ao ponto de considerar Deus um objeto que pode ser manipulado com a força de seu próprio capricho egoísta?

“Eis aí à porta os pés dos que sepultaram o teu marido”, disse Pedro, “e eles também te levarão” (v. 9, ARA).

“No mesmo instante”, acrescenta Lucas, “caiu ela aos pés de Pedro e expirou.” Os moços que haviam sepultado o marido fizeram o mesmo com ela.

Lucas encerra a história com um comentário que transfere a atenção, concentrada nos protagonistas maus da história, para a igreja toda.

“E sobreveio grande temor a toda a igreja e a todos quantos ouviram a notícia destes acontecimentos” (v. 11, ARA).

Que contraste entre Barnabé e o casal Ananias e Safira! Barnabé, voluntariamente, vendeu sua terra para benefício da igreja. Vendeu-a e entregou aos apóstolos o valor total da venda da propriedade, porque era isso o que havia prometido fazer. Sua vida se prolongou por muitos anos e a igreja continuou sendo beneficiada com seu serviço missionário. Ao mesmo tempo, ele viveu a alegria de uma experiência cristã crescente e terá a bem-aventurança dos redimidos com a vida eterna.

Em contraste, Ananias e Safira permitiram a influência do príncipe das trevas e até sua visão espiritual ficou às escuras. Mentiram ao Espírito Santo, puseram o Espírito e o Senhor à prova e cometeram o extremo ato egoísta ao pensar que faziam a vontade de Deus, quando, na realidade, estavam executando um ato egoísta, mentiroso, com o qual pretendiam obter, ao mesmo tempo, vantagem espiritual e material. Os únicos enganados foram eles e receberam a consequência da morte, mais rápido do que haviam esperado.

O número de crentes aumentava grandemente (v. 12-16)

Mas pessoas como Ananias e Safira eram poucas na igreja. A grande maioria era de crentes sinceros, com os mesmos defeitos dos seres humanos de todos os tempos, mas honestos lutadores contra o mal existente em si mesmos e contra o mal que, sob a negra orientação dos demônios, operava no mundo. O Espírito Santo estava com eles e eles, sob Seu poder, trabalhavam para Ele, com notável êxito moral e missionário. Lucas descreve essa situação destacando vários aspectos, especialmente o espiritual, mas que, na vida dos crentes, se haviam tornado rotineiros.

1. *Sinais e prodígios*. “Muitos sinais e prodígios”, diz Lucas, “eram feitos entre o povo pelas mãos dos apóstolos” (v. 12a, ARA).

Os sinais ajudavam a mostrar a verdadeira identidade de todos eles, em Cristo; e os prodígios davam testemunho do poder divino que atuava neles. Ambos, sinais e prodígios, eram a prova visível de que a comunidade cristã constituía o novo povo de Deus, como antigamente Israel havia sido Seu povo.

2. *Unidade*. “E costumavam todos reunir-se, de comum acordo, no Pórtico de Salomão”, diz Lucas (v. 12b, ARA).

Os que não pertenciam ao grupo de cristãos não se animavam a se juntar aos crentes, pois temiam as autoridades que os ameaçavam o tempo todo. Mas, apesar de não se juntarem a eles, tinham grande admiração por eles e os elogiavam sempre. Muitos e variados comentários positivos a favor dos cristãos circulavam pela cidade, como se eles fossem a própria razão da existência, sentida por todos.

3. *Crescimento constante*. “E crescia mais e mais a multidão de crentes, tanto homens como mulheres”, continua Lucas (v. 14, ARA).

O crescimento era tão grande que Lucas não registra números. O êxito da missão superava os cálculos matemáticos. Registrou somente o grau de aceitação dos cristãos, entre o restante da população, e o exemplificou com Pedro, personagem principal da história contada por Lucas na primeira parte de seu livro.

“E crescia mais e mais a multidão de crentes”, diz, “tanto homens como mulheres, agregados ao Senhor, a ponto de levarem os enfermos até pelas ruas e os colocarem sobre leitos e macas, para que, ao passar Pedro, ao menos a sua sombra se projetasse nalguns deles” (v. 14, 15, ARA).

Vinham também muitas pessoas de cidades vizinhas de Jerusalém; multidões que traziam doentes e atormentados por espíritos malignos, e todas eram curadas.

Perseguição a Pedro e João: pregação incessante (v. 17-42)

A seguir, Lucas inclui em seu relato um incidente de perseguição aos apóstolos, especialmente a Pedro e João.

“Então”, diz, “o sumo sacerdote e todos os seus companheiros, membros do partido dos saduceus, ficaram cheios de inveja” (v. 17, NVI).

Mau espírito para líderes religiosos. Dessa forma não estavam em condições de discernir, com clareza, entre o bem o mal. E, com essa falta de discernimento, agiram contra Pedro e João.

Discípulos colocados na prisão (v. 18-25). Prenderam os apóstolos e os colocaram na prisão pública. Detidos novamente. Qual era o delito? Uma vitória que causava inveja e uma causa mais atrativa que a causa dos apóstatas estava diante do povo. Quando líderes religiosos, de qualquer credo, se deixam motivar por sentimentos de inveja, disputas e rivalidade e esses sentimentos, não tendo mais a característica esporádica de uma tentação, tomam a forma permanente do caráter, não pertencem mais à causa de Deus, separaram-se dEle e seu desvio torna-se apostasia.

Embora em plena apostasia, esses dirigentes, sem o saber, estavam na iminência de presenciar a obra direta de Deus, feita diante de seus próprios olhos, não por intermédio deles, mas através daqueles a quem eles consideravam seus rivais e inimigos. O anjo do Senhor não demorou para visitar Seus servos encarcerados. À noite, abriu as portas da prisão, os tirou de lá e lhes ordenou: “Ide e, apresentando-vos no templo, dizei ao povo todas as palavras desta Vida” (v. 20, ARA).

Eles saíram. Foram ao templo ao romper do dia, e ensinavam com toda liberdade, sem preocupações, sem medo.

Enquanto isso ocorria com eles, os dirigentes do Sinédrio, pensando que estavam bem trancados no cárcere, convocaram o Concílio e todos os anciãos que representavam os filhos de Israel. Quando todos chegaram, ordenaram aos guardas que trouxessem os presos. Que surpresa! O cárcere estava fechado, porém vazio. Os apóstolos não mais estavam lá. Voltaram apressadamente e informaram: “Achamos o cárcere fechado com toda a segurança e as sentinelas nos seus postos junto às portas; mas abrindo-as, a ninguém encontramos dentro” (v. 23, ARA).

Não contamos a ninguém. A surpresa, nesse momento, foi para os dirigentes. “O capitão do templo e os principais sacerdotes

ficaram perplexos a respeito deles”, diz Lucas, “e do que viria a ser isto” (ARA).

Em meio à angústia deles, apareceu um mensageiro que vinha do templo. “Os homens que recolhastes no cárcere”, disse o mensageiro, “estão no templo ensinando o povo” (v. 25, ARA).

Foram apresentados ao Sinédrio (v. 26-28). O chefe da guarda agiu imediatamente. Foi ao templo e, sem violência, levou os apóstolos, pois temia ser apedrejado pelo povo. Quando estavam perante o Sinédrio, o sumo sacerdote, em tom de reclamação, lhes disse: “Expressamente vos ordenamos que não ensinásseis nesse nome; contudo, enchestes Jerusalém de vossa doutrina; e quereis lançar sobre nós o sangue desse Homem” (v. 28, ARA).

Havia algum delito nisso? Apenas o delito de não obedecer às ordens recebidas.

Discurso de Pedro (v. 29-32). Mas Pedro explicou, dando várias razões:

1. A obediência deve ser prestada a Deus. “Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens” (v. 29, ARA).

Isso já lhes havia dito quando foram presos na vez anterior, por causa da cura do coxo. A autoridade de Deus está acima de qualquer autoridade humana e, se essas ordens são contraditórias, é claro que a obediência a Deus é prioritária.

2. Deus ressuscitou a Jesus. “O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, a quem vós matastes, pendurando-O num madeiro. Deus, porém, com a Sua destra, O exaltou a Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados” (v. 30, ARA).

3. Há testemunhas em seu favor. “Ora, nós somos testemunhas destes fatos, e bem assim o Espírito Santo, que Deus outorgou aos que Lhe obedecem” (v. 32, ARA).

Graças a essas duas testemunhas, todo o povo sabia que Jesus era o Filho do Deus vivo e o único Salvador de todos os seus pecados.

Conselho de Gamaliel (v. 33-39). Acrescentaram a fúria assassina à inveja contenciosa que os induziu a colocá-los na prisão.

“Ouvindo isso”, diz Lucas, “eles ficaram furiosos e queriam matá-los” (v. 33, NVI).

Mas havia entre eles um homem sensato. Chamava-se Gamaliel. Fariseu, o mais famoso judeu de seu tempo, o mesmo que mais tarde aparecerá como mestre de Paulo. Mestre da lei, acatado por todo o povo. Pediu que os apóstolos fossem retirados, e quando estavam fora, dirigiu-se aos membros do Sinédrio.

“Israelitas”, disse, “atentai bem no que ides fazer a estes homens. Porque, antes destes dias, se levantou Teudas, insinuando ser ele alguma coisa, ao qual se agregaram cerca de quatrocentos homens; mas ele foi morto, e todos quantos lhe prestavam obediência se dispersaram e deram em nada. Depois desse, levantou-se Judas, o Galileu, nos dias de recenseamento, e levou muitos consigo; também este pereceu, e todos quantos lhe obedeciam foram dispersos” (v. 34-36, ARA).

Após essa introdução, deu-lhes um conselho: “Dai de mão a estes homens, deixai-os; porque, se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá; mas, se é de Deus, não podereis destruí-los, para que não sejais, porventura, achados lutando contra Deus” (v. 38, ARA).

Horrível coisa é lutar contra o aguilhão, dirá Paulo mais tarde. Quem pode lutar contra Deus e vencer? Quem pode tornar justas suas próprias obras violentas, multiplicando-as? O conselho era extremamente sábio para ser desprezado.

Sentença (v. 40, 41). Concordaram com ele. Chamaram os apóstolos para aplicar-lhes a sentença. Tomaram duas medidas: (1) Açoitaram-nos. (2) Ordenaram-lhes que não falassem em o nome de Jesus. Por que açoitá-los, se não encontraram nenhuma condenação legal no que Pedro e João haviam feito? Por que ordenar-lhes que não fizessem o que eles, por ordem divina, não podiam deixar de fazer? Os membros do Sinédrio, pelo que havia acontecido em toda a história da nação, sabiam exatamente o que uma ordem de Deus, em termos de obediência, significava. Quando Israel, já próximo de entrar em Canaã, a terra que Deus lhe havia prometido, desobedeceu às Suas ordens, preferindo retornar ao Egito por considerar os habitantes de Canaã demasiadamente perigosos, teve que peregrinar no deserto por quarenta anos. Quando o povo estava

novamente pronto para entrar, Josué lhes explicou por que não haviam entrado anteriormente.

“Os israelitas andaram quarenta anos pelo deserto, até que todos os guerreiros que tinham saído do Egito morressem, visto que não tinham obedecido ao Senhor” (Js 5:6, NVI).

A desobediência causou terrível castigo. Mais tarde, a nação voltou a se esquecer do Senhor seu Deus, não cumpriu Suas ordens nem escutou a voz de Seus profetas.

“Vós não escutastes”, disse-lhes o Senhor, através de Jeremias. “Portanto”, escreveu o profeta, “assim diz o Senhor dos Exércitos: Visto que não escutastes as Minhas palavras, eis que mandarei buscar a Nabucodonosor, Meu servo, e o trarei contra esta terra, e toda esta terra virá a ser um deserto e um espanto; e servirão ao rei da Babilônia setenta anos” (Jr 25:3, 8, 9, 11, ARA)

Quando faltavam apenas dois anos para que se completassem os setenta anos de cativeiro, Daniel, orando por si mesmo e pela nação, disse: “Não demos ouvido aos Teus servos, os profetas, que falaram em Teu nome aos nossos reis, aos nossos líderes e aos nossos antepassados, e a todo o Teu povo” (Dn 9:6, NVI).

Novamente, a desobediência a Deus produziu suas consequências, e o povo sofreu por isso. Sabiam que seria assim. Nenhum membro do Sinédrio ignorava a história de Israel. Não podiam pedir aos discípulos que desobedecessem a Deus para prestar obediência a eles, mas o fizeram. Foi um erro. A única coisa sábia que o Sinédrio fez nesse dia, seguindo o conselho de Gamaliel, foi deixar em liberdade os discípulos, aos quais pretendiam matar.

Pedro e João saíram do Sinédrio sem fazer nenhuma queixa. “Eles se retiraram do Sinédrio”, diz Lucas, “regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome” (v. 41, ARA).

Não era a satisfação masoquista que uma pessoa desfruta quando se sente maltratada e humilhada; era a alegria espiritual que o cristão sente quando vivencia a fidelidade, sem considerar as circunstâncias que o rodeiam, favoráveis ou adversas. Fidelidade ao Nome. Devoção a Jesus como pessoa divina, como Deus poderoso,

como dono da vida que por Sua graça oferece aos perdidos. A alegria espiritual é a raiz que produz o fruto da ação missionária, com coragem, dedicação e fidelidade.

Pregação incessante (v. 42). Dedicados à ação missionária, não deixavam de pregar. “E todos os dias”, diz Lucas, “no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo” (v. 42, ARA).

Sem cessar, diz o texto. Sem parar, continuamente, sem nenhum tipo de interrupção: nem interna, por desânimo; nem externa, por agressão. Nada os detinha. Nada interrompia sua dedicação ao ensino e à pregação do evangelho, no templo e de casa em casa, literalmente. Como não iriam encher Jerusalém com sua doutrina?

Na verdade, não há melhor maneira de pregar, do que fazê-lo nos locais públicos, ou pelos meios de comunicação, por meio das quais as pessoas são alcançadas em massa, e de casa em casa, onde as famílias recebem atenção personalizada e toda dúvida pode ser esclarecida com facilidade. A perseverança espiritual para se trabalhar constantemente nessa obra, com o poder do Espírito Santo, alcança o milagre de atingir a todos e a todos iluminar com a verdade do evangelho.

Escolha dos diáconos: maior crescimento (At 6:1-7)

Um problema inusitado surgiu na igreja: murmuração. Com o espírito de unidade e de integração quase total que a igreja manifestava em todas as suas atividades, isso parecia impossível, mas ocorreu.

“Naquele dias”, diz Lucas, “multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus” (v. 1, ARA). Aqui, pela primeira vez, o termo discípulo é utilizado para se referir aos crentes que aceitavam os ensinamentos dos apóstolos.

Na sociedade israelita daquela época, havia um grupo com forte inclinação para a cultura grega e a incorporação de suas ideias no judaísmo. Eram os helenistas. Não eram necessariamente estrangeiros, nem exclusivamente de nacionalidade grega, embora, certamente, houvesse gregos nesse grupo. A desconfiança e inimizade entre os helenistas e os defensores da fé hebraica procediam de

longo tempo. Tal desavença não acontecia na igreja, graças ao amor fraternal e ao espírito humilde dos cristãos.

Mas o inimigo nunca dorme. Descobriu um meio para reavivar emoções negativas do passado e despertar suspeitas em pessoas com inclinação para encontrar faltas nos líderes da igreja. A razão do descontentamento que, como serpente oculta, se arrastava de uma pessoa para outra, por meio de maliciosos comentários contra os apóstolos, baseava-se na informação de um descuido intencional em relação às viúvas helenistas, para benefício das viúvas hebreias.

Diziam que suas viúvas não estavam sendo atendidas na distribuição diária, de acordo com Lucas. O que fazer com esse problema?

Os apóstolos resolveram a situação como todo líder responsável, eficiente, deve fazer na igreja cristã.

Primeiro, concordaram em que os queixosos estavam corretos. Não discutiram com eles dizendo-lhes que não tinham razão nem que estavam exagerando ou fazendo uma crítica injusta. Nem sequer os repreenderam pelo fato de divulgarem sua inquietação de forma sutil e maliciosa. Simplesmente aceitaram a crítica e agiram para resolver o problema apresentado. Se os líderes da igreja fizessem sempre assim, as ofensas verbais que surgem na explicação ou na defesa própria diante de uma murmuração seriam evitadas.

Segundo, discutiram o problema com toda a igreja e sugeriram uma solução imparcial.

“Os doze convocaram a comunidade dos discípulos”, diz Lucas, “e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a Palavra de Deus para servir às mesas. Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço; e, quanto a nós, nos consagramos à oração e ao ministério da Palavra” (v. 2-4, ARA).

Ao reunir a igreja em assembleia, os apóstolos, guiados pelo Espírito Santo, abriam espaço para que o Espírito trabalhasse com toda a igreja. O problema que havia surgido poderia ser passageiro e de pouca importância, mas, na realidade, se relacionava com a organização da igreja, o que era de vital importância. Eles não podiam assumir todos os assuntos. Essa concentração de atividades poderia

reduzir sua efetividade e a pregação do evangelho, mais importante que qualquer outra atividade, seria prejudicada. Isso eles não podiam permitir acontecer. Daí, a proposta de utilizar a força viva da igreja para sua organização se tornou de grande e permanente valor.

Terceiro, a igreja aceitou a proposta com satisfação. “O parecer agradou a toda comunidade”, diz Lucas (v. 5, ARA).

Da mesma forma como escolheram Matias, escolheram sete homens, cheios de fé e do Espírito Santo, para que, permanentemente, atendessem essa diaconia ou serviço, razão pela qual mais tarde foram chamados diáconos. Sua tarefa principal era atender as necessidades físicas dos membros e os interesses econômicos da igreja. Eram os administradores dos assuntos materiais da igreja.

Os sete possuem nomes helênicos, o que necessariamente não indica que todos eram membros do grupo helenista, mas mostra especialmente o espírito de integração que havia na igreja. Somente dois deles, mais tarde, são novamente mencionados no livro de Atos: Estêvão e Filipe. Filipe, como evangelista em Samaria (At 8:5); e Estevão, como defensor e mártir da fé (6:9; 7:59, 60). A tradição diz que os dois faziam parte do grupo de setenta discípulos que Jesus enviou, adiante dEle, para pregar em todo lugar e cidade aonde Ele planejava ir (Lc 10:1). Não existe nenhuma informação segura a respeito do futuro dos demais. Sabe-se de Nicolau que, antes de aceitar a fé cristã, foi pagão convertido ao judaísmo.

Quarto, depois de serem escolhidos, a assembleia os apresentou aos apóstolos para que orassem por eles e confirmassem sua dedicação à diaconia, com a imposição das mãos.

Nos tempos do Antigo Testamento, a imposição das mãos era utilizada como sinal para outorgar a bênção patriarcal (Gn 48:13-15), para a consagração dos sacerdotes (Nm 8:10), e para estabelecer o cargo máximo de líder em Israel (Nm 27:23).

Posteriormente, a igreja cristã utilizou a imposição das mãos sobre homens que eram ordenados ao ministério, como foi o caso de Paulo e Barnabé (At 13:1-3), de Timóteo (1Tm 4:14; 2Tm 1:6), e dos pastores em geral (1Tm 5:22), prática que se tornou uma doutrina fundamental da igreja, como diz a epístola aos Hebreus, escrita

por Paulo pouco antes de sua morte (68 d.C.). Entre as doutrinas fundamentais inclui o arrependimento das obras que conduzem à morte, fé em Deus, instrução sobre o batismo, imposição das mãos, ressurreição dos mortos, e o juízo eterno (Hb 6:1, 2).

Quinto, este novo passo para organização da igreja foi extremamente útil para ela e Lucas descreve esse valor apresentando informações sobre o progresso da missão.

“Crescia a Palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé” (v. 7, ARA).

Esse progresso se devia ao fato de que todos se dedicavam à missão. Os apóstolos, livres de obrigações materiais, podiam dedicar todo seu tempo à pregação. Os membros, estimulados a usar integralmente os talentos que o Espírito Santo multiplicava de acordo com as necessidades, sentiam a alegria espiritual da participação. E os sete, mesmo sendo responsáveis pelos assuntos materiais da igreja, essa obra “não os excluía do dever de ensinar a fé. Ao contrário, foram amplamente qualificados para instruir a outros na verdade; e se empenharam na obra com grande fervor e sucesso” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 90).

Estêvão, o defensor da fé (At 6:8-7:60)

A prova de que os diáconos também trabalhavam na evangelização aparece na história de dois, entre os sete, que Lucas inclui logo depois de contar como a escolha deles aconteceu. Essa história demonstra que, na igreja, ninguém, nem mesmo os que administram os assuntos materiais, pode se omitir da ação missionária. Naquela época, essa era a única atividade que envolvia toda a igreja como comunidade e a cada um de seus membros.

Lucas apresenta Estêvão como um poderoso defensor da igreja. No grande conflito de Satanás contra Cristo e Sua igreja, os defensores da igreja são indispensáveis. São como sentinelas que jamais dormem. Sempre prontos para dar voz de alarme e para defender a cidade da fé, impedem que invasores e depredadores transponham seus muros e tentem destruí-la. São os que mais se expõem aos

ataques do inimigo e, muitas vezes, pagam elevado preço, incluindo a própria vida, como influência social e como extensão de tempo. Estêvão foi literalmente morto.

O debate (v. 8-10)

Lucas coloca o foco de seu relato em Estêvão de maneira muito harmônica com o espírito da igreja, conforme ele mesmo descreveu em sua história. Estêvão, disse ele, cheio de graça e poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo. É possível que essa descrição tivesse sido válida para cada um dos líderes da igreja apostólica. Mas, depois de relatar a maneira como resolveram o problema da murmuração dos helenistas e mostrar a nomeação dos diáconos como medida adequada para a organização da igreja, deseja destacar o lado espiritual desses homens, demonstrando que as características buscadas neles realmente faziam parte da vida de cada um deles. Um homem cheio do Espírito e cheio de sabedoria tinha que estar também cheio de graça e poder. Prodígios e sinais eram consequência natural de uma vida sob a completa direção do Espírito.

Havia outro aspecto que os líderes da nascente igreja cristã experimentavam de forma cada vez mais frequente: oposição agressiva. No caso de Estêvão, os agressores eram um grupo de homens procedentes de vários lugares, judeus da diáspora, radicados em Jerusalém, evidentemente membros de sinagogas para judeus gregos, existentes em Jerusalém. É bom lembrar que, se houvesse uma reunião de dez homens interessados em ter uma sinagoga, eles tinham o direito de fundá-la. Segundo uma tradição, naquela época, havia 480 sinagogas em Jerusalém. Alguns pensam que é uma quantidade exagerada, mas certamente havia muitas. Entre elas, algumas destinadas aos judeus gregos.

Embora fosse judeu de nascimento, Estêvão falava grego e pregou nas sinagogas gregas. Os judeus gregos, especialmente os que procediam dos lugares mencionados por Lucas, eram muito cultos. Tinham o melhor do conhecimento cultural grego: filosofia, história, literatura, e o que de mais sólido existia na cultura hebraica: a lei, os profetas, os salmos, juntamente com os ensinamentos dos

mais destacados rabinos do período intertestamentário (cerca de 430 a.C. a 27 d.C.). Pelo que se pode observar, Estevão estava à altura deles e até os sobrepujava, o que não era pouco.

A princípio, alguns o subestimaram. Como não fazer isso? Eles procediam dos mais importantes centros culturais da época.

Os libertos, certamente procediam de Roma. Deviam ser descendentes dos judeus levados cativos por Pompeu, no ano 63 a.C., para Roma, e que mais tarde foram libertados.

Os de Cirene, procediam do norte da África, onde havia numerosa colônia judaica. Seus integrantes eram ricos e generosos. Enviavam abundantes donativos para o templo de Jerusalém e há registros de uma ocasião em que apelaram a Cesar Augusto por causa de um desentendimento com o governador da província, que procurou interceptar essas doações. Simão cireneu, que carregou a cruz de Jesus, pertencia também a essa colônia (Mt 27:32).

Os de Alexandria constituíam o terceiro grupo de judeus, o mais importante em número e influência, depois de Jerusalém e Roma. No período apostólico, habitavam ali aproximadamente cem mil judeus e tinham seu próprio governo, um etnarca, que exercia funções administrativas e judiciárias sobre um grupo étnico comum, como se fosse uma república autônoma. Foi nessa cidade que os judeus eruditos fizeram a tradução do Antigo Testamento – do hebraico para o grego, conhecida como a Septuaginta ou Versão dos Setenta (século 3 ou século 2 a.C.), o que pressupõe conhecimento profundo das culturas hebraica e grega.

Os da Cilícia, sudeste da Ásia Menor, terra onde nasceu o apóstolo Paulo, eram descendentes das duas mil famílias de judeus que Antíoco o Grande (242-187 a.C) havia levado para lá a fim de assegurar lealdade a essa província. Paulo deve ter feito parte desse grupo, pois estava presente no apedrejamento de Estêvão no fim do debate.

Pensaram que seria fácil vencer Estêvão em um debate público, mas se equivocaram. “Não podiam resistir à sabedoria”, diz Lucas, “e ao Espírito, pelo qual ele falava” (v. 10, ARA). A presença do Espírito tornou sua argumentação mais ágil e seu conhecimento recebeu uma força persuasiva que a mera repetição de informações

jamais teria conseguido. Seus inimigos sentiram como as pessoas respondiam positivamente a seus argumentos e, por isso, o odiaram.

A intriga (v. 11, 12a)

Não podendo neutralizar suas convicções, prepararam uma intriga contra ele. Subornaram falsas testemunhas.

“Temos ouvido este homem proferir blasfêmias contra Moisés e contra Deus”, disseram as testemunhas (v. 11, ARA).

Não satisfeitos com isso, tomaram outra atitude, muito eficaz naquele tempo e hoje. Agitaram os ânimos do povo, dos anciãos, dos escribas, e armaram um alvoroço que parecia espontâneo, mas não era. Nenhum motim surge por si só, nem as multidões se juntam por decisão voluntária. Sempre há, por trás delas, um grupo incitador que as convoca, organiza e lidera. Esse grupo atua dissimuladamente e é sempre uma força que provoca divisão, confusão, violência e desordem. Foi o que aconteceu a Estêvão. Seus inimigos, juntamente com a multidão, estavam prontos para levar adiante seus planos assassinos.

Acusação perante o Sinédrio (v. 12b-15)

Arrebataram a Estêvão e o levaram até o Sinédrio. Ele, manso e tranquilo, como é próprio de uma pessoa santa, não ofereceu nenhuma resistência. Para quê? Como seguidor de Jesus, fez o que Jesus teria feito nessas circunstâncias. Ele também não demonstrou resistência quando O prenderam no jardim. Na verdade, ajudou Seus captores. Seguiu com humildade todo o processo até a cruz, e ali, voluntariamente, entregou a vida pelos pecadores. Para Ele, a vida dos pecadores era mais importante que a Sua, pela simples razão de que estes a estavam perdendo, e Ele não; mesmo indo para a morte.

A essa altura dos acontecimentos, o que sabia Estêvão sobre o desfecho de morte que, no fim, o aguardava com a fúria de seus inimigos? Não sabemos. Porém, sabemos uma coisa, mais importante ainda que tal desfecho: ele não estava na missão para defender a si mesmo nem por alguma vantagem pessoal. Participava dela por

Jesus e pelos que, como ele, necessitavam do evangelho para se salvar. Nada mais lhe importava, nem a própria vida porque, mesmo morrendo, sua salvação não corria risco.

“Este homem”, disseram as falsas testemunhas ao Sinédrio, “não cessa de falar contra o lugar santo e contra a lei; porque o temos ouvido dizer que esse Jesus, o Nazareno, destruirá este lugar e mudará os costumes que Moisés nos deu” (v. 13, 14, ARA).

Grave acusação. Mas haviam reduzido muito a acusação que deviam apresentar, conforme combinaram com os inimigos de Estêvão. Deviam acusá-lo de blasfêmia contra Moisés e contra Deus, nessa ordem: de menor para maior importância. Como que aumentando sua falta para causar maior impacto entre os membros do concílio. Em lugar de Moisés e Deus, mencionaram o templo, a lei e os costumes. Uma blasfêmia menor.

Por que reduziram a suposta blasfêmia de Estêvão? Primeiro, porque sabiam que ele, na realidade, não havia dito nenhuma blasfêmia. Segundo, porque, para os inimigos de Estêvão, as duas acusações eram a mesma coisa. O que precisavam era uma acusação formal para submetê-lo a julgamento. A sentença final, esperavam, seria a mesma: culpado, deve morrer.

Estêvão permanecia tranquilo. Sem medo, sem angústia, sem incerteza. Os olhos de todos os membros do concílio se fixaram nele. Pela acusação e pela própria atitude do acusado. O impacto de sua postura e de sua calma foi profundo.

“Viram o seu rosto como se fosse rosto de anjo” (v. 15, ARA). Iluminado com uma luz muito brilhante que não feria, mas comovia. Estremeceram. Desviaram dele o rosto para não se deixar influenciar por uma convicção que rejeitavam. Deram lugar à ação de sua obstinada incredulidade e permitiram que seus julgamentos agressivos controlassem a vontade de todos eles. Preferiram que Estêvão começasse sua defesa, sem maiores comentários, para que tudo acabasse rapidamente. Não conseguiram. Estêvão se estendeu no tempo com uma defesa completa e contundente. Parecia mais o julgamento de todos os membros do concílio que sua própria defesa.

Defesa de Estêvão (At 7:1-53)

O sumo sacerdote entregou a palavra a Estêvão com uma simples pergunta: “São verdadeiras estas acusações?” (v. 1, NVI).

A resposta, de acordo com o tamanho da pergunta, poderia ter sido sim ou não. Mas Estêvão não tinha a menor intenção de ser breve, conforme a má consciência que seus juízes impunham a eles mesmos. Ele não tinha má consciência de nada. Por que ter pressa? Além disso, teria ele outra oportunidade para anunciar o evangelho ao Sinédrio, cujos membros tinham tanta necessidade de ouvir como qualquer outra pessoa que, entre todos os judeus gregos, o havia escutado? Certamente, não.

Por isso, ignorou a pergunta do sumo sacerdote e pronunciou um discurso extraordinário. Sua própria defesa? Sim. Além disso, foi a defesa de Jesus e do cristianismo. Era seu último discurso. Acaso, sabia disso? Não precisava saber. Na verdade, todo pregador deve pregar como se fosse a última oportunidade. Sendo assim, não seria melhor? Não estariam todos centralizados em Cristo? Não falaria apenas o essencial, deixando de lado o irreal e vulgar, por ser irreal e vulgar?

Foi um discurso histórico. A história do povo de Deus é o registro das relações recíprocas entre Deus e Seu povo. O que Deus fez por eles através dos tempos e a reação de Seus filhos para com Ele. Estêvão lembrou a história da nação para mostrar que Jesus era o profeta prometido por Deus, por intermédio de Moisés, a quem a nação recebeu de forma rebelde. A mesma rebeldia de sempre, pela qual venderam a José, rejeitaram a Moisés, mataram os profetas, não creram em Jesus e, conseqüentemente, mataram o Messias.

Introdução: respeito e súplica At (v. 2a). Estêvão começou com uma saudação cordial, cortês e muito respeitosa: “Irmãos e pais, ouçam-me!” (v. 2, NVI).

Essa frase curta significou: “Tenho algo para lhes dizer. Está em minha mente como uma convicção sólida, profundamente enraizada. Mais que uma convicção, é uma crença baseada na revelação divina, que guardo dentro de mim e devo compartilhar com vocês. Ouçam. Por favor, considerem o que vou lhes dizer, tenham boa vontade, procurem compreender e aceitar.”

Abraão: promessa e pacto (v. 2b-8). “O Deus da glória”, continuou dizendo Estêvão, “o Deus que sempre tem Se manifestado a nós, em glória, com poder superior a todos os poderes, com força maior que todas as forças, com grandiosidade tão magnífica que tudo o que é magnífico entre nós não significa nada; esse Deus apareceu a nosso pai Abraão, quando ainda estava na Mesopotâmia, antes de habitar em Harã, e disse-lhe: ‘Sai da tua terra e da tua parentela e vem para a terra que Eu te mostrarei.’”

Os membros do Sinédrio concordaram. Ninguém falou nada. O início da história que Estêvão começava a apresentar não trazia nenhuma dificuldade à mente deles. Pelo contrário, tiveram uma sensação de contentamento, pois a súplica inicial de Estêvão, conforme imaginavam, podia ser atendida sem muita dificuldade. Então, continuou Estêvão: “Abraão saiu da terra dos caldeus e foi habitar em Harã. E dali, com a morte de seu pai, Deus o trouxe para esta terra em que vós agora habitais” (v. 4, ARA).

Tudo era detalhadamente correto. Os austeros membros do concílio ouviam em silêncio, com certa sensação de alívio e satisfação.

“Mas Deus não deu herança a Abraão nesta terra”, continuou Estêvão. “Somente a promessa.”

Prometeu dá-la como posse a ele e à sua descendência, embora Abraão não tivesse nenhum filho ainda. A promessa da terra foi muito grande. Incluía um filho, filhos desse filho, filhos desses filhos, uma multidão de filhos; tantos quantos pudessem formar uma nação, como a que eles, os ouvintes de Estêvão, lideravam na terra prometida e fora dela, em todos os lugares importantes da Terra. O que significava a escassez de terra, sofrida por Abraão, ao ponto de não ter tido nem espaço para colocar o pé, se eles, seus descendentes, eram donos da terra, como Deus havia prometido? Sentiram, nesse momento, como muitas vezes em sua vida, uma orgulhosa sensação de contentamento. Descendentes de Abraão. Filhos da Promessa. Donos da herança de Jeová. O que mais podiam pedir?

Mas Estêvão não os deixou se perderem no pequeno paraíso mental de seu egoísmo. Ele os fez relembrar que os filhos de Abraão nem sempre possuíram a terra prometida.

Deus disse a Abraão, prosseguiu ele: “Seus descendentes serão peregrinos numa terra estrangeira, e serão escravizados e maltratados por quatrocentos anos” (v. 6, NVI).

Entretanto, novamente a promessa: “Julgarei a nação da qual forem escravos; e, depois disto, sairão daí e Me servirão neste lugar” (v. 7, ARA).

À promessa da terra e da descendência somou-se a promessa da liberdade. Um grande povo, possuidor de sua própria terra e livre para adorar a Deus, servi-Lo seguindo Sua divina vontade em todas as coisas. Com isso, mostraria ao mundo a grandeza desse Deus que cumpre Suas promessas e torna grandes Seus fiéis, com a mesma grandeza de Sua bênção.

Deus deu a aliança da circuncisão ao povo da promessa, possuidor da terra, livre – continuou Estêvão – e assim Abraão gerou a Isaque e o circuncidou ao oitavo dia. Isaque gerou a Jacó e Jacó gerou os doze patriarcas. Dessa forma, começou o ciclo da aliança que continuou se repetindo de geração em geração para formar o povo da aliança, herdeiro das promessas. Entre essas, a promessa do Messias era a maior, maior ainda que a promessa da terra e a promessa da liberdade, porque, no Messias, todas as promessas se fariam plena realidade, para sempre.

José: vendido para salvar (v. 9-19). Mas, na conduta dos doze patriarcas começou uma estranha tradição de atos negativos que o povo da aliança jamais deveria ter tido.

“Os patriarcas”, disse Estêvão, “invejosos de José, venderam-no para o Egito” (v. 9a, ARA).

Inveja, sentimento passional que dá origem à cobiça injusta de qualidades ou coisas alheias, levou os filhos de Jacó a praticarem uma série de atos irracionais e absurdos que provocaram a ausência de José entre eles, e o afastaram de sua família, como se estivesse morto.

“Mas Deus”, continuou Estêvão, “estava com ele e o livrou de todas as suas aflições, concedendo-lhe também graça e sabedoria perante Faraó, rei do Egito, que o constituiu governador daquela nação e de toda a casa real” (v. 9b, 10, ARA).

Seus irmãos o venderam desejando que ele desaparecesse para sempre, e eles não tiveram nada que ver com José. Não foi assim. A presença de Deus junto a uma pessoa modifica para o bem todas as coisas más que lhe ocorrem. E o bem que Deus lhe faz, além de protegê-la, ajuda a todos os que a rodeiam, incluindo os que lhe fazem mal.

“Sobreveio, porém, fome em todo o Egito; e, em Canaã, houve grande tribulação”, continuou Estêvão, “e nossos pais não achavam mantimentos. Mas, tendo ouvido Jacó que no Egito havia trigo, enviou, pela primeira vez, os nossos pais” (v. 11, 12, ARA).

Na segunda vez, José se deu a conhecer a seus irmãos e Faraó se inteirou sobre a origem de José. Em seguida, mandou chamar Jacó, seu pai, e toda a sua família, num total de 75 pessoas. Quando seus irmãos o venderam, pensavam somente em si mesmos e nos desgostos que lhes causava a situação privilegiada de José, diante de seu pai. Não sabiam que o estavam vendendo para a salvação de muitos.

“Então”, prosseguiu Estêvão, “Jacó desceu ao Egito, onde faleceram ele e os nossos antepassados. Seus corpos foram levados de volta a Siquém e colocados no túmulo que Abraão havia comprado ali dos filhos de Hamor, por certa quantia. Ao se aproximar o tempo em que Deus cumpriria Sua promessa a Abraão, aumentou muito o número do nosso povo no Egito. Então outro rei, que nada sabia a respeito de José, passou a governar o Egito. Ele agiu traiçoeiramente para com o nosso povo e oprimiu os nossos antepassados, obrigando-os a abandonar os seus recém-nascidos, para que não sobrevivessem” (v. 15-19, NVI)

Moisés: rejeitado pelos filhos cativos de Israel (v. 20-29). “Naquele tempo”, continuou Estêvão, “nasceu Moisés, que era um menino extraordinário. Por três meses ele foi criado na casa de seu pai. Quando foi abandonado, a filha de Faraó o tomou e o criou como seu próprio filho. Moisés foi educado em toda a sabedoria dos egípcios e veio a ser poderoso em palavras e obras. Ao completar quarenta anos, Moisés decidiu visitar seus irmãos israelitas. Ao ver um deles sendo maltratado por um egípcio, saiu em defesa do oprimido

e o vingou, matando o egípcio. Ele pensava que seus irmãos compreenderiam que Deus o estava usando para salvá-los, mas eles não o compreenderam” (v. 20-25, NVI).

No dia seguinte, quando procurou fazer a paz entre dois de seus irmãos que brigavam, dizendo-lhes: “Vocês são irmãos, por que se maltratam?”, e o agressor lhe disse: “Quem o nomeou líder e juiz sobre nós? Quer matar-me como matou o egípcio ontem?”, sentiu a rejeição de seus irmãos. Com tristeza a sentiu. A morte do egípcio poderia acarretar-lhe más consequências se eles o denunciassem. Fugiu para Mídia, onde viveu como estrangeiro, casou-se e teve dois filhos.

Moisés: enviado por Deus (v. 30-34). Passados quarenta anos, esquecido já de tudo o que havia acontecido, como se tivesse sido abandonado pelo povo e pela vida, vivia no deserto unicamente para sua família e seu rebanho. Tinha oitenta anos.

“Certo dia, cuidando de suas ovelhas”, disse Estêvão, “apareceu-lhe, no deserto do monte Sinai, um anjo, por entre as chamas de uma sarça que ardia” (v. 30, ARA).

Moisés, maravilhado, se aproximou para observar o fenômeno e ouviu: “Eu sou o Deus dos teus pais, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó” (v. 32, ARA)

O Deus da aliança estava com ele. Não o havia abandonado. Pelo contrário, o estava chamando. O homem rejeitado por seus irmãos era agradável aos olhos de Deus. Útil. Moisés estremeceu. Não se atrevia nem a olhar para o fogo.

“Tira a sandália dos pés”, continuou Deus, “porque o lugar em que estás é terra santa” (v. 33, ARA).

Moisés obedeceu. Na silenciosa solidão do deserto, havia aprendido que não se deve ignorar as visões de fogo; nem se deve deixar de ouvir a voz de quem quer que seja, muito menos de Deus.

“De fato, tenho visto a opressão sobre o Meu povo no Egito. Ouvei seus gemidos e desci para livrá-lo” (v. 34, NVI).

Deus estava decidido a atuar para cumprir Sua aliança e proteger Seu povo, embora, em sua rebeldia natural, este houvesse abandonado José e rejeitado a Moisés.

“Vem agora”, acrescentou o Senhor, “e Eu te enviarei ao Egito.” Não se preocupe pelo que eles fizeram antes com você. Será Meu enviado e eles o ouvirão.

Moisés: rejeitado pelo povo livre (v. 35-43). Estêvão fez uma pausa. Seu breve silêncio se fez notar por toda a sala e cada membro do Sinédrio sentiu o peso de seu pensamento. Queria reforçar algo e, com solene serenidade, o fez.

“A este Moisés”, disse, “a quem negaram reconhecer, dizendo: Quem te constituiu autoridade e juiz? A este enviou Deus como chefe e libertador” (v. 35, ARA)

Deus o enviou com o poder do Anjo que lhe apareceu na sarça. Superior ao fogo. Mais intenso que a chama. Divino. O poder divino supera todos os poderes, incluindo todo o poder do Egito. O contraste entre Deus e o povo, com respeito a Moisés, descrito por Estêvão, foi tão forte que não passou despercebido pelo seu auditório. Estêvão passou por todos os detalhes da libertação e continuou com os resultados do poder que Moisés recebeu de Deus.

“Ele os tirou de lá”, disse, “fazendo maravilhas e sinais no Egito” (v. 36, NVI).

Fez no Egito, no Mar Vermelho e no deserto, por quarenta anos.

Nesse momento, Estêvão concentrou seu pensamento na importância fundamental que Moisés significava para a nação israelita, como nação e como povo de Deus. Apresentou-lhes as profecias sobre o Messias, deu-lhes a lei e comunicou-lhes palavras de vida.

“Este é aquele Moisés”, prosseguiu, “que disse aos Israelitas: ‘Deus lhes levantará dentre seus irmãos um profeta como eu’, a Ele ouvireis” (v. 37, NVI).

“Esse era o profeta que toda a nação estava esperando por mais de quinze séculos, sobre o qual haviam construído todas as suas esperanças. O Messias. Como o próprio Moisés que, depois de haver estado com o povo de Deus no deserto, e dialogado com o Anjo, no Monte Sinai recebeu a lei para transmiti-la a nossos pais. Foi também ele que recebeu as palavras de vida para nos transmitir.”

Como não dar a Moisés o devido respeito? É verdade que ele havia sido rejeitado no Egito pelo povo escravo, ignorante e espiri-

tualmente degradado, após centenas de anos de escravidão. Mas, e quanto ao povo livre, com nova visão, novas esperanças e nova identidade? A mesma semente má, que havia atuado nos irmãos de José e no povo escravo, havia também atuado no povo livre.

“A quem nossos pais não quiseram obedecer”, continuou dizendo Estêvão, “antes, o repeliram e, no seu coração, voltaram para o Egito, dizendo a Arão: Faze-nos deuses que vão adiante de nós; porque, quanto a este Moisés, que nos tirou da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu” (v. 39, 40, ARA).

Fizeram um ídolo em forma de bezerro. Ofereceram-lhe sacrifícios e promoveram uma grande festa em honra à obra de suas mãos.

Deixando de falar sobre a rejeição a Deus na história de Israel, desde Abraão até Moisés, Estêvão resume a rejeição de Israel durante o restante da história da nação em alguns poucos parágrafos. Primeiro, disse-lhes que Deus Se afastou deles e os deixou livres para renderem culto aos astros.

Em seguida, juntamente com os profetas, Deus pergunta: “Foi a Mim que vocês apresentaram sacrifícios e ofertas durante os quarenta anos no deserto, ó nação de Israel? Não. Vocês não o fizeram naquela ocasião nem depois” (v. 42, NVI).

Pelo contrário, continua Estêvão, citando o profeta Amós: “Acaso, não levantastes o tabernáculo de Moloque e a estrela do deus Renfã, figuras que fizestes para as adorar?” (Am 5:25-27, NVI).

“Portanto”, diz Deus, “Eu os enviarei para o exílio, para além de Babilônia” (v. 43, NVI).

O povo havia rejeitado a José, Moisés e também a Deus. De forma indireta, pela desobediência a Moisés; e de forma direta, adotando a adoração de astros e ídolos pagãos em lugar de adorar somente a Deus.

Santuário-templo: endeusado pelo povo (v. 44-50). Mas rejeitavam a Deus de maneira mais sutil e muito mais sofisticada, ao ponto de parecerem mais fiéis e zelosos em seu serviço a Ele. Haviam transformado o templo, morada simbólica de Deus, num lugar tão sagrado como Deus e demonstravam maior respeito para com ele do que para com o próprio Deus. Estêvão não diz, de forma direta, que

eles endeusaram o templo, mas a implicação é tão forte como a acusação de blasfêmia contra o templo que, diante do concílio, pesava contra ele. Tudo o que fez foi descrever a história do templo, desde a construção do tabernáculo do testemunho, por ordem divina, até a construção do templo feito por Salomão.

“No deserto, nossos antepassados tinham o tabernáculo da aliança”, disse Estêvão, “que fora feito segundo a ordem de Deus a Moisés, de acordo com o modelo que ele tinha visto. Tendo recebido o tabernáculo, nossos antepassados o levaram, sob a liderança de Josué, quando tomaram a terra das nações que Deus expulsou de diante deles. Esse tabernáculo permaneceu nesta terra até a época de Davi, que encontrou graça diante de Deus e pediu que Ele lhe permitisse providenciar uma habitação para o Deus de Jacó. Mas foi Salomão quem Lhe construiu a casa” (v. 44-47, NVI).

Até aqui, a história do templo. Breve, objetiva, direta. A relação entre o templo e Deus parece manter sua perspectiva correta, sem nenhuma menção a qualquer sentimento especial com respeito ao templo. Mas, a partir desse momento, Estêvão criou as condições para que os próprios membros do Sinédrio dissessem, com sua própria reação, o que ele não estava dizendo em palavras.

“Entretanto”, acrescentou, “não habita o Altíssimo em casas feitas por mãos humanas” (v. 48, ARA).

E, para que ninguém o acusasse de estar apresentando argumento falso, citou o profeta Isaías: “Assim diz o Senhor: O Céu é o Meu trono, e a Terra, o estrado dos Meus pés. Que espécie de casa vocês Me edificarão? É este o Meu lugar de descanso? Não foram as Minhas mãos que fizeram todas essas coisas?” (Is 66:1, 2, NVI).

A reação de seus ouvintes foi tumultuada. O sumo sacerdote rasgou sua túnica e o nervosismo de todos os membros do Sinédrio demonstrou a Estêvão que seu discurso, embora estivesse apenas na metade, havia chegado ao fim e que sua sorte estava lançada.

Conclusão: vocês sempre resistem (v. 51-53). Agilizou suas palavras e lhes disse, de forma direta, o que com muita cortesia esteve dizendo durante todo o discurso. “Homens de dura cerviz”, disse-lhes, “e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis

ao Espírito Santo; assim como fizeram vosso pais, também vós o fazeis. Qual dos profetas vossos pais não perseguiram? Eles mataram os que anteriormente anunciavam a vinda do Justo, do qual agora vos tornastes traidores e assassinos, vós que recebestes a lei por ministério de anjos e não a guardastes” (v. 51-53, ARA)

A rejeição a Jesus ocorreu porque rejeitaram o Espírito Santo. Se tivessem permitido que o Espírito Santo trabalhasse em seu coração, teriam aceitado a Jesus. Mas, para eles, o templo, a lei e os costumes eram mais importantes que Jesus Cristo. Dessa forma, podiam expressar a formalidade fria de sua religião, mais apreciada por eles que a espiritualidade desejada por Deus na vida dos obedientes à lei, adoradores no templo e observadores dos bons costumes revelados por Deus.

A verdadeira religião cristã não se constitui apenas de formas, sem espiritualidade, nem espiritualidade informal sem obediência; é uma relação espiritual com Cristo, honesta, sincera e obediente, que dá origem a uma relação da mesma qualidade com o semelhante, expressada em atos de amor e serviço.

Os filhos de Israel rejeitaram a José, vendendo-o. Como nação escrava, rejeitaram a Moisés, desconhecendo sua autoridade divina; como nação livre, desobedecendo a suas leis. Rejeitaram a Deus com sua idolatria, não aceitando a religião que Ele lhes revelou, somente para manter uma religião criada pelos seres humanos, sem a aprovação divina. E rejeitaram a Jesus vendendo-O por trinta moedas de prata, não aceitando Sua autoridade divina, desobedecendo a Suas leis e rejeitando Sua religião de amor, dando preferência a uma religião egoísta e formal, de feitura puramente humana, embora, na aparência, conservassem a religião revelada por Deus. A verdadeira religião que eles pensavam possuir ficou claramente visível na reação demonstrada por eles diante do discurso de Estêvão.

Apedrejamento (v. 54-60)

Ira. Ódio. Vingança. Eles possuíam uma religião que nem sequer os ajudava a controlar-se a si mesmos.

Ao ouvir as últimas palavras de Estêvão, “ficaram furiosos e rangeram os dentes contra ele”, diz Lucas (v. 54, NVI).

E o enorme contraste da religião cristã, demonstrada por Estêvão, torna-se visível.

“Mas Estêvão”, acrescenta Lucas com a certeza de alguém que conhecia pessoalmente essa reação, “cheio do Espírito Santo, levantou os olhos para o Céu e viu a glória de Deus, e Jesus em pé, à direita de Deus” (v. 55, NVI).

Uma atitude que mostra a própria raiz de sua fé. A violência de seus inimigos não o afetou. Não se sentiu pessoalmente ferido em seus sentimentos. Não porque fosse insensível, mas porque não estava pensando em sua própria pessoa. Não se sentiu desvalorizado, pois pensava unicamente no que Jesus significava para ele. Não sentiu a violência de seus inimigos, com a perigosa ação assassina que isso gera, porque não considerava ninguém como inimigo seu, e seu olhar não se detinha nas coisas vis deste mundo, mas estava fixo no Céu, na glória de Deus e na verdadeira posição de Jesus junto a Deus, como Deus e acima de todas as coisas.

“Eis que vejo os Céus abertos”, disse com santa serenidade, “e o Filho do Homem, em pé à destra de Deus” (v. 56, ARA).

Diante dessas palavras, seus inimigos não puderam se conter. Tinham o coração fervilhando ódio e rancor. Gritaram em alta voz. Taparam os ouvidos com as mãos para não ouvir o que Estêvão dizia. E todos, de uma vez, lançaram-se contra ele, como faminta matilha que unicamente vê sua presa, sem se importar com as consequências. Com violência, o levaram para fora da cidade e o apedrejaram. Suas roupas ficaram aos cuidados do jovem Saulo que, como helenista de Tarso, na Cilícia, pertencia ao grupo que o havia levado perante o Sinédrio, acusando-o de blasfêmia (At 6:9).

“Enquanto apedrejavam Estêvão”, diz Lucas, “este orava: Senhor Jesus, recebe o meu espírito” (v. 59, NVI). Lucas acrescenta: “Então caiu de joelhos e bradou: Senhor, não os consideres culpados deste pecado” (v. 60, ARA). Eles o mataram.

É verdade que o tribunal não havia dado uma sentença formal, condenando-o à morte. Não tinha atribuição para isso. Uma sentença de morte podia ser emitida unicamente pela autoridade romana. A autoridade do Sinédrio era limitada e a sentença de morte lhe

era definitivamente proibida. Por isso não determinaram a sentença legal, mas o mataram. Cometeram um assassinato popular. Como resolveram esse problema perante a autoridade romana? O costume era o suborno. Subornar a autoridade romana com muito dinheiro para que o caso não fosse investigado. E não foi.

A morte de Estêvão foi uma prova muito dura para a igreja. Diácono eficiente. Pregador eloquente. Defensor invencível. Líder espiritual; verdadeiro homem de Deus. Tudo perdido. Já não estava mais na igreja para servi-la. Mas sua influência não havia morrido. Os que viram a presença de Deus em seu rosto iluminado, atitude firme, palavras de perdão, tranquila partida para a morte, guardaram essa imagem, muito rara nos mortais, e sentiram sua avassaladora influência que atraía para Jesus. Um deles era Saulo. Fizeram-no membro do Sinédrio como prêmio pelo zelo demonstrado na perseguição e morte de Estêvão. Continuou perseguindo os cristãos e lhes causando muitos danos. Mas, rapidamente, o zelo criminoso que ardia em suas entranhas contra os cristãos se tornaria em zelo missionário e ninguém melhor que ele para preencher o lugar vazio deixado por Estêvão, para pregar aos judeus helenistas e, depois, aos gentios do todo o Império.

Mas ainda não havia chegado o tempo de Paulo. Lucas avança um pouco mais na história da igreja cristã apostólica e seu progresso missionário para a conquista do mundo inteiro. Até aqui contou como a missão em Jerusalém foi realizada. Continuando, segue para a Judeia e Samaria, sem se desligar totalmente de Jerusalém.



3

Judeia e Samaria

Era o ano 34 d.C. Três anos e meio já se haviam passado desde a ascensão de Jesus, período de intensa atividade missionária em Jerusalém. O Espírito Santo inspirava o trabalho, outorgando poder espiritual necessário para que a obra tivesse grande êxito. E realmente foi assim. Os discípulos encheram Jerusalém com sua doutrina (At 5:28), e aos conversos, que no início eram milhares, foram acrescentados mais três mil no dia de Pentecostes (At 2:41), chegando a cinco mil após o sermão de Pedro na porta de Salomão (At 4:4). Então, já não podiam ser contados porque o Senhor acrescentava cada dia, à igreja, os que iam sendo salvos (At 5:14; 2:47). O número de crentes crescia tanto em Jerusalém que até muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé (At 6:7).

Mesmo que o Sinédrio tivesse criado problemas para a pregação, além de aprisionar os apóstolos e proibir-lhes que falassem a respeito de Jesus, pode-se dizer que o ambiente era propício e o êxito revigorante, a ponto de produzir nos crentes uma perigosa sensação de contentamento que poderia dificultar o progresso missionário na Judeia, Samaria e em todo o mundo.

Era necessário que se dispersassem. Deviam ter feito um planejamento para isso, mas não o fizeram. Deus permitiu a intervenção de outro fator, muito desagradável, mas eficiente: a perseguição. E os cristãos foram dispersos pela Judeia e Samaria (At 8:1-11:18).

Perseguição em Jerusalém (At 8:1-4)

Tudo começou com a morte de Estêvão. Anteriormente, o Sinédrio havia criado dificuldades para os dirigentes e apóstolos. Mas alguns fatores existentes na ocasião estimularam a animosidade e a violência contra todos os cristãos de Jerusalém.

Mudança de tática (v. 1)

A perseguição aos dirigentes da igreja não tinha produzido resultado. Eles eram muito eloquentes, sabiam argumentar muito bem, e sempre que eram levados perante o Sinédrio, colocavam as autoridades em dificuldades. Assim, impedidas de condená-los, tinham que libertá-los, e eles saíam a pregar com maior poder e aceitação. Na realidade, a oposição dos dirigentes religiosos de Israel aos líderes cristãos os estava transformando em heróis espirituais e o povo os seguia mais e mais. O que fazer? Decidiram deixar os dirigentes tranquilos e perseguir os membros da igreja. A nova tática começou no mesmo dia em que mataram Estêvão.

“Naquele dia, levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém; e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judeia e Samaria” (v. 1, ARA).

O sepultamento de Estêvão (v. 2)

Estêvão havia sido apedrejado sob acusação de ter blasfemado. Conforme o Talmude, não tinha direito aos rituais de uma cerimônia normal de sepultamento. Mas Lucas diz: “Alguns homens piedosos sepultaram Estêvão e fizeram grande pranto sobre ele” (v. 2, ARA).

Dois assuntos traziam preocupação para os dirigentes da nação: (1) O próprio fato do pranto, com grande lamentação, que mostrava o grau de aceitação de que Estêvão desfrutava e, ao mesmo tempo, a intensidade com a qual rejeitavam o ato cometido contra ele. O sepultamento, com todas as honras, era um ato de protesto contra os líderes judeus e eles ficaram muito irritados. (2) Os que protestaram não eram cristãos; eram piedosos, devotos, pessoas inclinadas ao judaísmo (At 17:4), quase prosélitos, embora não totalmente convertidos ao judaísmo. Pertenciam ao grupo de pessoas cuja cultura os

judeus helenistas haviam aceitado, e por quem Estêvão havia trabalhado. Sua simpatia por Estêvão, corajosamente demonstrada ao sepultá-lo, devia ser castigada, e a melhor maneira que os dirigentes judeus encontraram foi a perseguição a todos os cristãos, incluindo os simpatizantes. A paixão religiosa costuma ser mais intensa que a paixão amorosa. Faz com que suas vítimas se tornem fanáticas e agressivas. Frequentemente, criminosas e assassinas.

A excessiva paixão de Saulo (v. 3, 4)

Ocupar-se unicamente dos doze apóstolos era muito pouco. Seu zelo excessivo era mais intenso e mais abrangente. Não perdoou a ninguém: “Saulo, por sua vez, devastava a igreja. Indo de casa em casa”, diz Lucas, “arrastava homens e mulheres e os lançava na prisão” (v. 3, NVI).

O estrago que fazia era uma destruição contínua, sem pausa; invadia todas as casas sem cessar, em ritmo interminável. Saulo perseguia sem piedade, até a morte. Ele mesmo, quando falou à multidão em Jerusalém, explicou: “Persegui este Caminho até à morte, prendendo e metendo em cárceres homens e mulheres, de que são testemunhas o sumo sacerdote e todos os anciãos. Destes, recebi cartas para os irmãos; e ia para Damasco, no propósito de trazer manietados para Jerusalém, para serem punidos” (At 22:4, 5, ARA).

Tamanha paixão perseguidora podia somente incitar uma perseguição que abrangesse todos os crentes, sem exceção. E assim ocorreu. Mas os perseguidores não sabiam que sua obra, terrível para os cristãos perseguidos, era favorável à missão. Lucas escreveu: “Os que haviam sido dispersos pregavam a palavra por onde quer que fossem” (v. 4, NVI).

Não era uma pregação formal, como a de um pregador profissional. Era como alguém contando uma história. Apresentavam tudo o que Antigo Testamento dizia a respeito de Jesus e contavam as histórias sobre Ele conforme haviam ouvido dos apóstolos. Assim, a igreja, na etapa seguinte de seu trabalho, período de mais ou menos dez anos (34-44 d.C.), pregou aos habitantes da Judeia e Samaria através de seus membros e por meio dos pregadores que anuncia-

vam a Palavra, avançando um passo a mais no território que Jesus lhes havia indicado: Jerusalém, Judeia, Samaria e todo o mundo.

Samaria: viagens missionárias de Filipe (At 8:5-40)

Filipe, o segundo dos sete, cuja obra é descrita por Lucas, foi um dos muitos cristãos perseguidos em Jerusalém. Teve que fugir da cidade. Mas a fuga desses perseguidos cristãos não era como a de quem fugia por causa de uma guerra, escondendo-se de seus inimigos, lutando para salvar a própria vida. Eles saíram de Jerusalém para salvar a vida dos pecadores. Eram perseguidos porque pregavam, e foram pregar em outro lugar.

Um dos bons lugares para se cumprir essa tarefa era Samaria. Era bom por duas razões: (1) A ordem de Jesus: quando estava para ascender ao Céu, de retorno ao Pai, disse-lhes que deviam testemunhar em Samaria. (2) A boa acolhida que recebiam ali.

Paradoxalmente, embora os samaritanos desprezassem os judeus, todos os judeus cristãos eram bem recebidos por eles. A razão estava nas duas visitas que Jesus fez a Samaria durante Seu ministério público. A primeira foi quando Se encontrou com a samaritana junto ao poço de Jacó, na cidade de Sicar, e muitos samaritanos creram nEle, diz João, aceitando-O como Salvador do mundo e Messias (Jo 4:5, 7, 39, 42). A segunda visita ocorreu depois que Jesus saiu definitivamente da Galileia, com destino a Jerusalém, onde tinha que encerrar Sua obra redentora. Ao Se aproximar de uma aldeia samaritana, enviou mensageiros a fim de realizar os preparativos para a visita que Ele planejava fazer-lhes. Mas aqueles samaritanos não quiseram recebê-Lo, porque Seu destino era Jerusalém (Lc 9:52, 53). O ódio racial era intenso. Jesus não forçou a visita, mas depois retornou, com nova tática. Enviou os setenta, de dois em dois, para que visitassem cidades e aldeias, adiante dEle. Jesus chegava em cada lugar, depois deles, e a recepção era excelente. Quando os setenta concluíram sua missão, sem saber que Jesus havia seguido seus passos, regressaram com alegria, diz Lucas (Lc 10:17). A atitude dos samaritanos havia mudado. Tornara-se muito favorável para Jesus, que permaneceu em Samaria todo o outono e parte do inverno do ano 30 d.C. Saindo dali, foi para

Bereia, no outro lado do Jordão. Ali contou a parábola do bom samaritano (Lc 10:25-37). Ao ouvirem os samaritanos sobre como Jesus os havia descrito nessa parábola, sentiram ainda maior simpatia por Ele.

Quando os perseguidos seguidores de Jesus chegaram a Samaria, foram bem recebidos. Um deles era Filipe, não o apóstolo, pois os apóstolos permaneceram em Jerusalém (At 8:1). Este era um dos sete, mais tarde chamado de evangelista (At 21:8, ARA).

Primeira viagem missionária de Filipe: cidade de Samaria (v. 5-13)

“Filipe”, diz Lucas, “descendo à cidade de Samaria, anunciava-lhes a Cristo” (v. 5, ARA).

Sua pregação era a proclamação formal de um pregador ordenado para isso. Assim Lucas o indica, ao usar aqui uma palavra diferente da que usou para se referir à pregação dos membros (v. 4). O importante é que, pregadores ordenados e membros não ordenados, todos os cristãos, pregavam o evangelho.

A resposta de seus ouvintes foi uma experiência semelhante à que teve Jesus nas duas vezes em que trabalhou entre eles.

“As multidões”, diz Lucas, “atendiam, unânimes, às coisas que Filipe dizia” (v. 6a, ARA). A palavra desse evangelista era convincente, mas ele, cheio do Espírito Santo, não se limitava apenas a proclamar as verdades a respeito de Jesus; também realizava sinais.

“Pois os espíritos imundos de muitos possesores saíam gritando em alta voz; e muitos paráliticos e coxos foram curados. E houve grande alegria naquela cidade”, afirma Lucas (v. 7, 8, ARA). A alegria de uma cidade inteira (capital de uma nação) produzida por um pregador cristão!

O que segue é uma história extraordinária. Havia na cidade um homem chamado Simão. Tratava-se de um mágico especial, plenamente adaptado à mentalidade religiosa dos samaritanos, meio judia meio pagã. Fazia-se passar por alguém muito importante e os enganava de maneira tão sutil, que todos, desde o mais poderoso até o mais simples, diziam: “Este homem é o poder de Deus, chamado o Grande Poder” (8:10b, ARA).

Um enganador religioso. Antes da chegada de Filipe, as pessoas o haviam aceitado de boa vontade durante muito tempo, embora suas artes mágicas tivessem produzido somente engano e uma religião que, de maneira estranha, misturava o divino com o diabólico, dando ao povo a impressão de que servia a Deus. Simão explorava muito bem o nacionalismo judeu e a crença pagã, presentes nos habitantes de Samaria.

Mas, quando os samaritanos creram nos ensinamentos de Filipe, na pessoa de Cristo Jesus e no evangelho de Deus, abandonaram Simão.

“E foram batizados, tanto homens como mulheres”, diz Lucas (8:12b, NVI). Isso mostra que os cristãos atribuíam valor igual a homens e mulheres. Os comentários que atribuem à influência cultural da época a desvalorização das mulheres na igreja cristã primitiva, e posteriormente, não resistem à consideração minuciosa dos escritos mais antigos do cristianismo. Como seres humanos, todos eram iguais. Como membros da igreja participavam das mesmas atividades. Exemplos: escolha de Matias e dos sete diáconos e, tanto quanto os homens, eram recebidas nas reuniões de evangelização, recebiam os mesmos ensinamentos e eram igualmente batizadas. Participavam na vida da igreja sem nenhuma diferença, exceto nos cargos que requeriam ordenação. As mulheres não eram ordenadas. Mas isso não acontecia por influências culturais do ambiente social que os rodeava, pois os povos pagãos vizinhos e os mais distantes tinham sacerdotisas. Israel nunca as teve. Nem sequer tinham homens sacerdotes que não fossem da tribo de Levi, especificamente da família de Arão. Discriminação? Não. Unicamente determinação divina. Deus havia decidido que fosse assim, e assim era. Não tinha Deus o direito de decidir como as coisas deveriam ser feitas entre Seu povo Israel e na igreja, quanto à vida moral de Seus filhos e quanto às práticas eclesiais de qualquer ordem? Certamente. Quem tem o direito de questionar as ações de Deus? Acaso, pode alguém corrigi-Lo, pensando que pode melhorar Suas decisões e fazê-las mais corretas? Pode alguém ser mais justo que o Deus de toda justiça, o único Justo e Verdadeiro?

“O próprio Simão também creu e foi batizado” (8:13a, NVI). Após seu batismo, permaneceu com Filipe todo o tempo. Ao observar os

sinais que Filipe fazia e o poder que nele atuava, ficava admirado. Sua surpresa era tão grande que ficou extasiado. Não podia entender que, sem a atuação das forças do engano, coisas extraordinárias pudessem ser feitas. Podia um mágico como ele, com uma religião possivelmente mesclada com judaísmo, paganismo, zoroastrismo persa e satanismo, experimentar conversão genuína, crer verdadeiramente e viver o cristianismo em sua plenitude? Com certeza, podia. Apenas devia permitir a atuação do Espírito Santo em sua vida, e, como todos os cristãos, viver aquilo em que havia crido. A pergunta é: Simão, o mágico, havia permitido que o Espírito Santo fizesse nele a transformação de que necessitava? Quando se admirava diante do que Filipe fazia, não era possível responder a essa pergunta. Mas a resposta ficou clara quando Pedro visitou Samaria.

Visita de Pedro e João a Samaria (v. 14-25)

Quando, em Jerusalém, os apóstolos souberam que os samaritanos haviam aceitado a Palavra de Deus, enviaram Pedro e João a Samaria. Logo que chegaram, ficaram sabendo que aqueles novos crentes ainda não haviam recebido o Espírito Santo. Como seria a participação deles na tarefa de anunciar o evangelho sem o poder do Espírito Santo? Os apóstolos já sabiam a resposta a essa pergunta. Haveria pouco ou nenhum fruto. Um quadro que prometia muito pouco progresso para a espiritualidade da igreja e para a vida espiritual deles mesmos. Não existe alegria em um semeador que semeia mas não colhe. A satisfação surge quando a semeadura produz a trinta, a sessenta e a cem por um (Mc 4:8); quando, onde havia um membro, no fim do ciclo de semeadura e colheita, há trinta, ou sessenta, ou cem membros. Porcentagens enormes: 3.000, 6.000, 10.000%. Isso produz alegria que somente é possível com o poder do Espírito Santo atuando sem restrições na vida de um crente. Mas os crentes de Samaria tinham recebido apenas o batismo em nome de Jesus; não haviam recebido ainda o Espírito Santo.

Pedro e João resolveram o problema imediatamente: oraram por eles e, mediante a imposição das mãos, os novos crentes recebiam o Espírito Santo.

Ao ver Simão o que estava ocorrendo, aproximou-se dos discípulos com uma insólita proposta que revelava a verdadeira natureza de sua conversão. “Concedei-me também a mim este poder”, disse-lhes, “para que aquele sobre quem eu impuser as mãos receba o Espírito Santo” (8:19). E ofereceu-lhes dinheiro. Lucas não informa a importância, porque o assunto não era questão de dinheiro. Vai direto à resposta de Pedro, que também não usou de subterfúgio.

“Pereça com você o seu dinheiro! Você pensa que pode comprar o dom de Deus com dinheiro?” (v. 20, NVI). Realmente não se pode comprar. Trata-se de um dom, presente, e quem recebe um presente jamais paga por ele. Somente o agradece e desfruta. Pretender pagar a um ser humano por um presente de Deus é um insulto aos dois, especialmente a Deus. Dessa forma, Simão demonstrou que sua fé, baseada nas manifestações do poder divino vistas nos milagres de Filipe, não era a fé que agrada a Deus. Era fé por conveniência. Talvez, desde o princípio, planejasse comprar o poder. A apostasia de Simão, o mágico, começou antes que os frutos da conversão fossem demonstrados por ele.

“Não tens parte nem sorte neste ministério”, disse-lhe Pedro, “porque o teu coração não é reto diante de Deus” (v. 21, ARA). Continuava pensando em ser alguém. Mas, dessa vez, queria utilizar o poder de Deus para vantagem própria. Impossível. Deus não permite que nenhum ser humano manipule Seu poder. Pode alguém ter essa pretensão, mas, de fato, não é o poder de Deus que está sendo manejado. Pode ser o seu próprio poder: influência, dinheiro, posição, força política (caso lhe seja acessível), poder militar (se lhe estiver ao alcance), poder dos espíritos maus, sempre prontos a atuar por intermédio de indivíduos a eles submissos; mas nunca o poder de Deus.

“Arrependa-se dessa maldade e ore ao Senhor”, disse-lhe Pedro. “Talvez Ele lhe perdoe tal pensamento do seu coração, pois vejo que você está cheio de amargura e preso pelo pecado” (v. 22, 23, NVI).

Simão ficou assustado. Aqueles homens que trabalhavam em tão íntimo relacionamento com Deus talvez pudessem lhe fazer algum mal. Como prevenção disse: “Orem vocês ao Senhor por mim, para que não me aconteça nada do que vocês disseram” (v. 24, NVI).

Se aqueles homens honestos pediam o bem para ele, não poderiam se contradizer diante de Deus, pedindo a Ele que lhe fizesse algum mal. De certo modo, novamente tentava usar terceiros para benefício próprio, até mesmo diante de Deus. Simão tinha a mente condicionada para se tornar um herege: ofendido pela falta de apoio dos dirigentes a seu projeto vantajoso, amargurado pela perda de prestígio entre os samaritanos, ansioso para se vingar de Pedro e com a mente cheia de estranhas ideias contrárias à doutrina dos apóstolos, faltava-lhe somente a oportunidade para formular uma heresia em sua mente.

Parece que agiu assim, pois muitos escritores pós-apostólicos afirmam que ele foi o pai do gnosticismo, embora sua maligna epidemia tenha assolado a igreja somente mais tarde, no século 2 d.C. Uma heresia que tem na doutrina da salvação a maior ligação e discrepância básica com o cristianismo. À exceção do cristianismo que tem em Jesus a fonte da salvação, o gnosticismo, como as demais religiões, considera a salvação como obra do ser humano. O que o ser humano deve fazer para conseguir a salvação, é se livrar do corpo físico, tido como essencialmente mau. Mas essa libertação não é tão simples como suicídio; é complexa como a obtenção de conhecimento superior (gnose), reservado unicamente a poucos privilegiados que possam captar a essência espiritual de uma pessoa.

O gnosticismo foi crescendo em complexidade, incorporando conceitos religiosos orientais, da Índia e da Pérsia, com outros provenientes da cultura greco-romana, numa abertura muito grande para todas as religiões, exceto para o cristianismo que foi atacado frontalmente. Tudo muito semelhante à atitude de muitos intelectuais modernos entusiasmados com as ideias da Nova Era. Os impactos gnósticos que mais se destacam em nossos dias são *O Evangelho de Judas* e o filme *O Código da Vinci*.

Até aqui, Lucas apresenta a história de Simão, o mágico, e retorna a Pedro e João. “Eles, porém, havendo testificado e falado a Palavra do Senhor, voltaram para Jerusalém” (v. 25a, ARA).

Parece que não pregaram sermões de evangelização às pessoas. Somente testemunharam e conversaram com elas a respeito da

Palavra de Deus. Extraordinário! Muitas vezes, os apóstolos cumpriam a missão fazendo apenas aquilo que todos os crentes podiam fazer, como que os estimulando a nunca se deter nessa obra. Outro detalhe extremamente importante é que não viajavam diretamente de um lugar para outro, no caso de Samaria para Jerusalém. Iam parando em outros povoados.

“E evangelizavam muitas aldeias dos samaritanos”, escreveu Lucas (v. 25b, ARA). Empregando novamente o termo que utiliza para a pregação informal de todos os membros, sem se preocupar com sua posição na igreja, Lucas insiste na realização espontânea e intencional da missão, atuando em todos os lugares possíveis, mesmo que esteja somente de passagem por eles. Assim, Lucas termina seu relato da obra realizada por Filipe em sua primeira viagem missionária a Samaria, contando com o apoio de Pedro e João, enviados de Jerusalém a fim de ajudá-lo. Foi para lá movido pela perseguição.

Segunda viagem missionária de Filipe: todas as cidades (v. 26-40)

Na segunda viagem missionária, Filipe teve uma motivação superior às circunstâncias. Mesmo que a perseguição fosse uma circunstância permitida por Deus com o objetivo de motivar Seu povo a ir para outros lugares, fora de Jerusalém, para que a pregação do evangelho fosse propagada, de qualquer forma era uma circunstância. E é um fato real que as circunstâncias, favoráveis ou não à pregação, acabam sendo instrumentos muito úteis nas mãos de Deus para o progresso da missão. Deus, no entanto, tem ainda outros meios mais eficazes

“Um anjo do Senhor falou a Filipe”, diz Lucas (v. 26, ARA). Uma comunicação direta de Deus.

“Dispõe-te”, disse-lhe, “e vai para o lado do Sul, no caminho que desce de Jerusalém a Gaza” (8:26, ARA). Não lhe disse o motivo, nem Filipe perguntou nada. Uma relação maravilhosa. Se Deus me manda ir a um determinado lugar, pensou Filipe, é para lá que eu devo ir.

“Ele se levantou e foi”, diz Lucas, e acrescenta: “Eis que um etíope, eunuco, alto oficial de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todo o seu tesouro, que viera adorar em Jerusalém, estava de volta e, assentado no seu carro, vinha lendo” (v. 27, 28, ARA).

Ao vê-lo, Filipe não se surpreendeu. Muitos judeus da diáspora e prosélitos de todos os lugares iam a Jerusalém para adorar a Deus no templo. Também não era estranho retornar com algum rolo da Escritura recém-comprado em Jerusalém. O incomum nesse prosélito piedoso era sua dedicada devoção. Estava lendo no carro, enquanto viajava. Os caminhos não eram tão planos como as estradas asfaltadas de nossos dias e os carros não tinham amortecedores como nossos automóveis têm. Ler com esse movimento era difícil. Mas o eunuco não se importava com isso. Sua curiosidade espiritual e seu interesse em saber o que o famoso profeta havia escrito eram maiores que as dificuldades apresentadas pelos solavancos do caminho. Lia em voz alta como os orientais gostavam de fazer, tantas vezes quanto pudessem.

O Espírito disse a Filipe: “Aproxima-te desse carro e acompanha-o” (v. 29, ARA). Mais uma comunicação direta de Deus. Novamente, vê-se a obediência incondicional de Filipe. Aproximou-se. O eunuco lia sobre o profeta Isaías. Uma passagem que Filipe logo reconheceu.

“Compreendes o que vens lendo?”, perguntou-lhe (v. 30, ARA). O eunuco respondeu: “Como poderei entender se alguém não me explicar” (v. 31, ARA).

Para isso Deus o havia enviado. O eunuco pediu-lhe que subisse ao carro e se sentasse com ele para lhe explicar. Filipe subiu rapidamente.

“Foi levado como ovelha ao matadouro”, dizia a Escritura, “e, como um Cordeiro mudo perante o Seu tosquiador, assim Ele não abriu a boca. Na Sua humilhação, Lhe negaram justiça; quem Lhe poderá descrever a geração? Porque da terra a Sua vida é tirada” (v. 32, 33, ARA).

O eunuco lhe disse: “Peço-te que me expliques a quem se refere o profeta. Fala de si mesmo ou de algum outro?” (v. 34, ARA).

Esse era o ponto chave. Qualquer pessoa de religião judaica que entendesse isso e o aceitasse facilmente se tornaria cristã. O Espírito Santo sabia como penetrar na mente de um judeu. Assim como fazia com um prosélito do judaísmo, também estava fazendo com o etíope.

“Então, Filipe explicou; e, começando por esta passagem da Escritura, anunciou-lhe a Jesus” (v. 35, ARA).

É evidente que lhe ensinou tudo, porque tão logo chegaram a um lugar onde havia água, o eunuco lhe disse: “Eis aqui água; que impede que seja eu batizado?” (v. 36b, ARA).

Nada. “Você pode”, respondeu-lhe Filipe, “se crê de todo o coração” (v. 37a, NVI).

Com a mesma rapidez de sua reação diante da água, o eunuco respondeu: “Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus” (v. 37b, NVI).

Havia identificado a diferença fundamental entre o judaísmo e o cristianismo e, pela fé, disse “creio”. Estava disposto a dar o passo que o faria deixar o judaísmo e aceitar o cristianismo. Agia com fé e em plena consciência. Filipe não o havia iludido com argumentos sofisticadamente elaborados. A Escritura havia iluminado sua mente, gerado nele a fé, e o Espírito Santo havia movido sua vontade para que ali mesmo fizesse o que devia ser feito. Filipe também não hesitou. Mandou parar o carro e os dois desceram à água para realizar o batismo. Quando terminaram, “saíram da água”, dando a entender que os dois haviam entrado na água para realizar o batismo por imersão, de acordo com o batismo praticado por João Batista quando preparava o caminho do Senhor (Mt 3:6), o qual a igreja continuou praticando (Mc 16:16).

O termo usado por Lucas, Mateus e Marcos é *baptizein*, que significa lavar algo, submergindo-o na água. Não utilizam a palavra aspergir, borrifar algo com água. Ao explicar o simbolismo existente no ato do batismo de um crente, Paulo utiliza a imagem da morte e o sepultamento na água.

“Ou vocês não sabem”, diz, “que todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados em Sua morte? Portanto, fomos sepultados com Ele na morte por meio do batismo, a fim de que,

assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova” (Rm 6:3, 4, NVI).

Um pouco de água borrifada na cabeça não sepulta uma pessoa na água; é necessário submergi-la.

Tão logo saíram da água, o Espírito arrebatou a Filipe e o levou a outro lugar para que continuasse sua obra de pregação. O eunuco não se preocupou com isso. Seguiu seu caminho cheio de júbilo e Filipe foi para Azoto. Quanto tempo o Espírito Santo demorou para levá-lo a esse lugar? Não sabemos, mas o Espírito Santo deve ter um meio de transporte maravilhoso, embora ninguém possa comprar uma passagem para viajar com Ele! O Espírito levou Filipe por um ato de Sua própria vontade sem que a vontade de Filipe tivesse tido a mínima intervenção, a não ser sua disposição constante de obedecer a Deus em tudo para cumprir, como Ele dispusera, todas as tarefas da missão.

Azoto estava mais ou menos na metade do caminho entre Gaza e Jope, a uns cinco quilômetros da costa. Dali, viajou para o norte, a Cesareia e, enquanto ia passando pelas cidades, pregou o evangelho em todas elas.

Possivelmente, Filipe tenha estabelecido sua sede em Cesareia, pois quando Paulo viajava para Jerusalém, no fim de sua terceira viagem missionária, deteve-se com sua comitiva nessa cidade e Lucas, ao descrever esse evento, diz: “Entrando na casa de Filipe, o evangelista, que era um dos sete, ficamos com ele” (At 21:8b, ARA).

Damasco: conversão de Saulo (At 9:1-31)

Nada poderia ter afetado mais a igreja que a conversão de Saulo, o arqui-inimigo dos cristãos. Nenhum deles nunca imaginou isso. Nem mesmo era possível. Mas aconteceu. De que forma? Pela direta intervenção de Deus. Na realidade, é assim que acontece com a conversão de todas as pessoas, mas nelas Deus nem sempre atua de maneira fisicamente visível. Com Saulo, no entanto, tudo aconteceu na radiante luz do dia, visível aos que o acompanhavam. Lucas conta isso em um quadro de contrastes impossíveis que tornam a intervenção de Deus ainda maior.

Uma viagem de ameaças e morte (v. 1, 2)

“Saulo”, conta Lucas, “respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que eram do Caminho, assim homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém” (ARA).

Esse Caminho era a forma particular de pensar, de sentir e decidir dos cristãos, centralizada em Cristo, em contraste com a forma judaica, centralizada na lei. Saulo vivia um conflito, para muitos, irreconciliável. A lei, pensava ele, era o único instrumento capaz de orientar devidamente a vida dos judeus e de todos os seres humanos; para ele, Jesus a desestabilizava e a destruía. Por isso, quanto mais rápido destruíssem os seguidores do Caminho, melhor seria. Evitariam, assim, que o desprezo pela ordem divina da lei aumentasse e impediriam que isso se propagasse.

Saulo não entendia que Jesus nunca havia desprezado a lei de Deus, nem compreendia que a obra redentora, cuja manifestação suprema Jesus havia executado na cruz, baseava-se na intenção divina de nunca modificar a lei em nenhum de seus mandamentos. Se houvesse pensado em desprezá-la, a morte na cruz não teria sido necessária. Se a lei fosse eliminada, eliminaria também o pecado, pois onde não há lei, não há pecado. Como explicar isso a Saulo? Ele não queria entender. Pensava que Jesus não era necessário, pois não era o Messias e, obedecendo à lei, eles já possuíam tudo.

Muitos cristãos de hoje pensam exatamente o oposto do que Saulo acreditava. Pensam que a lei não é necessária. Se Cristo oferece a salvação como dom gratuito, um presente da graça divina, qual a razão da existência da lei? Mas se a lei pudesse ser eliminada, nesse mesmo ato o pecado desapareceria; e sem pecado, não haveria a necessidade de um Salvador. Não há conflito entre a lei e Cristo. Quanto mais sólida é a lei, mais intensa é a necessidade do sacrifício de Jesus para redimir os pecadores.

A solução para esses dois conflitos – lei *versus* Cristo, Cristo *versus* lei – é encontrada no sacrifício de Jesus. Saulo não conseguia entender que não existe conflito entre Jesus e a lei, que não há

rejeição entre eles, que o modo de vida do Caminho, o modo de pensar, sentir e decidir centralizados em Cristo não desobedece à lei, nem a elimina. Por não compreender isso, pensava que os cristãos estavam equivocados. Eliminá-los seria um ato de serviço a Deus. Com esse objetivo, foi a Damasco.

A voz de Jesus (v. 3-6)

Algo inesperado aconteceu na viagem. Ao se aproximar de Damasco, uma luz do Céu brilhou ao redor de Saulo, lançando-o por terra. Foi quando ouviu uma voz:

“Saulo, Saulo, por que Me persegues? Dura coisa é recalcitares contra os aguilhões” (At 26:14; 9:4, ARA).

Como sempre, a mente de Saulo trabalhou com intensa rapidez. Entendeu que aqueles a quem ele perseguia não eram os cristãos; era algum outro Ser e ele não tinha conhecimento disso. “Quem és Tu, Senhor?”, perguntou (v. 5, ARA).

A resposta foi assustadora: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues.”

Tomado pelo medo, Saulo começou a tremer. A luz divina exterior iniciou o processo de iluminação espiritual de que ele tanto necessitava.

“Senhor”, disse, não da maneira como havia se dirigido a Ele anteriormente, quando ainda não sabia quem era, mas já O reconhecendo como Senhor e Deus: “Que queres que eu faça?”

Saulo era um homem de ação. Percebeu seu erro, não pelo testemunho dos cristãos, que para ele era insuficiente, nem por qualquer argumentação que alguém lhe tivesse apresentado, pois, sem vacilar, teria rejeitado por não concordar com o tipo de ortodoxia já estruturada em sua mente. E, sem hesitar nem postergar, pensou no que devia fazer para reparar os erros cometidos. Apercebeu-se de que devia submeter sua vontade à vontade de Jesus e que deveria fazê-lo naquele momento; não com simples palavras, mas com atitudes.

Deus também não demorou em aceitá-lo. Começou a lhe dar Suas ordens sabendo que a relação de servo aceita por Saulo naquele momento jamais acabaria, até o último dia de vida que ele tivesse neste mundo.

“Levanta-te”, disse-lhe o Senhor, “e entra na cidade, onde te di-
rão o que te convém fazer” (v. 6, ARA).

Deus o enviou à igreja para que esta lhe comunicasse tudo o que estivesse relacionado com a missão a ele divinamente designada. Deus não queria que Saulo, nem qualquer outra pessoa, tivesse a idéia de uma missão carismática, concedida a ele diretamente por Deus, através do Espírito Santo, sem a intervenção direta da igreja. Não era o plano de Deus para Saulo, nem para ninguém, que surgissem, entre os crentes, ministérios independentes, alheios à direção da igreja, porque isso dividiria a missão e os recursos.

A estratégia para levar o evangelho a toda Terra se desfaria. Jesus ensinou sobre a unidade da igreja, uma doutrina que inclui unidade de relações fraternais entre os membros, unidade estrutural da comunidade corporativa e unidade de ação sob a direção única de Cristo, que atua por meio do Espírito Santo e da igreja, num sistema, ao mesmo tempo carismático e corporativo, sem excluir nenhum dos dois.

O cego e os que não veem (v. 7-9)

Saulo ficou cego. Os homens que o acompanhavam, atônitos, ouviam a voz, mas mesmo que não estivessem cegos não viam ninguém. Estavam pasmos, inertes, sem fala, em estado de choque pelo temor. Sofreram uma paralisação completa do corpo. Sentiam que alguma coisa estava ocorrendo, ouviam uma voz, mas eram incapazes de compreender qualquer palavra. “O que é isso? O que está acontecendo conosco?” Fazemos parte da vida, somos atores nela, temos sensações de seu conteúdo, mas seu verdadeiro sentido permanece oculto para nós. Não é possível. Uma ficção do relato que alguém pudesse fazer da vida, da própria realidade? Acaso, existe uma realidade fictícia? Parece que sim, quando alguém a vive e não a entende. A ficção existe na própria realidade ou na mente da pessoa que a vive? Os companheiros de Saulo sentiram tudo o que Saulo sentiu, com exceção da voz e das palavras. Ao perder o conteúdo das palavras, perderam também a Jesus. Esse era exatamente o ponto no qual perdiam o contato com a realidade. A falta de Jesus.

Mesmo estando cego, totalmente incapacitado para ver, pelo efeito do excesso de luz que recebeu, Paulo compreendeu o que estava acontecendo e entendeu as ordens que ouviu. Sabia que falava com Jesus e Sua palavra tinha pleno sentido para ele. A cegueira era apenas física. Espiritualmente ele via. E isso acontecia pela disposição de obedecer. Estava disposto a fazer tudo o que Jesus mandasse porque naquele momento já cria nEle. Levantou-se do chão, e guiado pela mão de seus homens, foi levado à cidade, onde permaneceu três dias sem comer nem beber, esperando as instruções que Jesus lhe havia prometido.

Teve tempo suficiente para duvidar e se esquecer de tudo. Muitos seres humanos fazem assim. Se as coisas que Deus anuncia não acontecem como eles esperam, deixam de crer; e por causa de sua incredulidade, elas não acontecem. Colocam a culpa em Deus e dizem: “Deus não Se interessa por nós”, ou “não existe”. Saulo era diferente; creu nas palavras de Jesus e embora tivesse que permanecer cego, imóvel, angustiado pela espera, continuaria esperando até que Cristo fizesse o que lhe havia dito. E o fez.

Saulo recebe a visita e o Espírito Santo (v. 10-19)

Havia em Damasco um discípulo chamado Ananias. Homem piedoso conforme a lei, gozava de bom testemunho entre os judeus de Damasco (At 22:12); era possivelmente o dirigente dos cristãos daquela cidade, a quem o Senhor apareceu em visão.

“Ananias”, disse o Senhor (v. 10, ARA). “Eis-me aqui”, respondeu ele. “Dispõe-te, e vai à rua que se chama Direita, e, na casa de Judas, procura por Saulo, apelidado de Tarso; pois ele está orando e viu entrar um homem, chamado Ananias, e impor-lhe as mãos para que recuperasse a vista” (v. 11, 12, ARA).

Ananias foi totalmente tomado de surpresa. Sabia tudo a respeito de Saulo. A fúria de suas perseguições e o objetivo de sua viagem a Damasco. O que Saulo fazia era tão violento que Ananias, mesmo estando habituado a obedecer à voz de Deus, desta vez, sem vacilar, se atreveu a apresentar uma observação ao Senhor. Não que ele pensasse em desobedecê-Lo, apenas queria que o Senhor lembrasse tudo o que se relacionava com a vida de Saulo.

“Senhor”, disse com reverência, “de muitos tenho ouvido a respeito desse homem, quantos males tem feito aos Teus santos em Jerusalém; e para aqui trouxe autorização dos principais sacerdotes para prender a todos os que invocam o Teu nome” (v. 13, 14, ARA).

A observação de Ananias foi incisiva, mas sua informação não estava atualizada até o último acontecimento.

“Vai”, disse-lhe o Senhor pela segunda vez, “porque este é para Mim um instrumento escolhido para levar o Meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel; pois Eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo Meu nome” (v. 15, 16, ARA).

Ananias não precisou de explicações adicionais. Levantou-se e foi. Quando chegou à casa de Judas, entrou e, sem maiores explicações, Lucas descreve o próprio momento de efetuar a cura:

“Pôs as mãos sobre Saulo e disse: Irmão Saulo” (v. 17, NVI). Uma saudação que eliminou todas as diferenças anteriores existentes entre Saulo e os cristãos. O perseguidor já estava no passado. Os perseguidos não tinham mais motivo para temê-lo. Era um irmão.

“O Senhor Jesus”, continuou com o mesmo tom cordial e amigoso do início, “que lhe apareceu no caminho por onde você vinha, [não fez nenhuma referência ao objetivo de sua viagem, que não existia mais] enviou-me para que você volte a ver e seja cheio do Espírito Santo” (v. 17, NVI).

O que mais Saulo podia pedir? Isso era muito mais do que ele pedia. A recuperação da vista tinha sido mais que suficiente para ele. Na verdade, o que ele esperava eram instruções sobre o que devia fazer, sua obra para o resto da vida, embora tivesse que executá-la sob a limitação da cegueira, que, no caso dele, nem seria limitação, mas um instrumento adicional para cumprir a missão que recebera. Serviria como testemunha permanente da visão que teve no caminho para Damasco. Mas Deus é sempre muito generoso.

“Imediatamente, lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e tornou a ver” (v. 18, ARA). Seu contato com Jesus foi espiritualmente extraordinário e transformador. Seu primeiro contato com a igreja, como crente, foi de uma plenitude que ele nunca havia experimentado em sua vida anterior. Levantou-se e foi batizado. Uniu-se à igreja com

um exemplar espírito de integração, modelo que serve a todos os que creem em Jesus para obedecer a todas as Suas ordens e mandamentos.

Com a visita de Ananias e o batismo, “deu Jesus sanção à autoridade de Sua igreja organizada, e pôs Saulo em contato com Seus instrumentos apontados na Terra. Cristo tinha agora uma igreja como Sua representante na Terra, e a ela pertencia a obra de dirigir os pecadores arrependidos no caminho da vida.

“Muitos têm a ideia de que são responsáveis somente a Cristo pela luz e experiência que possuem, independente de Seus reconhecidos seguidores na Terra. Jesus é o Amigo dos pecadores, e Seu coração se confrange por seu infortúnio. Ele possui todo o poder, tanto no Céu como na Terra; mas respeita os meios por Ele ordenados para o esclarecimento e salvação dos homens; dirige os pecadores para a igreja por Ele feita instrumento de luz para o mundo.

“Quando, em meio ao seu erro cego e cego preconceito, Saulo recebeu uma revelação de Cristo, a quem estava perseguindo, foi ele colocado em comunicação direta com a igreja, a qual é a luz do mundo. Neste caso, Ananias representa Cristo, como representa também os ministros de Cristo sobre a Terra, os quais são indicados para agir em Seu lugar. No lugar de Cristo, Ananias toca os olhos de Saulo para que este possa receber a vista. Em lugar de Cristo, coloca as mãos sobre ele, e enquanto ora em nome de Cristo, Saulo recebe o Espírito Santo. Tudo é feito no nome e pela autoridade de Cristo. Cristo é a fonte; a igreja, o canal de comunicação” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 122).

Em seguida, Saulo quebrou o jejum. Alimentou-se, mas não saiu imediatamente de Damasco. Permaneceu alguns dias com os discípulos que lá estavam. Essa permanência não foi um descanso para se recuperar de um desgaste físico ou mental. Saulo começou imediatamente a nova missão, porque toda pessoa que nasce de novo, nasce para a pregação do evangelho.

Pregação em Damasco (v. 20-25)

“Logo começou a pregar nas sinagogas” (v. 20, NVI), nos mesmos lugares aonde pretendia chegar para estabelecer as bases de seu poder perseguidor contra os cristãos.

Como tudo muda na vida das pessoas, quando, pela obra do Espírito Santo, elas se convertem ao Senhor! Saulo não saiu de Jerusalém em direção a Damasco para pregar o evangelho nas sinagogas da cidade, mas acabou fazendo exatamente isso.

Qual era o conteúdo específico de sua pregação? Jesus é o Filho de Deus, dizia. Seus ouvintes, atônitos e assombrados, extremamente surpresos, indagavam: “Não é este o que exterminava em Jerusalém os que invocavam o nome de Jesus e para aqui veio precisamente com o fim de os levar amarrados aos principais sacerdotes?” (v. 21, ARA).

A pergunta era apenas para dar maior ênfase ao comentário, pois todos sabiam que a resposta era positiva. Esse era o maior perseguidor dos cristãos! Realmente *era*, pois isso já estava no passado.

Ao ouvir os comentários sobre seus atos passados, Saulo sentia dentro de si que o novo fogo missionário de seu coração ardia com maior intensidade, e seus argumentos se tornavam mais poderosos e mais convincentes, ao ponto de confundir os judeus. Como não deixá-los assombrados, se não apenas declarava que Jesus era o Messias, mas o confirmava? Conseguia unir todas as mentes em um só pensamento: Jesus é o Cristo. E nesse ato de convencer, aquilo que antes pensavam de negativo a respeito de Jesus, deixava de existir para dar lugar a um novo conceito, alimentado pela união das profecias sobre o Messias, que Saulo, com tanta clareza, conseguia estabelecer. Ele é o Messias, concluíam. No início, muitos creram e estavam assombrados, mas pouco a pouco cresceu o ódio dos que não criam em sua pregação e fizeram uma oposição tão forte que Saulo, por conselho divino, saiu de Damasco e foi para a Arábia.

“Parti para a Arábia”, contou mais tarde nas igrejas da Galácia, “e voltei outra vez a Damasco” (Gl 1:17, NVI). A viagem para a Arábia lhe trouxe a tranquilidade necessária. Para ele, foi como um retiro espiritual. Pôde meditar na missão que havia recebido. Em sua mente, ressoavam as palavras que o Senhor lhe havia dito na visão do caminho. Como eco dessas palavras, lembrava também o que lhe tinha dito o fiel servo do Senhor quando o visitou para curá-lo da cegueira.

“Levanta-te e firma-te sobre teus pés”, disse-lhe o Senhor, “porque por isto te apareci, para te constituir ministro e testemunha, tanto das coisas em que Me viste como daquelas pelas quais te aparecerei ainda, livrando-te do povo e dos gentios, para os quais Eu te envio, para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em Mim” (At 26:16-18, ARA).

Então, em sua imaginação tranquila e segura, desenhava-se a figura de Ananias, tratando-o com tanta bondade: “Irmão Saulo, volte a ver.”

“E eu”, Paulo dirá mais tarde, contando o incidente à multidão de Jerusalém, “naquela mesma hora recobrei a visão, e olhei para ele.”

Pela primeira vez, viu os olhos tranquilos de um santo cristão. Quando participou do apedrejamento de Estêvão, viu sua pessoa como um todo, sua atitude sem ódio, calmo; ouviu suas palavras destituídas de vingança, rogando a Deus por seus inimigos. Ficou em sua mente a marca de um santo, e embora muitas vezes tenha tentado esquecê-la com a força de sua inquebrantável vontade, jamais conseguiu. Sempre retornava a ele como profundo clamor de sua própria consciência, como uma perturbação espiritual comovendo seu espírito, sem nunca lhe permitir uma justificativa, nem uma reação de simpatia para com o mártir. Endurecia suas emoções como corresponde a um vingativo carrasco. Mas agora, sem a pressão do apedrejamento, nem a agitação da culpa, na tranquila paz do deserto, a lembrança do olhar sereno de um santo sem ódio, fazia-lhe recordar as palavras de sua própria missão.

“O Deus de nossos pais”, lhe havia dito Ananias, “de antemão, te escolheu para conheceres a Sua vontade, veres o Justo e ouvires uma voz da Sua própria boca, porque terás de ser Sua testemunha diante de todos os homens, das coisas que tens visto e ouvido. E agora, por que te demoras? Levanta-te, recebe o batismo e lava os teus pecados, invocando o nome dEle” (At 22:14-16, ARA).

Lavados já estavam. Mas reviu sua vida passada, suas injustiças e seu ódio contra os cristãos. Suas perseguições, as mortes que causou, sem nada poder fazer para que o tempo voltasse e os atos

fossem evitados. Arrependeu-se novamente. Abandonou todas as suas intransigências. Reprovou seus preconceitos. Mais uma vez se dispôs a seguir cada ordem de seu novo Senhor, o Jesus morto injustamente, o Messias, seu Deus, para sempre. Repassou novamente as antigas promessas, a milenar esperança, cada profecia de todos os profetas que falaram a respeito do Messias. Tudo muito claro. Como havia sido tão cego, espiritualmente tão distante da luz verdadeira, que agora iluminava sua mente de forma tão plena? Não há dúvida, dizia em sua mente, não há dúvida. Como poderia ter alguma dúvida se estava em plena comunhão com seu Deus? “Quando a mente de um homem é posta em comunhão com a mente de Deus, o finito com o Infinito, o efeito sobre o corpo, a mente e a alma vai além do admissível. Em comunhão tal é encontrada a mais alta educação” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 126).

Estava preparado para o que pudesse acontecer. Retornou a Damasco para pregar novamente, com maior convicção que da vez anterior. As comunidades das sinagogas se dividiram. Alguns concordavam com Saulo, outros o desprezavam com ódio, considerando-o traidor. Esses últimos, reunidos em conselho, concluíram que seria melhor matá-lo. A injustiça recorre sempre à razão da força, mas a força nunca gera razão onde a razão não existe. Essa conspiração, ainda que poderosa e bem estruturada, estava condenada ao fracasso, porque em um grupo de opiniões divididas, como estavam as sinagogas de Damasco, alguém levaria a informação a Saulo. “Porém o plano deles”, diz Lucas, “chegou ao conhecimento de Saulo” (v. 24, ARA).

A essa altura, os inimigos de Saulo já tinham as portas de Damasco sob estrita vigilância para que o apóstolo não pudesse fugir. A prevenção deles não foi suficiente. A imaginação dos cristãos também tinha seus recursos.

“Mas os seus discípulos”, acrescenta Lucas, “tomaram-no de noite, e, colocando-o num cesto, desceram-no pela muralha” (v. 25, ARA).

Fora do muro! Sem que seus inimigos percebessem, ele havia escapado. O Senhor não permitiria que Seu escolhido fosse morto, pois ele apenas havia começado a missão que lhe havia sido

designada, cujo objetivo era alcançar os gentios, reis e os judeus que vivessem entre os gentios. A missão operou a proteção de Paulo e sempre ajuda os que a cumprem.

Saulo em Jerusalém: fim da angústia (v. 26-31)

Três anos já se haviam passado desde a sua conversão. Tempo apropriado para ir a Jerusalém e conversar com os apóstolos. Porém, “quando chegou a Jerusalém, tentou reunir-se aos discípulos, mas todos estavam com medo dele” (v. 26, NVI).

Não confiavam nele. “Talvez queira se passar por discípulo para nos enganar”, pensavam. Então Barnabé, judeu cipriota, homem generoso, cheio de bondade, muito respeitado pelos apóstolos, tomou a Saulo e o levou aos discípulos. Contou-lhes como Saulo vira o Senhor no caminho, como Deus havia falado com ele e como em Damasco havia pregado ousadamente no nome de Jesus. Os apóstolos e todos os discípulos aceitaram a intercessão de Barnabé e a sinceridade de Saulo.

Saulo se sentiu em casa. Embora tivesse nascido em Tarso, havia sido educado em Jerusalém, onde, aos pés de Gamaliel, o mais respeitado mestre de seu tempo, havia obtido todo seu conhecimento sobre as Escrituras e as tradições israelitas. Ali também havia adquirido fama de homem erudito e que se dedicava completamente à causa da nação, ao ponto de haver sido nomeado membro do Sinédrio, embora ainda não tivesse idade para isso. Além disso, os cristãos aprenderam a confiar nele, a respeitá-lo, e o admiravam, demonstrando grande afeição por ele não mais perseguir os cristãos e por se haver tornado um campeão na defesa de Jesus e dos ensinamentos dos apóstolos. Saulo se sentia bem.

“Estava com eles em Jerusalém”, diz Lucas, “entrando e saindo, pregando ousadamente em nome do Senhor” (v. 28, ARA). Procurou falar com os dirigentes da nação, seus antigos colegas, para convencê-los do erro que cometiam rejeitando a Jesus. Imaginou que, como ele, compreenderiam a verdade do evangelho e se arrependeriam de seus pecados. Não creram, nem se arrependeram. Procurou então convencer os judeus helenistas, mas eles, mais judeus que

gregos, intransigentes, cheios de preconceitos contra os cristãos, opuseram-se a Saulo e planejaram matá-lo.

Os discípulos perceberam o perigo que Saulo corria e não quiseram mais expô-lo à vingança de seus inimigos. Sabiam que a missão de Saulo era fora de Jerusalém e, embora ele quisesse continuar pregando a seus antigos amigos, com a esperança de que pelo menos alguns deles se convertessem, tiraram-no de Jerusalém, e o levaram até Cesareia, enviando-o dali para Tarso, sua cidade natal, para que seus inimigos não conseguissem matá-lo, como queriam. Quando os inimigos souberam de sua partida, em vez de ficarem enraivecidos ou frustrados, alegraram-se por ele não estar mais ali para incomodá-los. Deixaram os cristãos em paz.

“A igreja tinha paz por toda a Judeia, Galileia e Samaria” (v. 31, ARA). Era espiritualmente edificada, andando no temor do Senhor e crescia em número, graças à força que o Espírito Santo lhe concedia.

Viagens missionárias de Pedro (At 9:32-10:48)

A pregação do evangelho na Judeia e Samaria estava em pleno progresso. Na verdade, os cristãos já haviam sido perseguidos duas vezes pelos judeus. Primeiro, os líderes judeus perseguiram os apóstolos, com o pensamento de que, se estes fossem eliminados, seus seguidores seriam dispersos e a odiada seita seria exterminada. Estavam enganados. Não conseguiram provar nenhuma culpa contra eles, muito menos qualquer delito que merecesse a pena de morte.

Depois, iniciaram violenta perseguição aos crentes com a intenção de destruir as próprias bases da igreja, esperando que, pelo sofrimento causado pela perseguição, abandonassem seus líderes e, assim, pela desintegração, deixassem de existir. Erraram novamente. Os cristãos foram espalhados por todos os lugares, na Judeia e Samaria, e mais além, levando o evangelho a muitas pessoas, aumentando o número de membros da igreja, tornando-a mais forte e mais presente em mais localidades.

Em meio à trégua na perseguição aos crentes, membros da igreja ou discípulos, Pedro continua suas viagens. “Foi visitar os santos”, diz Lucas (v. 32, NVI).

Essa foi uma viagem de confirmação e pregação que produziu novos conversos. Foi uma viagem contínua, dentro da qual houve outras viagens a locais específicos, entre os quais Lucas menciona três: Lida, Jope e, por último, Cesareia.

Viagem de Pedro a Lida: todos se converteram (v. 32-35)

Assim, “Pedro foi visitar os santos que viviam em Lida”, cidade próspera por causa do comércio nela desenvolvido, graças à sua localização na rota das caravanas que comercialmente uniam Babilônia e Egito. Cidade da Judeia que Pedro ainda não havia visitado, pois sua viagem anterior havia sido à cidade de Samaria, onde Filipe tinha pregado com grande êxito (At 8:25).

A comunidade de crentes de Lida havia surgido pela atuação dos cristãos que saíram de Jerusalém por causa da perseguição. Filipe deve haver pregado nesta cidade quando, indo de Azoto para Cesareia, pregou o evangelho em todas as cidades até chegar a Cesareia (At 8:40). A visita do extraordinário pregador, cuja pregação no dia de Pentecostes havia convertido três mil pessoas, deve ter sido muito bem recebida pelos crentes e também teve grande êxito entre os não crentes.

Havia em Lida um enfermo muito conhecido que se chamava Eneias. Paralítico, estava de cama havia oito anos, sem poder fazer nada por si mesmo. Pedro, assim como na ocasião de sua visita ao templo de Jerusalém, quando, juntamente com João, encontraram um coxo pedindo esmola, viu no paralítico uma oportunidade de fazer-lhe o bem curando e oferecendo a salvação para a multidão. Foi até a cama do enfermo e lhe disse: “Eneias, Jesus Cristo te cura! Levanta-te e arruma o teu leito” (v. 34a, ARA).

Ao ouvir a ordem do apóstolo, Eneias sentiu dentro de si o impulso obediente da fé. O Espírito Santo, atuando em Pedro para que desse a ordem, e presente em Eneias para que obedecesse, fortaleceu sua vontade antes de transmitir nova força ao seu corpo. “Ele, imediatamente, se levantou” (v. 34b, ARA).

Lucas não diz se Eneias já era cristão quando foi visitado por Pedro, mas uma coisa é extremamente clara no relato: naquele momento ele creu.

O homem em pé, visível a todos, tornou-se uma prova do poder divino que atuava nos cristãos de maneira inquestionável e muito convincente para todos os que se achavam ali, e para o restante da população.

“Viram-no todos os habitantes de Lida e Saroná”, diz Lucas, “os quais se converteram ao Senhor” (v. 35, ARA).

Não sabemos se Eneias era discípulo de Jesus antes do milagre; possivelmente, não. Mas ele creu e todos os seus concidadãos também. Um resultado evangelístico extraordinário.

Viagem a Jope: muitos creram (v. 36–43)

Nas proximidades de Lida havia outra cidade chamada Jope, mais importante porto marítimo da Judeia desde o século 2 a.C., quando os judeus a conquistaram dos fenícios. Já era importante no século 8 a.C., quando Deus chamou Jonas (787-775 a.C) para que fosse a Nínive com a missão de conclamar seus habitantes ao arrependimento. Mas, como diz a Escritura, Jonas fugiu da presença do Senhor, e descendo a Jope, encontrou um navio que ia para Târsis, longe da presença do Senhor (Jn 1:3).

Enquanto Pedro curava o paralisado Eneias em Lida, em Jope uma vida se extinguía. Havia uma mulher, discípula de Jesus, muito bondosa, serviçal e generosa que atendia às necessidades de todos, especialmente dos pobres e aflitos. Chamava-se Tabita em aramaico, e Dorcas no grego. Era como uma gazela, um antílope de grande agilidade; gentil e formosa, especialmente pelos seus grandes e vivos olhos negros.

Porém, Tabita morreu. Após ser lavada, puseram-na em um quarto. Todos estavam tristes, inconsoláveis. A perda era muito grande.

Os discípulos, ouvindo que Pedro estava em Jope, a pequena distância, enviaram dois homens para lhe pedir que viesse com urgência. “Não demores em vir ter conosco”, lhe disseram (v. 38, ARA).

Pedro, acostumado a obedecer à voz do Senhor, percebeu logo o que esse pedido significava e foi com eles. Ia para Jope, não para fugir do Senhor, como Jonas, mas para fazer o que Ele quisesse e mandasse.

“Quando chegou, foi levado para o quarto do andar superior. Todas as viúvas o rodearam, chorando e mostrando-lhe os vestidos e outras roupas que Dorcas tinha feito quando ainda estava com elas” (v. 39, NVI).

Pedro entendeu o que o Senhor queria fazer. Pediu a todos os presentes que se retirassem, ajoelhou-se e orou. O que mais poderia fazer? Ou melhor, como não fazer isso? Ele cria, ela havia sido crente, os que foram buscá-lo criam, e os discípulos que mandaram buscá-lo também criam. Uma cadeia de fé impossível de ser interrompida. Levantou-se, sabendo o que o Senhor queria e, dirigindo-se para a mulher morta, disse: “Tabita, levanta-te!” (v. 40, ARA).

Ela abriu os olhos, sentou-se e Pedro, estendendo-lhe a mão, a ergueu. Logo, Pedro chamou os discípulos e as viúvas e, com alegria espiritual tão visível que foi transmitida a todos, apresentou-a viva.

A alegria da fé viva, presente em todos os discípulos, contagiou os demais de tal maneira que a notícia ficou conhecida por toda a cidade de Jope.

“Muitos creram no Senhor”, diz Lucas (v. 42, ARA). Era uma fé cheia de gratidão, feliz, disposta a tudo pelo Senhor. Pedro foi recebido com muita alegria e se sentiu tão bem que permaneceu em Jope durante muitos dias. Teve a oportunidade de ver como Dorcas, em sua bondade, continuava sua obra benfeitora e como sua influência contribuía para o progresso do evangelho. Ficou hospedado na casa de um curtidor chamado Simão.

Viagem a Cesareia: primeiro passo para o mundo gentio (At 10:1-48)

O que se seguiu, na vida de Pedro, foi decisivo para a missão da igreja. Marcou o início da missão cristã entre os gentios. Houve uma conexão entre Jope, na Judeia, a cidade onde foi realizado o milagre da ressurreição de Dorcas, e Cesareia, cidade de população pagã com uma colônia judaica importante, capital da província romana da Palestina. A história aconteceu durante o segundo período em que Cesareia foi o local da residência do governador romano,

desde a morte de Agripa I, no ano 44 d.C., até o começo da guerra dos judeus, em 66 d.C. Um período crítico para a região e extremamente importante para o cristianismo.

Um gentio temente a Deus (v. 1-8). Morava em Cesareia um homem chamado Cornélio, centurião da corte chamada italiana. Era comandante de cem homens, equivalente a um capitão de exércitos modernos. Essa companhia era composta por arqueiros, não romanos, aos quais Roma havia libertado da escravidão. Alguns anos mais tarde, quando os judeus entraram na famosa guerra contra os romanos (66-70 d.C.), embora a italiana fosse uma companhia de apoio, pois era integrada por arqueiros localizados na Síria, desempenharia papel importante nela. Mas, nesse período, anterior ao ano 50 d.C., a italiana cumpria funções de proteção da paz romana. Não estava em guerra. Seus integrantes tinham a tranquilidade necessária para se ocupar em outros assuntos importantes da vida.

Devido à influência dos judeus, Cornélio se tornara homem piedoso. Temente a Deus, era correto na reverência para com Ele. Essa atitude havia gerado nele profundo respeito e justa compaixão para com o semelhante. Adorava a Deus e apreciava as pessoas. Sua maneira de se relacionar com todos era muito semelhante ao amor pregado por Jesus. Pertencia ao grupo de gentios frequentemente designado como *tementes a Deus*; pessoas que haviam aceitado quase todos os princípios de vida piedosa do Antigo Testamento, mas, por fortes razões pessoais, ainda não se haviam convertido totalmente ao judaísmo. Quando Paulo passou a fazer viagens missionárias, ao chegar a um novo lugar, visitava primeiro a sinagoga judaica, e seus primeiros conversos quase sempre eram do grupo formado pelos *tementes a Deus*. Uma estratégia missionária eficaz e divina: começar em um novo lugar com pessoas que já conhecem alguma coisa sobre Deus e O respeitam.

Cornélio era caridoso para com as pessoas. Atendia às suas necessidades com serviços pessoais e generosas doações. Era homem justo e orava. Deus estava sempre com ele e cuidava dele. Certo dia, por volta das três horas da tarde, um anjo de Deus se apresentou diante dele e disse:

“Cornélio!”

“Que é, Senhor?”, respondeu com os olhos fixos nele e com muito temor.

“As tuas orações e as tuas esmolas subiram para memória diante de Deus. Agora, envia mensageiros a Jope e manda chamar Simão, que tem por sobrenome Pedro. Ele está hospedado com Simão, curtidor, cuja residência está situada à beira-mar” (v. 4, 5, 6, ARA).

Assim como apareceu, o anjo se foi; e Cornélio não mais o viu. Mas não se esqueceu de suas palavras. Chamou dois de seus servos e um soldado que estava regularmente sob seu comando. O soldado era tão piedoso como o centurião e toda a sua família. Cornélio lhes explicou o que havia ocorrido e os enviou a Jope.

Uma visão que produz perplexidade (v. 9-18). No dia seguinte, quando os enviados de Cornélio já se aproximavam da cidade de Jope, Pedro subiu ao terraço. Procurava um lugar tranquilo para orar. Era quase a hora sexta, meio-dia, e mesmo que não fosse costume dos judeus comer a essa hora, Pedro sentiu muita fome. Tratava-se de fome normal ou havia sido provocada por Deus? Se fosse normal, somente poderia ter ocorrido se ele não tivesse tomado o desjejum em torno das seis horas da manhã. Na realidade, era costume na antiga lei judaica que as orações fossem feitas antes de comer, e não depois. Deviam fazer a primeira oração do dia antes da primeira refeição diária. Sendo assim, deviam orar na hora do sacrifício da manhã e na hora do sacrifício da tarde. Antes da segunda e última refeição do dia, próximo ao pôr-do-sol, era o momento apropriado para a última oração obrigatória. Naquele dia, por alguma razão, talvez Pedro ainda não tivesse se alimentado. Pediu a refeição e, enquanto a preparavam, subiu ao terraço para orar. Mas, se a fome tivesse sido provocada por Deus, tudo o que é apresentado a seguir explicaria a razão que teve para fazê-lo.

“Enquanto lhe preparavam a comida”, diz Lucas, “sobreveio-lhe um êxtase” (v. 10, ARA).

A mente de Pedro foi tomada pelo Espírito Santo de tal forma que a desviou de sua atividade normal, e a conduziu a uma visão colocada diante dela.

Pedro viu o céu aberto e dele descia um objeto semelhante a um grande lençol. Estava preso nas quatro pontas e dentro havia todo tipo de quadrúpedes, répteis e aves. Uma voz lhe disse: “Levanta-te, Pedro! Mata e come” (v. 13, ARA).

“De modo nenhum, Senhor! Jamais comi algo impuro ou imundo” (v. 14, NVI).

“Ao que Deus purificou não consideres comum” (v. 15, ARA).

Por três vezes, viu e ouviu a mesma coisa. Então, o lençol foi recolhido ao céu e a visão se encerrou.

Pedro ficou perplexo. Sentiu-se completamente perdido. “Qual seria o significado desta visão?”, perguntava-se. Não conseguia entendê-la, nem por que a havia recebido. No entanto, estava totalmente seguro de uma coisa: o Senhor a enviara e, com ela, desejava lhe transmitir alguma mensagem. Mas, o que seria? Como entender isso? Como um redemoinho, sua mente girava em torno da visão. Esqueceu-se da fome. A única coisa que desejava era ouvir novamente a voz do Senhor, dando-lhe o significado da visão. Mas o Senhor não lhe respondeu com palavras. Respondeu-lhe com fatos reais da vida.

Naquele mesmo instante, os homens de Cornélio chegaram à casa a qual estiveram procurando junto às pessoas. Então, pararam à porta e, quando alguém os atendeu, “indagaram se estava ali hospedado Simão, por sobrenome Pedro”.

O Espírito começa a intervir: segurança (v. 19-23). Enquanto transcorria essa conversa entre as pessoas à porta, no terraço, o Espírito Santo conversava com Pedro. Uma revelação divina.

“Três homens estão procurando por você. Portanto, levante-se e desça. Não hesite em ir com eles, pois Eu os enviei” (v. 19, 20, NVI).

Segurança absoluta. “Primeiro, elimine suas dúvidas. Você precisa ter mente tranquila, calma, segura; sem perplexidades nem incertezas. Segundo, você precisa abandonar seus preconceitos. Você pensa que eles são imundos; não se preocupe com isso, Eu os enviei a você. Sou Eu quem decide se uma pessoa é aceitável. Eu já decidi e lhe comuniquei. Esses gentios não são imundos, e nenhuma outra pessoa o é.”

Pedro desceu, e os homens de Cornélio estavam esperando por ele. Disse-lhes, então: “Eu sou quem vocês estão procurando. Por que motivo vieram?” (v. 21, NVI).

“Viemos da parte do centurião Cornélio. Ele é um homem justo e temente a Deus, respeitado por todo o povo judeu. Um santo anjo lhe disse que o chamasse à sua casa” (v. 22, NVI). “O Senhor quer que você vá à casa de Cornélio porque ele está pronto para ouvir os ensinamentos que deseja lhe transmitir.”

Então, Pedro os convidou para entrar e os hospedou naquela noite. Ele não tinha a menor intenção de postergar a obediência à ordem do Senhor, a qual havia recebido diretamente do Espírito e, indiretamente, do anjo, através de Cornélio e seus enviados. Um cristão missionário não posterga nenhuma ordem. Obedece no mesmo instante. A viagem levaria quase dois dias completos. Se saíssem imediatamente, teriam que pernoitar duas noites antes de chegar a Cesareia. Pedro imaginou que seria melhor sair no dia seguinte, pela manhã, caminhar durante todo o primeiro dia e pernoitar apenas uma noite no caminho.

“No dia seguinte, levantando-se bem cedo, partiu com eles. Alguns dos irmãos, membros da comunidade cristã de Jope, também os acompanharam” (v. 23). Ninguém os chamava de cristãos; mas, vistos sob nossa perspectiva cristã, sabemos que esse é o nome que lhes era próprio. Pedro sabia que iriam para a casa de uma família gentílica. Isso lhe traria problemas. Em sua maioria, os membros da igreja eram judeus convertidos a Cristo, cuja mente ainda não aceitava os gentios, mesmo sabendo que Jesus tinha ordenado levar o evangelho a todas as nações (Mt 28:19). Por isso, as testemunhas eram necessárias. Seus seis acompanhantes (At 11:12), membros fieis da igreja, poderiam testemunhar o que estava para acontecer em Cesareia.

Em Cesareia: recepção muito amigável (v. 24-33). Quando chegaram a Cesareia, no outro dia, pouco antes das três horas da tarde, Cornélio os estava esperando. Não estava sozinho. Havia reunido seus parentes e amigos mais íntimos. Ninguém melhor que eles para compartilhar as boas-novas no momento de conhecê-las.

Quando Pedro chegou à casa, Cornélio saiu para recebê-lo com suprema simpatia, quase reverência. Em sua extrema cordialidade mesclou os costumes judaicos com os romanos. Prostrou-se diante dele como os judeus faziam diante de seus mestres e líderes espirituais. E como os romanos, reconhecendo que nesse homem havia algo divino, o adorou.

Pedro não podia permitir que o adorasse. Levantando-o, disse-lhe: “Ergue-te, que eu também sou homem” (v. 26, ARA).

Entraram juntos na casa. Nesse momento, Pedro percebeu que havia mais pessoas esperando por ele e prontas para ouvi-lo. Seu problema aumentou. Não no sentido de se arrepender por ter ido àquela casa, nem por se sentir culpado de alguma coisa. Não, ele estava certo do que estava fazendo. Deus havia deixado claro para ele na visão do terraço. Mas poderia haver alguém entre os presentes que não o entendesse. Todos tinham algum conhecimento a respeito do judaísmo e sabiam da situação problemática de Pedro. Esse foi o primeiro ponto que, como saudação, Pedro teve que explicar, antes que alguém começasse a fazer perguntas sobre o assunto.

“Vós bem sabeis que é proibido a um judeu ajuntar-se ou mesmo aproximar-se a alguém de outra raça; mas Deus me demonstrou que a nenhum homem considerasse comum ou imundo; por isso, uma vez chamado, vim sem vacilar. Pergunto, pois: por que razão me mandastes chamar?” (v. 28, 29, ARA).

Cornélio respondeu: “Há quatro dias eu estava em minha casa orando a esta hora, às três horas da tarde. De repente, colocou-se diante de mim um homem com roupas resplandecentes e disse: ‘Cornélio, Deus ouviu sua oração e lembrou-Se de suas esmolas. Mande buscar em Jope a Simão, chamado Pedro. Ele está hospedado na casa de Simão, o curtidor de couro, que mora perto do mar’. Assim, mandei buscar-te imediatamente, e foi bom que tenhas vindo. Agora estamos todos aqui na presença de Deus, para ouvir tudo que o Senhor te mandou dizer-nos” (v. 30, 31, NVI).

Acaso, existe melhor disposição que essa? Era uma atitude que o Espírito Santo havia construído, pouco a pouco, nesse gentio e seus acompanhantes. Essa atuação do Espírito aconteceu enquanto

ouviam os ensinamentos do Antigo Testamento, transmitidos por seus amigos judeus e pelo rabino da sinagoga. Naquele momento, sob a orientação do mesmo Espírito, estavam prontos a ouvir a plenitude redentora dos ensinamentos em Cristo Jesus. Agora, por intermédio de um seguidor de Cristo, líder de Sua igreja.

Discurso de Pedro: verdades do evangelho (v. 34-43). Pedro foi breve. Apresentou-lhes ensinamentos claros e diretos. Não desenvolveu nenhuma teoria especial, nem procurou impressioná-los com sua retórica. Apenas expôs verdades divinas, uma após outra, numa ordem que os ajudou a entender a própria essência dos ensinamentos cristãos.

Primeira verdade: Deus não faz acepção de pessoas (v. 34, 35). “Reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação que O teme e faz o que é justo Lhe é aceitável” (ARA).

A justiça não tem nacionalidade. Faz parte da justiça de Deus aceitar os justos sem se importar com nacionalidade, nem a origem de sua cultura. Todos os que se convertem a Ele espiritualmente sairão em condição superior, do seu próprio ambiente para integrar-se à igreja de Cristo. Não importava que Cornélio, seus familiares e amigos fossem gentios. Para Deus, o importante era a nova atitude que o Espírito Santo neles havia gerado – novo estilo de vida que somente precisava ser completado em Cristo, e logo isso iria ocorrer. Atualmente, Deus faz a mesma coisa com pessoas de nacionalidades diferentes. Dá-lhes um sentimento superior de fraternidade e elimina diferenças, integrando-as, quer sejam cultas, políticas ou religiosas. Por meio do Espírito Santo, todos chegam a ser um em Cristo Jesus.

Segunda verdade: Jesus Cristo é o Senhor de todos (v. 36). “Esta é a palavra que Deus enviou aos filhos de Israel, anunciando-lhes o evangelho da paz, por meio de Jesus Cristo. Este é o Senhor de todos” (ARA).

Essa é a boa notícia, o evangelho. Jesus integra a todos sob Seu poder porque Ele é o Senhor de todos. O povo de Israel foi beneficiado em primeiro lugar. Jesus pregou a eles. Não por uma questão

de privilégio em seu favor. Nem pela rejeição de Deus aos gentios. Mas por uma simples questão de ordem na própria realidade dos acontecimentos. Jesus era judeu, pregou primeiro aos judeus, mas era o Senhor de todos. E todos os povos, sob um único Senhor, se regozijavam na salvação.

Terceira verdade: Jesus tem o Espírito Santo, como também o poder de Deus para fazer o bem (v. 37, 38). “Vós conheceis a palavra que se divulgou por toda a Judeia, tendo começado desde a Galileia, depois do batismo que João pregou, como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder, O qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com Ele” (ARA).

Jesus difundiu o evangelho que era Ele próprio – Sua vida, o bem que fazia, as curas que realizava, a libertação que tão generosamente outorgava a todos os oprimidos do diabo, o poder espiritual e todos os poderes que tinha para salvar os perdidos. Tudo o que Ele era junto ao Espírito Santo e junto a Deus Pai: como Eles, Deus. Por meio do Espírito Santo, Jesus também outorga aos que creem o mesmo poder para fazer o bem. O evangelho é poder. Quando alcança as pessoas e elas o aceitam, recebem poder para fazer o bem que antes não conseguiam fazer. Atuam juntamente com o Espírito Santo. Como Jesus fazia.

O plano de Deus é que ninguém atue sozinho. Nem a Divindade atua separadamente. As três pessoas da Divindade planejaram juntas a criação. Quando o Filho de Deus, o Criador, executou o plano, não estava só. O Pai e o Espírito Santo estavam com Ele. O mesmo aconteceu com o plano da salvação. Os três participaram do planejamento e quando Jesus Se encarnou para executá-lo, o Espírito Santo e o Pai O acompanharam nessa missão. Nenhum dEles atuava só.

Deus também não quer que os seres humanos atuem sozinhos. O Espírito Santo está com eles quando fazem o bem. Unicamente assim o ser humano pecador, mau por natureza, pode ser bom e fazer o bem. Isso faz parte do evangelho. É uma boa notícia o fato de que uma pessoa má possa fazer o bem que antes não conseguia fazer.

Quarta verdade: Jesus morreu na cruz e ressuscitou no terceiro dia (v. 39-41). “Nós somos testemunhas de tudo o que Ele fez, na terra dos judeus e em Jerusalém; ao qual também tiraram a vida, pendurando-O no madeiro. A Este ressuscitou Deus no terceiro dia e concedeu que fosse manifesto, não a todo o povo, mas às testemunhas que foram anteriormente escolhidas por Deus, isto é, a nós que comemos e bebemos com Ele, depois que ressurgiu dentre os mortos” (ARA).

Nenhuma verdade do evangelho é mais grandiosa que a morte e ressurreição de Jesus. Sem ela, não haveria evangelho, nem salvação, nem esperança, nem vida eterna. Os discípulos foram testemunhas de Sua vida, de tudo o que fez em Israel. Testemunhas de Sua morte e de como foi morto. Testemunhas da ressurreição e das coisas que fez como pessoa real. Testemunhas do evangelho, porque Pedro, com poucas palavras, lhes apresentou todo o evangelho do qual os apóstolos eram testemunhas verdadeiras e confiáveis. Também o apresentou aos crentes de todos os tempos, para que creiam e se tornem Suas testemunhas.

Quinta verdade: Jesus é o Juiz, mas todos os que creem nEle, por meio do perdão, serão salvos da condenação no juízo. “Ele nos mandou pregar ao povo e testemunhar que foi a Ele que Deus constituiu Juiz de vivos e de mortos. Todos os profetas dão testemunho dEle, de que todo o que nEle crê recebe o perdão dos pecados mediante o Seu nome”, concluiu Pedro (v. 42, 43, NVI).

Deus nomeou Jesus como Juiz dos vivos e dos mortos. Essa notícia do evangelho poderia ser assustadora. E é, para os incrédulos. Mas para os que creem, torna-se uma alegria saber que o mesmo Salvador que deu a vida por eles foi constituído Juiz de todos, dando-lhes assim a segurança de que Aquele que perdoa seus pecados os salvará da condenação no juízo. Na verdade, uma grande notícia! Pela alegria vivida na salvação, incumbiu-lhes a mais deleitosa tarefa: pregar o evangelho e testemunhar em Seu favor.

Ele os enviou. A missão é uma ordem de Jesus, um mandamento. Para quem? Para todos os crentes. Quando Pedro disse: Ele nos enviou, estavam presentes seis membros da igreja, que o acompa-

nharam desde Jope. Os sete representavam toda a igreja: líderes e membros. Cornélio e os que estavam com ele passariam a fazer parte do grupo missionário tão logo aceitassem a Cristo e fossem batizados.

Aceitação divina dos gentios: enviou-lhes o Espírito (v. 44-48). Cornélio, seus parentes e amigos ouviram o discurso de Pedro e aceitaram cada verdade apresentada, sem nenhuma demonstração de dúvida. De fato, já haviam aceitado seus ensinamentos, mesmo antes que lhes fossem apresentados. Apenas a aceitação do trabalho que o Espírito Santo fez entre eles, durante todo o tempo, desde que começaram a se relacionar com os judeus de Cesareia, expressava a disposição de aceitar cada nova luz que lhes era revelada. Por isso, no mesmo instante em que Pedro terminou de falar, o Espírito Santo foi visivelmente manifestado a eles e neles. Lucas diz: “O Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a mensagem” (v. 44, NVI).

Todo o Céu estava atento à reação dos gentios. Era o momento apropriado para que a nascente igreja cristã entendesse a natureza da missão que Jesus lhe havia confiado. Mentalmente, ela entendia. Sabia que seu campo era o mundo. Sabia que a salvação era um presente divino para cada ser humano pecador. Sabia que devia pregar a toda criatura. Mas sabia apenas intelectualmente, como uma verdade inquestionável. Não havia superado ainda a barreira dos preconceitos herdados do judaísmo. Era ainda demasiadamente cautelosa em seu relacionamento com os estrangeiros gentios. Os membros da igreja não se aproximavam nem se juntavam a eles. Era também abominável para eles o que os judeus pensavam a respeito dos gentios? Que tipo de impureza os gentios podiam transmitir aos cristãos? Nenhuma.

Mas precisavam superar esses preconceitos e aceitar os gentios em sua vida. Relacionar-se com eles, aproximar-se deles, falar com eles e com eles compartilhar o evangelho para vivenciá-lo juntos. Para dar o passo que vai da mente à ação, precisavam de ajuda especial. Unicamente o Espírito Santo podia oferecer essa ajuda e o grupo de Cornélio proveu a oportunidade mais apropriada.

A descida do Espírito Santo produziu efeito transformador em todos os presentes; nos gentios, nos irmãos de Joje e em Pedro.

Os gentios se converteram totalmente ao cristianismo. Não tiveram nenhuma dúvida sobre o que aprenderam a respeito de Jesus. Permitiram que o Espírito Santo entrasse em seu ser e Ele logo fez neles morada.

Os seis membros da igreja de Joje, acompanhantes de Pedro, naquela ocasião denominados por Lucas como fiéis da circuncisão, ficaram admirados. Sofreram uma espécie de colapso mental. A mente deles, com as ideias ordenadas como frascos na estável prateleira do judaísmo, desabou. Tinham que colocar tudo em ordem novamente. Mas não com base na estrutura formal do judaísmo, e sim sob a mais firme verdade revelada pelo Espírito Santo. Viram que Deus também derramava o dom do Espírito Santo sobre os gentios, pois os ouviram falar em línguas que antes não sabiam e escutaram seus louvores a Deus, glorificando-O pela sua entrega total, sem restrição. Eles foram aceitos.

Pedro, de comum acordo com os irmãos de Joje, disse: “Porventura, pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo?” (v. 47, ARA).

A própria forma de perguntar exigia a resposta: Ninguém. Foi ordenado então o batismo deles, e foram batizados no nome de Jesus Cristo. A alegria do grupo era imensa. Tão grande que pediram a Pedro e a seus acompanhantes que permanecessem com eles todo o tempo que pudessem.

O primeiro passo na pregação do evangelho aos gentios acabava de ser dado. Faltava apenas saber qual seria a reação da igreja, especialmente dos líderes que estavam em Jerusalém. Não foi necessário esperar muito tempo para que essa reação ocorresse.

Relatório missionário de Pedro em Jerusalém (At 11:1-18)

A notícia do que aconteceu em Cesareia se espalhou por muitos lugares. O fato em si, como o contato com os gentios e o que havia acontecido com eles, era tão incomum que não poderia passar des-

percebido. Houve uma discussão. Pedro explicou os fatos, e todos se aquietaram, aceitando o que Deus havia feito.

A discussão: qual o motivo? (v. 1-3)

Lucas não interrompe o desenrolar dos acontecimentos. Informa imediatamente que os irmãos da Judeia tomaram conhecimento de que os gentios também haviam recebido “a Palavra de Deus”. No momento não demonstraram nenhuma reação. A igreja e seus líderes esperaram até que Pedro retornasse. Como poderiam tomar uma posição antes de ouvi-lo? Todos os assuntos da igreja devem ser estudados com calma e tranquilidade. Sem precipitações, considerando todos os fatos, especialmente quando o assunto produz ansiedade nas pessoas. E se essas pessoas forem líderes, o cuidado e a prudência devem ser ainda maiores.

Mas, quando Pedro chegou a Jerusalém, a reação foi imediata. Os cristãos partidários da circuncisão reagiram antes de qualquer pessoa. Discutiram com Pedro. Uma discussão cheia de dúvidas, com recriminações e com julgamentos condenatórios. Os demais apóstolos permaneceram em silêncio. Deixaram que a discussão prosseguisse, abrindo espaço para que Pedro se explicasse e, no fim, chegaram a uma posição unânime. Se desde o início tivessem tomado partido a favor de Pedro e contra seus opositores, ou contra Pedro e a favor dos partidários da circuncisão, a unanimidade teria sido impossível.

A igreja cristã não pode se conformar com decisões tomadas pela maioria simples, seguindo o modelo democrático. Tem que buscar a unanimidade. A unidade da igreja é uma doutrina e não se deve arriscar nunca. Se uma votação consistir da metade dos votos mais um, é indispensável buscar a integração dos que votaram contra, pedindo-lhes que se unam à maioria. Se não aceitarem se unir, é necessário continuar trabalhando até que se consiga uma forma de decisão em que a minoria se una à maioria.

A discussão foi concentrada em um item. Os partidários da circuncisão fizeram uma crítica a Pedro: “Você entrou na casa de homens incircuncisos e comeu com eles” (v. 3, NVI).

Era uma crítica recriminatória. Queria dizer: “Você não devia ter feito isso. Por que fez? Não percebeu que foi um erro? Como é possível? Um líder!” Teria sido melhor se dissessem: “Ouvimos falar que os gentios também receberam o evangelho. Como foi? Faça o relato para nós.” De qualquer modo, em lugar de Pedro falar no determinado assunto apresentado pelos acusadores, ele lhes contou exatamente como tudo aconteceu. Em nenhum momento se referiu à questão apresentada pelos que o acusavam: se devia ter entrado na casa dos gentios e se devia ter comido com eles ou não.

A explicação de Pedro (v. 4-17)

Pedro explica contando, não discutindo. A maioria das pessoas responde a uma discussão com discussão. Como as nações que respondem à guerra com guerra. Como os que são agredidos, com agressão. Jesus disse: “Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra” (Mt 5:39, NVI).

A forma de Pedro contar foi exata e ordenada. Limitou-se aos fatos e como eles aconteceram, não se esquecendo de enfatizar os detalhes que justificavam suas ações, sem nunca desafiar as acusações que havia recebido.

“Eu estava na cidade de Jope orando”, disse (v. 5, NVI). Havia melhor maneira para começar seu relato? Uma forma mais apropriada para um dirigente religioso? Certamente, não. A vida espiritual de um líder cristão, sua comunicação com Deus, quando real e autêntica, é sua melhor recomendação.

Continuou: “E, num êxtase, tive uma visão.”

Sua comunicação com Deus não havia sido um solitário monólogo, nem uma simples repetição de frases espirituais sem sentido. Havia sido genuína. E Deus lhe respondeu com uma visão.

“Vi algo parecido com um grande lençol sendo baixado do céu, preso pelas quatro pontas, e que vinha até o lugar onde eu estava” (v. 5, NVI).

Os irmãos e os apóstolos ouviam com atenção. Mas até aquele momento não havia nenhuma explicação que facilitasse o entendimento. No entanto, não houve interrupção. Nem mesmo os

partidários da circuncisão apresentaram objeções antecipadas. Continuaram ouvindo o relato de Pedro.

“E, fitando para dentro dele os olhos, vi quadrúpedes da terra, feras, répteis e aves do céu. Ouvi também uma voz que me dizia: Levanta-te, Pedro! Mata e come. Ao que eu respondi: de modo nenhum, Senhor; porque jamais entrou em minha boca qualquer coisa comum ou imunda. Segunda vez, falou a voz do Céu: Ao que Deus purificou não consideres comum. Isto sucedeu por três vezes, e, de novo, tudo se recolheu ao céu” (v. 6-10, ARA).

A visão terminou. Duas coisas ficaram claras: Primeira, Deus havia ordenado a Pedro que comesse. Segunda, Deus havia purificado o que Pedro devia comer. A visão tinha significado literal? Referia-se a comer aves, répteis, feras e quadrúpedes, antes declarados imundos, que Deus, nesse momento, declarava purificados para que todos os cristãos pudessem livremente comer? Não. A visão nada tinha que ver com o uso de animais imundos como alimento. Pedro mesmo explica um pouco mais adiante: “Na mesma hora chegaram à casa em que eu estava hospedado três homens que me haviam sido enviados de Cesareia. O Espírito me disse que não hesitasse em ir com eles. Estes seis irmãos também foram comigo” (v. 11, 12, NVI).

A visão tinha sido intervenção direta do Senhor. Cristo havia atuado, primeiro, para ajudar Pedro a realizar uma mudança em sua mente, sem lhe haver dito exatamente qual era. A realidade que começava a viver teve a intervenção do Espírito Santo para movê-lo a uma ação que, de outra forma, não teria realizado. Pedro mostrou que, naquele momento, tinha entrado num processo guiado pelo Senhor e pelo Espírito Santo, e a ele não restou outra alternativa senão segui-lo, a menos que se rebelasse. Isso ele não podia fazer. Os seis irmãos que foram com ele estavam ali como testemunhas de tudo o que dali em diante ocorreu.

Ao chegar a Cesareia, entramos na casa de um homem. Ele nos contou que um anjo o havia visitado e lhe disse: “Envia a Jope e manda chamar Simão, por sobrenome Pedro, o qual te dirá palavras mediante as quais serás salvo, tu e toda a tua casa” (v. 13, 14, ARA).

Já lhes havia falado da intervenção do Senhor, de como o Espírito Santo falara com ele; agora, inclui a comunicação de um anjo. Todos

eles interessados na salvação dos gentios. Poderia haver maior prova a favor do que ele havia feito? Tudo estava correto. O Céu aprovava sua atuação. Deus também aceitava os gentios.

“Quando, porém, comecei a falar, caiu o Espírito Santo sobre eles, como também sobre nós, no princípio” (v. 15, ARA).

Como os judeus, os gentios também receberam o Espírito Santo. Todos os apóstolos eram judeus. Se o Espírito Santo não fazia diferença entre eles, por que os crentes a fariam? Em que se baseavam para rejeitar seu trabalho em favor dos gentios? Não havia base para isso. O que Pedro havia feito contava com a aprovação divina e estava de acordo com os ensinamentos que Jesus lhes havia transmitido.

Não havia lugar para qualquer dúvida. Os gentios podiam receber o evangelho e a igreja precisava alcançá-los. Recebeu ordens no passado para isso, e a experiência presente confirmava. Experiência que incluía a atuação do Senhor, do Espírito Santo, do anjo e a presença do Espírito nos próprios gentios. Veio a eles para demonstrar que o que o Senhor havia dito, quanto ao batismo do Espírito Santo, estava se cumprindo e para confirmar que a inclusão dos gentios era correta.

Pedro, então, conclui seu relato: “Se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós nos outorgou quando cremos no Senhor Jesus, quem era eu para que pudesse resistir a Deus?” (v. 17, ARA).

Fim do conflito: todos aceitaram (v. 18)

Tudo estava claro como o sol ao meio-dia. Nem os partidários da circuncisão puderam fazer nenhuma objeção. Na realidade, todos ficaram calados. Um silêncio de aceitação, de respeito pelo que Deus havia feito através de Pedro. Um silêncio de admiração para com Pedro. Mais uma vez, ele e todos os demais recebiam a orientação direta do Senhor para continuar avançando no trabalho missionário, sem fronteiras. Nenhuma fronteira em seus pensamentos que pudesse reduzir o âmbito da missão. Nenhuma fronteira geográfica, nacional ou cultural, na sua execução.

Glorificando a Deus, disseram: “Então, Deus concedeu arrependimento para a vida até mesmo aos gentios” (v. 18, NVI).

Com essa experiência, a mente dos cristãos expandiu-se para o mundo inteiro. A igreja já não mais era uma pequena seita judaica.



4

Pregação em Todo o Mundo

No relato seguinte (Atos 11:19-12:24), Lucas continua falando sobre os resultados produzidos pela perseguição aos membros da igreja (não aos líderes) ocorrida em Jerusalém. Começa mencionando que os crentes se haviam dispersado pela Judeia e Samaria (8:1-3) e conta o que aconteceu nesses territórios. Muitos, entre os quais Pedro e Filipe, neles trabalharam. Filipe, em Samaria, com o etíope no caminho de Jerusalém para Gaza, em todas as cidades próximas ao caminho de Azoto para Cesareia e na própria cidade de Cesareia, onde estabeleceu sua base. Pedro, em Lida, onde curou Eneias, o paralítico; em Jope, onde ressuscitou Dorcas; e em Cesareia, onde levou Cornélio, seus familiares e amigos à conversão.

Concluído o relato referente aos que fugiram para os territórios de Samaria e Judeia, Lucas retorna ao tempo em que a perseguição começou, e menciona que alguns dos perseguidos se refugiaram fora dos territórios israelitas.

Fenícia, Chipre e Antioquia: duas etapas (At 11:19-30)

A pregação aos refugiados teve duas etapas. No começo, pregavam somente aos judeus. Depois, incluíram também os gregos.

Pregação somente aos judeus (v. 19)

Os que se dispersaram por causa da perseguição ligada ao caso de Estevão chegaram a Fenícia, Chipre e Antioquia. Na região da Fenícia, provavelmente, foram às cidades de Tiro, Sidom e Ptolemaida. Lucas diz que estiveram ativamente pregando, mas de maneira restrita:

Passaram por essas cidades, “não anunciando a ninguém a palavra, senão somente aos judeus” (v. 19, ARA).

Isso aconteceu no início da perseguição. A conversão de Cornélio ainda não havia ocorrido, nem Pedro havia informado sobre o caso em Jerusalém. De qualquer forma, a pregação aos judeus produziu frutos. Mais tarde, quando, viajando para Jerusalém, Paulo passou por Tiro e Ptolemaida, Lucas informa: “Saúdamos os irmãos, passando um dia com eles” (At 21:7, ARA). Seu relatório é semelhante ao que conta sobre a passagem deles pela cidade de Sidom (At 27:3). Havia igrejas em todos esses lugares. Sem dúvida, foram originadas pelos membros judeus que aceitaram a pregação dos cristãos dispersos em decorrência da perseguição.

Antioquia: pregação aos gregos (v. 20-30)

A chegada de cipriotas e Cireneus: pregação aos gregos (v. 20, 21). Entre os que fugiram de Jerusalém, havia alguns originários de Chipre e de Cirene, na África; judeus que se haviam convertido ao cristianismo em Jerusalém. Por terem vivido no período da diáspora, estavam mais acostumados a se relacionar com os gregos. Mas começaram a pregar o evangelho aos gregos somente quando chegaram a Antioquia, capital da Síria, a quarta maior cidade do Império Romano, depois de Roma, Alexandria e Éfeso.

Antioquia contava com forte presença grega, cultural e populacionalmente falando. Embora a igreja tenha iniciado com judeus conversos, o passo para a inclusão dos gregos, quando ocorreu o estímulo dos crentes cipriotas e Cireneus, foi espontâneo. Um deles tem que ter sido Lúcio de Cirene, que é mencionado na lista de profetas e mestres que, por ordem do Espírito Santo, ordenaram Barnabé e Saulo quando os enviaram à primeira viagem missionária (At 13:1).

O trabalho entre os gregos teve grande êxito.

“A mão do Senhor estava com eles”, diz Lucas, “e muitos creram e se converteram ao Senhor” (v. 21, NVI).

Chegada de Barnabé: grande multidão se une à igreja (v. 22-24). A notícia sobre o êxito da pregação aos gregos chegou à igreja em Jerusalém. Isso deve ter ocorrido após a experiência de Pedro em Cesareia, pois os dirigentes enviaram Barnabé, não como inspetor para colocar ordem na situação, mas como um auxiliar. O próprio Barnabé era natural de Chipre. Ao chegar, vendo a graça de Deus atuando entre os crentes, alegrou-se.

Imediatamente, começou a trabalhar. Sua personalidade influenciou positivamente o trabalho. Era bondoso, cristão de fé e ação, cheio do Espírito Santo. Exortava os crentes a confiarem no Senhor com coração honesto e permanente fidelidade. Pregava o evangelho aos descrentes e numerosa multidão se entregou ao Senhor. Sob seu ministério, a igreja crescia constantemente, a ponto de sentir necessidade de mais um auxiliar.

Inclusão de Saulo: os discípulos são chamados cristãos (v. 25). Barnabé conhecia Saulo. Foi ele quem o apresentou aos apóstolos, logo depois de sua conversão, quando foi a Jerusalém; pois nenhum discípulo tinha suficiente confiança para recebê-lo. Sabia que ele estava em Tarso. Durante esse período, Saulo trabalhava nas regiões da Síria e da Cilícia anunciando a fé que anteriormente procurava destruir (Gl 1:21-23).

Barnabé foi buscar Saulo e o trouxe para Antioquia. Foi uma transferência do interior para a capital. Trabalharam ensinando juntos durante um ano. Eram mais que pregadores; eram mestres. Bem se poderia dizer a respeito deles que, quando pregavam, ensinavam; e quando ensinavam, pregavam.

Era um trabalho de exortação e ensino. Exortavam com sermões breves, persuasivos, familiares, convincentes. Ensinavam a verdade do evangelho como estilo de vida e modo de ser. Ser como Cristo era, viver como Cristo vivia, falar a respeito de Cristo, imitar Cristo em tudo.

“Continuamente estavam eles repetindo os incidentes ocorridos durante os dias de Seu ministério terrestre, quando Seus discípulos

foram abençoados com Sua presença pessoal. Demoravam-se incansavelmente sobre Seus ensinamentos e milagres de cura. Com lábios trêmulos e olhos rasos d'água falavam de Sua agonia no jardim, Sua traição, julgamento e execução, a paciência e humildade com que havia suportado a afronta e a tortura a Ele impostas por Seus inimigos e a divina piedade com que tinha orado por Seus algozes. Sua ressurreição e ascensão e Sua obra no Céu como Mediador do homem caído eram tópicos sobre os quais se regozijavam em se demorar” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 157).

Os discípulos foram chamados cristãos pela primeira vez em Antioquia. Nome muito apropriado porque Cristo era o tema principal de sua pregação, seu ensinamento e de sua conversação, que era sempre um testemunho.

Chegada de Ágabo e outros profetas: provisão para os irmãos da Judeia por causa da grande fome em toda a Terra (v. 26-30). Vários profetas chegaram a Antioquia. Eram de Jerusalém. Sua primeira contribuição à comunidade cristã local, com o dom profético, foi através do profeta Ágabo. O mesmo que, alguns anos depois, foi da Judeia à Cesareia para revelar que Paulo seria feito prisioneiro em Jerusalém (At 21:10, 11).

O Espírito Santo comunicou a Ágabo, e este à igreja, que viria grande fome em toda a terra habitada. A partir de sua perspectiva no tempo, escrevendo provavelmente no início do ano 67 d.C., Lucas deu essa informação sabendo que essa fome ocorreu durante o governo do imperador Cláudio, transcorrido entre os anos 41 e 54 d.C. Há também informação extrabíblica a esse respeito. Josefo, historiador judeu da época, em *Antiguidades* (XX2.5), e os historiadores romanos Suetônio, em *Cláudio* (XVIII.2), e Tácito, em *Anales* (XII.43), comentam sobre essa fome e outras.

Quando os cristãos de Antioquia foram informados do que iria acontecer, imediatamente organizaram uma arrecadação de fundos para ajudar os irmãos da Judeia.

É interessante que Lucas, mesmo já tendo dito que os discípulos foram chamados cristãos em Antioquia, ainda usa o nome de discípulos para se referir a eles. Todos os cristãos são discípulos, e

discípulos são os que aprendem com seu mestre, vivem com ele, imitam-no em tudo e adotam seu modo de vida, sua religião, sua missão, seus objetivos. Vivem com ele e para ele. Estilo de vida, ensinamentos e missão idênticos aos de seu mestre demonstram ser as características mais elevadas de um discípulo.

A contribuição do dom profético para a igreja de Antioquia foi diversa.

1. Proveu-lhe conhecimento sobre o futuro. Sem o dom, isso teria sido impossível.

2. Ofereceu-lhe oportunidade para manifestar amor fraternal para com os irmãos que mais necessitavam. Parece que a grande fome da época assolava mais severamente a Judeia, especialmente Jerusalém. Em seu relatório sobre esse fato, Josefo conta que Elene, rainha-mãe de Adiabene, reino localizado a leste do Tigre, que se havia convertido ao judaísmo, enviou cereais comprados no Egito e figos comprados em Chipre para que fossem distribuídos em Jerusalém. Ao mesmo tempo, seu filho, o rei Izates, enviou grande soma de dinheiro para que os dirigentes de Jerusalém usassem a fim de mitigar a fome (*Antiguidades*, XX.51.53). Os conversos ao judaísmo faziam isso e os conversos cristãos fizeram o mesmo em favor de seus irmãos da Judeia.

3. Possibilitou o estabelecimento de um método de contribuição que parece ter-se generalizado entre as igrejas cristãs. Lucas diz que cada um deu conforme o que possuía. Alguns anos mais tarde, quando Paulo instruiu os coríntios a respeito de como contribuir para a oferta que ele planejava levar para Jerusalém, disse-lhes: “Cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade” (1Co 16:2, ARA).

4. Permitiu-lhe expressar sua adesão à nova estrutura de governo adotada pela igreja de Jerusalém. Paulo e Barnabé, portadores da oferta, entregaram-na aos *anciãos* (*presbíteros*) de Jerusalém. Eles eram os dirigentes das igrejas locais. A fome ocorreu entre os anos 45 e 48 d.C. A partir desse momento, a liderança local se torna mais e mais visível. No ano 49, quando foi realizado o Concílio de Jerusalém para esclarecer o problema que os judaizantes haviam

criado para Paulo, de acordo com Lucas, reuniram-se os apóstolos e os *anciãos*. Quando as deliberações foram concluídas, apóstolos e *anciãos*, juntamente com toda a igreja, decidiram enviar alguns representantes para informar suas decisões às igrejas envolvidas. No começo da carta que lhes foi enviada, escreveram: “Os irmãos apóstolos e *presbíteros*, aos cristãos gentios que estão em Antioquia, na Síria e na Cilícia” (At 15:6, 22, 23, NVI). Na última visita de Paulo a Jerusalém, no ano 58 d.C., ele e sua comitiva se reuniram com Tiago e todos os *anciãos* que estavam reunidos para ouvir seu relatório (At 21:18). Os apóstolos já não se encontravam mais em Jerusalém. O governo corporativo das igrejas de Jerusalém estava inteiramente sob a responsabilidade dos *anciãos*, liderados por Tiago, seu pastor.

Perseguição de Herodes: glória e morte (At 12:1-24)

Lucas deixa Saulo e Barnabé em Jerusalém para contar um fato que estava ocorrendo naqueles dias.

Protagonista: o rei Herodes Agripa I. Sua história é muito interessante. Nasceu no ano 11 a.C. Seu pai, Aristóbulo, filho de Herodes o Grande, o que procurou matar a Jesus recém-nascido em Belém, foi assassinado no ano 7 d.C. Agripa tinha quatro anos. Sua mãe o enviou a Roma para que crescesse e fosse educado na companhia dos principais do Império. Foi a atitude certa, pois Agripa se tornou amigo muito próximo de dois importantes membros da família imperial: Cláudio, que tinha a sua idade, e Calígula, sobrinho-neto do imperador Tibério.

Glória de Herodes (v. 1a)

Calígula sucedeu a Tibério, no trono, no ano 37 d.C. Imediatamente prestou favores a seu amigo Agripa doando-lhe dois territórios localizados ao sul da Síria e concedendo-lhe o título de rei. Dois anos mais tarde, acrescentou-lhe os territórios da Galileia e Bereia.

No ano 41, o outro amigo de Herodes Agripa, Cláudio, se tornou imperador de Roma e favoreceu a Agripa acrescentando-lhe dois territórios da Judeia.

A essa altura, Herodes Agripa I possuía um reino que abrangia o sul da Síria, Galileia, Bereia, Samaria e Judeia. Desde Herodes o Grande, nenhum outro rei da região havia dominado território tão extenso.

Além disso, era muito apreciado pelo povo judeu. Possivelmente por ser descendente da dinastia judaica dos hasmoneus. Sua avó paterna, Mariamne, esposa favorita de Herodes o Grande, era hasmo-neia. Mariamne teve somente dois filhos com Herodes o Grande. O outro foi Herodes Felipe I, que nunca governou. Era o esposo legítimo de Herodias, a que se juntou com Herodes Antipas a quem João Batista acusava de cometer adultério.

Herodes Agripa I, como rei, estava em seu apogeu. Não sabia que tudo terminaria para ele naquele mesmo ano. Governou do ano 37 até 44 d.C.

Perseguição de Herodes (v. 1b-5)

Lucas informa que quando Saulo e Barnabé estavam em Jerusalém, entregando aos anciãos das igrejas a oferta que os discípulos haviam enviado de Antioquia, o rei Herodes começou uma perseguição contra os cristãos. Sem dúvida, isso ocorreu como demonstração de ansiedade, pois os judeus o aceitaram como um verdadeiro judeu, fiel ao judaísmo. Maltratou os cristãos e mandou despojá-los de suas propriedades e bens. Mandou decapitar Tiago, irmão de João, e prendeu os principais dirigentes da igreja.

Os dirigentes judeus manifestaram satisfação pela morte de Tiago e, para agradar-lhes ainda mais, Herodes também mandou prender Pedro.

Era a época da Festa dos Pães Asmos, a Páscoa (Lc 22:1), momento impróprio para mais uma execução. Por isso, a pena foi postergada para depois da festa. Nesse período, Pedro foi mantido preso sob forte custódia. Quatro grupos, cada grupo com quatro soldados, num total de dezesseis. Por que tantos? Era um dirigente importante, seus companheiros não tinham recursos militares nem força organizada para assaltar a prisão e retirá-lo dali, mas os dirigentes judeus temiam isso. Herodes também. Sabia que os cristãos contavam com um poder muito “misterioso”, que poderia mudar

tudo. Quando Pedro fazia poderosos apelos ao povo, este respondia com extraordinária entrega. Isso poderia ser muito perigoso. Era melhor que Pedro estivesse bem escondido dentro da prisão e muito bem escoltado.

Um paradoxo: enquanto celebravam a libertação que Deus lhes havia concedido, tirando-os da escravidão egípcia, eles privavam os cristãos de sua liberdade. Havia gente de todas as nações. Estavam ali para adorar a Deus no templo. Mas o poder de Jeová não mais estava ali. Havia somente os interesses políticos e o desejo de domínio. O poder de Deus se manifestaria pouco tempo depois na prisão.

Enquanto isso, a igreja em oração intercedia perante Deus a favor de Pedro. Queriam sua libertação. Pediam-na com fé. E quando a fé atua, Deus também atua com todo o poder que a ocasião requer.

Libertação de Pedro: segurança (v. 6-17)

Quando chegou a noite anterior ao dia marcado para a execução de Pedro, Herodes procurou evitar que isso ocorresse. Pedro dormia. Não estava preocupado com sua possível morte, pois não a temia. Para ele, podia acontecer quando tivesse que ser. Além disso, de acordo com a conversa que havia tido com Jesus junto ao mar de Tiberíades, naquela manhã da pesca maravilhosa, ele iria morrer somente quando estivesse velho (Jo 21:18). E não estava velho. Por que iria se preocupar com o que ainda estava no futuro? Só poderia estar preocupado se não tivesse crido no que Jesus lhe havia dito. Mas ele cria.

Os crentes têm uma segurança que nem os poderosos possuem, mesmo confiando em todo o seu poder.

Pedro dormia entre dois soldados. Duas cadeias acorrentavam-lhe as mãos às mãos deles. A cela, cavada na rocha, tinha uma única saída; e a prisão, com apenas uma conexão com o exterior, estava fechada. Os quatro grupos de quatro soldados guardavam as portas. Dois grupos em cada um dos lados da porta. Quando o anjo do Senhor apareceu, todos dormiam. Com sua luz, encheu toda a cela e, tocando o lado de Pedro, o despertou.

“Levanta-te depressa!”

As cadeias caíram-lhe das mãos.

“Cinge-te e calça as sandálias.”

Ele assim o fez.

“Põe a capa e segue-me” (v. 7, 8, ARA).

Pedro o seguiu.

Não sabia se aquilo era real ou era uma visão. Imaginou que se tratava de uma visão. Mas continuou.

Passaram pela primeira guarda e todos dormiam. A segunda também.

Chegaram à porta principal da prisão que dava para a cidade. Era de ferro.

Abriu-se por si mesma.

Saíram.

Andaram por uma rua e o anjo desapareceu.

Pedro, como que despertando para a realidade, falou consigo mesmo: “Agora entendo que verdadeiramente o Senhor enviou o Seu anjo e me livrou da mão de Herodes.”

Continuou caminhando até a casa de Maria, mãe de João Marcos – a casa que tinha um cenáculo, onde, juntamente com os demais apóstolos, havia tomado a última ceia pascal com o Senhor.

Muitos cristãos estavam reunidos ali, orando. Oravam por ele.

Pedro bateu à porta do pátio. Uma jovem chamada Rode o atendeu. Quando ouviu a voz de Pedro, reconhecendo-a, encheu-se de tanta alegria que, sem abrir a porta, voltou correndo para informar que Pedro estava à porta. Disseram-lhe: “Estás louca.”

“Ela, porém, persistia em afirmar que assim era.”

“Então disseram: É o seu anjo.”

Pedro continuava chamando à porta.

Quando abriram a porta e o viram, todos ficaram atônitos, cheios de surpresa e tão felizes que falavam ao mesmo tempo.

Pedro, porém, lhes fez um sinal com a mão para que se calassem. Em seguida, contou-lhes como o Senhor o havia libertado da prisão. Ao terminar seu relato, disse-lhes: “Contem isso a Tiago e aos irmãos” (v. 17, NVI).

Esse Tiago era o pastor de Jerusalém, que seis anos mais tarde presidiria o concílio de Jerusalém no ano 49 d.C., quando,

juntamente com os apóstolos e os anciãos, resolveram o problema levantado pelos judaizantes no território em que Paulo e Barnabé trabalhavam (At 15).

Em seguida, cumprindo a ordem de Jesus (“Quando vos perseguirem numa cidade, fujam para outra”), Pedro saiu e foi para outro lugar.

Alvorço na prisão: ninguém sabia de nada (v. 18, 19)

Sendo já dia, houve grande alvorço na prisão. Descobriram que Pedro não se encontrava lá e ninguém sabia nada a seu respeito. Herodes ficou enfurecido. Mandou procurá-lo por todas as partes. Em vão. Interrogou os soldados, mas ninguém sabia de nada. Ficou tão enfurecido que mandou matar todos eles. Que absurdo! A morte dos soldados não ajudou em nada para encontrar Pedro, e não o aliviou de suas inquietações. Pelo contrário, tornou-se mais inquieto.

Depois desse vergonhoso episódio, o rei foi da Judeia para a Cesareia. Procurou assim salvar sua aparência e aplacar a própria ira. Mas os ímpios não podem fugir muito de si mesmos, nem podem escapar dos males que tenham feito. E o pior acontece quando suas ações perversas são praticadas contra Deus e Sua igreja.

Morte de Herodes (v. 20-24)

Herodes chegou a um lugar não muito prazeroso para ele. Estava desgostoso com os habitantes de Tiro e Sidom e, pelo fato de ter ido a Cesareia, ficou ainda mais próximo deles do que quando estava em Jerusalém. Os habitantes de Tiro e Sidom iniciaram uma conspiração para obrigá-lo a abandonar sua atitude aversiva contra eles. Subornaram a Blasto, camareiro superior do rei, e ele aceitou interceder por eles junto a Herodes para que lhes concedesse a paz. Tinham uma razão muito forte para conquistar o rei: ele abastecia as cidades de Tiro e Sidom, e, sem sua ajuda, teriam que enfrentar uma crise com muitas privações.

No dia marcado, o rei apareceu no tribunal. Estava vestido com roupas de gala. Magnífico! A multidão que se havia reunido para buscar seu favor o escutava com especial respeito. Quando terminou

seu discurso, o povo, manifestando admiração que parecia muito real, o lisonjeou aos gritos. “É voz de um deus, e não de homem”, diziam (v. 22).

O rei deu vazão ao seu ego com satisfação. “É verdade”, pensou, “sou um deus para eles. Sem a minha ajuda, nem comida teriam.” Como podia pensar assim? Ele pretendia ser um homem religioso, inteiramente fiel ao judaísmo e muito devoto ao Deus de Israel. Pura hipocrisia. Seu deus era ele mesmo. Seu egocentrismo, transparente. A devoção que praticava não era mais que um ato político objetivando a conquista dos líderes religiosos e a atração do povo para que ambos se lhe submetessem de boa vontade. Herodes sabia muito bem que se o povo o rejeitasse, sua permanência no trono seria desestabilizada, porque a política de Roma, à qual servia, era muito firme. Procurava manter a paz entre os povos que conquistava. Se demonstrassem rebeldia contra o Império, eram submetidos pela força e com muito rigor. Mas, uma vez dominados, era-lhes permitido manter seu próprio governo e sua própria religião. Mais de uma vez Roma havia deposto reis locais e até autoridades romanas quando tais governantes não conseguiram manter a paz entre o povo.

Ao aceitar esse tratamento que o povo lhe dispensou, e ao pensar em si mesmo como um deus, chegou ao maior grau de afastamento de Deus a que um ser humano pode chegar. Um delito sem perdão. Deus o rejeitou.

“No mesmo instante”, diz Lucas, “um anjo do Senhor o feriu, por ele não haver dado glória a Deus; e, comido de vermes, expirou” (v. 23, ARA).

Um rei cheio de vermes já não é rei, nem pessoa; não é nada. Um nada espiritual. Um nada físico. Um morto. A glória de Herodes Agripa I havia desaparecido. Por sua própria culpa. Pela desmedida devoção para com sua própria pessoa.

Com a morte do rei, acabou a perseguição na Judeia. “A Palavra do Senhor”, diz Lucas, “crescia e se multiplicava” (v. 24, ARA). A igreja ficou em paz. Continuou crescendo. Seu crescimento não parou durante o período de perseguição, mas sem ela tudo foi mais tranquilo, mais natural, mais prazenteiro.



Primeira Viagem

5 Missionária de Paulo

O relato de Lucas havia deixado Saulo e Barnabé em Jerusalém onde estavam entregando aos anciãos a oferta enviada pelos irmãos de Antioquia, para ajudá-los a enfrentar a crise de fome que sobreveio a todo o mundo conhecido (11:30). Lucas retoma esse relato e inclui em sua história Saulo e Barnabé que, a partir desse momento, tornam-se personagens centrais dela. Conta o que fizeram em sua primeira viagem missionária (45-47 d.C.), e como o Senhor ajudou a Paulo no cumprimento da tarefa que lhe havia confiado (At 12:25-14:28).

Início da viagem: ordenação (At 12:25-13:3)

Duas coisas eram necessárias para que Barnabé e Saulo estivessem prontos para iniciar sua primeira viagem missionária: voltar de Jerusalém para Antioquia e ser ordenados. Em seguida, Lucas conta o que aconteceu na viagem, em cada cidade. Conclui com o retorno dos missionários e o relatório que eles apresentaram à igreja de Antioquia.

Retorno de Saulo e Barnabé de Jerusalém para Antioquia (v. 25)

“Tendo terminado sua missão, Barnabé e Saulo voltaram de Jerusalém para Antioquia” (NVI). Teriam sido eles testemunhas da prisão e fuga de Pedro, bem como da ida de Herodes Antipas I para

a Cesareia, enquanto estavam em Jerusalém? Lucas não relata isso. No entanto, deixa claro que retornaram para Antioquia, na Síria, após a morte de Herodes, ocorrida no ano 44 d.C. Caso tenham retornado depois dessa data, a viagem para Jerusalém pode ter ocorrido após esse acontecimento, possivelmente no ano 45 d.C., quando teve início a grande fome.

Lucas acrescenta algo mais em relação ao retorno a Antioquia: “Levaram consigo a João Marcos.” Não é mencionado o objetivo para o qual o levaram. Pode ter sido somente porque ele era parente de Barnabé. Lembremos que, nessa ocasião, nem Barnabé nem Saulo tinham conhecimento sobre o que a igreja, onde eles estavam trabalhando, faria com eles. João Marcos havia tido uma experiência muito privilegiada. Jesus estivera em sua casa quando seu pai ainda vivia. No cenáculo da casa, com os apóstolos, haviam tomado a última ceia pascal, que foi substituída pela Santa Ceia e o lava-pés. Sua mãe havia oferecido a casa para que servisse como base dos serviços dos apóstolos. Isso aconteceu depois da ressurreição e assim continuou durante o tempo todo. Dessa forma, João Marcos se relacionou com os líderes da igreja e tinha conhecimento de tudo o que eles faziam. É evidente que surgiu nele o desejo de participar da missão que eles cumpriam, e quando a oportunidade se apresentou, não a deixou passar. Participou do trabalho missionário (At 13:5).

Ordenação e envio de Barnabé e Saulo (13:1-3)

A igreja de Antioquia na Síria era rica em dons espirituais. Lucas diz que havia profetas e mestres. Contava também com membros de muita influência, na igreja e fora dela.

Entre eles, estavam Barnabé, pastor da igreja desde sua chegada (pois os apóstolos o haviam enviado para ajudar os muitos conversos que os perseguidos de Jerusalém haviam persuadido), e Simão, de sobrenome Níger, sobrenome latino que significa negro. Por que um sobrenome latino? Sem dúvida porque tinha vinculação com Roma; possivelmente, tenha nascido em alguma cidade imperial cuja latinidade era reconhecida.

Eram também membros da igreja de Antioquia: Lúcio de Cirene, um dos primeiros que se encorajaram a pregar o evangelho aos gentios gregos, e Manaém, que havia sido criado com Herodes o tetrarca. Aqui, deve estar se referindo a Herodes Antipas, porque Herodes Agripa, que foi rei, tinha morrido pouco tempo antes, comido de vermes. Antipas era tetrarca da Galileia e Bereia (4 a.C.-39 d.C.). Jesus o chamou de raposa (Lc 13:32). Nessa época, era costume que um menino com a mesma idade do filho do governador fosse adotado para que se criasse com ele, uma espécie de irmão adotivo, para lhe servir de companhia. Manaém deve ter acompanhado Antipas quando foi enviado a Roma para ser educado. Os dois com a mesma educação, com as mesmas influências, com alto prestígio perante seus contemporâneos. Antipas tornou-se um governador que dissimulava seu caráter fraco e passional, com atos prepotentes, tiranos e violentos. Foi o assassino de João Batista, participou do julgamento de Jesus e terminou seus dias sem poder, exilado em Gália, esquecido. Seu exílio ocorreu no mesmo período em que o irmão adotivo Manaém se tornava um líder cristão, respeitado pela igreja e lembrado com afeto e prestígio até hoje.

O último na lista dos mais influentes foi Saulo. Nessa época, era pastor associado da igreja cristã em Antioquia. Auxiliava Barnabé, primeiro na lista. O Senhor havia abençoado muito o trabalho desses homens, mas eles ainda não tinham sido ordenados ao ministério.

Certo dia, quando todo o grupo de dirigentes jejuava e buscava fervorosamente a Deus, o Espírito Santo lhes disse: “Separem-Me Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado” (v. 2, NVI).

Nenhum dos dirigentes hesitou em obedecer à voz do Espírito. Precisavam deles em Antioquia. Como poderiam ser enviados a outros lugares? Ninguém pensou nisso. Teria sido um pensamento demasiadamente egoísta e a mente de todos estava centralizada no progresso da missão. Decidiram obedecer.

Mas, antes de enviá-los, oraram e jejuaram em favor deles. E logo lhes impuseram as mãos conforme o Espírito Santo lhes havia ordenado.

“Assim foram eles autorizados pela igreja, não somente para ensinar a verdade, mas para realizar o rito do batismo e organizar igrejas, achando-se investidos de plena autoridade eclesiástica” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 161).

Esse era o terceiro passo na pregação do evangelho aos gentios. O primeiro foi dado por Pedro quando, em Cesareia, pregou a Cornélio, sua família e amigos, todos gentios. O segundo foi dado pelos fugitivos, em decorrência da perseguição relacionada ao caso de Estêvão, os quais pregaram aos gregos em Antioquia. Os dois primeiros passos foram limitados, cada um foi realizado em um só lugar. O envio de Barnabé e Saulo deu maior amplitude a esse trabalho, dando-lhe também vigor que até então não tinha.

Primeira viagem missionária: lugares visitados (At 13:4-21a)

A pregação do evangelho a todo o mundo começou de maneira muito simples. Os aspectos humanos pareciam simples, sem a ostentação que os seres humanos geralmente desenvolvem na execução de seus projetos especiais. Não havia perplexidade nem expectativa de multidão como num lançamento de uma nave espacial. Não continha o esplendor de um casamento real. Não demonstrava a coragem do envio de tropas à guerra. Não tinha a desenvoltura humana que uma mudança de comando presidencial apresenta.

Simple. Apenas uma igreja com seus fieis. Alguns profetas, poucos mestres. Três dirigentes da igreja. Dois homens para ser enviados. E o Espírito Santo. Quando o Espírito Santo está presente, a singeleza e a simplicidade desaparecem. São revestidas do maior poder espiritual atuante no planeta Terra. O singelo não é fundamental, nem o simples, simplista. O que estava acontecendo em Antioquia era tão grande como a grandeza da mata para a semente. Tão potente como o poder atômico escondido no núcleo do pequeno átomo. Sua grandeza nesse momento não era visível, mas pouco a pouco, à medida que a missão conquistasse mais pessoas, mais e mais a grandeza invisível se tornaria visível e o evangelho penetraria no Império Romano inteiro e avançaria até o futuro, até seu triunfo final na segunda vinda de Cristo.

Chipre: primeiros ensinamentos (v. 4-12)

Os grandes progressos ocorrem passo a passo. Mas é necessário que percorramos cada passo daqueles que são enviados pela igreja, para que suas conquistas sejam visíveis na pregação.

Salamina: a palavra de Deus (v. 4, 5). Lucas novamente menciona que o Espírito Santo estava envolvido na missão de Barnabé e Saulo. Foi Ele quem os enviou, atuando por meio dos dirigentes da igreja. Os enviados não agiram por si mesmos. Não eram homens inclinados a agir de forma individual como se recebessem ordens diretamente do Espírito Santo, alheios àqueles que Deus havia indicado para conduzir as responsabilidades da igreja. Não tinham também mentes secularizadas que ignoram a ação do Espírito Santo nas decisões dos dirigentes. Estava muito claro para eles que a missão recebida era indicação do Espírito Santo através da igreja e seus líderes.

Saíram de Antioquia, na Síria, e desceram da montanha até Selêucia, na embocadura do rio Orontes, no Mar Mediterrâneo. Era o porto marítimo de Antioquia. Dali, embarcaram com destino à importante ilha de Chipre. No ano 27 a.C., o imperador Augusto deu-lhe o *status* de província romana e, no ano 22, a colocou sob a responsabilidade do Senado romano. Por isso, nos dias de Barnabé e Saulo, era governada por um procônsul.

Chipre foi um dos refúgios escolhidos pelos cristãos fugitivos de Jerusalém por causa da perseguição relacionada com o caso de Estêvão. Pregaram somente aos judeus. A partir dali, alguns deles levaram o evangelho a Antioquia da Síria (At 11:20). O próprio Barnabé era judeu, nascido em Chipre (At 4:36). Juntamente com Saulo e João Marcos, seu parente, estava de volta a Chipre para pregar o evangelho também aos gentios.

As duas cidades mais importantes da ilha eram Salamina, centro administrativo do leste, e Pafos, centro administrativo da província.

É importante notar a estratégia de Barnabé e Saulo. Eles começaram nas cidades mais importantes da ilha e procuraram em primeiro lugar as pessoas mais influentes nelas existentes. Começaram com os judeus de maior influência, os que assistiam à sinagoga. Em seguida, os gentios. Assim ocorrerá em todas as viagens de Paulo.

Barnabé e Saulo “anunciavam a palavra de Deus”, escreveu Lucas.

Como a pregação fazia parte do contexto do trabalho que era feito nas sinagogas, sua menção é relevante. Precisavam alcançar os judeus com as Escrituras Sagradas e, através delas, lhes apresentar Jesus Cristo.

Pafos: a doutrina do Senhor (v. 6-12). Tiveram que atravessar toda a ilha para chegar a Pafos, a sudoeste de Chipre, onde se encontrava o procônsul. Enfrentaram um sério problema: encontraram Barjesus, a quem Lucas descreve como judeu, mágico, falso profeta, no sentido de se fazer passar por profeta sem o ser. De alguma forma, ele tinha alguma ligação com o procônsul Sérgio Paulo, homem prudente, honesto, sábio, membro de uma família que por muitos anos havia prestado bons serviços ao Império. Ele ouviu falar a respeito de Barnabé e Saulo e os mandou chamar. Queria ouvir a Palavra de Deus. Isso era um bom testemunho a seu respeito. Mas, o mágico procurou impedir que isso acontecesse. Se o procônsul ouvisse os recém-chegados e cresse neles, sua posição perante o procônsul estaria correndo perigo. Isso não podia acontecer. Quando os missionários falaram com Sérgio, Elimas, que significa mágico, também chamado Barjesus, os resistia, no sentido de procurar impedir que o procônsul cresse.

Então Paulo, diz Lucas, cheio do Espírito Santo, fixando nele os olhos, disse: “Filho do Diabo e inimigo de tudo o que é justo! Você está cheio de toda espécie de engano e maldade. Quando é que vai parar de perverter os retos caminhos do Senhor? Saiba agora que a mão do Senhor está contra você, e você ficará cego e incapaz de ver a luz do sol durante algum tempo” (v. 10, 11, NVI).

Poder. Era simplesmente isso que estava em jogo. De que lado estava o poder? Do lado de Barjesus e o demônio que o patrocinava, ou do lado dos missionários apoiados por Deus? A palavra de Paulo, corajosa pela presença do Espírito Santo nele, foi cumprida.

Lucas diz: “Imediatamente vieram sobre ele névoa e escuridão, e ele, tateando, procurava quem o guiasse pela mão” (v. 11, NVI).

Seu tatear de cego o denunciou. Estava confuso. Suas artes mágicas eram impotentes. Sua pretensa sabedoria era um engano, e

sua grandeza, uma ilusão. Ele era uma completa fraude. O pior de tudo é que com as ilusões geradas por ele, iludia-se a si próprio. Por sua vez, o valor e o poder de Saulo eram tão reais que, ao descrevê-los, o próprio Lucas ficou impressionado. Começou a chamá-lo de Paulo, como se fosse um novo começo na vida do missionário. Nunca mais o chamou de Saulo.

O procônsul Sérgio Paulo também reconheceu o poder de Deus e aceitou o evangelho. Ficou maravilhado com a doutrina do Senhor. Pode ser verdadeira a afirmação de Renan no sentido de que, através do poder de um milagre, fosse impossível a conversão de um procônsul romano. Mas a combinação do poder do milagre e a força da doutrina deram origem à fé que brotou em Sérgio Paulo. Poder e doutrina. Sã doutrina, verdadeira doutrina de Jesus e poder divino, atuando juntos, convencem. Convertem. Converteram ao procônsul e podem converter a qualquer incrédulo, mesmo nos dias atuais.

A doutrina de Jesus era o que Jesus ensinou, como também o era a doutrina ensinada pelos missionários. Parecem duas coisas diferentes e alguns as separam. Mas o que Barnabé e Paulo ensinavam sobre Jesus dependia do que Ele havia ensinado. Não havia duas doutrinas, a de Jesus e a de Seus seguidores. Havia apenas uma. Jesus e todos os Seus ensinamentos – ali estava o poder. Quando a doutrina é uma explicação a respeito de Jesus e Seus ensinamentos, só pode ser verdadeira, e o poder da verdade é inquestionável. É necessário apenas apresentá-la com clareza. O restante continua sendo obra do Espírito Santo. Consequência do poder. Luz divina.

Perge da Panfília: retorno de João Marcos (v. 13)

Uma viagem de barco para o norte os levou de volta ao continente. Chegaram a Perge, capital da Panfília, na Ásia Menor. Dois detalhes: (1) Lucas diz que Paulo e seus companheiros chegaram a Perge. (2) João Marcos voltou para Jerusalém.

Nova função de Paulo. Até Pafos, qualquer referência ao grupo de missionários mencionava Barnabé em primeiro lugar, e Paulo, em segundo. Após o incidente com o mágico Barjesus, Paulo ocupou a liderança do grupo. Como reagiu Barnabé? Lucas nada menciona

diretamente. Parece que não houve problemas. Na realidade, isso não deveria afetá-lo. A liderança entre os cristãos não é questão de privilégios pessoais, nem de posição, nem de poder. Também não tem nada que ver com o prestígio pessoal do líder. É questão de eficiência. O maior promotor da missão deve ser o líder. E, naquela ocasião, já era evidente que Paulo era o agente mais ativo do grupo. Foi espontâneo. Ninguém ocupou o lugar de ninguém. O grupo o aceitou naturalmente e todos trabalhavam felizes.

João Marcos retorna a Jerusalém. Alguns dizem que Marcos retornou porque não estava de acordo com a mudança de liderança e que fez isso para apoiar seu parente Barnabé. Porém, se sua motivação estivesse baseada em assuntos políticos, dificilmente teria voltado ao trabalho missionário, o que mais tarde fez com total dedicação. O único problema foi sua falta de preparo para enfrentar as dificuldades do trabalho. Os desafios apresentados na missão eram muitos. O que já haviam enfrentado e o que era visível para um futuro próximo era insuportável para João. Cansaço, fome, frio, perseguições, todo tipo de adversidades. Marcos ficou intimidado. O medo e o desânimo, não sendo pecaminosos nem permanentes, produzem resultados negativos imediatos. Ele desistiu.

Paulo não gostou dessa decisão. Não disse nada no momento, mas, posteriormente, o demonstrou. Quando estavam para começar a segunda viagem missionária, Barnabé queria levar João Marcos. Paulo discordou (At 15:38, 39). Lucas escreveu: “Paulo não achava justo levarem aquele que se afastara desde a Panfília, não os acompanhando no trabalho” (v. 38. ARA). Porém, Barnabé o levou consigo.

Mais tarde, Paulo reconheceria que Marcos havia superado suas fraquezas iniciais e era muito útil para a pregação do evangelho (2Tm 4:11).

Antioquia da Pisídia: os gentios creram (v. 14-52)

Enquanto Marcos retornava para Jerusalém, Paulo e seu grupo continuaram a viagem. Mais ou menos 165 km para o norte, estava a cidade de Antioquia da Pisídia. Cidade importante na região.

No ano 25 a.C., o imperador Augusto a incorporou à província da Galácia tornando-a uma colônia romana, centro político e militar da região.

Paulo continuava avançando, com a mesma estratégia usada por Barnabé e seu grupo em Chipre. Primeiramente, visitava os centros mais importantes para que, a partir dali, os novos crentes propagassem o evangelho no restante da região. Desse modo seria mais fácil abranger todo o território

O território da Galácia estava repleto de cidades gregas e colônias romanas. Nas colônias havia muitos soldados do exército romano, ativos e reformados. Quando encerravam suas atividades, o Império concedia a esses soldados a cidadania romana, terras e muitos outros privilégios. Eles davam estabilidade à colônia. Antioquia estava localizada em uma importante rota comercial que havia atraído muitos estrangeiros, entre eles, gregos, romanos e judeus, além da população nativa.

Sem perder tempo, Paulo e seu grupo entraram na sinagoga e se assentaram. Era o sábado seguinte após sua chegada. Depois do chamado à oração e feitas as orações, de acordo com o livro de leituras da sinagoga, era lida uma porção do Pentateuco, durante todo o ano, voltando logo a repeti-lo sucessivamente, e a escolha dos profetas era feita em harmonia com a parte lida do Pentateuco. Depois disso, era feito um discurso. Cabia ao presidente da sinagoga escolher a pessoa, que normalmente era um membro de prestígio na sinagoga. Na sinagoga de Antioquia da Pisídia, havia mais de um dirigente. Todos eles, seguindo um costume já estabelecido, enviaram um mensageiro aos visitantes com a seguinte mensagem: “Irmãos, se tendes alguma palavra de exortação para o povo, dizei-a” (v. 15, ARA).

E eles tinham. Paulo pronunciou um discurso maravilhoso. Breve. Muito específico. Com eloquência. Tratou de vários assuntos sem nenhuma pretensão de que fosse uma obra exemplar de oratória, mas foi.

Título do discurso: **Jesus é o Salvador.**

O sermão foi dividido em duas partes e um apelo final, cada um dirigido diretamente à sua audiência.

Primeira parte: Jesus, Salvador de Israel (v. 16-25). Paulo começou dizendo: “Varões israelitas e vós outros que também temeis a Deus, ouvi” (v. 16, ARA).

A congregação era composta por dois grupos, judeus, na maioria. Não poderia ser diferente: estavam em uma sinagoga. Mas não havia somente judeus. Havia também um grupo de pessoas tementes a Deus: gentios que aceitavam quase todo o judaísmo, mas não tinham condições para cumprir todas as leis e tradições judaicas. As razões podiam ser diversas: estilo de vida, obrigações ou falta de convicção que colocava alguma barreira entre o judaísmo e eles. Mas estavam plenamente convictos de que a religião judaica era aceitável e o Deus que eles adoravam era o Deus verdadeiro. Eles O aceitavam, criam nEle e O adoravam. Por essa razão, estavam na sinagoga, e os judeus lhes permitiam adorar a Deus juntamente com eles, cada sábado.

Ao mencioná-los, Paulo estava lhes dizendo: “Prestem muita atenção. O que irei dizer se refere a todos vocês e a cada um particularmente. Não irei falar de coisas generalizadas, nem de assuntos puramente teóricos.”

Todos prestaram atenção. Recurso simples, mas atrativo. Todos os pregadores do evangelho e os que falam em público, de forma geral, deveriam usá-lo sempre. Dizer aos ouvintes que falarão sobre assuntos de seu próprio interesse prático, e assim fazer.

Paulo queria lhes dizer que Jesus era o Salvador de todos eles. Começou pela maioria dos presentes: os judeus. Lembrou sua própria história. Na história e na revelação estava o espírito de nacionalismo, melhor do que em qualquer outra parte. Prosseguiu através dos fatos e até o fim os iluminou com os textos da Escritura Sagrada, para dar a seu discurso a força da experiência humana, com o conhecimento que Deus tem dela, a parte do conhecimento que Deus revelou.

1. *Experiência no Egito (v. 17).* Paulo poderia ter começado com Abraão, mas preferiu começar fazendo referência às experiências históricas de Israel, provavelmente porque toda a nação encontrava nesse período a raiz mais forte de sua identidade como nação. A festa

da Páscoa se relacionava com ela, e muitos dos presentes haviam participado dessa experiência, talvez mais de uma vez. Disse-lhes Paulo: “O Deus deste povo de Israel escolheu nossos pais e exaltou o povo durante sua peregrinação na terra do Egito, donde os tirou com braço poderoso” (ARA).

Também os seus ouvintes israelitas viviam, nesse mesmo período, como estrangeiros. Realmente, mas não como escravos. Mas que vida prazerosa elimina a saudade da terra natal? De qualquer forma, mesmo que fossem estrangeiros em uma colônia romana, Deus os abençoava também, e eles eram prósperos. Muitos deles eram ricos. Paulo, indiretamente, os fez pensar que tudo isso era o resultado do poder de Deus. Mas ao tirar a nação do Egito, com Seu poder, deu-lhes a liberdade, um bem maior do que todas as riquezas que pudessem obter dos egípcios quando saíssem dali. Paulo os estava preparando para que entendessem a salvação em Jesus, sobre a qual lhes falaria mais adiante.

2. *Experiência no deserto* (v. 18, 19). Da escravidão e pobreza, rapidamente passaram para a riqueza e liberdade. Mas não reconheceram isso. No entanto, Deus foi paciente com eles. Paulo continuou dizendo: “E suportou-lhes os maus costumes por cerca de quarenta anos no deserto; e, havendo destruído sete nações na terra de Canaã, deu-lhes essa terra por herança” (ARA).

Em lugar de castigá-los pelo mal que haviam feito, deu-lhes a terra que antes havia prometido a Abraão. Fez isso para cumprir Sua promessa, porque Deus sempre cumpre o que promete. É longânimo e paciente, tardio em irar-Se. Chegará o tempo do castigo, mas ainda há possibilidades de ser evitado. Ainda é tempo de misericórdia.

3. *Experiência no período dos juízes* (v. 20). Apenas uma menção a esse tempo traria à lembrança a experiência vivida pela nação. Paulo disse: “Tudo isso levou cerca de quatrocentos e cinquenta anos. Depois disso, Ele lhes deu juízes até o tempo do profeta Samuel” (NVI).

O importante desta referência está naquilo que se evoca: dois tipos de experiência. A primeira antes de Samuel e a segunda durante

o período de Samuel. Antes de Samuel a vida da nação era caótica e cada um fazia o que achava mais certo (Jz 21:25). No período de Samuel, o último juiz, a ordem foi restabelecida e a nação israelita foi reestruturada com uma identidade nacional reconhecida por todos. Samuel pôde fazer isso porque o Senhor estava com ele e ele não deixou cair em terra nenhuma de Suas palavras (1Sm 3:19).

4. *Experiência no período dos reis* (v. 21, 22). Mencionou somente dois reis. “Então o povo pediu um rei, e Deus lhes deu Saul, filho de Quis, da tribo de Benjamim, que reinou quarenta anos” (v. 21, NVI).

Não era necessário lhes dizer que o filho de Quis havia começado bem e terminado mal. Eles sabiam. Todo judeu sabia que a nação poderia ter se tornado grande sob seu reinado, mas nele se destacaram duas atitudes negativas que não produziram nenhum bem para a nação. Primeira, a atitude do povo que pediu um rei. Com esse pedido expressou o desejo de ser igual às demais nações e rejeitou a Deus. Segunda, a atitude do próprio rei Saul. Afastou-se de Deus e colocou a nação em situação desastrosa de derrota diante de seus inimigos. Mas Deus havia preparado uma solução para substituir o rei louco.

“Depois de rejeitar a Saul, levantou-lhes Davi como rei, sobre quem testemunhou: ‘Encontrei Davi, filho de Jessé, homem segundo o Meu coração; ele fará tudo o que for da Minha vontade’” (v. 22, NVI).

Paulo havia alcançado o ponto a que desejava chegar na história de Israel. Qualquer israelita reconhecia que os mais destacados homens na história de Israel eram: Abraão, pai da nação; Moisés, libertador e organizador da nação; Davi, o vencedor de todos os seus inimigos e, por isso, o maior rei da história de Israel. Faltava-lhes reconhecer a grandeza de um descendente de Davi.

5. *A chegada de Jesus, tema principal do discurso* (v. 23-25). “Da descendência deste, conforme a promessa, trouxe Deus a Israel o Salvador, que é Jesus” (v. 23, ARA).

Jesus era a quarta pessoa de maior destaque na história de Israel. Era seu Salvador. Precisavam unicamente reconhecê-Lo e, para isso, possuíam a evidência necessária – as profecias. Sabiam que

antes da chegada do Messias, alguém viria preparando Seu caminho e anunciando Sua vinda. Por isso Paulo lhes disse: “Antes da vinda de Jesus, João pregou um batismo de arrependimento para todo o povo de Israel. Quando estava completando sua carreira, João disse: ‘Quem vocês pensam que eu sou? Não sou quem vocês pensam. Mas eis que vem depois de mim Aquele cujas sandálias não sou digno nem de desamarrar’” (v. 24, 25, NVI).

Havia dito que Jesus era o Salvador do mundo e as profecias o confirmavam. Estava pronto para anunciar a verdade seguinte. Em que consistia?

Segunda parte: Jesus, Salvador de Judeus e Gentios (v. 26-39). Paulo torna a repetir o conteúdo de sua frase inicial: “Irmãos, descendência de Abraão e vós outros os que temeis a Deus” (v. 26, ARA).

Paulo incluiu os judeus e gentios entre seus irmãos. Os gentios não estavam acostumados a um tratamento tão cordial. Eram aceitos pelos judeus porque criam em Deus, mas sempre havia como que uma parede de separação entre eles. Adoravam juntos ao mesmo Deus, mas não ocorria a integração espiritual. Paulo ignorou essa diferença. Chamou a todos de irmãos.

A seguir, apresentou o evangelho com três definições: palavra de salvação, boas-novas e perdão dos pecados.

1. Primeira definição: mensagem de salvação (13:26-31). “A nós nos foi enviada a palavra desta salvação” (v. 26, ARA).

A nós quem? Judeus, incluindo os judeus da diáspora e gentios. Que palavra? Jesus (v. 23). Deus envia a palavra desta salvação, que logo chama de evangelho (v. 32) e perdão dos pecados (v. 38). Por quê?

“Pois os que habitavam em Jerusalém e as suas autoridades, não conhecendo Jesus nem os ensinamentos dos profetas que se leem todos os sábados, quando O condenaram, cumpriram as profecias” (v. 27, ARA).

Parece impossível. Estava escrito que O matariam, e O mataram, cumprindo, assim, as profecias com seus próprios atos e não O reconheceram, unicamente porque não creram nEle. Qualquer mente racional se sente ofuscada apenas em pensar que isso tenha

acontecido. No entanto, a incredulidade é muito comum. Quantas vezes, sem perceber, os seres humanos demonstram ironias semelhantes. Como que ignorando o que sabem. Como se estivessem sabendo que o ignoram, negando o que sabem. Maneira difícil de viver. Confusa.

“Embora não achassem nenhuma causa de morte, pediram a Pilatos que Ele fosse morto. Depois de cumprirem tudo o que a respeito dEle estava escrito, tirando-O do madeiro, puseram-No em um túmulo. Mas Deus O ressuscitou dos mortos” (v. 28-30, ARA).

Aqui está a palavra da salvação para todos. Paulo já havia dito que a salvação era para os israelitas; agora, acrescentou os judeus da diáspora e os gentios. Era para toda a humanidade. Ele morreu por todos. Cumpriu as profecias por todos. E por todos ressuscitou.

“E foi visto muitos dias pelos que, com Ele, subiram da Galileia para Jerusalém, os quais são agora as Suas testemunhas perante o povo” (v. 31, ARA).

Apóstolos e discípulos. Todos os que creram nEle antes da crucificação e permaneceram com Ele após a ressurreição. Testemunhas verdadeiras. Plenamente confiáveis. Havia experimentado com Ele todas as circunstâncias de Sua vida, de Sua morte, de Sua ressurreição e de Suas aparições depois dela.

2. *Segunda definição do evangelho: boas-novas.* Paulo acrescentou a função que eles mesmos desempenhavam como missionários do Senhor.

“Nós vos anunciamos o evangelho da promessa feita a nossos pais, como Deus a cumpriu plenamente a nós, Seus filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no Salmo segundo: Tu és Meu Filho, Eu, hoje, Te gerei” (v. 32, 33, ARA).

O evangelho é a palavra da salvação (v. 26), Jesus (v. 23) e o perdão dos pecados (v. 38). Com Ele, Deus cumpriu a promessa anunciada a Abraão, comunicada aos filhos de Israel e tornada realidade em Cristo Jesus para benefício de judeus e gentios, sem distinção, como prometeu a Abraão, quando lhe disse: “Em ti serão benditas todas as famílias da Terra” (Gn 12:3b, ARA).

Mais tarde, ao escrever sua carta aos crentes de Roma, Paulo tornou a vincular o evangelho com a promessa; e o título de Filho com a ressurreição. Assim iniciou sua carta: “Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, o qual foi prometido por Ele de antemão por meio dos Seus profetas nas Escrituras Sagradas, acerca de Seu Filho, que, como homem, era descendente de Davi, e que mediante o Espírito de santidade foi declarado Filho de Deus com poder, pela Sua ressurreição dentre os mortos: Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 1:1-4, NVI).

Paulo e seu grupo chegaram aos judeus e gentios para evangelizá-los com a promessa de que a morte de Jesus trouxe as boas-novas. A promessa havia sido cumprida. Essa é a mensagem principal de todo o discurso.

A seguir, Paulo acrescentou: “E, que Deus O ressuscitou dentre os mortos para que jamais voltasse à corrupção, desta maneira o disse: E cumprirei a vosso favor as santas e fieis promessas feitas a Davi. Por isso, também diz em outro Salmo: Não permitirás que o Teu Santo veja corrupção” (v. 34, 35, ARA).

A ressurreição de Jesus não foi como a de Lázaro. Ele ressuscitou, viveu por algum tempo e morreu novamente. Jesus morreu uma vez, por todos os pecadores, e logo ressurgiu para nunca mais tornar a morrer. Não morreu por Seu próprio pecado. Morreu pelo pecado de todos os seres humanos. Uma vez morto, a dívida pelo pecado que Ele não cometeu estava paga. Unicamente Seu próprio pecado poderia havê-Lo retido no sepulcro. Pecado que Ele nunca cometeu. Por isso, ressuscitou para nunca mais morrer. O que não aconteceu com Davi.

“Porque, na verdade, tendo Davi servido à sua própria geração, conforme o desígnio de Deus, adormeceu, foi para junto de seus pais e viu corrupção. Porém aquele a quem Deus ressuscitou não viu corrupção” (v. 36, 37, ARA).

Estava tudo esclarecido. Davi não havia profetizado sua própria ressurreição. O Santo de Deus, sim. Ele ressuscitou e nunca mais morreu. Algo muito importante.

3. *Terceira definição: o evangelho é perdão dos pecados* (v. 38, 39).

“Portanto, meus irmãos, quero que saibam que mediante Jesus lhes é proclamado o perdão dos pecados. Por meio dEle, todo aquele que crê é justificado de todas as coisas das quais não podiam ser justificados pela Lei de Moisés” (NVI).

O mesmo que foi crucificado é o que perdoa, e perdoa também a todos vocês. Nosso dever é proclamá-Lo e O estamos proclamando.

Aqui termina a parte principal do discurso. Sua mensagem foi clara. Apresentou-lhes o evangelho que foi prometido a Israel, desde os tempos de Abraão. A promessa se cumpriu em Jesus. Ele é o evangelho da promessa, a palavra da salvação, O que perdoa os pecados. E todos podem ser perdoados, desde que creiam. Falta somente a exortação final.

Exortação final (v. 40, 41). Uma exortação que é ao mesmo tempo uma advertência, introduzida por um imperativo.

“Cuidem para que não lhes aconteça o que disseram os profetas: ‘Olhem, escarnecedores, admirem-se e pereçam; pois nos dias de vocês farei algo que vocês jamais creriam se alguém lhes contasse!’” (NVI).

Que tipo de obra? Julgamento. Julgou o antigo Israel e o castigou através dos caldeus. Por qual delito? Por se afastar do Senhor (Hc 1:5, 12). Os que não creem serão submetidos ao julgamento direto de Deus. Infalível e justo. Quem poderá livrar-se do dia terrível do Senhor? Somente aqueles que creram em Jesus porque só Ele salva da condenação no juízo.

O que aconteceu após o discurso foi contraditório. Em dois momentos.

Primeiro, judeus e gentios seguem a Paulo.

“Quando Paulo e Barnabé estavam saindo da sinagoga, o povo os convidou a falar mais a respeito dessas coisas no sábado seguinte. Despedida a congregação, muitos dos judeus e estrangeiros piedosos convertidos ao judaísmo seguiram Paulo e Barnabé” (v. 42, 43, NVI).

Um duplo sinal de aceitação: queriam ouvir mais e os seguiram. Parecia um grupo totalmente integrado. Unido pela fé em Jesus, a respeito de quem acabaram de ouvir. Paulo e Barnabé não deixaram de aproveitar a oportunidade que a experiência espiritual de seus ouvintes lhes oferecia.

“Falando-lhes”, diz Lucas, “os persuadiam a perseverar na graça de Deus” (v. 43, ARA).

A conversa era informal. Paulo não lhes pregou outro sermão na rua. Simplesmente procurou persuadi-los a manterem o ensino de sua história da maneira como haviam começado a entendê-la. Havia ocorrido no passado, pela graça de Deus, e, pela graça de Deus, a entendiam agora e deviam perseverar nessa graça porque dela procede todo o conhecimento para a salvação.

Segundo, os gentios creem e os judeus se opõem a Paulo.

“No sábado seguinte, quase toda a cidade se reuniu para ouvir a Palavra do Senhor” (v. 44, NVI).

Essa assistência fantástica, em si mesma, mostrava o trabalho que os ouvintes de Paulo haviam realizado durante a semana. Uma convicção profunda não pode ser escondida. Há uma trombeta de ouro na boca de cada crente. E não é necessário aprender a tocá-la porque ela é tocada com o coração, com as emoções, com os sentimentos, com cada pensamento gerado na mente, com cada palavra pronunciada. Com tudo o que o crente diz e faz.

O êxito foi notável. Um único discurso produziu suficiente atração para reunir quase toda a cidade. Despertou também a natureza humana que se esconde no subsolo das paixões. “Mas os judeus, vendo as multidões”, acrescenta Lucas, “tomaram-se de inveja e, blasfemando, contradiziam o que Paulo falava” (v. 45, ARA).

Não deveriam ter se alegrado? Os que creram, sim, alegraram-se. Os que se encheram de inveja não criam. Como é obscura e triste a mente que não crê! Não sabe se alegrar com a alegria dos que creem. Se pelo menos permanecesse neutra, na expectativa, com uma janela aberta para ver a luz alheia. Mas, não; o incrédulo tem medo da luz verdadeira e fecha todas as avenidas da alma com uma agressiva paixão contraditória. Chegaram até a blasfemar.

Então, Paulo e Barnabé, falando corajosamente, disseram: “Era necessário anunciar primeiro a vocês a Palavra de Deus; uma vez que a rejeitam e não se julgam dignos da vida eterna, agora nos voltamos para os gentios. Pois assim o Senhor nos ordenou: ‘Eu fiz

de você luz para os gentios, para que você leve a salvação até aos confins da Terra” (v. 46, 47, NVI).

Citaram o profeta Isaías. Quando o Senhor o chamou, conta ele, desde o ventre de sua mãe, ao chegar o tempo em que devia trabalhar por Israel, disse-lhe que não era suficiente restaurar a nação israelita; devia trabalhar pela salvação de todos os povos, até o último da Terra (49:1-6). Não podiam contradizê-lo, porque a citação era correta. Mas, ofendidos, guardaram a ofensa no coração, para agir contra os missionários algum tempo depois.

Por sua vez, ao ouvir as palavras de Isaías, os gentios regozijaram-se e glorificando a Palavra do Senhor, creram. Creram todos os que eram candidatos à vida eterna. Alguns tradutores colocam sua própria crença na predestinação e traduzem este texto (13:48) dizendo que creram os que estavam destinados para a vida eterna, como se um decreto de Deus assim o determinasse. Esquecem-se de que o texto está na forma reflexiva e significa: destinaram-se a si mesmos, candidataram-se, determinaram-se.

“Divulgava-se a Palavra do Senhor por toda aquela região” (v. 49, ARA).

Mas os judeus, percebendo todo esse êxito na missão de Paulo e Barnabé, não permaneceriam inativos para sempre.

“Instigaram as mulheres piedosas de alta posição e os principais da cidade e levantaram perseguição contra Paulo e Barnabé, expulsando-os do seu território” (v. 50, ARA).

Paulo e Barnabé não ofereceram nenhuma resistência. Para quê? Já haviam conseguido a conversão de grande número de crentes que poderiam completar o trabalho em toda a região. Sacudiram o pó de seus pés como sinal de que responsabilizavam aos violentos pela sua partida, e se dirigiram para Icônio. Não concentraram sua atenção na violência, nem se consideraram vítimas dela. Pensaram em tudo o que puderam fazer e saíram com o coração cheio de alegria e cheios do Espírito Santo.

Icônio: muitos creram (14:1-7)

Paulo e Barnabé saíram de Antioquia da Pisídia por um caminho romano chamado Via Sebaste, que unia todas as colônias romanas

da região e era símbolo da presença estável do Império. Tiveram que percorrer 100 km, quatro dias de viagem a pé, para chegar a Icônio.

Icônio era uma cidade dupla. Havia a cidade antiga, possivelmente fundada na época do Império Hitita (aproximadamente do século 15 ao século 12 a.C., mais ou menos no período de Moisés e Débora) e, junto a ela, uma colônia romana estabelecida pelo imperador Cláudio. Esse é um dado importante.

Paulo seguiu novamente a mesma estratégia. Penetrar em uma região começando pela cidade principal e, ao ali chegar, ir em primeiro lugar à sinagoga.

“Em Icônio, Paulo e Barnabé entraram juntos na sinagoga judaica” (v. 1, ARA).

Chegaram da mesma forma como o fizeram em Antioquia da Pisídia, como simples adoradores, e se assentaram junto aos demais. Tinham uma mensagem para dar, mas pacientemente esperaram sua vez. Não era possível agir de maneira diferente. Em todos os lugares, as sinagogas eram bem estruturadas e seus líderes tinham procedimentos que deviam ser seguidos, quase sem alterações. Mas o costume de conceder a palavra aos visitantes favorecia os missionários.

Até aí, tudo parecia normal. Um ambiente de aceitação e simpatia. Ninguém sabia nada sobre o que havia acontecido em Antioquia da Pisídia. Somente podiam ouvir com atenção a estes viajantes, seus compatriotas e, possivelmente, pessoas importantes. Naquela época, as pessoas de menos destaque não podiam viajar para lugares tão distantes da terra natal.

“Falaram de tal modo”, informa Lucas, “que veio a crer grande multidão, tanto de judeus como de gregos” (v. 1, ARA).

Surgiu, então, na sinagoga, uma separação entre seus membros. Alguns criam, outros não. Originou-se imediatamente uma tensão entre os dois grupos que dominou e controlou os acontecimentos que se seguiram. Sucederam-se da seguinte forma:

1. *Primeira ação dos judeus incrédulos: incitação* (v. 2, 3). “Os judeus incrédulos incitaram e irritaram os ânimos dos gentios contra os irmãos” (ARA).

Eles os incitaram com mágoa. A mágoa pode gerar abismos muito escuros e profundos no espírito humano. Ações terríveis que não trazem qualquer benefício para ninguém.

Isso não desanimou a Paulo nem a Barnabé. Lucas informa o seguinte: “Entretanto, demoraram-se ali muito tempo” (ARA). Alguns comentaristas dizem que foram seis meses. Os novos crentes eram muitos. Não podiam ser abandonados à pressão dos incrédulos, sem que fossem devidamente confirmados na nova fé que haviam abraçado.

O que fizeram durante esse longo tempo? “Falavam corajosamente do Senhor, que confirmava a mensagem de Sua graça realizando sinais e maravilhas pelas mãos deles” (v. 3, NVI).

Falavam com coragem, sem arrogância e, ao mesmo tempo, sem nenhum complexo de inferioridade, sem que estivessem emocionalmente travados, atitude que com frequência aprisiona com cordas de prudência a vontade das pessoas cheias de temor.

A confirmação do Senhor se tornava evidente por meio de sinais e prodígios que Ele fazia, por solicitação dos discípulos. O texto não deixa espaço para a ideia de que Deus queira fazer milagres automáticos, sem um pedido de Seus missionários. Logicamente, Sua vontade é soberana e Ele pode realizá-los ou não, conforme determinação de Sua própria sabedoria. Mas Ele quer que Seus discípulos participem de todas as Suas ações, sempre em harmonia com Ele.

2. *As pessoas da cidade se dividiram.* Em toda ocorrência de um conflito, as pessoas se agrupam: os que estão a favor de um lado do conflito e os favoráveis ao outro lado. Lucas diz: “O povo da cidade ficou dividido: alguns estavam a favor dos judeus, outros a favor dos apóstolos” (v. 4, NVI).

A situação se tornou confusa. Do ponto de vista dos judeus, aparentava muito perigo, pois a interpretaram como favorável aos missionários cristãos. Uma multidão de judeus e gregos já se havia convertido, e a eles se somava boa parte da cidade. Se fossem deixados a atuar livremente, logo conquistariam o restante dos habitantes e a cidade inteira se tornaria cristã. Não queriam permitir isso.

3. *Segunda ação dos judeus incrédulos: conspiração (v. 5)*. “Formou-se uma conspiração de gentios e judeus, com os seus líderes, para maltratá-los e apedrejá-los” (NVI).

Mas alguns amigos dos missionários informaram-lhes sobre a conspiração e os aconselharam a não se expor à fúria da turba agitada. Não se pode esperar nada de bom de um grupo humano quando, manipulado por grupos ocultos, atuam com violência desenfreada.

4. *Paulo e Barnabé aceitaram o conselho: fugiram (v. 6, 7)*. “Quando eles souberam disso, fugiram para as cidades licaônicas de Listra e Derbe, e seus arredores, onde continuaram a pregar as boas-novas” (NVI).

Não foi uma fuga desesperada. Não saíram de Icônio como pessoa que sai de uma casa incendiada, tomando a primeira direção que encontra. A crise era de vida ou morte, mas os apóstolos controlavam a situação como também suas próprias ações. Estavam ali cumprindo uma missão e todos os seus movimentos contribuía para sua tarefa. Foram em busca de refúgio, mas não em qualquer lugar. Teria que ser um lugar apropriado para a pregação do evangelho; um novo centro a partir do qual pudessem evangelizar a região, e não muito distante de Icônio, a fim de que pudessem retornar tão logo as circunstâncias fossem favoráveis para completar o que haviam começado.

Listra: poderes divinos sem serem deuses (v. 8-20a)

Listra não estava distante. Mais ou menos 30 km ao sul, em meio a uma região considerada incivilizada. Mas o imperador Augusto a transformou em uma colônia romana, dando-lhe assim posição social de importância na região, oferecendo-lhe os elementos civilizados de que não dispunha. A presença judaica era muito limitada, não atingia a quantidade mínima para se estabelecer uma sinagoga. Sua população era composta de nativos e romanos. Contava também com alguma influência grega em sua religião, especialmente nos nomes de seus deuses principais, Zeus e Hermes. Mas seu paganismo era semelhante ao que existia em todas as cidades da região.

Como não havia sinagoga, começaram em um bairro pobre. Era o melhor lugar para começar o trabalho em uma cidade inteira-

mente pagã? Possivelmente, não; caso se queira generalizar uma estratégia para todos os lugares semelhantes. Mas, nesse caso, particularmente, era o melhor lugar porque havia ali um homem que precisava deles.

Pregação e milagre (v. 8-10). Paulo começou ensinando as verdades mais simples do evangelho. Falou-lhes a respeito do Deus criador e de Seu Filho, como Salvador de todos os seres humanos. O ambiente montanhoso e o cultivo de plantas bem regadas ofereciam os elementos necessários para ilustrar a grandeza do Deus criador e Sua generosidade para com os seres humanos. Tão generoso que enviou Seu Filho, do Céu a este mundo, somente porque o amou e porque queria salvá-lo. O Filho, semelhante ao Pai em generosidade e amor, andou fazendo o bem. Mas, sem motivo, Seus inimigos O julgaram e O condenaram sem ser culpado. No entanto, nada pôde retê-Lo no sepulcro. Ressuscitou e ascendeu ao Céu para interceder pelos pecadores.

Então se encontraram com o homem que precisava deles. Um aleijado. “Paralítico desde o seu nascimento, o qual jamais pudera andar”, diz Lucas. (v. 8, ARA). Estava assentado. Olhos fixos em Paulo enquanto o ouvia. Ficava cada vez mais impressionado com as palavras do apóstolo. Paulo também fixou os olhos nele. Observou se ele possuía fé, e a encontrou em seu olhar atento e comovido. O apóstolo sentiu dentro de si a simples alegria que a fé produz quando dois crentes se encontram. Ergueu um pouco mais a voz para chamar a atenção dos ouvintes, e disse-lhe: “Levante-se! Fique em pé!” (v. 10, NVI). O aleijado deu um salto e começou a andar.

Deuses e paganismo (v. 11-13). A multidão começou a gritar. Uma corrente espiritual percorreu o corpo e a mente de todos. Emocionados, esqueceram que os visitantes não falavam o idioma local. E, em língua licaônica, disseram: “Os deuses, em forma de homens, baixaram até nós” (v. 11, ARA).

Agiram espontaneamente. Sua religião pagã ensinava que, de vez em quando, os deuses visitavam os seres humanos para provar sua generosidade e sua boa disposição para viver em harmonia com os requisitos que eles lhes impunham. Especialmente para saber se

eles recebiam bem os estrangeiros oferecendo-lhes hospedagem, alimentação e presentes de acordo com a condição de anfitriões.

Pensaram que aqueles dois homens, capazes de fazer o que fizeram com o aleijado, eram os dois deuses mais importantes que eles adoravam. A Barnabé, alto e bem parecido com o deus supremo, pai dos deuses e dos seres humanos, chamaram-no de Zeus. Os romanos o chamaram de Júpiter. Paulo, mais baixo, menos atraente, mas muito eloquente no constante uso da palavra, foi chamado de Hermes. Mercúrio, para os romanos. Hermes, filho de Zeus e da deusa Maia, era o deus mensageiro que levava as mensagens de Zeus aos outros deuses e aos seres humanos, quando Zeus queria se comunicar com eles. Na crença deles, esses dois deuses viajavam sempre juntos.

A notícia correu pela cidade como um relâmpago: “Zeus e Hermes estão aqui. Chegaram em forma de dois homens e realizam milagres.”

Em frente da cidade havia um templo dedicado a Zeus. A notícia não demorou para chegar ao sacerdote, e o zelo ativo por seu deus imediatamente o colocou a caminho. Levando um touro, adornado com grinaldas para o sacrifício, foi até as portas da cidade. Era festa! Ele queria a festa tradicional de Zeus, com sacrifícios e diversão. Grande espetáculo para toda a cidade.

“Queriam sacrificar juntamente com as multidões” (v. 13, ARA). Não era possível.

Paulo e Barnabé anunciam (v. 14-18). Os discípulos reagiram com veemência. Seguindo um costume judeu de reagir contra a blasfêmia, rasgando as vestes e quase gritando, disseram: “Homens, por que vocês estão fazendo isso? Nós também somos humanos como vocês” (v. 14, NVI).

Palavras estranhas. “Como? Homens de nossa mesma natureza capazes de fazer o que vocês fizeram? Impossível!”

Os missionários procuraram convencê-los. Continuaram pregando para todos aquilo que haviam pregado para poucos, quando chegaram.

“Estamos trazendo boas-novas para vocês, dizendo-lhes que se afastem dessas coisas vãs e se voltem para o Deus vivo, que fez o céu, a Terra, o mar e tudo o que neles há. No passado, Ele permitiu

que todas as nações seguissem os seus próprios caminhos. Contudo, Deus não ficou sem testemunho; mostrou Sua bondade, dando-lhes chuva do céu e colheita no tempo certo, concedendo-lhes sustento com fartura e um coração cheio de alegria” (v. 15-17, NVI).

As pessoas os ouviram assombradas. Não entendiam. Não queriam entender. Preferiam que tivessem aceitado os sacrifícios e que numa grande festa de celebração fossem adorados como deuses. Era mais excitante, em tudo o que o termo significava. Assim eram suas festas. Foi difícil convencê-los.

“Dizendo isto, foi ainda com dificuldade que impediram as multidões de lhes oferecerem sacrifícios” (v. 18, ARA).

A anulação da festa os deixou frustrados. Uma emoção potencialmente explosiva, com reação sempre negativa, destruidora, mas que sempre depende de um estímulo externo para se tornar violenta. Não precisaram esperar muito para que esse estímulo externo surgisse.

Uma associação perigosa: incrédulos e pagãos (v. 19, 20a). Ao tomarem conhecimento do êxito que Paulo e Barnabé estavam tendo em Listra, os judeus incrédulos de Antioquia e de Icônio decidiram impedi-lo. Viajaram para Listra e persuadiram os pagãos frustrados a mudar de opinião com respeito aos missionários.

“Sua obra não é boa, disseram. Criam divisões, distúrbios e conflitos na sociedade. São piores que criminosos. São dignos de morte.”

O espírito de amargura que os judeus conseguiram transmitir aos pagãos, juntamente com a frustração que já sentiam por não terem podido realizar a festa de adoração, levou-os a aceitar o plano dos incrédulos e, lançando mão de Paulo, o apedrejaram. Pensando que estava morto, arrastaram-no para fora da cidade e o abandonaram. Não estava morto. Estava, sim, machucado, dolorido, desmaiado. Mas vivo.

O momento era triste. Parecia um fracasso. Momento em que os traidores e falsos se manifestaram. Essa não era a experiência de Paulo. Sua pregação havia produzido crentes fiéis, dispostos a tudo pela fé em Jesus que acabavam de aceitar. Com tristeza, mas firmes no Senhor, reuniram-se junto ao corpo de Paulo que acreditavam

estar morto. Entre eles, estavam Timóteo, sua mãe Eunice e sua avó Loide. Paulo ergueu a cabeça e se levantou.

“Foi um milagre”, disseram.

Sobreviver ao apedrejamento de uma multidão enfurecida era, sem dúvida, um milagre. Da profunda tristeza passaram à mais pura alegria. A alegria que surge da gratidão a Deus quando Ele Se faz presente com Seu poder ativo e Sua visível bondade. Levaram-no à cidade.

Paulo permaneceu ali até o dia seguinte. Não era prudente permanecer por mais tempo na cidade que o havia recebido como deus e o havia apedrejado como criminoso. Mais tarde, quando escreveu a carta aos Gálatas (6:17), crentes daquela mesma região, sem dúvida, relembando esse incidente, disse-lhes: “Que ninguém me perturbe, pois trago em meu corpo as marcas de Jesus” (NVI).

As cicatrizes deixadas pelas pedras dos listrianos. Uma vez disse aos coríntios que havia sido apedrejado (2Co 11:25). Mas nada o separava de Jesus, nem os piores perigos o distanciavam da missão que Jesus lhe havia confiado em favor dos gentios.

Derbe: estabilidade na igreja (v. 20b, 21a)

Após contar que Paulo havia acompanhado a seus discípulos na cidade, provavelmente pelo mesmo caminho seguido pelo sacerdote com o touro e as grinaldas, mas sem a aprovação divina, omitindo os detalhes, Lucas diz: “No dia seguinte, ele e Barnabé partiram para Derbe” (NVI).

Derbe estava localizada a uns 150 km a sudeste de Listra. Paulo e seu grupo tiveram que caminhar quatro ou cinco dias pela Via Sebaste. Não existe muita informação sobre a cidade, apenas que fez parte do reino de Commagene que pertenceu a Antíoco IV (aproximadamente de 215 a 164 a.C.). Durante o 1º século a.C., num determinado período, esteve sob o comando de Antipater, um bandido de Isauria, distrito situado no centro-sul de Anatólia, não muito distante de Derbe. Pouco tempo depois, Amintas, rei da Galácia (37-25 d.C.), matou o bandido e se apoderou da cidade. O reino da Galácia era controlado por Roma desde o ano 85 a.C, como proteto-

rado romano. Derbe não se destacava como colônia romana, mas sua influência como centro nativo, entre os naturais da região, era forte.

Lucas é muito conciso. Não relatou nenhum incidente ocorrido na cidade. Mais tarde, escrevendo a Timóteo, Paulo indiretamente diz que esta foi a única cidade da Ásia Menor em que não sofreu perseguição naquela viagem: “Coisas que me aconteceram em Antioquia, Icônio e Listra. Quanta perseguição suportei! Mas, de todas essas coisas o Senhor me livrou” (2Tm 3:11, NVI).

Lucas diz somente: “E, tendo anunciado o evangelho naquela cidade e feito muitos discípulos, voltaram para Listra, e Icônio, e Antioquia” (v. 21, ARA).

Quantos discípulos podem ser considerados muitos? O termo grego não especifica o número, mas expressa a ideia de quantidade suficiente bem como suficiente eficiência para inspirar segurança. Deixaram uma igreja estabelecida e segura, com membros e talentos que garantiam sua continuidade e permanência. É interessante que Lucas não tenha apenas falado de quantidade de membros, mas tenha incluído conceitos de qualidade, talentos e estabilidade. Certamente, por trás dessas ideias encontram-se os valores espirituais que aquela igreja tinha, sem os quais não se poderia assegurar sua continuidade.

Retorno a Antioquia (At 14:21b-28)

A descrição da situação segura em que a igreja de Derbe ficou serve para Lucas como introdução ao que destaca no relato do retorno a Antioquia. Paulo volta aos mesmos lugares já visitados para a confirmação dos crentes. Lucas conta em primeiro lugar o que aconteceu na viagem e, depois, o que realizaram ao chegar a Antioquia da Síria.

Em viagem: espiritualidade e administração (v. 21b-25)

Visitaram novamente as igrejas de Listra, Icônio, Antioquia e Perge. Passando por Pisídia, foram a Panfília e, de Perge, desceram ao porto de Atália.

Realizaram quatro tipos de atividades: confirmação, exortação, administração e pregação da Palavra.

Confirmação. “Voltaram, fortalecendo a alma dos discípulos” (ARA).

Confirmar significa fortalecer com força adicional. Já estavam fortes, mas foram ajudados a ficar mais fortes. Em quê? Em toda a sua personalidade. É notável que Paulo e seu grupo tenham sido tão equilibrados e manifestado visão integral. Ocuparam-se com o aspecto psicológico deles. Com suas emoções, com seus pensamentos, com tudo o que fazia parte da personalidade interior dos crentes. É incontestável que um crente psicologicamente forte também será forte em todos os aspectos de sua religião. A falsa religião é sempre alicerçada em uma personalidade debilitada por más formações psíquicas e emocionais. Essas más formações precisam ser superadas. Paulo e seu grupo de missionários trabalharam com os novos crentes para que nenhuma debilidade minasse a qualidade de sua prática religiosa, limitasse sua forma de pensar, nem dificultasse seu relacionamento com crentes ou descrentes.

Exortação. “Exortando-os a permanecer firmes na fé; e mostrando que, através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus” (v. 22, ARA).

Com afeto e emoção, Paulo convidou os crentes a permanecer na fé, com ele e seus companheiros. A permanecer no Senhor, objeto da fé que todos eles deviam ter. Fé como confiança em Deus e em Cristo. A fé que um crente exercita quando diz: “Creio em Deus, creio em Jesus, creio na Palavra de Deus.” Fé como corpo doutrinário centralizado em Cristo e sustentado pela comunidade de crentes cristãos, a igreja. É como dizer: a fé adventista é expressada em 28 doutrinas fundamentais. A fé católica é apresentada no catecismo.

O maior perigo que os crentes enfrentavam nas regiões da Pisídia e Panfília, província da Galácia, onde Paulo havia pregado em sua primeira viagem missionária, eram as perseguições. Por isso, Paulo e Barnabé lhes disseram: “É necessário que passemos por muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus” (v. 22, NVI).

Todos eles, missionários e novos crentes, já haviam passado por tribulações. E viriam mais. Deveriam somente considerar uma coisa quando a prova chegasse: permanecer na fé. Sofrer pela fé e não

perdê-la, porque sofrer pela fé e perdê-la seria um absurdo. Isso seria pior do que nunca haver crido.

Administração. “Designaram-lhes presbíteros em cada igreja” (v. 23, NVI).

Para nomear os presbíteros, tiveram que organizar as igrejas e montar um sistema administrativo unificado. Paulo era um dirigente muito especial e, ao mesmo tempo, muito prático e extremamente organizado. Além disso, toda a igreja, em todos os lugares em que era estabelecida, compreendia que deviam formar um só corpo. Nenhum dos dirigentes pensava em grupos ou igrejas isoladas com uma espécie de governo congregacionista. Nem os membros. A unidade espiritual dos crentes exigia unidade corporativa organizada com líderes em todos os níveis dessa organização. Os apóstolos estavam em Jerusalém e as igrejas possuíam anciãos e diáconos. Havia também pastores.

Paulo seguiu o mesmo sistema organizacional em todo o seu ministério. Em todo lugar em que surgia um grupo de crentes, ele organizava uma igreja. Não se preocupava com o número de membros, mesmo que fosse pequeno. Dessa forma, os membros podiam ajudar-se mutuamente e fazer planos organizados para levar o evangelho a todos os lugares sob sua influência, e mais distante.

Além disso, Paulo dava instruções práticas aos crentes. Começava a instruí-los tão logo aceitavam o evangelho. E quando se convertiam homens promissores para a pregação do evangelho, como Timóteo naquela viagem, ele os instruía e os levava consigo para que se dedicassem integralmente à missão. Educava-os como pastores, colocando-os como líderes de grupos de igrejas para que trabalhassem com os anciãos. Seguindo essa prática, disse ele a Tito: “Por esta causa, te deixei em Creta, para que pusesse em ordem as coisas restantes, bem como, em cada cidade, constituíesses presbíteros, conforme te prescrevi” (Tt 1:5, ARA).

Paulo instruía os novos membros de forma completa. Instruía-os espiritualmente nos caminhos do Senhor para que fossem fieis a Ele, bem como em todos os aspectos da vida na igreja, incluindo o que era necessário para a divulgação do evangelho e para a devida integração na organização e no funcionamento da igreja. Essa

instrução contribuiu grandemente para o êxito obtido por Paulo e Barnabé na primeira viagem missionária e nas posteriores.

Pregação da Palavra. “Pregaram a Palavra em Perge”, informa Lucas (v. 25, NVI). Quando chegaram à Ásia Menor, foram diretamente a Perge. Porém, Lucas não informa qualquer atividade nessa cidade, a não ser o retorno de João Marcos para Jerusalém. Informa que no retorno, quando já estavam prontos para sair da Ásia menor para Antioquia da Síria, a igreja onde eles trabalharam e de onde haviam saído, pregaram a Palavra em Perge.

Esse registro pode indicar uma de duas coisas, ou as duas. Primeira, que não pregaram ali na primeira visita – muito improvável. Segunda, que, tendo pregado a primeira vez, também o fizeram quando retornaram, o que devem ter feito em todas as igrejas que visitaram pela segunda vez. É inconcebível que não o tenham feito. Nesse caso a mensagem é clara: a Palavra de Deus sempre deve ser pregada. Destacando os dois conceitos de pregar sempre e sempre pregar a Palavra. Nunca outra coisa.

A segunda visita exigiu algum tempo em cada lugar; o suficiente para fazer tudo o que fizeram em cada igreja. Ao concluir, Lucas diz: “Depois de orar com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido” (v. 23, ARA).

Em Antioquia: relatório das missões (v. 26-28)

De Atália, o porto da Ásia Menor que estava próximo de Perge, embarcaram com destino a Antioquia. Em sua extensa viagem missionária, que pode ter durado mais de dois anos, somente na Ásia menor haviam percorrido aproximadamente dois mil quilômetros. Restava-lhes uma viagem por mar até Selêucia, onde puderam desembarcar e de onde viajaram até Antioquia, por terra, ou puderam ter seguido de barco pelo rio Orontes.

Ao mencionar que o retorno terminava em Antioquia, Lucas informa: “Onde tinham sido recomendados à graça de Deus para a obra que haviam já cumprido” (v. 26, ARA).

Nada mais agradável para um missionário que o sentimento de missão cumprida. Na realidade, toda tarefa cumprida deixa uma

sensação interior de satisfação e tranquilidade. Deixa mais ainda: segurança. Não a segurança da autorrealização, geralmente movida pelo orgulho ou vaidade, mas segurança espiritual, produto do conhecimento prático que deixa no crente a sensação de participar com Cristo na execução de uma tarefa que agrada a Deus e O satisfaz. É uma segurança humilde. Está baseada no poder de Cristo e na submissão incondicional à Sua vontade.

Então, chegaram a Antioquia.

Desejavam somente informar os dirigentes e a igreja sobre a experiência que haviam tido na mais extraordinária viagem realizada em toda a sua vida até aquele momento. “Reuniram a igreja”, diz Lucas (v. 27, NVI).

Ninguém pode imaginar a emoção que impregnava o coração dos ouvintes. Tão intensa, que era transmitida de um crente a outro como um fluido de afeto e simpatia. Como perfume da alma que resiste a ficar escondido nela, porque se acha plenamente aberta e satisfeita. Os missionários também estavam emocionados como os demais. “Relataram quantas coisas fizera Deus com eles e como abrisse aos gentios a porta da fé” (v. 27, ARA).

Ninguém estava mais feliz que Paulo. Desde sua conversão, havia sido chamado para pregar o evangelho aos gentios. Assim o fez, e muitos foram convertidos. A porta estava aberta para os gentios. Paulo entraria por ela muitas vezes, em cada viagem missionária e em todas as atividades de sua vida. Mas permaneceram em Antioquia por muito tempo. Eram missionários que ao retornar à sua igreja-base ficaram sem trabalhar? De modo nenhum. Continuaram trabalhando para essa igreja como haviam feito antes de sair. A igreja não se descuidou deles, nem eles da igreja. Não deveria ser sempre assim?



6

Concílio de Jerusalém

A história que Lucas relata a seguir foi uma consequência do êxito que Paulo e Barnabé obtiveram em sua primeira viagem missionária (45-47 d.C.). Em certa medida, também foi produto do grande crescimento que a igreja de Antioquia estava experimentando. Com a chegada de Paulo e Barnabé, a igreja continuou crescendo ainda mais. Era uma igreja mista: entre seus membros havia conversos judeus e gentios. No início, superficialmente, tudo corria bem. A alegria do crescimento inicial os mantinha concentrados nessa agradável novidade. Mas, rapidamente, o crescimento deixou de ser novidade e se tornou normal, quase uma rotina. Para alguns, isso não causava mais admiração e começaram a incluir outros assuntos, considerando que tinham maior prioridade. Isso ocorreu especialmente com os crentes judeus que começaram a chamar a atenção para a existência de um problema. Esse fato é importante porque mostra como as primeiras igrejas resolviam seus problemas doutrinários (At 15:1-35). Eles foram resolvidos no Concílio de Jerusalém, no ano 49 d.C.

Em Antioquia: o problema (At 15:1-3)

A clareza e a unidade da doutrina têm sido sempre de vital importância para a igreja cristã. Se a doutrina é clara, todos podem

aceitá-la mais facilmente e a unidade doutrinária na igreja se torna mais real. Mas, existe um inimigo da doutrina que está sempre ativo: a mente humana em seu próprio estado.

Dizemos que a água possui três estados: sólido, líquido e gasoso. A mente humana possui dois: natural e transformada. A mente natural, pecadora, carnal é sempre inimiga. Sempre inclinada para a dissidência, autonomia e heresia. Por sua vez, a mente transformada do cristão convertido é sempre amiga; coloca em primeiro lugar a vontade de Deus e depois a sua própria. Melhor, submete sua vontade à vontade de Deus; e como essa é a atitude de todos os cristãos, podem aceitar a doutrina revelada por Deus e se manter unidos a ela. A igreja, assim, tem unidade doutrinária, e, com base nessa experiência, é explicada com clareza.

Esse é o ideal. Mas o ideal nem sempre acontece. Por essa razão, a igreja precisa saber como resolver os problemas que um ou mais membros, seguindo seus próprios pensamentos, possam apresentar.

Vejam os como a igreja apostólica agiu.

Problema na doutrina: por culpa das pessoas (15:1)

Foi a doutrina a causa do problema? Não. Nenhuma doutrina apresenta problemas. Isto é, as doutrinas reveladas por Deus por intermédio do Espírito Santo, ensinadas por Cristo e transmitidas pela Escritura Sagrada. Os criadores de problemas doutrinários são sempre pessoas. Homens ou mulheres que desejam incorporar suas próprias ideias nas doutrinas, ou em alguma doutrina específica. Às vezes, são pequenas diferenças ou conteúdos fundamentais que, de qualquer modo, as modificam.

No caso de Antioquia, Lucas identifica com toda a clareza que pessoas foram responsáveis pelo início do problema. Diz: “Alguns indivíduos que desceram da Judeia ensinavam aos irmãos: Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podereis ser salvos” (ARA).

Cristãos da Judeia. Obviamente os que defendiam a circuncisão. Sua ação se centralizava em Jerusalém (At 11:2), mas não atuavam somente ali.

Eles tencionavam esclarecer a doutrina da salvação ou, talvez, modificar o que os apóstolos e missionários estavam ensinando. Não era uma declaração casual ou irrefletida. Possuía forte conteúdo de seu ensinamento, o que eles expunham toda vez que tivessem oportunidade para fazê-lo. Em tais pessoas sempre existe um zelo exagerado e agem pressionando insistentemente. Fazem esforços excepcionais e até sacrifícios para realizar seus propósitos; nesse caso, uma longa viagem à igreja cristã mais importante que existia fora de Jerusalém.

Por declaração própria, admitiam que seu ensinamento era um ritual de Moisés. Um costume, diz o texto original. Parte da lei cerimonial que Deus, através de Moisés, deu a Israel. Qual havia sido a função das leis cerimoniais, com seus ritos, cerimônias, sacrifícios de animais, serviços no templo e todas as leis vinculadas com essas práticas? Somente uma: explicar o plano da salvação. Havia servido de viva ilustração, expressada em ações, obrigações e deveres, que o povo, ao vivenciá-las e executá-las, compreendia o plano da salvação. As leis cerimoniais não eram o plano da salvação. Somente um modo de explicá-lo.

Os que haviam chegado da Judeia modificavam o significado das leis cerimoniais. Em vez de usá-las para melhor compreensão do plano divino, ensinavam que a salvação dependia de sua observância. Transformaram a ilustração em um elemento integrante do plano da salvação; tão importante que, sem substituir o sacrifício de Cristo, equiparavam a circuncisão com ele. Dizer que sem a prática da circuncisão não havia salvação era o mesmo que dizer que não havia salvação sem Cristo. Totalmente errado. Mas seus defensores insistiam: se não forem circuncidados, não poderão ser salvos. Muitos crentes judeus de Antioquia concordaram com eles.

Contenda doutrinária (v. 2)

Paulo e Barnabé não podiam permanecer indiferentes. Não queriam que perturbassem a igreja que eles haviam fundado com tanto esforço e com a bênção de Deus. “Houve contenda e não pequena discussão com eles”, diz Lucas (ARA).

Não houve coerção contra os pretensos mestres de Jerusalém. Não tinham nenhuma comissão oficial dos líderes, mas também não os deixaram livres para agir de forma contrária. A argumentação de Paulo e Barnabé com eles foi muito forte, e o debate intenso. Os pastores do rebanho não podem ficar indiferentes diante de qualquer ataque que pretenda alterar as doutrinas cristãs. Nenhuma escusa é válida. Alguns podem pensar que a bondade cristã exige atitude passiva, talvez até permissiva, diante da agressão doutrinária. Podem até argumentar a favor de uma indefinição doutrinária, ou uma definição livre que ofereça espaço para várias ideias, de acordo com o modo diferente de pensar das pessoas, individualmente, ou de ideias particulares. A doutrina livre não é doutrina. É filosofia. A filosofia, por definição, pretende ser livre com a verdade, sem nunca chegar a ela. É um caminho aberto. Caminho que constantemente nunca chega a qualquer destino. A doutrina, por ser uma descrição de Cristo e de Sua obra, e por alcançar os seres humanos como produto da revelação divina, é sempre definida, clara e permanente.

O que existiu na igreja cristã apostólica, e deve existir sempre, é espaço para a discussão. Mas a definição de doutrina não foi feita pelos que iniciaram a discussão, os contestadores. Os dirigentes da Igreja de Antioquia nomearam uma comissão incluindo Paulo e Barnabé, para que levassem o assunto aos apóstolos e presbíteros de Jerusalém, e eles solucionassem o problema. Os judaizantes não foram incluídos na comissão. Por que deveriam participar na busca da solução para um problema criado por eles? Se tivessem a intenção de solucioná-lo, não o teriam criado. Sua inclusão teria unicamente aumentado as dificuldades para resolver o problema, e teria impedido a solução unânime que procuravam. Não podiam ser ao mesmo tempo juízes e partes. Apresentaram seu caso para livre discussão; outros teriam que decidi-lo.

Viagem a Jerusalém: relatórios em Fenícia e Samaria (v. 3)

A igreja encaminhou os membros da comissão: Paulo, Barnabé e outros, como diz Lucas, demonstrando muita confiança neles. Além do mais, Lucas descreve a viagem para Jerusalém como tendo sido de

muito sucesso, com as mesmas demonstrações de confiança e alegria por parte das igrejas visitadas ao longo do caminho, como havia ocorrido em Antioquia antes da partida. Não houve perda de tempo para sair, nem para chegar. Não demoraram muito tempo no caminho. Passaram por Fenícia e Samaria e fizeram uma visita às igrejas que estavam no percurso somente para contar sobre a conversão dos gentios.

Poderiam ter passado rapidamente por essas igrejas, mas essa não era a maneira de trabalhar daqueles missionários. A vida de todos eles era tão integrada que nem sequer pensavam em não fazer contato com os outros crentes, quando estavam próximos deles. Tinham tanta coisa para compartilhar que não perdiam nenhuma oportunidade para ficar juntos. Isso ajudava a manter a igreja como um corpo unido e contribuía para seu crescimento espiritual.

Em Jerusalém: a solução (At 15:4-29)

Na condição de pecadores em que nos encontramos, como seres humanos, nada é melhor para um problema do que a solução dele. É ainda melhor que o estado anterior à existência do problema, pela experiência positiva que se obtém. Com os demais nomeados pela igreja de Antioquia, Paulo e Barnabé foram a Jerusalém para solucionar um problema e o solucionaram.

De que maneira? Simples. Por meio de um concílio geral, reunido em Jerusalém no ano 49 d.C.

Reunião do concílio e relatório (v. 4, 5)

Evidentemente, os dirigentes de Jerusalém já estavam inteirados do assunto, pois quando Paulo e Barnabé chegaram, encontraram-se ali com os delegados e anciãos das diversas igrejas, com os apóstolos, prontos para recebê-los. Eficiência? Certamente. A eficiência espiritual dos fieis que se preocupam com as dificuldades de seus irmãos na fé, quando eles as enfrentam. A fidelidade a Deus, de Seus filhos, que não perdem tempo deixando que os problemas se avolumem. Não sendo resolvido imediatamente, o pequeno problema de hoje poderá se tornar muito maior e mais difícil de ser resolvido amanhã. Não houve trâmite de ninguém. Não houve postergações

politicamente corretas. Não houve conspirações culturais. Nada que pudesse turvar as tranquilas e transparentes águas da confiança mútua entre os crentes, e que deve sempre existir na igreja.

“Tendo eles chegado a Jerusalém, foram bem recebidos pela igreja, pelos apóstolos e pelos presbíteros” (v. 4, ARA). Paulo e Barnabé prestaram informações ao concílio. Nada ocultaram. Primeiramente, descreveram o grande êxito obtido em sua viagem missionária entre os gentios. A seguir, contaram-lhes como alguns irmãos de Jerusalém haviam chegado a Antioquia, impondo a circuncisão aos novos crentes gentios. Falaram com total simplicidade. Sem o objetivo de agradar ninguém; sem rodeio de palavras. Relataram tudo conforme aconteceu.

Então, alguns da seita dos fariseus se levantaram e disseram: “É necessário circuncidá-los e determinar-lhes que observem a lei de Moisés” (v. 5, ARA). Tinham que, primeiramente, se tornar judeus e depois cristãos. Era esse o caminho? Era assim que deviam evangelizar os gentios?

Esse era exatamente o ponto mais claro que, na diáspora, fazia a diferença entre um prosélito e aquele que temia a Deus. Os gentios prosélitos haviam sido circuncidados e os dirigentes judeus das sinagogas os consideravam membros plenamente convertidos ao judaísmo. Os que temiam a Deus não tinham sido circuncidados e não eram membros do judaísmo, embora lhes fosse permitido participar de todas as atividades da sinagoga. Aconteceria o mesmo nas igrejas cristãs?

O concílio delibera (v. 6-21)

A deliberação do concílio seguiu um processo ordenado e gradual.

Primeiro, se reúnem (v. 6). É obvio. Mas é preciso dizer que os presbíteros e os apóstolos se reuniram para estabelecer a legitimidade do concílio. Hoje, diríamos: “Declara-se aberta a sessão.”

Segundo, realiza-se a discussão (v. 7). Parece que a reunião começou com uma discussão aberta que deu origem a um debate completo dos assuntos que faziam parte da agenda. Não há dúvida de que havia outros assuntos, além da circuncisão. Por decisão final, constavam também os seguintes:

1. Uso de alimentos oferecidos aos ídolos. No mundo gentio havia o comércio abusivo, por parte dos sacerdotes, que vendiam carnes oferecidas aos ídolos. Alguns temiam que os cristãos gentios continuassem com a prática de comer carnes sacrificadas e, dessa forma, adorassem os ídolos.

2. Comer carne de animais estrangulados. Deus havia instruído os judeus a esse respeito e eles não comiam animais sufocados. Quando os matavam para comer, tiravam todo o sangue do animal. Os judeus consideravam pecado comer sangue. Por sua vez, os gentios recolhiam o sangue dos animais sacrificados aos ídolos e o utilizavam como alimento. Possivelmente, isso criava um problema de saúde e um problema real de relacionamento entre os que comiam sangue e os que não comiam.

3. Conduta moral dos cristãos gentios. Era uma realidade que a vida religiosa dos pagãos estava fortemente vinculada às relações sexuais entre os adoradores e as sacerdotisas. Evidente exemplo era a adoração à deusa Diana ou Artemisa e outros deuses. Além disso, a vida de todos era extremamente licenciosa. Seus deuses viviam em adultério, promiscuidade, incesto e outras práticas terríveis. O mesmo ocorria com as pessoas. O que aconteceria com os gentios convertidos ao cristianismo? Continuariam com os mesmos costumes ou sua religião deveria ser como a religião judaica que não aceitava a prática de nenhum tipo de ato imoral?

A discussão foi acalorada. Um debate intenso no qual cada um expôs suas ideias com extrema liberdade e veemência. Houve tempo suficiente para todos. Não foi pedido a nenhum membro do concílio que se calasse por qualquer razão: ideias, tempo, veemência ou outro motivo. Depois que todos falaram, as deliberações entraram em outra etapa da discussão. Mais calmas e decisivas.

Os líderes se pronunciam (v. 7-18). A argumentação deles é mencionada no relato de Lucas porque, sendo o resumo do que foi mencionado, a decisão final estava baseada nela. Três elementos constituíram a base da decisão final.

Pedro: a experiência (v. 7-11). Pedro se concentrou no argumento da experiência pela qual Deus o havia conduzido por inter-

médio do Espírito Santo. Não precisou contar todos os detalhes, certamente; todos conheciam bem o assunto.

“Irmãos”, disse, “você sabem que há muito tempo Deus me escolheu dentre vocês para que os gentios ouvissem de meus lábios a mensagem do evangelho e cressem” (NVI).

Relembrou: “Deus, que conhece os corações, demonstrou que os aceitou, dando-lhes o Espírito Santo, como antes nos tinha concedido” (NVI).

O argumento era forte. Quem poderia duvidar do conhecimento que Deus tem do coração humano? Poderia haver maior sinal de aceitação do que a presença do Espírito Santo neles? Deus havia atuado por meio do Espírito Santo na própria experiência da igreja. O poder não estava na experiência em si, nem a revelação surge da vida histórica da igreja, como se nela houvesse algum grau especial equivalente à revelação de Deus ou semelhante a ela. Não é isso o que Pedro diz. Ele dá importância à intervenção de Deus na igreja através do Espírito Santo.

Ninguém contradisse.

“Ele não fez distinção alguma entre nós e eles, visto que purificou os seus corações pela fé” (NVI).

Novo silêncio de aprovação.

“Então, por que agora vocês estão querendo tentar a Deus, pondo sobre os discípulos um jugo que nem nós nem nossos antepassados conseguimos suportar?” (NVI).

Pedro prolongou sua argumentação para incluir, além das leis cerimoniais, todas as tradições cerimoniais do judaísmo. Não havia nenhuma razão para transferir aos gentios conversos as tradições judaicas que, com tanta clareza, Jesus havia rejeitado durante todo o Seu ministério e que os judeus nunca haviam conseguido cumprir totalmente.

“Mas cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles o foram” (ARA).

Pedro concluiu seu argumento da experiência na qual Deus havia Se manifestado, sem transformar toda a experiência da igreja em uma expressão da vontade divina. Os delegados, membros do concílio, entenderam bem e ninguém apresentou objeção.

Paulo e Barnabé: os sinais (v. 12). Lucas não informa detalhadamente a intervenção de Paulo e Barnabé, mas resume a base de seus argumentos.

“E toda a multidão silenciou”, diz, “passando a ouvir a Barnabé e a Paulo, que contavam quantos sinais e prodígios Deus fizera por meio deles entre os gentios” (ARA).

Assim como a presença do Espírito Santo, de acordo com Pedro, havia revelado a aprovação divina na experiência vivida com Cornélio em Cesareia, os sinais e prodígios que Deus havia feito entre os gentios demonstravam que Ele os havia aceitado. Barnabé e Paulo representaram a contribuição dos missionários no concílio mundial de Jerusalém. Como igreja missionária, a igreja apostólica não se esqueceu de seus missionários. Estavam no concílio e tiveram importante participação nas decisões. Não apenas apresentando o problema ou problemas que deviam ser resolvidos, mas também como criadores da solução.

Tiago: as Escrituras (v. 13-18). O último a falar foi Tiago, irmão de Jesus, líder da igreja em Jerusalém. Falou com a prudência de um verdadeiro presidente do concílio. O presidente preside, coordena, faz a integração. Não dá ordens. Quem faz isso são os ditadores. Muito acertadamente resumiu os argumentos de Pedro e acrescentou o seu, na mesma direção dos anteriores.

“Irmãos, ouçam-me. Simão nos expôs como Deus, no princípio, voltou-Se para os gentios a fim de reunir dentre as nações um povo para o Seu nome” (v. 13, 14, NVI).

Esse era o ponto no qual todos concordavam. Já o haviam aceitado anteriormente, quando Pedro retornou de Cesareia e informou aos dirigentes de Jerusalém (11:18). Sua decisão anterior não seria mudada no concílio. Quão importante é a coerência e a permanência das decisões sobre doutrinas! Não é princípio nem atitude cristã a constante mudança de decisões; pior ainda se as mudanças contradizem decisões anteriores. Que fidelidade tem para com Deus uma igreja que modifica suas doutrinas com decisões que contradigam suas decisões passadas? Apenas o fato de tentar fazê-lo é estranho ao corpo de Cristo.

Tiago logo passou ao conteúdo da revelação. Queria apoiar, de forma incontestável, o que Pedro havia dito.

“Concordam com isso as palavras dos profetas” (v. 15, NVI).

Citou palavras do profeta Amós a respeito da incorporação dos gentios na estruturação do povo de Deus (9:11, 12).

“Depois disso voltarei e reconstruirei a tenda caída de Davi. Reedificarei as suas ruínas, e a restaurarei, para que o restante dos homens busque o Senhor, e todos os gentios sobre os quais tem sido invocado o Meu nome, diz o Senhor, que faz estas coisas conhecidas desde os tempos antigos” (v. 16-18, NVI).

Decisão do concílio (v. 19–29)

O estudo dos fatos amadureceu a decisão. Os membros do concílio e o presidente também estavam prontos.

Proposta do presidente do concílio: “Portanto, julgo que não devemos pôr dificuldades aos gentios que estão se convertendo a Deus” (v. 19, NVI).

E logo incluiu em sua proposta, o seguinte: (1) que os gentios se abstenham de tudo o que esteja contaminado por ídolos; (2) que se abstenham da imoralidade sexual; (3) que não comam carne de animais estrangulados e (4) não comam sangue.

Concluiu com uma referência a Moisés. Com ela, afirmou que seus ensinamentos eram apresentados em todas as sinagogas e os gentios que haviam entrado em contato com elas os conheciam.

Decisão final do concílio (v. 22, 23). Introduzindo a decisão final, Lucas diz: “Então, pareceu bem aos apóstolos e aos presbíteros, com toda a igreja” (v. 22, ARA).

Consenso. Todos estavam de acordo, mas não foi tomado um voto. Uma diferença interessante com respeito à decisão tomada na primeira reunião administrativa, quando escolheram o substituto de Judas (At 1:16). Será que isso queria dizer que as decisões sobre doutrinas não são feitas através de votos? Na realidade, a definição doutrinária que fizeram não foi feita por eles, mas pelo Espírito Santo. Eles mesmos assim o disseram na carta que enviaram a Antioquia, válida para toda a igreja: “Pois bem pareceu ao Espírito

Santo e a nós não vos impor maior encargo além destas coisas essenciais” (v. 28, ARA).

Na discussão sobre a doutrina da salvação que precisava ser esclarecida, todos os delegados participaram aberta e livremente, sem nenhuma restrição. Pedro expôs logo o argumento da atuação de Deus na experiência da igreja. Paulo e Barnabé apresentaram os argumentos dos milagres e maravilhas que Deus havia feito. Tiago citou as Escrituras, cujo conteúdo realçou a experiência dos milagres, porque era a palavra direta de Deus. Cabe destacar que não deu nenhuma explicação à Escritura citada. Não procurou lhe dar maior destaque por razões próprias, nem anulá-la por questões culturais. Simplesmente a citou, com total espírito de aceitação. Todos estavam a favor da incorporação dos gentios. Deus já havia aprovado. Na reunião, o testemunho do Espírito Santo foi agregado. Tudo foi esclarecido. Ninguém resistiu à clara visão da atuação divina. Não era necessário votar. Quem lhes tinha dado autoridade para decidir se Deus tinha razão ou não? Cabia-lhes somente aceitar, e o fizeram unanimemente. Um extraordinário modelo que faria bem à igreja seguir toda vez que enfrentar um problema doutrinário.

A decisão era composta de dois elementos: a nomeação de uma comissão que levaria uma carta a Antioquia e o conteúdo da carta. A comissão foi constituída por dois homens notáveis entre os irmãos: Judas e Silas. Judas tinha um segundo nome, Barsabás, nome que possivelmente identificava sua família. Nesse caso, era irmão de José Barsabás, o Justo, um dos dois nomes que constavam na lista para substituir Judas Iscariotes, na primeira decisão administrativa da igreja apostólica (At 1:23). Judas e Silas eram profetas (At 15:32). O nome Silas parece ser a abreviatura do nome Silvano, o que mais tarde acompanharia Paulo em suas viagens missionárias (1Ts 1:1; 2Ts 1:1) e a quem Pedro chamou de irmão fiel (1Pe 5:12).

Conteúdo da carta (v. 23b-29). A carta é um modelo de transparência e definição. De forma muito breve e direta, esclarece a questão sem deixar nenhuma dúvida.

1. Identifica os autores e destinatários. “Os irmãos, tanto os apóstolos como os presbíteros, aos irmãos de entre os gentios em Antioquia, Síria e Cilícia, saudações” (ARA).

Autores: um grupo composto por representantes de todos os níveis da igreja. Todos os membros do concílio.

Destinatários: todos os membros do território onde Paulo e Barnabé haviam trabalhado.

2. Reconhece a existência do problema e sua origem. “Soubemos que alguns saíram de nosso meio, sem nossa autorização, e os perturbaram, transformando a mente de vocês com o que disseram” (v. 24, NVI).

A eficiência no trâmite para reconhecer o problema e a busca da solução adequada foram grandemente aumentadas pela honestidade seguida no processo de comunicação. Admitiram que os que criaram o problema eram pessoas que pertenciam ao seu grupo, mas eram totalmente desautorizadas para isso. É o que a igreja sempre deveria fazer com os perturbadores. E mais ainda, não deveria demorar para tomar essa atitude. Que todos saibam qual é a natureza de sua obra e qual é a distância que existe entre eles e os dirigentes. Isso não é ditadura. É transparência.

Especificaram o conteúdo de seu ensinamento: exigiam que fosse feita a circuncisão e a lei cerimonial fosse obedecida.

3. Apresentação dos portadores da carta. “Pareceu-nos bem, chegados a pleno acordo, eleger alguns homens e enviá-los a vós outros com os nossos amados Barnabé e Paulo, homens que têm exposto a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Enviamos, portanto, Judas e Silas, os quais pessoalmente vos dirão também estas coisas” (v. 25-27, ARA).

Os dirigentes escolheram os membros da comissão e, na carta, os apresentaram. A eleição foi feita tomando como base a total dedicação deles à causa do Senhor, inclusive arriscando a vida. A igreja não escolhia ninguém, para nenhuma atividade, sem antes considerar seu trabalho anterior. Falando da escolha dos anciãos, Paulo orientou a Timóteo (1Tm 3:6): “Não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo” (ARA).

Por que não enviaram a carta por intermédio de Paulo e Barnabé? Credibilidade. Eles estavam sendo observados pelos perturbadores como causadores da transgressão da lei cerimonial. Poderiam ser acusados de falsificar a carta. Não era conveniente que retornassem sozinhos. Os outros dois enviados, muito conhecidos dos que haviam levantado a discussão sobre a doutrina da salvação, acrescentavam autoridade e davam legitimidade à carta. Contribuíam para que a credibilidade de todos aumentasse.

4. Conteúdo da decisão. “Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não impor a vocês nada além das seguintes exigências necessárias: Que se abstenham de comida sacrificada aos ídolos, do sangue, da carne de animais estrangulados e da imoralidade sexual. Vocês farão bem em evitar essas coisas. ‘Que tudo lhes vá bem’” (v. 28, 29, NVI).

Aqui termina a carta. Foi bom porque foi breve; duas vezes bom. Breve, mas com todo o conteúdo. Muito bom.

Em Antioquia: alegria (At 15:30-35)

Tudo o que precisavam fazer em Jerusalém estava feito. Paulo e Barnabé retornaram imediatamente a Antioquia. Que delegado não teria feito o mesmo? Finalizado o concílio, voltaram diretamente ao trabalho, onde todos esperavam a decisão que resolveria o problema.

Entrega da carta: todos recebem (v. 30)

“Uma vez despedidos, os homens desceram para Antioquia, onde reuniram a igreja e entregaram a carta” (NVI).

Tão logo os enviados do concílio chegaram a Antioquia, reuniram a congregação e entregaram a carta a todos. Não trataram do assunto somente com os dirigentes das igrejas; incluíram a todos os membros. A razão é muito simples: o problema afetava a todos e todos tinham que ficar inteirados da decisão que havia sido tomada no concílio. Quando a igreja desconhece as decisões tomadas por seu corpo diretivo, pode ocorrer um distanciamento entre líderes e membros pelo desconhecimento dos planos e decisões. Pior ainda, se forem ignorados, os membros não os executarão. Serão arquivados. Nesse caso, qual é o valor deles?

Alegria de todos (v. 31-35)

“Os irmãos a leram e se alegraram com a sua animadora mensagem” (v. 31, NVI).

Ficaram reconfortados, fortalecidos e animados, pois o problema não mais existia. A unidade doutrinária produz alegria espiritual e plena integração quando todos têm a mesma crença. Elimina a desconfiança entre os membros. Aumenta o afeto. A comunicação de confiança gera transparência e honestidade. A vida cristã prática adquire realidade: passa das ideias para os fatos; e a atmosfera de toda a igreja se torna respeitável, traz benefício. É grata e feliz.

A alegria originada pela carta fez crescer o ministério que Judas e Silas realizaram em Antioquia por algum tempo. Quando deviam retornar a Jerusalém, a igreja se dispôs a despedi-los em paz. Silas, porém, resolveu permanecer em Antioquia e se uniu a Paulo e Barnabé na obra que realizavam. Ensinavam a Palavra do Senhor e anunciavam o evangelho. Muitos outros os ajudavam.



Segunda Viagem

7 Missionária de Paulo

Depois que Judas saiu de Antioquia e o ambiente ficou em paz, Paulo e Barnabé desfrutaram a alegria de trabalhar, por mais algum tempo, livres de controvérsias e conflitos. O numeroso grupo que, além de Silas, se uniu a eles, produziu maior crescimento, provendo novos líderes para a igreja local. Paulo sentiu que podiam viajar novamente e a igreja de Antioquia estaria bem atendida.

No seu estilo conciso, Lucas conta a história dessa segunda viagem missionária (49-52 d.C) sem deixar de mencionar os detalhes que mostram as dificuldades da pregação e a inclusão dos novos crentes, graças à obra do Espírito Santo (At 15:36-18:22).

Paulo planeja a segunda viagem (At 15:36-41)

Paulo não conseguia ficar sem se preocupar com os crentes que haviam sido deixados nas cidades em que ele e seu grupo estiveram na primeira viagem missionária (45-47 d.C). Não podia ignorá-los. Essa atitude foi constante no restante de sua vida. Sempre ajudava os novos crentes para que permanecessem fieis. Mas ele precisava retornar. Tinham que planejar uma segunda viagem.

Conversa de amigos (v. 36)

O planejamento começou com uma simples conversa entre amigos. Paulo disse a Barnabé: “Voltemos para visitar os irmãos em todas as cidades onde pregamos a Palavra do Senhor, para ver como estão indo” (NVI).

Paulo tomou a iniciativa. Não havia hierarquia formal entre eles. Acontecera o que sempre ocorre. O líder natural ocupa seu lugar e os demais o seguem sem resistência. Barnabé concordou.

Desavença sem ódio (v. 37-39a)

Havia apenas uma ideia fixa que, sem ser mencionada, transformou-se em uma espécie de condição inalterável. Lucas apresenta com simplicidade: “Barnabé queria levar também a João, chamado Marcos” (ARA).

Ele podia imaginar a reação negativa de Paulo. E aconteceu. Lucas assim se expressa: “Mas Paulo não achava justo levarem aquele que se afastara desde a Panfília, não os acompanhando no trabalho” (ARA).

Não estava disposto a aceitar a fraqueza de Marcos. Levá-lo novamente para que tornasse a fazer o mesmo? Não. Tinha visto nele qualidades contrárias às que eram necessárias no trabalho missionário. Sentir saudade das comodidades do lar no exato momento em que era necessário ter abnegação, coragem, disposição para sacrificar-se, fé na proteção de Deus e muita disposição para avançar, apesar das dificuldades, mesmo que houvesse perseguições e o martírio ameaçasse com sua assustadora realidade no caminho? Não; a diferença entre o que ele era e o que devia ser, para o trabalho missionário, era muito grande.

Barnabé insistiu, mas não houve acordo. Quem estava com a razão? Quem não estava? Lucas não diz nada. Por que deveríamos emitir um julgamento que igualmente não teria valor algum? Lucas apenas conta o que aconteceu, como um fato da realidade apostólica, e nada mais.

“Houve entre eles tal desavença, que vieram a separar-se” (ARA). Uma separação temporária, como um paroxismo, sem resquícios

permanentes de ódio nem rancor. Uma tormenta que não deixou estragos. Um terremoto que nada destruiu. Por quê? Simplesmente porque os dois consideraram o incidente como assunto vinculado à missão. Nada tinha que ver com o relacionamento fraternal e amigo que havia entre eles. A prova disso está no fato de que, mais tarde, quando Marcos, sob a orientação de Barnabé, desenvolveu as qualidades de que um autêntico missionário necessitava, Paulo o considerou útil para ele e declarou isso (2Tm 4:11).

Duas equipes missionárias (v. 39b-41)

Esse incidente resultou na formação de duas equipes missionárias. Barnabé, levando consigo João Marcos, foi para Chipre. E Paulo escolheu Silas como seu companheiro de viagem. Um profeta. A igreja de Antioquia encomendou os missionários à graça do Senhor. Paulo e Silas foram à Síria e Cilícia, onde haviam estado na primeira viagem.

Antes de empreender a conquista do mundo Egeu, ou seja, o avanço da missão que será produzido por essa viagem, foram ver como estavam os irmãos para ajudá-los a permanecer fieis ao Senhor.

Cidades visitadas na segunda viagem (At 16:1-18:18a)

De Antioquia, por via terrestre, viajaram para o norte pela única rota que conduzia à parte central de Anatólia ou Ásia Menor, pelo sul da província de Galácia, onde estavam algumas das igrejas que haviam fundado na primeira viagem. Passaram por várias cidades, incluindo Tarso, cidade natal de Paulo, porém, Lucas não menciona nenhuma delas. Somente Derbe.

Derbe: Somente um anúncio? (v. 1a)

Lucas não faz nenhuma menção sobre o que Paulo fez ali. Apenas diz que chegou a Derbe. Não há dúvida de que lhes anunciou o que foi decidido no concílio de Jerusalém no ano 49 d.C., com respeito às obrigações dos cristãos gentios, pois assim fazia em todas as cidades por onde passava (v. 4). Acaso, fez apenas esse anúncio numa cidade em que, na primeira viagem, como resultado da pregação do evangelho, fez muitos discípulos, organizando-os em igrejas e

em cada uma delas nomeado anciãos? (At 14:20-23). Dificilmente. Mas é tudo o que Lucas registrou.

De qualquer forma, tratava-se do anúncio da unidade doutrinária. Todos deviam crer e praticar a mesma coisa. A dissidência não era uma atitude cristã. E isso não devia acontecer em Derbe.

Listra: um discípulo com bom testemunho (v. 1b-3)

A seguir, Lucas informa que Paulo chegou a Listra, onde, na primeira viagem, o confundiram com Mercúrio e procuraram adorá-lo como um deus. Ele não era Deus, mas sim um homem de Deus, como todos os discípulos de Deus têm que ser. Quando, naquela ocasião, como homem de Deus, foi apedrejado, um jovem discípulo chamado Timóteo presenciou o injusto castigo que lhe aplicaram. Sofreu com o sofrimento do apóstolo. Com sua demonstração de força, tornou-se forte. E ao sentir a fé que Paulo possuía, tão determinada e firme, sua própria fé se alicerçou no Senhor para sempre.

Ao chegar a Listra, Paulo estava ansioso por sentir a fidelidade de toda a igreja. Alegrou-se muito. Todos haviam resistido à violenta oposição e permaneciam fiéis. O jovem Timóteo também. Seu pai era grego. Sua mãe, judia. Ela lhe havia ensinado a Escritura, desde menino. Cresceu em santa piedade, com prudência, de maneira equilibrada e sábia. Sua mãe e sua avó, através de uma experiência diária sem ostentações, haviam-lhe ensinado a integração milagrosa que existe entre a obediência e a fé. Timóteo cria em Cristo e obedecia a Deus. Era feliz. Compreendia a santidade do ministério, resistia ao sofrimento e à perseguição. Além disso, sentiu o chamado de Deus ao ministério e estava disposto a ajudar no que pudesse.

Lucas acrescenta: “Os irmãos de Listra e Icônio davam bom testemunho dele” (NVI). Prestígio espiritual. Não há nada melhor para um jovem aspirante ao ministério. A esse tipo de prestígio juntam-se a piedade verdadeira, a aprovação divina e a estima dos fiéis que o observam com admiração e confiança.

Paulo também sentiu grande afeto pela fé que Timóteo possuía e desejou incluí-lo no seu grupo missionário a fim de prepará-lo e torná-lo um missionário como ele mesmo.

Primeira ação de Paulo no preparo de Timóteo: circuncidá-lo. O concílio de Jerusalém não havia determinado que os gentios não fossem perturbados com essa obrigação? Incoerência de Paulo? Não. Paulo não era incoerente. Apenas compreensivo. Compreendia os preconceitos das pessoas e as respeitava. Procurava eliminá-los sem criar objeções à sua pregação. Tomava todas as precauções necessárias, sem ofender a ninguém, nem a Deus.

Lucas diz: “Circuncidou-o por causa dos judeus daqueles lugares” (ARA).

Frequentemente, Paulo pregava nas sinagogas. Se os que ali adoravam a Deus viessem a saber que alguém de seu grupo não estava circuncidado, todo o seu trabalho para salvá-los teria sido rejeitado. Condescendia quando lhe era possível, mas não procedia irregularmente. Continuava crendo e ensinando que a circuncisão não representava nada e que o evangelho de Jesus era tudo.

Em outras cidades (v. 4-8a)

Possivelmente, Paulo tomou a rota do Caminho Romano, mais tarde chamada Via Tauri, pois a outra, Portais Cilicianos, era muito solitária e mais perigosa. Ela o levou a Icônio, a Antioquia da Pisídia e, a seguir, pelas regiões da Frígia e Mísia, até Trôade.

Dois incidentes mostram a fidelidade de Paulo à igreja e à ação do Espírito Santo. Paulo era ao mesmo tempo denominacional e carismático. Nada há nele que separe a autoridade da igreja e a autoridade do Espírito Santo, como se, em alguma medida, uma fosse rejeitada pela outra e o cristão fiel tivesse que obedecer somente a uma delas: a autoridade da igreja ou a do Espírito Santo. Ele está sob a direção dos dois porque entre o Espírito e a igreja não há conflito. A igreja fiel nunca atua contra o Espírito e, sendo assim, o Espírito jamais tira a autoridade dela.

Fidelidade institucional (v. 4, 5). A igreja, reunida em concílio geral, sob a direção dos apóstolos e presbíteros de Jerusalém, com a aprovação do Espírito Santo, havia chegado a uma decisão, em perfeita unidade de seus delegados, a respeito das doutrinas nas

quais deviam crer e o modo de vida que os cristãos gentios deviam praticar (At 15:22-29). Paulo era fiel a essa autoridade.

“Nas cidades por onde passavam”, diz Lucas, “transmitiam as decisões tomadas pelos apóstolos em Jerusalém, para que fossem obedecidas” (NVI).

Paulo não trabalhava só. Sentia-se parte integrante da igreja e obedecia às autoridades que Deus havia constituído nela. Ele mantinha contato direto com Deus, e Silas, seu companheiro na missão, era profeta; mas nenhum dos dois desconhecia a autoridade da igreja. Silas havia ido a Antioquia cumprindo ordem dos dirigentes (At 15:27, 32) e depois, acompanhando Paulo, partiu em missão, com a bênção da igreja de Antioquia (15:40).

O respeito desses líderes pela igreja é inquestionável e exemplar. Alguém poderia dizer: “Mas a igreja naquele tempo era perfeita, por isso Paulo e Silas obedeciam a seus líderes e respeitavam sua organização”, implicando com isso que, se hoje essa perfeição não existe, também não há obrigação de respeitar a igreja. Mas a igreja perfeita somente existe quando todos os seus membros estão revestidos da perfeição que Cristo oferece pela fé. Por isso, em lugar de criticar a possível imperfeição da igreja, os críticos deveriam buscar para si a perfeição de Cristo e, com todos agindo assim, ninguém teria qualquer razão para criticá-la e os seus membros seriam perfeitos pela fé em Jesus. E a igreja também.

Por outro lado, Jesus não concedeu autoridade a uma igreja perfeita. Concedeu-a à igreja como tal. Uma autoridade corporativa e missionária, autoridade de governo e disciplina. O simples fato de que a igreja deveria disciplinar seus membros, quando necessário, indica que nem todos eles seriam perfeitos. Acaso, anularia a imperfeição de seus membros, quando fosse o caso, a autoridade da igreja para discipliná-los, para governar sua organização, para levar adiante a missão e atuar corporativamente como o corpo de Cristo na Terra?

Certamente, não. Pelo contrário, quanto maior a imperfeição dos membros que formam a igreja, maior a necessidade de que ela exerça a autoridade que Deus lhe deu, para que, sob a direção do

Espírito Santo, possa ser restaurada e seguir adiante sob a orientação de Cristo Jesus, Cabeça da igreja e seu Redentor.

Além da fidelidade demonstrada pela obediência de Paulo ao concílio de Jerusalém, os membros das igrejas que havia nas cidades visitadas por ele deviam conhecer as decisões tomadas e praticá-las. Esse é o verdadeiro conhecimento cristão. Um conhecimento para ser praticado, para ser vivido. Não é cristão o conhecimento usado para discutir, recriminar ou condenar. Nem mesmo é cristão o conhecimento pelo próprio conhecimento. Como alguém que, por ter conhecimento, se sentisse superior aos que não sabem, ou mais seguro de si mesmo, ou mais orgulhoso de ser alguém. Tão orgulhoso que até elimina a Deus de todo o seu conhecimento, como se a única presença divina no que sabe reduzisse seu conhecimento a um estado inferior ou desprezível.

Todo conhecimento verdadeiro é útil para a vida e o conhecimento cristão é indispensável para o bom viver. Nunca é autônomo, nem independente. Sempre é obediente. Sempre é submisso. Sempre é humilde. Sempre é sábio.

Fidelidade carismática (v. 6-8). Paulo, Silas e Timóteo chegaram a Frígia, região localizada ao sul da Galácia. Fazia parte da Galácia, mas seus habitantes frígios davam à região um nome mais étnico que político. Da Frígia, seguiram para o norte avançando mais intensamente na província da Galácia. Os gálatas, que Paulo encontrou em sua segunda viagem missionária, eram descendentes dos antigos celtas que invadiram a Europa durante o segundo milênio antes de Cristo. Instalaram-se nos territórios compreendidos entre as Ilhas Britânicas, no norte, passando pela França, até a Espanha no sul e leste, até o Mar Negro. Na França, foram chamados de gauleses e na Anatólia (Ásia Menor), gálatas, onde chegaram aproximadamente no ano 278 a.C e se instalaram na parte central do território. Dominaram parte dos frígios, mas próximo do ano 25 a.C., foram dominados pelos romanos. Quando Paulo ali chegou, eram uma província romana.

Paulo chegou à Galácia enfermo, possivelmente de uma doença nos olhos (Gl 4:13, 14). Mas isso não o impediu de lhes pregar o

evangelho. Quando lhes escreveu a epístola, no inverno dos anos 57 a 58 d.C., disse-lhes: “Foi por causa de uma doença que lhes preguei o evangelho pela primeira vez” (NVI).

Pregou-lhes o evangelho, como era seu costume. Falou-lhes do amor de Deus, o Pai; de Cristo Jesus que veio ao mundo com um objetivo específico: salvar pecadores através de Sua morte na cruz. Falou-lhes da necessidade da fé para serem salvos e se tornarem filhos de Deus. Transmitiu-lhes todos os ensinamentos de Jesus e dos apóstolos, incluindo as últimas decisões tomadas pela igreja, com respeito aos gentios que aceitavam o cristianismo.

Paulo, Silas e Timóteo planejaram continuar avançando pela Ásia Menor. Mas a autoridade carismática se fez presente. O Espírito Santo comunicou-se diretamente com eles. Assim Lucas o informa: “Foram impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na Ásia”.

Há duas proibições neste sentido. Essa é a primeira. Foram proibidos de pregar na Ásia antes de chegar a Frígia e Galácia ou quando estavam na Galácia? Alguns pensam que foi antes. Porém, como o verbo grego não enfatiza o tempo, mas a qualidade da ação, é necessário que se preste atenção no caráter determinante da ordem de não continuar pregando na Ásia além dos lugares em que já haviam pregado, isto é, Derbe, Listra, outras cidades que se achavam no caminho, Frígia e Galácia. Daí em diante, tinham que avançar para outro lugar que o próprio Espírito Santo lhes haveria de indicar.

De fato, quando chegaram a Mísia, território contíguo à Frígia, em direção ao oeste, pensaram em avançar para o norte da Ásia para pregar em Bitínia, junto ao Mar Negro, onde ocorre a segunda proibição do Espírito Santo. Lucas diz: “Mas o Espírito de Jesus não o permitiu” (ARA)

A ordem direta do Espírito Santo era categórica. Tinha que ser fiéis ao governo carismático do Espírito, tanto quanto haviam sido ao governo denominacional da igreja.

Obedeceram. Lucas informa claramente: “E, tendo contornado Mísia”, não entraram nesse território. Fazê-lo não tinha nenhum sentido já que não podiam pregar o evangelho ali. Seguiram adiante atentos às indicações do Espírito.

Em Trôade: obediência (v. 8b-10)

Chegaram a Trôade, um porto da costa oeste do Mar Egeu. Seu nome completo era Trôade Alexandrina, em honra a Alexandre Magno, seu fundador. Quando Paulo chegou, Trôade era uma colônia romana e uma cidade grega livre, situada apenas a poucos quilômetros ao sul da famosa cidade de Troia. Seus visitantes cultos, como Paulo, podiam relembrar a famosa epopeia de Homero, chamada *Ilíada*, fundamento da cultura helênica, cujas primeiras referências remontam à história antiga, pelo menos até o século 7 a.C., época de Ezequias, Manassés e Josias, reis de Judá. Do outro lado do Mar Egeu, situavam-se a Macedônia e a Europa.

Teria Paulo sonhado com a possibilidade de evangelizar a Europa? Como saber isso? Contudo, a mente de cada cristão estava entrelaçada, como teia indestrutível, com os fios de uma missão que devia chegar a todas as nações, até alcançar a última pessoa da Terra.

Lucas, em seu estilo conciso e direto, diz: “Durante a noite Paulo teve uma visão” (NVI).

O Espírito Santo não Se demorou para orientar a direção do seguinte passo missionário. Na visão, Paulo viu um varão macedônio. Em pé, como que indicando pressa para cumprir sua incumbência. Com urgente súplica, disse-lhe: “Passa à Macedônia e ajuda-nos” (NVI).

Ele inclui a si mesmo e a todos os macedônios. Ajuda-nos! Esse era o grito de toda a Europa. Paulo não podia resistir. Como? Pois desde sua estada na Galácia o Espírito Santo o estava preparando para esse momento. Proibiu-lhe de pregar na Ásia. Não lhe permitiu ir a Bitínia. E nesse eletrizante instante, como razão e objetivo de tudo o que lhe havia dito e feito anteriormente, o chama para alcançar a Europa.

Paulo e seu grupo sentiram tão intensamente a importância decisiva do momento, que Lucas, ao relatar o ocorrido, inclui a si mesmo, pela primeira vez, na história da igreja apostólica, dizendo: “Depois que Paulo teve essa visão, preparamo-nos imediatamente para partir para a Macedônia, concluindo que Deus nos tinha chamado para lhes pregar o evangelho” (NVI).

Bendita segurança que o Espírito Santo transmite em cada ordem pronunciada. Seja através de sonhos e visões, por fortes impressões sobre a mente ou nas claras instruções da Escritura Sagrada; Ele sempre concede a certeza inamovível aos que querem cumprir a vontade de Deus e estão dispostos a obedecê-Lo.

Em Filipos: quatro histórias (v. 11-40)

A viagem foi rápida. No primeiro dia, navegaram com vento a favor até a pequena ilha de Samotrácia, metade da distância que os separava de Macedônia. Como de costume, o barco passou a noite num porto da ilha. No dia seguinte, bem cedo, zarparam para Neápolis, porto de Filipos, localizada a apenas 16 km a noroeste e, sem se deter, continuaram por terra, até a cidade principal, cujo nome honrava a Filipo II, pai de Alexandre Magno.

Lucas diz: “Nesta cidade, permanecemos alguns dias” (ARA). Quantos? Não há forma de sabê-lo. Entretanto, foram suficientes para que acontecessem fatos extraordinários. Lucas registra quatro. Todos eles revelam aspectos diferentes do espírito humano.

Lídia, a vendedora de púrpura: abnegação (v. 13-15). Era sábado. Paulo e seu grupo de missionários foram para fora da cidade, uma colônia romana toda murada. Dentro dela, viviam somente cidadãos romanos que conservavam o estilo de vida e o espírito da cidade de Roma, tornando a colônia uma pequena Roma, como dizia Aulus Gellius em seu livro *Caballeros Áticos* (xvi.13.9). Paulo se sentia seguro. Ele mesmo era cidadão romano.

Paulo e seus amigos foram à beira do rio, onde, pela falta de sinagoga na cidade, os poucos judeus que ali viviam se reuniram para orar. Os missionários se sentaram junto a um grupo de mulheres. Apresentaram-lhes o evangelho e o resultado foi imediato.

“Certa mulher, chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia” (ARA).

Uma atenção nobre. Sem espírito de crítica, nem desejo de encontrar erros para condenar. Apenas escutava. Seu coração era

cheio de afeição. Sua mente, totalmente aberta. Sua atitude cheia de piedade, como piedoso deve ser o espírito de quem adora a Deus.

Lídia se converteu. Toda a família dela a acompanhou nessa nova experiência de fé. Teve início uma aventura espiritual sem as incertezas próprias de todas as aventuras que o espírito humano empreende. Segurança no Senhor. O evangelho lhes abriu uma porta, desconhecida para todos eles até esse momento. Sem vacilar, entraram por ela. Todos foram batizados.

Logo, Lídia, movida pela abnegação feliz de sua nova vida em Cristo Jesus, dirigindo-se aos missionários, disse: “Se os senhores me consideram uma crente no Senhor, venham ficar em minha casa” (NVI).

Não era uma simples expressão de cortesia. Era um desejo genuíno. Algo nascido nela, de maneira profunda, desde suas entranhas mais sensíveis, desde a própria fonte onde nascem todos os sentimentos de abnegação do espírito humano porque o Espírito Santo está presente.

Pode haver algo mais nobre que a própria nobreza? Algo mais generoso que a generosidade produzida por Deus na pessoa convertida? Algo mais genuíno que o sentimento de afeto gerado pelo Espírito Santo quando reina supremo no espírito humano? Lídia possuía essa nobreza, esse afeto, essa generosidade. Ela tanto insistiu, que não lhes restou nenhuma alternativa. Somente podiam aceitar, e aceitaram. Viver na casa da generosidade também é uma experiência agradável; tão agradável como agradável é ser generoso.

Os senhores de uma jovem endemoninhada: cobiça (v. 16-21). Paulo e seu grupo começaram a ensinar o evangelho na cidade e transformaram em hábito seu encontro com os judeus no lugar que usavam para orar.

Certo dia, possivelmente no sábado, quando se dirigiam para o lugar de oração, saiu-lhes ao encontro uma jovem escrava. Tinha o espírito de adivinhação e, por isso, produzia grande lucro para seus senhores. Seguiu os quatro missionários: Paulo, Silas, Timóteo e Lucas que, por seus trabalhos, já eram conhecidos na cidade. À medida que os seguia, gritava: “Estes homens são servos do Deus Altíssimo e lhes anunciam o caminho da salvação” (NVI).

A endemoninhada os seguiu por vários dias gritando a mesma coisa. O que o diabo tinha que ver com a missão de Paulo e seu grupo? Nada em seu favor. Sua comunicação não tinha o propósito de ajudá-los. Queria prejudicá-los.

A estratégia do demônio era malignamente engenhosa. Queria mesclar sua própria obra com a obra dos missionários. Seu engano com a verdade que eles apresentavam. Ao anunciar a obra que eles faziam, distraía a mente das pessoas e induzia na multidão o pensamento de que a obra dos missionários dependia do mesmo poder que dominava a pitonisa em suas adivinhações. Dizendo a verdade sobre os apóstolos, conseguia induzir os ouvintes ao engano.

A paciência cristã de Paulo suportou a ação da pitonisa por muitos dias, como Deus sempre tem paciência com os pecadores, mas essa situação não podia durar para sempre. Num determinado dia, Paulo, sob a inspiração do Espírito Santo, o verdadeiro poder que conduzia sua obra, disse ao demônio que controlava a endemoninhada:

“Em nome de Jesus Cristo, eu te mando: retira-te dela” (ARA).

Na mesma hora, ele saiu. A mulher ficou livre do demônio e não falou nada. Seu silêncio era uma prova evidente de que o poder que havia operado nela era inferior ao poder que atuava em Paulo. Havia obedecido à ordem e nada mais podia fazer contra os pregadores do evangelho.

Mas, embora a endemoninhada tenha ficado em paz, em paz não podiam ficar seus senhores. Havia perdido sua fonte de lucro. Eles não eram altruístas. Irritados pela cobiça de torpe ganância, começaram um atroz ato de vingança e manifestaram acusadora hostilidade. Lucas informa: “Agarraram Paulo e Silas e os arrastaram para a praça principal, diante das autoridades” (NVI).

De que podiam ser acusados? Não haviam feito nenhum mal. Mas os senhores da ex-endemoninhada não estavam interessados em praticar ações justas. Estavam preocupados com a perda de seus lucros engenhosos e queriam destruir os que eles consideravam como responsáveis pela sua perda. A cobiça incendiava seu coração.

A ambição de riquezas indevidas os cegava. Seu espírito era mau e nenhum bem surgiria dele. Disseram aos magistrados:

“Estes homens são judeus e estão perturbando a nossa cidade, propagando costumes que a nós, romanos, não é permitido aceitar nem praticar” (NVI). Era uma falsidade! Os apóstolos não haviam ensinado nada que fosse proibido em Roma. Havia judeus em Roma e suas práticas religiosas eram legalmente toleradas. A colônia romana, por ser cópia fiel da vida na cidade-mãe, tinha também que admitir a presença da religião que Paulo pregava, cuja raiz judaica era inegável.

Mas a ambição e a cobiça desvirtuam tudo. Destroem o melhor do espírito humano e o tornam colérico e violento. Tremenda injustiça!

O carcereiro de Filipos: temor e alegria (v. 22-34). Parece que o injusto sempre atrai os injustos. Lucas diz: “Levantou-se a multidão, unida contra eles” (ARA). Somente porque alguns poucos homens apresentaram acusações que nem sequer haviam procurado provar? É incrível! Como o espírito humano é acusador e injusto, exaltado e violento! Características que afetam unicamente o povo, quando atua em massa, sem a racionalidade dos indivíduos que conseguem se controlar quando raciocinam e pensam?

Não era somente a massa. Os dirigentes também tiveram a mesma reação. Lucas diz: “Os pretores, rasgando-lhes as vestes, mandaram açoitá-los com varas” (ARA).

E o julgamento, onde estava? Nem tinham o devido julgamento. Apenas uma crédula conveniência com o mal e a injustiça. E eram todos romanos! Um povo de leis justas. Desde sua fundação, em 753 a.C, Roma havia sido regida por leis escritas. Codificadas, mais tarde, tornaram-se base legal para todos os códigos desenvolvidos nas nações do Ocidente e de muitas nações do Oriente.

O que aconteceu com a tradição de povo justo? O que sempre acontece. As leis podem ser justas, mas as pessoas, nem sempre.

Que paradoxo! Paulo e Silas, por haverem restaurado uma possessa do demônio a seu são juízo, eram maltratados com injustiça por um povo de leis justas e por alguns magistrados, postos ali por Roma como guardiães das leis que impunham a justiça e que eles deviam defender sempre, sob qualquer circunstância. Tudo porque,

além dos senhores que perderam seus lucros, havia em Filipos outros cobiçosos de ganho fácil mediante os enganos satânicos.

Mas esse não foi o fim dos apóstolos. Primeiramente, a situação deles piorou para, depois, melhorar. Lucas assim a descreve: “Depois de lhes darem muitos açoites, os lançaram no cárcere, ordenando ao carcereiro que os guardasse com toda a segurança” (ARA).

A esta altura, é mencionado o homem do temor e da alegria: o carcereiro. Único romano justo que aparece nessa história. “Levou-os para o cárcere interior e lhes prendeu os pés no tronco” (ARA). Não aumentou o castigo sobre eles, apenas cumpriu as ordens. Precisavam ser mantidos seguros, sem que tivessem qualquer possibilidade de fugir, e assim o fez. No melhor estilo de um carcereiro: prisão segura, impossibilitados de andar.

Mas à meia-noite, enquanto ele e os demais presos ouviam que Paulo e Silas oravam a Deus e cantavam hinos louvando Sua grandeza e Seu poder, sobreveio um terremoto. Tão grande, que até os alicerces da prisão se moviam. Era muito estranho. Abriram-se as portas como se alguém, intencionalmente, o tivesse feito. E como se uma mão poderosa estivesse atuando, soltaram-se as cadeias de todos os presos.

Nesse exato momento, o carcereiro despertou. Ao ver o quadro da destruição: portas abertas, presos soltos e, segundo sua interpretação apressada, prontos para fugir sem que ele pudesse fazer qualquer coisa para detê-los, pois tudo isso havia acontecido enquanto ele dormia, percebeu que a lei romana seria implacável com ele. Exigiria sua vida como castigo pela irresponsabilidade de estar dormindo, quando deveria estar desperto, e bem desperto, para que nenhum preso fugisse.

Quis suicidar-se. Por que passar pela desonra, se o resultado final seria o mesmo? Tomou sua espada de maneira decidida. E quando estava a ponto de se suicidar, ouviu a voz de Paulo: “Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos!” Procurou uma luz. Na quase penumbra proporcionada por sua tocha, com toda a ansiedade sentida na boca do estômago, precipitadamente entrou na cela onde estavam Paulo e Silas e, tremendo de medo, prostrou-se diante dos

estranhos prisioneiros, que ensinavam o evangelho durante o dia, não protestavam quando eram injustamente açoitados; à noite, cantavam louvores a seu Deus e, quando o terremoto os havia deixado livres, não apenas permaneceram na prisão, mas cuidaram de todos os presos para que nenhum escapasse.

Em um instante, passou do terremoto, abalo incontrolável da terra, ao estremecimento de todo o seu corpo amedrontado, que tampouco pôde controlar, bem como a agitação de seu próprio coração, levado ao arrependimento e à busca da salvação. Tirou-os da prisão e disse-lhes: “Senhores, que devo fazer para ser salvo?” (NVI). Não era necessário grande discurso. Pelo que se pode ver, o carcereiro já conhecia tudo, ou porque ele mesmo havia ouvido a pregação de Paulo e Silas na cidade, ou porque lhe havia sido contado por alguém, ou algum outro meio, mas ele sabia de tudo e estava disposto a fazer o que lhe mandassem. Simplesmente responderam: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa” (ARA).

Levou-os a sua casa. Lavou suas feridas. Atendeu-os da melhor maneira possível enquanto os discípulos pregavam a Palavra de Deus a toda sua família. Todos creram e ele foi batizado com todos de sua casa. Pôs diante deles uma mesa bem servida para celebrar sua nova vida e, de acordo com Lucas, “com todos os seus, manifestava grande alegria, por terem crido em Deus” (ARA).

Havia passado do temor à alegria, da incredulidade à fé, da morte para a vida eterna. Tudo por haverem crido. Tão complicado e tão simples. Tão real. Com a grandiosa realidade de quem passa de um estilo de vida distante de Deus, em conflito com Ele, para um novo estilo de vida, de proximidade, de intimidade com Ele e de obediência plena à Sua vontade.

Os *magistrados: medo político* (v. 35-40). Mas a história dos magistrados não havia terminado ainda. Restava para eles uma tremenda surpresa e um grande temor político.

Parece que, durante a noite, eles se deram ao trabalho de pensar nos fatos ocorridos durante o dia. Talvez o terremoto tenha tido influência sobre eles. Toda vez em que há uma tragédia as pessoas tendem a pensar em seus atos e em seu relacionamento com

a Divindade, não porque tenham que se enfrentar imediatamente com Deus. Não é assim. Mas a pessoa supersticiosa crê que as tragédias são provocadas por Deus como uma espécie de castigo aos seres humanos, por causa de seus atos maus. O seu desejo de praticar boas ações é despertado para compensar as obras más que praticaram.

Talvez por isso, os magistrados, por intermédio de alguns guardas, enviaram uma mensagem ao carcereiro. Disseram-lhe então: “Solte estes homens” (NVI). Parecia uma boa notícia. O carcereiro não demorou para informar a Paulo. Disse-lhe: “Os magistrados deram ordens para que você e Silas sejam libertados. Agora podem sair. Vão em paz” (NVI). Mas Paulo não tinha nenhuma presa para sair. Havia alguns assuntos que deviam ser esclarecidos diante de todo o povo, pois, do contrário, a continuidade de sua obra seria dificultada.

O apóstolo respondeu: “Sem ter havido processo formal contra nós, nos açoitaram publicamente e nos recolheram ao cárcere, sendo nós cidadãos romanos; querem agora, às ocultas, lançar-nos fora? Não será assim; pelo contrário, venham eles e, pessoalmente nos ponham em liberdade” (ARA). Os primeiros a se surpreenderem foram o carcereiro e os guardas. Estes foram aos magistrados levando-lhes a assustadora resposta de Paulo. Ao ouvi-la, eles também ficaram surpresos. Com medo. Por quê?

Desde o início da República Romana (509-27 a.C.), os cidadãos romanos tinham certos direitos estabelecidos por lei. Entre eles, um que era diretamente relacionado com o tratamento dado a Paulo e Silas, que os preservava de castigos degradantes. Durante o Império, esses direitos foram reafirmados por uma lei de Júlio César (aproximadamente dos anos 100-44 a.C.). A lei se referia à forma como os cidadãos romanos deviam ser tratados ao ocorrer alguma desordem pública. De acordo com o mais famoso orador de Roma, Marcos Túlio Cícero (106-43 a.C.), para ser beneficiado com esses direitos, tudo o que um cidadão precisava fazer era pronunciar a seguinte declaração: “Sou cidadão romano.” Paulo fez exatamente isso. “Somos cidadãos romanos”, havia dito.

Os magistrados romanos haviam cometido dois atos ilegais. Castigaram a Paulo e Silas publicamente e os colocaram na prisão. Ambos proibidos por lei. O medo dos magistrados era de ordem política. Se Paulo informasse às autoridades do Império Romano, as consequências políticas poderiam ser muito sérias para os magistrados. O que a maioria das pessoas não está disposta a fazer por razões morais, fazem voluntariamente por motivações políticas. Por medo das consequências. Tinham que evitá-las de qualquer forma. Mesmo que isso exigisse esmagar seu próprio orgulho diante desses insignificantes judeus cristãos.

“Foram ter com eles e lhes pediram desculpas”, diz Lucas. Pediram desculpas. Tudo parece simples no relato, mas, na realidade, onde a vida de alguns se agrupa com a vida de outros, onde o orgulho de alguns tem que se submeter à humildade de outros, pedir desculpas é uma tarefa difícil. Às vezes, impossível. Mas isso é feito. Alguns pedem desculpas por razões religiosas: todos os cristãos precisam tomar essa atitude toda vez que cometem uma falta contra o seu próximo. Outros, pelo medo das consequências que podem sobrevir a eles se não se desculparem. E as consequências políticas costumam estar entre as mais temidas, quer seja no âmbito da política civil do governo, na política eclesiástica da igreja, na política militar das forças armadas, na política administrativa das empresas. Em qualquer tipo de política.

Mas o arrependimento pelo medo é uma moeda falsa, de circulação ilegal e sem nenhum valor. Mais cedo ou mais tarde sua falsidade se tornará conhecida para vergonha e aflição de seus usuários.

Para evitar que esse dia chegasse demasiadamente rápido, os magistrados *rogaram* a Paulo e Silas que saíssem da cidade. Não podiam expulsá-los. Teria sido outra ação ilegal contra cidadãos romanos. Temiam que sua permanência na cidade provocasse novos tumultos que chamariam a atenção de seus chefes políticos, com a consequente investigação que o caso exigisse. Os missionários, cuja missão nada tinha que ver com qualquer questão política, dispuseram-se a atuar em favor da paz. “Tendo-se retirado do cárcere”, escreveu Lucas, “dirigiram-se para a casa de Lídia e, vendo os irmãos, os confortaram. Então, partiram” (ARA).

Sem dúvida, esse era o grupo que Paulo tinha em mente quando pediu que os magistrados se desculpassem. Paulo queria que o grupo continuasse existindo, com plena liberdade para pregar o evangelho na cidade e na região. A notícia de seu aprisionamento injusto e a maneira como foi posto em liberdade, circulou, de boca em boca, pela cidade e por toda a região, como era costume naquele tempo. Cada pessoa que repetia a história contava os motivos que causaram os fatos e repetia os ensinamentos de Paulo, tornando-se, involuntariamente, pregador voluntário do evangelho.

Além disso, os membros da igreja eram muito ativos na pregação e a igreja continuou crescendo mais e mais depois que Paulo e seus companheiros partiram. Uma igreja transparente à qual Paulo, mais tarde, escreveu uma carta sem nenhuma reprovação, exceto uma pequena referência à disputa sem maiores consequências que havia entre duas irmãs (Fp 4:2).

Parece que Lucas ficou como pastor da igreja, pois não volta a ser mencionado no relato até que Paulo, na terceira viagem missionária (53-58 d.C.), visita Filipos em direção a Trôade. Um grupo adiantou-se embarcando em Cencreia, situada a pequena distância a sudeste de Corinto, e chegou aproximadamente uma semana antes de Paulo. Sobre essa viagem Lucas diz: “Navegamos de Filipos, após a festa dos pães sem fermento, e cinco dias depois nos reunimos com os outros em Trôade, onde ficamos sete dias” (NVI). A festa dos pães sem fermento ocorreu de 7 a 14 de abril do ano 57 d.C.

No período restante da segunda viagem missionária, Paulo, Silas e Timóteo visitaram Tessalônica, Bereia, Atenas e Corinto, em Macedônia e na Grécia.

Em Tessalônica: alguns creem, outros acusam (17:1-9)

De Filipos, Paulo e seu grupo viajaram em direção ao norte para rodear o Monte Pangaion e, em seguida, continuar a viagem para o sul, pela *Via Egnatia*, na qual se encontravam duas cidades mencionadas por Lucas: Anfípolis e Apolônia. Possivelmente tenham passado uma noite em cada uma delas, uma vez que a distância de Filipos a Tessalônica, para onde se dirigiam, era de 150 km e as três

idades estavam separadas mais ou menos pela mesma distância, 50 km, que bem podiam ser percorridos em um dia, a pé.

“Chegaram a Tessalônica”, diz Lucas. (ARA).

Três dias caminhando a pé, era bastante normal para aquela época. Paulo e seus companheiros não sentiram cansaço pela dinâmica motivação missionária que os movia. Entraram na cidade, possivelmente próximo ao pôr-do-sol. Já havia passado quase um ano desde que tinham saído de Antioquia, na Pisídia.

Emoção? Sem dúvida, e muito forte. Quando saíram para visitar novamente as igrejas que haviam fundado na primeira viagem, nem sonhavam com a Europa. Já se encontravam na cidade mais importante da *Via Egnatia*, capital da província romana da Macedônia, e muito mais próximo de Roma que de Antioquia, lugar em que iniciaram essa viagem missionária.

Na ocasião em que chegaram, Tessalônica era uma cidade de quase 400 anos, fortemente vinculada à realeza macedônica e ao Império Romano. Foi fundada no ano 316 a.C., por Cassandro, general de Alexandre Magno e seu cunhado. Recebeu esse nome em homenagem a sua esposa Tessalonice, meio-irmã de Alexandre. No ano 146 a.C., tornou-se capital da província romana quando Macedônia foi organizada como província do Senado romano. Uma cidade de população cosmopolita, com mais ou menos cem mil habitantes nessa época, e, diferente de Filipos que era a expressão do espírito romano, Tessalônica obstinadamente havia conservado o espírito grego.

Seu contorno era preciso. Construída na base do Monte Jortiatis, hoje Kissos, a 1.201 metros de altura, seus habitantes podiam ver a formosa baía no Golfo de Thermaikos e as belas planícies que formavam o delta dos rios Galikós e Vardar.

Em Tessalônica, havia uma sinagoga, um bom lugar para começar a pregar. Já havia se tornado costume de Paulo começar pela sinagoga. O assunto mais apropriado para falar na sinagoga era sobre as Escrituras. Naquela época, não havia o Novo Testamento. As Escrituras eram compostas pelos escritos de Moisés (a lei), os salmos e os profetas – o Antigo Testamento.

Durante três sábados, Paulo pregou a respeito de Jesus, mostrando através das profecias que Jesus de Nazaré era o Messias. E havia abundantes profecias para fazê-lo, começando pelos livros da lei, escritos por Moisés.

Adão havia recebido diretamente de Deus a promessa da redenção por intermédio do Messias, um descendente da família humana. Essa promessa foi clara quando Deus pronunciou a sentença sobre a serpente, Satanás, que havia enganado a Eva. Disse o Senhor: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3:15).

Com a ressurreição de Jesus, Paulo podia provar algo fundamental: o Nazareno era o descendente da mulher que, com a injusta morte de cruz, havia sido ferido apenas no calcanhar, enquanto Seu arquiinimigo, o diabo, recebia um golpe mortal, com a destruição da própria morte, seu império de trevas, uma vez que não pôde retê-Lo nas entranhas da sepultura.

A *Abraão*, quando estava para oferecer seu filho Isaque em sacrifício, Deus prometeu a vinda do Messias entre seus descendentes. “Porque você Me obedeceu”, disse, “todas as nações da Terra serão benditas por meio de um descendente seu” (Gn 22:18; comparar com Gl 3:16).

Paulo podia provar que esse descendente não era Isaque, o filho da promessa. Era Jesus, a própria promessa de todas as promessas, o redentor de todas as nações, o Messias. Ninguém tinha vivido uma vida de maiores bênçãos para o ser humano: milagres, prodígios, sinais, curas, ensinamentos e consolo, e até coisas impossíveis como a ressurreição de mortos, coroando tudo com o milagre maior de Sua própria ressurreição que garantiu a vida eterna a todos os que nEle cressem.

Antes de sua morte, ao pronunciar as bênçãos de Deus sobre cada um de seus filhos, sob a inspiração do Espírito Santo, *Jacó* profetizou dizendo: “O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Siló; e a Ele obedecerão os povos” (Gn 49:10, ARA).

Paulo podia provar que Jesus descendia da tribo de Judá, outra característica do Messias. E podia demonstrar também que nEle havia um poder real jamais visto em outra pessoa. O poder de um reino espiritual, muito superior a qualquer reino humano, entre todos os impérios que existiram em toda a história da humanidade. Superior até ao próprio reino temporal que os judeus aguardavam, e a essa altura impossível de ser alcançado por causa do domínio romano que imperava sobre a nação judaica e sobre todo o mundo conhecido. Por sua vez, o reino espiritual de Jesus, o Messias, continuava crescendo e conquistando o Império Romano para Cristo, apesar da cerrada oposição dos romanos e da forte resistência dos judeus.

Deus prometeu a *Moisés* e ao povo de Israel um profeta, mediador entre o pecador e Ele. Quando Moisés estava no monte Horebe e Deus Se apresentou em meio a trovões e relâmpagos, com grande som de trombetas, no monte fumegante, o povo disse a Moisés: “Fala-nos tu, e te ouviremos; porém não fale Deus conosco, para que não morramos” (Ex 20:18, 19, ARA).

Mais tarde, quando Moisés já se despedia da nação, pois seu ministério estava perto do fim, referindo-se a essa ocasião, contou-lhes o que Deus lhe havia dito. “O Senhor me disse”, afirmou Moisés. “Falaram bem aquilo que disseram. Levantarei do meio dos seus irmãos um profeta como você; porei Minhas palavras na sua boca, e ele lhes dirá tudo o que Eu lhe ordenar” (Dt 18:18, NVI).

O Messias de Israel, Salvador de Israel e de todos os pecadores do mundo, viria outra vez. Um israelita como eles. Um mediador como Moisés. Em seguida, Deus acrescentou: “Se alguém não ouvir as Minhas palavras, que o profeta falará em Meu nome, Eu mesmo lhe pedirei contas” (Dt 18:19, NVI).

Paulo podia provar que o Profeta Mediador era Jesus, pois ninguém havia anunciado a Palavra de Deus como Ele, com autoridade; não como os escribas, sempre prisioneiros de suas próprias opiniões duvidosas e inseguras, sempre reprimidos por suas tradições incertas, sempre caindo no silêncio de seu próprio exclusivismo, como que fechando a porta do reino aos outros sem que eles mesmos

pudessem ter entrada nele. A promessa do Messias mediador, que proclamava a Palavra de Deus a todos, sem nenhum exclusivismo, era clara. A responsabilidade de aceitá-Lo também.

Os salmos também são claros. Por intermédio do salmista, Deus havia predito muitas coisas, como os maus tratos que os seres humanos dariam ao Messias. O próprio Messias havia dito: “Mas Eu sou verme, e não homem, motivo de zombaria e objeto de desprezo do povo. Caçoam de Mim todos os que Me veem; balançando a cabeça, lançam insultos contra Mim, dizendo: Recorra ao Senhor! Que o Senhor O liberte! Que Ele O livre, já que Lhe quer bem!” (Sl 22:6-8, NVI).

O modo como, em Sua morte, se repartiria o pouco que tinha: “Posso contar todos os Meus ossos, mas eles Me encaram com desprezo. Dividiram as Minhas roupas entre si, e lançaram sortes pelas Minhas vestes” (Sl 22:17, 18, NVI).

A paixão do Messias por Deus, e o doloroso tratamento recebido: “Sou um estrangeiro para os Meus irmãos, um estranho até para os filhos da Minha mãe; pois o zelo pela tua casa Me consome, e os insultos daqueles que te insultam caem sobre Mim. A zombaria partiu-Me o coração; estou em desespero! Supliquei por socorro, nada recebi; por consoladores, e a ninguém encontrei. Puseram fel na Minha comida e para matar-Me a sede deram-Me vinagre” (Sl 69:8, 9, 20, 21, NVI).

Como deve ter ficado aflito o coração dos ouvintes quando Paulo lia estes escritos e os comparava com a experiência de Jesus sobre os maus tratos que recebeu de todos quando Ele somente fez o bem a todos, e unicamente o bem que traz salvação e vida eterna!

No mesmo tema estavam os profetas. Mensagens penetrantes, precisas, extraordinariamente exatas, cheias de verdades sobre o Messias que em Sua vida se fizeram carne e osso, dor e vida eterna.

Isaiás predisse Sua obra: “O Espírito do Senhor repousará sobre Ele, o Espírito que dá sabedoria e entendimento, o Espírito que traz conselho e poder, o Espírito que dá conhecimento e temor do Senhor. E Ele Se inspirará no temor do Senhor. Não julgará pela aparência, nem decidirá com base no que ouviu; mas com retidão

julgará os necessitados, com justiça tomará decisões em favor dos pobres” (Is 11:2-4a, NVI).

Predisse o sentido de Seu sofrimento: “Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dEle não fizemos caso. Certamente, Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre Si; e nós O reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas Ele foi traspasado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras fomos sarados” (Is 53:3-5, ARA).

Predisse a função vicária de Seu castigo: “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de todos nós. Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os Seus tosquiadores, Ele não abriu a boca” (Is 53:6, 7, ARA).

Predisse Sua morte e o significado dela: “Por juízo opressor foi arrebatado, e de Sua linhagem, quem dela cogitou? Porquanto foi cortado da Terra dos viventes; por causa da transgressão do Meu povo, foi Ele ferido. Designaram-Lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na Sua morte, posto que nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em Sua boca. Todavia, ao Senhor agradou moê-Lo, fazendo-O enfermar; quando der Ele a Sua alma como oferta pelo pecado, verá a Sua posteridade e prolongará os Seus dias; e a vontade do Senhor prosperará nas Suas mãos” (Is 53:8-10, ARA).

Jeremias anunciou a vinda do renovo de Davi, justiça nossa: “Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e Rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na Terra. Nos Seus dias, Judá será salvo, e Israel habitará seguro; será este o Seu nome, com que será chamado: Senhor, Justiça Nossa” (Jr 23:5, 6, ARA).

Anunciou que o Rei e o Sacerdote seriam uma só pessoa no Messias: “Porque assim diz o Senhor: ‘Davi jamais deixará de ter um descendente que se assente no trono de Israel, nem os sacerdotes,

que são levitas, deixarão de ter descendente que esteja diante de Mim para oferecer, continuamente, holocaustos, queimar ofertas de cereal e apresentar sacrifícios” (Jr 33:17, 18, NVI).

Daniel profetizou a data do batismo do Messias. Quando o anjo Gabriel o visitou para lhe explicar a profecia das duas mil e trezentas tardes e manhãs (Dn 8:14), disse-lhe: “Saiba e entenda que, a partir da promulgação do decreto que manda restaurar e reconstruir Jerusalém até que o Ungido, o Líder, venha, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas” (Dn 9:25, NVI). Essa contagem do tempo desde o ano 457 a.C., quando saiu o decreto para a restauração de Jerusalém, conduzia ao ano 27 d.C., data em que Jesus foi batizado.

Miqueias declarou a eternidade do Messias e predisse o lugar em que Ele nasceria: “E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti Me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade” (Mq 5:2, ARA).

Quando Paulo citava as profecias sobre o sofrimento do Messias e como elas o anunciavam como uma missão espiritual, como homem entre os seres humanos, não como rei temporal, que devia morrer e logo ressuscitar dos mortos, os ouvintes na sinagoga de Tessalônica não podiam negá-las. Constavam nas Escrituras e eles as conheciam. Paulo, com todo o poder da Escritura, acrescentava: “Este Jesus que lhes proclamo é o Cristo” (NVI). Todos deveriam ter crido. Mas a congregação dividiu-se em dois grupos. Alguns criam, outros não.

O grupo de crentes foi numeroso. Incluiu alguns judeus, grande número de gregos piedosos e muitas mulheres distintas. Juntaram-se a Paulo e Silas, tornando-se seguidores deles e fiéis ao Senhor. Um grande êxito, em pouco tempo, somente é explicado pela obra do Espírito Santo. Deus estava com eles e sua pregação, poderosa na Escritura, tornava-se convincente.

Mas o grupo dos que não creram demonstrou inveja. Era um zelo mesclado com a inveja que logo gerou ações violentas e inimigas. A atitude inimiga logo se transformou em ações de perseguição, primeiramente oculta, mas abertamente depois.

Buscaram um grupo de homens maus, desocupados. Como sempre, os desocupados, opositores naturais do trabalho produtivo, estão sempre prontos para dar trabalho e complicar a vida de outras pessoas. Certamente, houve dinheiro envolvido. Os desocupados nunca fazem nada por idealismo. Muito menos a favor de ideias que eles mesmos não sustentam e nas quais não creem. Não eram membros da sinagoga.

Os desocupados ajuntaram a turba, agitaram-na com argumentos políticos e alvoroçaram a cidade. Uma vez que os indivíduos maldizentes haviam perdido o controle racional de suas ações, foi mais fácil levá-los à ação. Nesse momento, os que assumiram o controle das ações já não foram os desocupados. Foram os incrédulos. Aqueles que, por não crer, perderam a oportunidade de desenvolver mente amiga. Sob os efeitos da mente inimiga que sempre atuou neles, guiaram a multidão para a casa de Jasom.

Queriam pegar Paulo e Silas com o fim de levá-los para o meio do povo, com a possível intenção de apedrejá-los sem julgamento prévio. Não os encontraram. A ira deles voltou-se contra Jasom, possivelmente um judeu convertido, com um nome grego, que se havia tornado popular entre os judeus da diáspora helênica por sua semelhança com o nome judeu Josué. Junto com Jasom, tomaram também um grupo dos que haviam crido e os levaram perante as autoridades.

Os inimigos de Paulo estavam exaltados. Diante das autoridades falaram gritando. “Esses homens, que têm causado alvoroço por todo o mundo, agora chegaram aqui, e Jasom os recebeu em sua casa. Todos eles estão agindo contra os decretos de César, dizendo que existe um outro rei, chamado Jesus” (NVI). Transformaram em acusação política uma questão exclusivamente religiosa e a atitude de homens que nada haviam dito contra o Império. Mesclaram a religião com a política e criaram confusão. Nada original. Sempre que isso acontece, a confusão é o produto natural; e a violência, a inevitável consequência.

Ao ouvir a acusação, as autoridades se uniram ao povo e, com a mesma fúria dos judeus, alvoroçaram-se. Entretanto, como os

acusados não eram Jasom, nem o grupo de crentes que tinham levado com eles, impuseram-lhes uma fiança e os soltaram.

Assim era concluído um ministério em Tessalônica, que havia durado somente três sábados e um período posterior muito breve. Por que os inimigos da fé trabalharam tão violentamente para expulsar Paulo da cidade? Paulo explica o fato, mais tarde, na carta que escreveu aos cristãos dessa cidade, pouco depois de sua chegada a Corinto, no ano 51 d.C. Disse-lhes então: “Porque vocês, irmãos, tornaram-se imitadores das igrejas de Deus em Cristo Jesus que estão na Judeia. Vocês sofreram da parte dos seus próprios conterrâneos as mesmas coisas que aquelas igrejas sofreram da parte dos judeus, que mataram o Senhor Jesus e os profetas, e também nos perseguiram. Eles desagradam a Deus e são hostis a todos, esforçando-se para nos impedir que falemos aos gentios, e estes sejam salvos” (1Ts 2:14-16).

Não queriam que a salvação chegasse aos gentios. Os incrédulos desprezam a salvação para eles mesmos e impedem que outros creiam em Cristo para ser salvos. Não é essa a obra do inimigo que somente deseja a destruição de toda a humanidade? Mas o desejo do Senhor é que todos creiam para que sejam salvos.

Em Bereia: os mais nobres (v. 10-15)

Quando os irmãos de Tessalônica perceberam o perigo que Paulo e Silas corriam, à noite e com urgência, enviaram-nos a Bereia. Não ficava muito distante. Somente 80 km para o oeste. Foram bem recebidos na sinagoga e Lucas explica a razão: “Eram mais nobres que os de Tessalônica” (ARA). Por quê? Tinham uma mentalidade mais amigável. Ouviram a pregação com maior prazer e com mais atenção. E estudavam as Escrituras todos os dias para comprovar se Paulo estava pregando a verdade ou não.

A nobreza dos bereanos era espiritual. Eliminaram seus preconceitos. Estudaram a Escritura para aprender a verdade, não para encontrar nela argumentos contrários aos ensinamentos de Paulo, o que significaria que os preconceitos teriam controlado a mente deles, bem como o próprio objetivo de seu estudo da Escritura. Possuíam a nobreza da

sabedoria. Sábio é o que aprende todas as coisas de maneira correta, pois tem a mente aberta a todos os elementos que a compõem, e aberta também à obra do Espírito Santo que a ilumina. Por essa razão, estudavam a Escritura com insistência e constância. Possuíam essa medida de fé que afugenta as dúvidas e preserva a cautela para não cair na crítica do que é certo, nem ser ingênuo em aceitar o que todos aceitam, sem o devido estudo comparativo com a vontade divina.

De acordo com Lucas, o resultado foi excelente: “E creram muitos dentre os judeus, bem como dentre os gregos, um bom número de mulheres de elevada posição e não poucos homens” (NVI).

Mas esta boa notícia, embora tenha demorado alguns meses, chegou a Tessalônica. Os inimigos de Paulo que ali estavam receberam-na como má notícia. As notícias são sempre assim: boas ou más; depende do lado em que o receptor estiver. Isso não acontece somente com as notícias religiosas. Com as notícias políticas ocorre o mesmo. O espírito humano tem muita dificuldade para ser objetivo, se é que realmente pode ser.

Ao saber do grande êxito de Paulo, seus inimigos tessalonicenses reagiram imediatamente. Foram a Bereia e usando o mesmo método que tão bom resultado lhes havia dado em sua cidade, alvoroçaram as multidões contra Paulo somente. Não incluíram seus companheiros. “Imediatamente”, diz Lucas, “os irmãos enviaram Paulo para o litoral, mas Silas e Timóteo permaneceram em Bereia” (NVI).

Os bereanos, nobres em seu trato com a verdade que Paulo lhes transmitia, foram também nobres para com ele. Acompanharam-no até Atenas. Queriam estar certos de que Paulo chegaria a um lugar seguro. Viajaram por mar. Era o modo mais seguro. Antes de se despedir dos que retornaram, Paulo lhes pediu que dissessem a Silas e Timóteo que viajassem para Atenas, o mais rápido possível, a fim de se encontrar com ele.

Em Atenas: locais de pregação (17:16-34)

Sozinho em Atenas. Desde *Piraeus*, porto principal de Atenas, onde possivelmente desembarcou, Paulo começou um percurso de 10 km até a cidade mais antiga, mais artística e mais pagã de todas

as que tinha visitado até essa ocasião. Deve ter seguido o caminho que se originava no porto, cheio de vida e movimento comercial, e terminava em Kerameikos, o monumental cemitério localizado antes da entrada da cidade. Caminho pagão da vida para a morte? Encontrou muitos santuários e divindades pagãs nos dois lados do caminho. Depois de cruzar o cemitério, entrou na cidade pelas Duas Portas (*Dipylon*).

Ao entrar, a primeira coisa que encontrou foi um comércio de vida depravada: cambistas, taberneiros e prostitutas. Em seguida, chegou à praça do mercado. Viu muita gente. Ali sempre havia grande multidão. Todo tipo de pessoas: escravos, comerciantes, estudantes, prostitutas, compradores provenientes de todos os níveis sociais, filósofos atenienses e estrangeiros, retóricos da cidade e de todas as partes do mundo mediterrâneo.

Seguiu até a acrópole na parte superior da cidade. Preciosa coroa de Atenas com a joia pagã do Partenon, templo de Atenea, de acordo com Homero, filha de Zeus, o deus mais poderoso do Olimpo, lugar onde habitavam os deuses gregos. Deusa da guerra, especificamente do que consideravam o lado intelectual e civilizado da guerra. Existe esse lado da guerra? Não será isso um mito como a própria deusa?

Refinados e cultos, os habitantes de Atenas conservavam uma cultura cujas formas principais haviam chegado a sua maturidade no século 5, sob o governo de Péricles. Paulo encontrou escolas de filosofia, cuja origem remontava aos dias de Platão e Aristóteles, dirigidas nessa época por estóicos, epicureus e cínicos. Os estóicos buscavam um modelo de vida que produzisse tranquilidade mental e segurança moral. Os epicureus propiciavam uma ética que identificava o bem com o prazer e o último bem com a ausência da dor no corpo e na alma. Os cínicos propiciavam o retorno à vida natural. Para consegui-lo, queriam destruir todos os convencionalismos, incluindo a família, e viviam como desocupados, mendigando alimento e dormindo nos edifícios públicos.

O que mais impressionou Paulo foi o paganismo. A idolatria. Lucas diz: “Paulo ficou profundamente indignado ao ver que a cidade estava cheia de ídolos” (NVI).

Uma dor que margeava os limites da irritação espiritual. A condição do espírito que rejeita alguma coisa com todas as suas forças. Paulo rejeitava a idolatria como algo extremamente danoso para o espírito humano. Ao mesmo tempo, se apoderou dele o zelo por Deus e a intensa compaixão pelas pessoas, que não pôde sujeitar-se a esperar seus companheiros para continuar a viagem. Começou a pregar o evangelho.

Como de costume, começou na sinagoga, continuou na praça do mercado e terminou no Areópago. Três locais de pregação que abrangeram toda a população da cidade. Todas as classes sociais. Uma estratégia extremamente eficiente do ponto de vista para tornar o evangelho conhecido. É certo que a pregação de Paulo não produziu grandes resultados numéricos, mas mostrou um método de evangelizar uma cidade culta, sem descartar ninguém.

Na sinagoga, argumentou com os judeus e com os gregos tementes a Deus. O tema sobre o qual discorria era sempre o mesmo: Jesus. A forma como Ele cumpria o que os profetas haviam anunciado sobre o Messias. Conclusão: Jesus é o Messias.

O mesmo acontecia na praça do mercado, com os vendedores e com os que acorriam para fazer compras. Todos os setores da sociedade ateniense.

Os filósofos não demoraram em aparecer. Quando o ouviram, alguns epicureus e estóicos perguntaram: “O que está querendo dizer esse tagarela” (NVI).

Outros responderam: “Parece que ele está anunciando deuses estrangeiros” (NVI).

Por que chegaram a essa conclusão? “Porque Paulo estava pregando as boas-novas a respeito de Jesus e da ressurreição”, diz Lucas (NVI).

Embora o tratassem como tagarela, rapidamente perceberam que Paulo conhecia muito do que era desconhecido para eles. Descobriram que suas faculdades intelectuais mereciam respeito e, nesse caso, a praça não era o lugar apropriado para lhe fazer perguntas a respeito dos assuntos que haviam estimulado a curiosidade filosófica deles.

“Então, tomando-o consigo, o levaram ao Areópago”, diz Lucas (ARA).

Não estava distante. Um grande grupo dos que o ouviam na praça também o seguiu. Desde muito tempo, o Areópago havia sido e ainda era o lugar em que se assentava o tribunal de justiça para definir a verdade sobre os casos que a ele chegavam. Paulo não foi levado ali para enfrentar um julgamento legal, mas para que expusesse seus ensinamentos.

Primeira pergunta: “Podemos saber que novo ensino é esse que você está anunciando?” (NVI).

Em seguida, como que esclarecendo a intenção da primeira pergunta, disseram: “Você está nos apresentando algumas ideias estranhas” (NVI).

A segunda pergunta apenas pretendia esclarecer bem o que desejavam saber. “Queremos saber o que elas significam” (NVI).

Lucas explica: “Todos os atenienses e estrangeiros que ali viviam não se preocupavam com outra coisa senão falar ou ouvir as últimas novidades” (NVI).

Por outro lado, as palavras dos filósofos eram uma forma de relembrar a Paulo o caso de Sócrates, o maior filósofo grego da antiguidade que, por desconhecer os deuses do Estado e introduzir novas divindades, havia sido condenado à morte. Indiretamente, estavam reconhecendo em Paulo um novo Sócrates, não quanto à condenação, mas unicamente quanto ao seu conhecimento e capacidade para apresentar novos deuses.

Mas Paulo não admitiu que seu ensinamento estivesse relacionado com novos deuses, nem se amedrontou com os possíveis perigos que seu ensinamento pudesse lhe acarretar. O que havia dito fora do Areópago havia chamado poderosamente a atenção do povo e da aristocracia. Dentro do Areópago, estava disposto a enfrentar outra classe de público. Os eruditos e sábios de Atenas: poetas, artistas e filósofos.

Pronunciou um discurso muito eloquente que respondia de forma direta às perguntas apresentadas. Continha três partes:

Primeira: introdução. Com muito elogio, com objetivo específico: declarar, desde o início, que o Deus sobre o qual estivera falando

à multidão não era um novo deus. Nem ele era um novo Sócrates. Não é filósofo, nem será mártir do paganismo.

“Atenienses!”, disse, pedindo a atenção de todo o grupo. E todos se dispuseram a ouvir o significado das coisas que de alguma forma haviam ouvido, pessoalmente ou por meio de comentários de outros que o tinham ouvido na praça.

“Vejo que em todos os aspectos vocês são muito religiosos” (NVI).

Não ofendeu ninguém, nem os contradisse. Para quê? Isso era o melhor que podia fazer. Queria atrair a simpatia de todos, usando uma linguagem refinada e cortês.

“Porque, passando e observando os objetos de vosso culto, encontrei também um altar no qual está inscrito: Ao Deus Desconhecido. Pois Esse que adorais sem conhecer é precisamente Aquele que eu vos anuncio” (ARA).

“Não é um Deus estranho. Vocês também O adoram. Vocês são inteligentes porque reconhecem o que não conhecem.” A aproximação estava feita, nos melhores termos. Paulo estava pronto para entrar no assunto.

Segunda parte: conteúdo de seu ensinamento. Paulo começou a expor as verdades que ensinava, uma a uma. Todas relacionadas com o Deus Desconhecido dos atenienses.

1. Descrição de Deus. “O Deus que fez o mundo”, disse, “e tudo o que nele há, é o Senhor dos céus e da Terra” (NVI).

É Criador e Soberano. Existia desde antes da existência de tudo o que foi criado. É eterno. Governa sobre tudo o que existe no céu e na Terra. Ninguém é superior a Ele e Sua vontade não é limitada em nada.

A mente dos gregos não pôde evitar uma comparação imediata. Zeus, o seu deus mais poderoso, que enviava trovões, relâmpagos, a chuva e o vento, havia nascido em Creta. Era filho de Cronos, rei dos titãs da ilha, e de sua esposa Reia. Cronos soube que um de seus filhos o destronaria. Assim, ele devorava cada filho que nascia, para evitar o mal que lhe pudessem causar. Quando Zeus nasceu, sua mãe envolveu uma pedra em uma fralda de bebê para que Cronos a devorasse e escondeu o filho em uma cova de Creta. Quando Zeus

chegou à idade adulta, liderou uma revolta contra Cronos, seu pai, e o destronou. Assim se tornou o governante do céu. De acordo com o que Homero conta na *Ilíada*, o céu estava localizado no cume do Monte Olimpo, o mais alto da Grécia. Dali Zeus observava, reinava e julgava todos os assuntos dos seres humanos. Sob o comando de Zeus, e totalmente sujeitos a sua vontade, moravam também no Olimpo todos os deuses do panteão grego. Porém, Zeus compartilhava seu poder com outros dois deuses, irmãos seus: Hades, que governava o mundo oculto dos mortos, e Poseidon, governante dos mares e de todas as águas.

Pareceu-lhes óbvio que o Deus de Paulo era superior ao mais poderoso de seus deuses. Zeus não era eterno, não era criador, e seu poder, embora parecesse absoluto, era dividido com seus dois irmãos.

O poder de Deus aumentou consideravelmente com o que Paulo disse a seguir: “Não habita em santuários feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse” (ARA).

É um Deus maior que as obras humanas. Não foi criado pela imaginação, nem pela obra dos seres humanos. Existe por Si mesmo.

2. A existência das nações. “De um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da Terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação” (ARA).

Os gregos não criam na igualdade de todos os seres humanos, nem reconheciam os direitos de todos os indivíduos. Eles se consideravam mais importantes se comparados com os incultos bárbaros que povoavam as nações fora da Grécia. E os atenienses consideravam-se os únicos seres humanos verdadeiramente autóctones que surgiram originalmente, como nativos de Ática. Pensavam que não descendiam de ninguém e que eram superiores a todos. Mas, para Deus, não existe nenhuma raça superior, nem território que Ele não lhe tenha concedido. Assim falou desde os tempos antigos.

“Quando o Altíssimo deu às nações a Sua herança, quando dividiu toda a humanidade, estabeleceu fronteiras para os povos” (Dt 32:8, NVI).

Esse é um texto clássico de uma verdade de máxima importância para Deus. Cada povo tem seu tempo e lugar, e permanece forte enquanto cumprir o objetivo para o qual Deus ali o estabeleceu.

3. O propósito de Deus para os povos. “Para buscarem a Deus se, porventura, tateando, O possam achar”, acrescentou Paulo (ARA).

Isso também eles não ignoravam. Seus próprios profetas já o haviam dito. E Paulo, a seguir, citou duas frases dos poetas gregos: “Pois nEle vivemos, e nos movemos, e existimos” (ARA).

O último verso de uma quadra pertencente a um poema de Epimênides, de Creta (cerca de 600 anos a.C.), diz: “Eles construíram seu túmulo, ó santo e altíssimo deus. / Os cretenses sempre mentirosos, bestas más, glutões ociosos, / mas tu não estás morto, tu vives e permaneces para sempre, / porque em ti vivemos e nos movemos e existimos.”

Em seguida Paulo acrescentou: “Também somos descendência dEle” (NVI).

Desta vez, citou Aratus da Cilícia (n. 310 a.C.), a mesma província na qual Paulo havia nascido. Era o quinto verso de seu poema *Fainomena*, dedicado a Zeus.

Querida Paulo igualar Zeus, a quem esses poemas eram dirigidos, a Deus? De modo nenhum. Tudo o que pretendia era recuperar algumas pequenas pérolas que estão dispersas na literatura humana, a respeito do verdadeiro Deus, e usá-las para torná-Lo conhecido.

4. Deus é espiritual e não pode ser representado por meio de objetos materiais. “Assim, visto que somos descendência de Deus, não devemos pensar que a Divindade é semelhante a uma escultura de ouro, prata ou pedra, feita pela arte e imaginação do homem” (NVI).

A única escultura adequada a Deus é o próprio ser humano. Ele o criou; à Sua própria imagem o criou. Uma pessoa viva com capacidades espirituais, mentais e físicas; todas integradas em uma unidade indissolúvel. Sendo assim, como pode o ser humano fazer para si uma estátua de materiais inertes e adorá-la como representação de Deus, ou como se fosse o próprio Deus? Unicamente por rebelião contra Ele ou por ignorância.

Terceira parte: convite indireto ao arrependimento. Paulo não terminou aqui seu discurso. Precisava convidar seus ouvintes ao arre-

pendimento e o fez de maneira indireta, para não ofendê-los, mas dando-lhes, de todas as formas, a oportunidade de arrepender-se.

“Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam” (ARA).

Por que é necessário o arrependimento? “Porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça” (ARA).

Quem realizará o julgamento? Deus mesmo ou alguém a quem Ele designou essa tarefa? “Ele o fará por meio de um Varão a quem destinou”, continuou dizendo Paulo.

E então começa a identificá-Lo, não por nome, mas pelo poder. O poder que Deus manifestou e que ninguém, além dEle, tem. “E deu provas disso a todos”, disse Paulo, “ressuscitando-O dentre os mortos” (NVI).

A ressurreição transformou-se na prova, o documento que comprova a comissão dada por Deus a Jesus. Comissão que redime e, no seu devido tempo, quando chegar o dia, será comissão de julgamento. A ressurreição se tornou a pedra de tropeço para os sábios porque, como o restante dos gregos, criam na imortalidade da alma. A ressurreição se tornou incompatível com a imortalidade da alma. E é assim. Crer nas duas é uma incoerência teológica. Um absurdo. Perceberam que, se aceitassem a doutrina da ressurreição, teriam que abandonar a crença na imortalidade da alma. Mas não estavam dispostos a isso.

Quando Paulo terminou seu discurso, os sábios atenienses reagiram negativamente. Alguns, de maneira rude e descortês, zombaram de Paulo. Outros, mais refinados, disseram-lhe: “A esse respeito nós o ouviremos outra vez” (NVI).

Assim, deram por encerrada a reunião e começaram a sair do Areópago. Um a um, ou em pequenos grupos. No fim, alguns se aproximaram de Paulo. Queriam continuar conversando com ele. Haviam crido. Lucas menciona nominalmente dois deles: Dionísio, o areopagita, juiz do Areópago. Isso significava uma grande conquista para o estabelecimento da igreja em Atenas. De acordo com Eusébio de Cesareia, famoso historiador eclesiástico do século 4 d.C., Dionísio chegou a ser o primeiro bispo de Atenas. A segunda

pessoa mencionada é uma mulher chamada Dâmaris. O mais provável é que tenha sido uma mulher da aristocracia que já tinha ouvido Paulo falar na praça e entrou no Areópago com a multidão, procedente da cidade, que acompanhou Paulo quando os filósofos o convidaram. As mulheres não tinham acesso normal ao Areópago, mas essa era uma ocasião especial quando muitas pessoas entraram sem ser dos que o frequentavam regularmente. Deve ter sido de importância semelhante à de Dionísio, pois, além dele, foi a única pessoa mencionada por Lucas. Os demais que creram também devem ter sido pessoas importantes da cidade.

Na altamente educada cidade de Atenas, mas extremamente pagã, elas formaram um núcleo suficientemente firme para manter a fé. Paulo, logo depois dos fatos referidos, partiu dali para Corinto.

Em Corinto: fala e não te cales (18:1-18a)

Paulo podia fazer a viagem de Atenas para Corinto por via terrestre ou marítima. Por mar, a distância era menor. Deve ter navegado para Cencreia, porto oriental de Corinto, no Golfo Sarônico, que fazia a conexão de Corinto com a Ásia. No lado ocidental da cidade, estava o Golfo de Corinto que fazia conexão com a Itália. Essa localização estratégica entre dois golfos, com dois portos, tornava-a um centro comercial muito importante entre Europa e Ásia. Quando Paulo desembarcou no porto de Cencreia, para chegar a Corinto teve que percorrer 10 km em um caminho protegido por muralhas dos dois lados.

Ao chegar, se deparou com uma cidade muito rica, de população cosmopolita, idólatra e imoral. Naquela época, quando alguém queria descrever um típico habitante de Corinto, dizia: “É um indivíduo propenso a irar-se com facilidade, que tem ódio dos devotos, vangloria-se de seus atos desonestos, nunca cessa de fazer o mal a seus amigos, e está constantemente embriagado.”

A imoralidade de Corinto tornou-se proverbial, ao ponto de seu nome ter origem no uso comum do verbo corinthiar (*Korinthiazomai*), que significava: praticar a fornicção. A imoralidade adquiria valor religioso na adoração a Vênus, a deusa principal da cidade.

Paulo percebeu que tinha muito trabalho pela frente. Não seria fácil a transformação daquelas pessoas em cristãos fieis que praticassem o verdadeiro cristianismo. Mas percebeu também que a cidade era muito importante, influente na região, capital da província romana de Acaia. Uma vez que a igreja fosse ali estabelecida, estaria em uma excelente posição para levar o evangelho a toda a região.

Pregar o evangelho era a paixão de Paulo. Pregou no mercado, na sinagoga e nas casas, onde igrejas eram estabelecidas. Nessa atividade, ocorreram-lhe vários episódios, que Lucas registra em sua forma habitual: poucas palavras, de maneira específica, mostrando com clareza o progresso do evangelho.

Na praça: encontro com Áquila e Priscila (v. 1-3). Em suas visitas à praça pública, a praça do mercado, encontrou-se com Áquila e Priscila, diminutivo de Prisca. Eram judeus chegados de Roma. Certamente, faziam parte do grupo que o imperador Cláudio, em seu segundo decreto contra os judeus, havia expulsado de Roma no ano 49 d.C. Suetônio, cujo nome completo em latim é Gaius Suetonius Tranquillus (69-122 d.C), em seu livro *Vida de Cláudio*, (da série Sobre a Vida dos Césares), no qual descreve a vida de onze imperadores, fala da razão pela qual o imperador Cláudio os expulsou de Roma:

“Porque os judeus de Roma continuamente causavam distúrbios instigados por Crestus; ele os expulsou da cidade” (*Vida de Cláudio* 25.4).

Isso, provavelmente, descreve o que acontecia nas sinagogas quando chegava algum pregador do cristianismo. Visto que Suetônio escreveu de forma errada o nome de Cristo (na verdade, no grego, as duas formas de escrevê-lo tinham a mesma pronúncia), cometeu outro erro ao pensar que Cristo pessoalmente instigava distúrbios entre os judeus romanos. De qualquer forma, é um testemunho histórico da expulsão referida por Lucas.

Áquila e Priscila eram fabricantes de tendas. Faziam tendas como parte de seu trabalho com couro, em geral. Seu ofício estava relacionado com o trabalho que Paulo havia aprendido na Cilícia, sua província nativa. O produto principal da Cilícia era um tecido

de pêlo de cabra que denominavam *cilicium*. Era usado para fazer barracas, cortinas e outros tecidos desenhados para proteger da umidade. Pelo fato de comercializar com esse produto, Paulo deve tê-lo encontrado na praça pública, enquanto mantinha contato com as pessoas para lhes falar do evangelho, pois ele não fazia qualquer coisa que não incluísse a comunicação das boas-novas e a pessoa de Jesus, o Cristo.

Concordaram no ofício, no caráter e na fé. Lucas diz: “Ficou morando e trabalhando com eles” (NVI). Esse trabalho incluiu a fabricação de tendas e a pregação do evangelho nos dias de trabalho, durante toda a semana.

Na sinagoga: conversão de judeus e gregos (v. 4-6). “Todos os sábados ele debatia na sinagoga, e convencia judeus e gregos” (NVI).

Esse debate não era agressivo nem recriminatório, como esse termo pode indicar. Tratava-se apenas de uma apresentação de argumentos bíblicos com a intenção de provar que Jesus era o Messias. Um modo bíblico de argumentar a respeito de Jesus.

Enquanto Paulo realizava esse trabalho, Silas e Timóteo que haviam permanecido em Bereia, chegaram a Corinto para ajudá-lo em sua tarefa. Trouxeram-lhe uma oferta especial enviada pelos macedônios. Com esse dinheiro disponível, não precisavam trabalhar para se manter. Como diz Lucas, “Paulo se dedicou exclusivamente à pregação” (NVI). E com a ajuda dos recém-chegados, Paulo deu um novo impulso para persuadir os judeus, testificando que Jesus era o Cristo, mas esses frontalmente se opuseram a ele, blasfemando contra Cristo. Paulo então lhes disse: “Caia sobre a cabeça de vocês o seu próprio sangue! Estou livre da minha responsabilidade. De agora em diante irei para os gentios” (NVI).

A intenção de Paulo não era abandonar os judeus, mas deixar a sinagoga como o centro de suas atividades. A prova está na decisão que tomou quanto ao seu lugar de hospedagem e a conversão de Crispo.

Na casa de Justo: fala e não te cales (v. 7-11). Mudou-se da casa de Áquila e Priscila, onde viveu desde o início, para a casa de um gentio temente a Deus. Isto é, alguém que regularmente frequentava

a sinagoga e era semi-convertido ao judaísmo. Seu nome era Justo; em latim Tício Justo, e vivia próximo à sinagoga.

A casa de Justo era grande, como eram as casas de muitos conversos ao cristianismo. A maioria era composta de pessoas ricas. Casas com comodidades para receber novos hóspedes e com espaço para as reuniões de uma pequena igreja.

Enquanto Paulo pregava da casa de Justo, aconteceu algo que os judeus devem ter lamentado muito.

“Crispo, o principal da sinagoga, creu no Senhor, com toda a sua casa”, diz Lucas (ARA).

Mais um homem rico. Além disso, Deus continuava aumentando o número de crentes gentios. Lucas diz: “Muitos dos coríntios, ouvindo, criam e eram batizados” (ARA).

O ânimo espiritual dos missionários era muito elevado e estavam prontos para sair de Corinto e ir para outro lugar a fim de pregar o evangelho. Mas Deus, que observa todas as coisas e sabe o que é melhor, em todo o tempo, concede nova força espiritual a Suas dedicadas testemunhas e orienta em tudo o que se relaciona com a missão. Deu a Paulo uma visão.

Lucas conta o fato desta forma: “Teve Paulo durante a noite uma visão em que o Senhor lhe disse: Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; porquanto Eu estou contigo, e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade” (ARA).

Dessa maneira, Deus o reteve em Corinto, aumentou seu entusiasmo missionário e o preparou para as provas que rapidamente viriam sobre ele.

“Fala e não te cales” era a mensagem. Uma mensagem de confirmação. A tarefa que Deus lhe havia dado desde sua conversão continuava vigente e continuaria sendo válida para toda a sua vida. Nenhum crente está excluído dela. Pelo contrário, o Senhor espera que todos, em todo o tempo, falem e não se calem.

Seus inimigos tentam expulsá-lo de Corinto (v. 12-18a). Na sinagoga, havia pessoas que odiavam a Paulo. Procuraram dificultar seu trabalho todo o tempo em que ele trabalhou antes da chegada de Silas e Timóteo e durante um ano e seis meses depois que eles

chegaram até que, no ano 51 d.C., houve a mudança do procônsul em Acaia. Galion, em latim Lucius Junius Gallio, chegou a Corinto. Amigo do imperador Cláudio, irmão do jovem Sêneca, o filósofo estoico, e de caráter simpático, era agradável e pacifista.

Os dirigentes da sinagoga pensaram que havia chegado o momento apropriado para solicitar a expulsão de Paulo. Levaram-no ao tribunal e o acusaram: “Este homem está persuadindo o povo a adorar a Deus de maneira contrária à lei” (NVI).

Paulo estava a ponto de se defender, mas Gálio o deteve e disse aos judeus: “Se fosse, com efeito, alguma injustiça ou crime da maior gravidade, ó judeus, de razão seria atender-vos; mas se é questão de palavra, de nomes e da vossa lei, tratai disso vós mesmos; eu não quero ser juiz dessas coisas!” (ARA).

Com isso, terminou a contestação e Paulo ficou tranquilo para continuar pregando aos coríntios.

Seguiu uma estratégia diferente da que havia aplicado em seu trabalho em Atenas. Ali se adaptou ao nível cultural de seu auditório. Mostrou-se culto, retórico, lógico e científico. Obteve poucos frutos. Em Corinto seguiu outro plano de ação. Ele mesmo o explicou quando, de Éfeso, na primavera do ano 57 d.C., escreveu-lhes sua primeira carta: “Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e Este crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus” (1Co 2:2-5, ARA).

Grande resultado. Em Corinto, muitos creram e o evangelho se espalhou para fora da cidade, em toda a região. Dedicou sua segunda carta: “À igreja de Deus que está em Corinto e a todos os santos em toda a Acaia” (2Co 1:1, ARA).

Os mensageiros da cruz, com o poder do Espírito Santo, haviam penetrado em toda a província. A maior paixão espiritual que se tenha conhecido nas missões cristãs. Paulo disse: “Trazemos sempre em nosso corpo o morrer de Jesus, para que a vida de Jesus também seja revelada em nosso corpo” (2Co 4:10, NVI).

E se revelou. Tanto que, no momento do julgamento perante Gálio, até a multidão se colocou ao lado de Paulo. Isso não havia ocorrido em nenhum outro lugar. Perseguiram os principais acusadores de Paulo, e Gálio não se preocupou com isso. Vitória total para os cristãos.

“Paulo permaneceu em Corinto por algum tempo”, diz Lucas.

Tempo suficiente para que o evangelho fosse pregado a muitos. Alguns deles foram resgatados da mais baixa perdição da imoralidade e reerguidos à condição de novas criaturas em Cristo Jesus.

Retorno e fim da segunda viagem (At 18:18b-22)

Havia chegado o momento de voltar para casa. Antioquia estava distante. O melhor plano era fazer a viagem em duas etapas. Paulo se deteve em três lugares.

Primeira parada: Cenecria e o voto de Paulo (v. 18b)

A distância a partir de Corinto era pequena. Apenas dez quilômetros. E eles a percorreram caminhando. Tinham que passar ali forçosamente, pois esse era o porto leste de Corinto onde embarcaram em direção à Província da Ásia. Áquila e Priscila o acompanharam. Sua intenção era viajar com Paulo até a Síria.

Lucas informa que Paulo fez algo inesperado e talvez até estranho: “Antes de embarcar, rapou a cabeça em Cenecria, devido a um voto que havia feito” (NVI). Que voto era esse?

Estava relacionado com o cabelo e qualquer um poderia chegar a uma rápida conclusão: era o voto de nazireu. Nesse caso, a pergunta imediata seria: Estava Paulo ainda sujeito aos ritos e formas tradicionais dos judeus? Mas não é necessário responder a essa pergunta, pois o voto de nazireu, de acordo com a prática judaica, não podia ser cumprido fora da terra de Israel. Seu cumprimento tradicional requeria que se residisse, pelo menos, trinta dias na Judeia; os últimos trinta dias do voto, com algumas outras atuações no templo.

“Em seguida, à entrada da Tenda do Encontro, o nazireu rapará o cabelo que consagrou e o jogará no fogo que está embaixo do sacrifício da oferta de comunhão” (Nm 6:18, NVI).

Paulo não estava na Judeia, nem podia cortar o cabelo no templo para queimá-lo com a oferta de paz que apresentasse. Não era o voto tradicional de nazireu.

Mas podia ser um voto particular. Somente entre ele e o Senhor, seguindo o modelo do voto de nazireu. Paulo não era contrário à demonstração de um sentimento devoto muito especial. O voto de nazireu tinha dois componentes importantes: um de temor diante de um perigo, e outro de consagração.

Paulo havia passado por muitas situações de perigo, mas a última aconteceu quando os judeus o levaram perante o procônsul Gálio. Como havia ocorrido antes, poderia ter enfrentado um julgamento desfavorável da parte das autoridades romanas, ou um apedrejamento pela multidão. Era um bom momento para fazer um voto a Deus.

A consagração pode ter sido uma nova dedicação ao trabalho de sua vida que havia aceitado na viagem de Jerusalém para Damasco, quando Jesus lhe apareceu pela primeira vez.

A importância consistia na devoção que um voto particular implica. A mente que faz um voto especial a Deus mostra-se especialmente com total dedicação. O cumprimento do voto em Ceneira, primeiro passo de seu retorno a Antioquia da Síria, demonstra o caráter íntimo do voto e reflete a sólida intimidade que havia entre Paulo e Deus. Não cortou o cabelo em um lugar público, onde todos pudessem comprovar sua piedade. Era algo entre ele e Deus. Ninguém mais.

Não obstante, o antigo conselho do Senhor sobre os votos particulares, tem seu valor: “Quando um homem fizer um voto ao Senhor ou um juramento que o obrigar a algum compromisso, não poderá quebrar a sua palavra, mas terá que cumprir tudo o que disse” (Nm 30:2, NVI).

A palavra dada em um voto é irrevogável, pois é voluntária. Ninguém é obrigado a fazer um voto, mas se o faz, deve cumpri-lo.

“Quando fizeres algum voto ao Senhor, teu Deus, não tardarás em cumpri-lo; porque o Senhor, teu Deus, certamente, o requererá de ti, e em ti haverá pecado. Porém, abstando-te de fazer o voto, não

haverá pecado em ti. O que proferiram os teus lábios, isso guardarás e o farás, porque votaste livremente ao Senhor, teu Deus, o que falaste com a tua boca” (Dt 23:21-23, ARA).

Paulo cumpriu seu voto em Cenchrea e embarcou para Éfeso.

Segunda parada: boa recepção em Éfeso (v. 19-21)

Finalmente, chegaram a Éfeso, capital da província romana da Ásia, cidade grega livre, com seu próprio senado e assembleia. Politicamente importante, era a cidade de maior comércio da Ásia Menor.

Em Éfeso, ocorreu um fato extraordinário. Paulo foi visitar a sinagoga e pregava aos judeus seu tema favorito: Jesus é o Messias. Mas, quando lhes anunciou que continuaria sua viagem, Lucas diz: “Os judeus rogavam-lhe que ficasse com eles por mais algum tempo.”

Paulo não aceitou. Não podia. Disse-lhes: “É indispensável que eu celebre a festa em Jerusalém.” Mas não iria para sempre. “Voltarei. Se Deus assim o permitir.”

Priscila e Áquila permaneceram em Éfeso e Paulo partiu para Cesareia.

Terceira parada: passagem por Cesareia (v. 22a)

Nessa época, Cesareia era um importante centro de atividade cristã. Filipe, o evangelista, tinha sua sede ali. Paulo não podia passar pela cidade sem manter algum contato com os cristãos e seu pastor. Mas Lucas nada registra. Diz apenas que passaram por ali. Talvez a única menção indica a importância que a igreja local lhe concedia, sem poder dizer muito, pois parece estar apressando o relato para chegar rapidamente a Antioquia e começar o relato da terceira viagem missionária.

Quarta parada: Jerusalém, uma saudação (v. 22b)

Lucas nem sequer menciona o nome da cidade. A viagem para Jerusalém é identificada pelo que diz aos judeus de Éfeso, que devia chegar ali antes da festa e por uma simples frase de Lucas ao informar que estavam deixando Cesareia:

“Subiu para saudar a igreja.”

Essa subida de Cesareia somente podia ser para Jerusalém. O centro administrativo do cristianismo exigia uma visita de Paulo. Lucas não registra nada do que fizeram na cidade; apenas diz que foram saudar a igreja.

Era uma simples saudação à igreja, no centro de toda sua vida cristã e ação missionária, tão importante? Pelo que se pode ver, sim. Indica respeito, compromisso, admiração, adesão do grupo de missionários à estrutura da igreja. A seus dirigentes. A seus membros. Mostra o espírito de unidade que os guiava em todas as coisas. O senso de pertencer à igreja que Cristo havia fundado.

Paulo era um missionário apaixonado por Jesus e por Sua igreja. E demonstrou isso, sem hesitações, durante toda sua vida.

Saíram de Jerusalém. O último destino seria Antioquia da Síria. Ali estariam em casa, com os fiéis do Senhor, aos quais Paulo havia ajudado em seu crescimento espiritual desde o início, onde permaneceriam apenas por algum tempo, pois as igrejas que haviam fundado na Ásia Menor e Europa e outros lugares ainda não evangelizados os esperavam.



Terceira Viagem

8 Missionária de Paulo

Paulo estava pronto para empreender a terceira viagem missionária (At 18:23-21:16). Era o ano 53 d.C. Ele viajou até 58 d.C., ou seja, durante quase seis anos. Percorreu a Ásia Menor, Macedônia e Grécia (Acaia), encerrando o trajeto em Jerusalém. Paulo não retornou a Antioquia da Síria, pois os acontecimentos em Jerusalém, no fim da viagem, o levaram à prisão e ao julgamento em Roma.

Ásia Menor: vitória sobre o demônio (At 18:23-19:41)

No fim da segunda viagem missionária, Paulo permaneceu em Antioquia um breve período. Sua preocupação pelos conversos era muito grande. Empreendeu nova viagem, iniciando pela Ásia Menor.

Galácia e Frígia: fortalecimento aos irmãos (18:23-19:41)

O registro de Lucas diz: “Viajou por toda a região da Galácia e da Frígia, fortalecendo todos os discípulos” (NVI).

Regiões onde, na primeira viagem, havia fundado igrejas; e na segunda, confirmou os irmãos, lhes comunicou os acordos do Concílio de Jerusalém e os instou a manter a unidade da igreja pela obediência às decisões. Animou os irmãos, dizendo-lhes palavras que fizeram crescer a confiança em Jesus e fortaleceram a fé.

As emoções e a vontade deles ficaram mais firmemente estabelecidas em Cristo, pois, após as novas instruções de Paulo, sua convicção se tornou mais sólida.

O principal local visitado na terceira viagem foi a cidade de Éfeso.

Apolo em Éfeso: exatidão no caminho de Deus (18:24-28)

Antes que Paulo chegasse a Éfeso, Apolo, um judeu, nascido em Alexandria, Egito, havia estado ali. Naquela cidade, havia numerosa colônia de judeus: ricos, poderosos e cultos. Um grupo de setenta sábios judeus realizou ali uma tradução do Antigo Testamento para o grego, que se tornou muito famosa, até os dias de hoje. É conhecida pelo nome de Septuaginta.

Até essa época, Apolo era desconhecido para os cristãos. Depois, adquiriu prestígio muito grande, ao ponto de ser comparado com Pedro e com Paulo. Pelo menos assim foi em Corinto. Na primeira epístola que Paulo lhes escreveu no ano 57, não mais de três anos depois de sua chegada a Éfeso, dessa cidade, lhes disse: “Cada um de vocês diz: Eu sou de Paulo, eu sou de Apolo, eu sou de Cefas.”

Mas, quando chegou a Éfeso, apesar de ser um homem poderoso nas Escrituras, de haver sido instruído no caminho do Senhor, de possuir um espírito fervoroso, e de ensinar diligentemente a respeito de Jesus, Apolo conhecia somente o batismo de João. Não conhecia com exatidão o caminho do Senhor.

Ao chegar à sinagoga, começou a falar ousadamente. Um judeu pregando sobre Jesus era um fato notável. Priscila e Áquila o ouviram com atenção e perceberam imediatamente o que lhe faltava. Assim é o conhecimento de qualquer irmão que tenha sido bem instruído no evangelho. Percebe rapidamente os erros.

O que se destaca nesses dois crentes não era somente o conhecimento que possuíam, mas também a delicadeza cristã para tratar o problema. Realmente, um pregador que não conhece bem o evangelho é um problema. E maior é o problema se esse pregador é eloquente e transmite convicção aos que o ouvem. Priscila e Áquila, com sabedoria e cordialidade, o levaram à parte para falar a sós com ele.

“Com mais exatidão, lhe expuseram o caminho de Deus” (ARA).

Apolo deve ter aceitado o ensinamento que lhe foi transmitido, pois imediatamente se integrou ao grupo de cristãos que se encontrava ali. Essa atitude de Apolo foi tão notável como tudo o que sabia anteriormente. Demonstrou apreço pelo conhecimento exato do Caminho. Nada melhor do que conhecer bem o que alguém crê e crer em tudo o que alguém sabe a respeito do Senhor.

Por intermédio de seus conselheiros Priscila e Áquila, soube do grande êxito que Paulo havia tido, juntamente com seu grupo, quando, na segunda viagem missionária, trabalharam em Corinto na província de Acaia. Surgiu nele grande desejo de ir à Grécia para ajudar os irmãos no contínuo trabalho missionário que realizavam na região. Expressou esse desejo e, como diz Lucas, “animaram-no os irmãos e escreveram aos discípulos para o receberem” (ARA).

Lucas, a seguir, acrescenta em sua história o seguinte comentário: “Ao chegar, ele auxiliou muito os que pela graça haviam crido, pois refutava vigorosamente os judeus em debate público, provando pelas Escrituras que Jesus é o Cristo” (NVI).

Sem as limitações doutrinárias que tinha quando chegou a Éfeso e já totalmente identificado com a igreja cristã, podia anunciar plenamente o evangelho e pregar com mais convicção, transmitindo uma nova segurança que antes nem ele mesmo tinha. A verdade do evangelho transmite segurança aos mais tímidos, e muito mais aos que por natureza já possuem personalidade fervorosa, como era o caso de Apolo.

Paulo em Éfeso: rebatismo de crentes (19:1-7)

Finalmente, Paulo chegou a Éfeso, onde, na segunda viagem, havia estado apenas de passagem.

“Voltarei”, havia prometido aos judeus que, com tanta afeição para com ele, insistiam que permanecesse com eles por mais algum tempo. Não tinha sido possível naquela época, mas agora estava ali para trabalhar com eles o tempo que desejassem. Permaneceu em Éfeso durante três anos. Mais da metade de todo o tempo que essa viagem durou.

“Enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo, atravessando as regiões altas, chegou a Éfeso” (NVI).

Encontrou ali um grupo de discípulos, no total de doze, aos quais perguntou:

“Vocês receberam o Espírito Santo quando creram?” (NVI).

“Nem sequer ouvimos que existe o Espírito Santo” (NVI), responderam.

Estranha maneira de ensinar os novos conversos. Alguém cometeu um grave erro. Como seria possível, para um ser humano, chegar a crer, sem a atuação do Espírito Santo em sua mente e em suas emoções? O Espírito Santo havia atuado neles, mas eles não o sabiam. Isso pode ocorrer e ocorre constantemente. Mas é muito melhor que a pessoa tenha clara consciência dessa obra e esteja intimamente vinculada ao Espírito Santo em tudo o que faz.

“Em que, pois, fostes batizados?” (ARA).

“No batismo de João”, responderam (ARA).

Possivelmente, eram conversos de Apolo que haviam aceitado o evangelho antes que ele recebesse a instrução exata sobre o caminho de Deus.

Paulo, então, começou a esclarecer o ensinamento.

“João realizou batismo de arrependimento, dizendo ao povo que cresse naquele que vinha depois dele, a saber, em Jesus” (ARA).

O arrependimento é importante; sem ele, Deus não pode perdoar os pecados do pecador. Sem se arrepender, o pecador continua sem esperança de salvação. Por outro lado, qualquer pessoa que faz algum mal a alguém pode se arrepender e até pedir perdão por essa falta. Mas, sem Cristo, esse ato não é mais que uma ação de boas relações humanas. E até pode ser um ato de conveniência, sem que exista a menor intenção de superar a raiz que produziu o mal. Em nada disso há salvação. Só há salvação em Cristo.

Também não é suficiente saber a respeito de Cristo. Por mais que o conhecimento a respeito dEle seja indispensável, é necessário crer nEle. Somente quando o pecador se arrepende porque crê em Cristo, o Senhor pode perdô-lo e, por meio do Espírito Santo, fortalece sua vontade para que não torne a cometer novamente a mesma falta.

“Tendo ouvido isto, foram batizados em o nome do Senhor Jesus” (ARA).

Em seguida, Paulo lhes impôs as mãos para que recebessem o Espírito Santo. E O receberam. Dois fatos demonstraram que O haviam recebido. Lucas escreveu: “Começaram a falar em línguas e a profetizar” (NVI).

Começaram a falar em línguas estrangeiras. O mesmo que ocorreu em Jerusalém no dia de Pentecostes, quando os discípulos receberam o Espírito Santo. Falaram línguas que não conheciam. Qual era o objetivo? Pregar o evangelho a pessoas que falavam somente esse idioma e despertar sua admiração para que, com mais facilidade, cressem na mensagem que ouviam. Não se tratava de ruídos guturais ou coisas semelhantes, sem qualquer conteúdo, uma vez que tal fenômeno, em lugar de gerar compreensão da mensagem cristã e despertar admiração para aceitá-la, pode gerar temor, desconfiança e escárnio.

Também profetizaram. No Antigo Testamento, profetizar significava prever acontecimentos futuros. Mas nem sempre. Também profetizavam os que, com clareza, ensinavam as verdades divinas. Isso acontecia com todos os profetas e também se fez presente nas escolas dos profetas. Nessas escolas, não era ensinado prever eventos futuros. Eram ensinadas as verdades bíblicas com exatidão para que pudessem ser ensinadas com clareza e precisão.

“Eram, ao todo, uns doze homens”, diz Lucas. (ARA)

Um grupo pequeno. Valia a pena que o grande apóstolo dos gentios, com o mundo inteiro pela frente para evangelizar, se ocupasse em atender tão poucas pessoas, em um erro doutrinário que tinham por deficiência de quem os tinha doutrinado ou por outra razão? Sim, valia a pena. A conversão das pessoas não é produzida massivamente, mas de forma individual. Muitos podem crer ao mesmo tempo, como as conversões do dia de Pentecostes e outras que têm acontecido na história da Igreja, mas cada pessoa desses grandes grupos precisou crer individualmente. O valor da conversão reside em cada pessoa que se converte. Não se pode descuidar de ninguém.

Paulo não descuidou desses doze homens nessa oportunidade, e jamais descuidou de alguém que precisasse crer.

A Palavra do Senhor crescia e prevalecia em Éfeso (v. 8-22)

A seguir, Lucas relata três incidentes que mostram como a Palavra do Senhor crescia e prevalecia em Éfeso.

O primeiro está relacionado com a sinagoga (v. 8, 9a). Lucas, ao contar o incidente, começa da seguinte forma: “Paulo entrou na sinagoga e ali falou com liberdade durante três meses, argumentando convincentemente acerca do Reino de Deus” (NVI).

Em seu auditório estavam as mesmas pessoas para as quais havia pregado havia apenas alguns meses. Lucas não especifica o assunto tratado naquela ocasião. Deve lhes ter falado que Jesus era o Messias. Era o que pregava em primeiro lugar em todas as sinagogas. O tema sobre o qual ensinou na segunda visita parece confirmar isso. Está um pouco mais adiante. Falou-lhes sobre o reino de Deus.

A diferença entre o reino de Deus que os judeus esperavam, e o ensinado por Jesus, que Paulo pregou, era incompreensível. Os judeus esperavam um reino terrestre, com um rei, o Messias, que livrasse a todos os judeus do domínio romano e estrangeiro. Jesus pregou um reino espiritual e a libertação não era somente para os judeus, mas para todos os habitantes da Terra. Ele era o Messias que tinha vindo ao mundo para dar liberdade a todos os cativos do pecado.

Era uma grande diferença.

Primeiro, porque os judeus, ao fazer parte do povo de Deus, não se consideravam pecadores. Sendo assim, a vinda d'Esse Messias não os beneficiava em nada.

Segundo, porque, dispersos por todo o mundo, como se encontravam, ridicularizados e somente tolerados pelas autoridades e pelos povos entre os quais se achavam, sentiam a necessidade de que o Messias lhes trouxesse o prestígio de povo especial que Deus lhes havia outorgado, tornando-os membros de um reino superior

a todos os reinos do mundo. Jesus não lhes oferecia nada disso. Ao contrário do que ocorria com Seus seguidores, parecia-lhes que, ao aceitá-Lo, receberiam somente mais opressão e mais desprezo.

Não foi uma discussão breve. Durou três meses. Percebe-se que as duas partes – o grupo de Paulo e os membros da sinagoga – tomaram tempo para esclarecer as coisas que necessitavam ser estudadas.

O resultado final não foi a rejeição de Paulo, por parte de todos os judeus. Muitos creram. Lucas apresenta de forma negativa: “Visto que alguns deles se mostravam empedernidos e descrentes, falando mal do Caminho diante da multidão, Paulo, apartando-se deles, separou os discípulos” (ARA).

Os que não creram permaneceram na sinagoga, e os que aceitaram a mensagem de Paulo foram com ele. Foi uma atitude para evitar maiores problemas que pudessem criar dificuldades para a pregação do evangelho no restante da cidade. O evangelho continuou avançando, embora não na sinagoga.

O segundo incidente ocorreu na Escola de Tirano (v. 9b-16). Paulo instalou sua sede de ensino na escola de um homem chamado Tirano. Ensinava nessa escola, diz Lucas: “Diariamente.” Existem certos manuscritos (texto Ocidental) que acrescentam o seguinte: desde a hora quinta até a décima. Se essa fosse a leitura original, como provavelmente era, indicaria algo muito interessante que ao mesmo tempo mostraria a dedicação do apóstolo e a realidade com a qual ele atuava em seu trabalho missionário.

O período desde a quinta hora à décima hora corresponde, em nossa maneira de contar as horas do dia, ao período que vai das 11h às 16h. Tempo para o descanso nas cidades de Jonia, onde Éfeso estava localizada, como em muitos outros lugares do mundo mediterrâneo. Quer dizer que Paulo utilizava a escola de Tirano em períodos quando esta não desenvolvia outra atividade. Ele se dispôs a alugar um lugar no qual alguém ensinava algo sem nenhuma relação com o evangelho. Além disso, ensinava no período do dia menos apropriado para as pessoas. Como dizia um escritor, mais pessoas de Éfeso estavam dormindo à 1h da tarde do que à 1h da manhã.

O pouco produtivo horário não preocupava Paulo em nada. Nem impediu o êxito de seu trabalho. Esteve nessas condições por longo tempo. Lucas diz:

“Isso continuou por dois anos, de forma que todos os judeus e os gregos que viviam na província da Ásia ouviram a Palavra do Senhor” (NVI).

Não era o mau horário o que atraía as pessoas. Era a paixão do apóstolo. Sua forma de ensinar. O conteúdo de seu ensinamento. Não há desculpas para não pregar o evangelho. Paulo dizia que é preciso pregar a tempo e fora de tempo. O Espírito Santo Se encarrega das demais coisas. Até de atrair as pessoas no momento em que elas prefeririam estar dormindo.

No restante do dia, Paulo não ficava ocioso. Fazia tendas e outras atividades.

Ao retornar da terceira viagem missionária, mandou chamar os anciãos de Éfeso para que se encontrassem com ele em Mileto, pois desejava saudá-los. Entre outras coisas, lhes disse: “Não cobicei a prata nem o ouro nem as roupas de ninguém. Vocês mesmos sabem que estas minhas mãos supriram minhas necessidades e as de meus companheiros” (NVI).

Entre suas outras atividades, Lucas diz: “E Deus, pelas mãos de Paulo, fazia milagres extraordinários, a ponto de levarem aos enfermos lenços e aventais do seu uso pessoal, diante dos quais as enfermidades fugiam das suas vítimas, e os espíritos malignos se retiravam” (ARA).

Os milagres chamaram a atenção de todos. Até um grupo de judeus, exorcistas ambulantes, quiseram fazer o mesmo que Paulo fazia, com o objetivo de fazer crescer o êxito de sua prática e tornar mais rentável o seu comércio. Diziam aos espíritos maus: “Esconjuro-vos por Jesus, a quem Paulo prega” (ARA).

Os sete filhos de Ceva, chefe dos sacerdotes judeus, tentaram exorcizar um espírito mau, mas o espírito lhes respondeu: “Conheço a Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?” (ARA).

Eram homens sem o poder de Paulo, sem o poder de Deus. Deus atuava por meio de Paulo para que as pessoas vissem Seu poder e

cresem no evangelho. Mas esses homens não podiam fazer o que Paulo fazia. Não tinham nenhum poder.

“E o possesso do espírito maligno saltou sobre eles, subjugando a todos, e, de tal modo prevaleceu contra eles, que, desnudos e feridos, fugiram daquela casa” (ARA).

Os demônios podiam fazer muitas coisas, mas não deter o progresso do evangelho. O poder de Deus era superior. Continua sendo superior a todos os poderes até hoje, e o será também no futuro. Por isso, o evangelho continua avançando. Nunca será interrompido até que o plano de Deus seja plenamente cumprido.

E o terceiro incidente estava relacionado com os que temeram e glorificaram o nome do Senhor (v. 17-20). O poder que atuava através de Paulo se tornou notório a todos os habitantes de Éfeso. A atração de Paulo, que lhe permitia fazer reuniões nos horários mais inconvenientes e ter a presença do público, consistia no poder divino que atuava nele. As pessoas sempre estarão no lugar onde Deus estiver presente e for notado. Isso afetou os judeus e gregos.

“Todos eles”, diz Lucas, “foram tomados de temor; e o nome do Senhor Jesus era engrandecido” (NVI).

Os que haviam crido e os que haviam praticado artes mágicas sentiram que o Espírito Santo os impulsionava à ação. Os que haviam crido confessavam suas práticas más a fim de obter o perdão de Deus e apartar-se delas. Queriam obedecer a Deus e começavam pela confissão. Movidos pelo mesmo Espírito, os que haviam praticado a feitiçaria trouxeram seus livros e, empilhados em um montão, queimaram-nos. Eram muitos. Calcularam seu valor em cinquenta mil denários; sem dúvida dracmas gregas. Representavam o salário de um homem durante cinquenta mil dias de trabalho. Quase um século e meio. Era muito dinheiro. Isso indica a enorme quantidade de feiticeiros que havia em Éfeso e o tamanho do impacto que a pregação de Paulo causou entre eles.

Por isso, o que Lucas escreveu a seguir sobre esses relatos não era exagerado: “Assim, a Palavra do Senhor crescia e prevalecia poderosamente” (ARA).

Quando tudo estava indo bem, Paulo dirigiu sua mente ao futuro. Macedônia. Acaia. Jerusalém. Roma. “Decidiu no espírito ir

a Jerusalém, passando pela Macedônia e pela Acaia” (NVI). Além disso, pensou: “Depois de haver estado ali, é necessário também que eu vá visitar Roma” (NVI). Continuava fazendo grandes planos: confirmar os crentes na viagem a Jerusalém; depois, visitar Roma para entregar sua própria contribuição para a pregação do evangelho na cidade mais importante de todo o mundo.

Paulo não demorava muito para executar seus planos. Imediatamente, enviou Timóteo e Erasto, adiante dele, à Macedônia. O objetivo dessa viagem era ajudar os coríntios nos problemas que haviam surgido entre eles. Assim escreveu Paulo aos coríntios: “Por essa razão estou lhes enviando Timóteo, meu filho amado e fiel no Senhor, o qual lhes trará à lembrança a minha maneira de viver em Cristo Jesus, de acordo com o que eu ensino por toda parte, em todas as igrejas” (1Co 4:17, NVI).

“Enquanto isso, Paulo permaneceu na Ásia algum tempo mais”, escreveu Lucas.

Tumulto contra o Caminho: Diana é vencida (v. 23-41)

Em Éfeso, tudo havia ocorrido muito bem. O rebatismo dos doze que tinham conhecido apenas o evangelho do arrependimento pregado por João Batista. As boas relações com a sinagoga, onde Paulo esteve ensinando durante três meses. A separação pacífica dos cristãos que se reuniam com os judeus quando alguns deles rejeitaram a pregação de Paulo com respeito ao reino de Deus. O progresso da igreja cristã nos dois anos durante os quais Paulo pregou na escola de Tirano. Os milagres que Deus havia realizado através de Paulo. A superioridade manifestada pelo poder de Deus sobre os demônios em relação com o trabalho dos judeus exorcistas ambulantes. A vitória sobre a magia satânica, quando gregos e judeus aceitaram o evangelho. Tudo havia corrido bem para os missionários.

Mas as forças inimigas ocultas estavam vivas e ativas. Apenas esperando o momento oportuno para dar um duro golpe sobre Paulo. “Houve grande alvoroço acerca do Caminho”, diz Lucas.

Parece que o tumulto, embora visivelmente provocado por pagãos, demonstrava ter a influência dos judeus, especialmente dos

que rejeitaram o Caminho quando cristãos e judeus se separaram (v. 9). “Caminho” era o nome que muitos judeus davam ao cristianismo, devido ao fato de que os crentes, quando criam em Jesus, aceitavam um caminho de vida, um modo de viver diferente dos demais. Também porque os cristãos repetiam frequentemente as palavras de Cristo: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”, palavras que João, mais tarde, registrou em seu evangelho (14:6). Os cristãos diziam que existia somente um caminho para a salvação: Jesus Cristo.

O tumulto a respeito do Caminho, levantado em Éfeso, nada tinha que ver com as doutrinas religiosas em si. Foi provocado pela ganância financeira da religião. Ambição de lucro. Foi iniciado por um ourives chamado Demétrio. Fazia miniaturas de prata dedicadas à deusa Artemisa, ou Diana, para os romanos. A parte mais sagrada do templo era decorada com uma estatueta de Diana. A pregação de Paulo havia complicado os negócios dos ourives. Os compradores haviam diminuído. Isso demonstra a grande quantidade de pessoas que haviam aceitado o cristianismo.

Diana era a deusa da natureza, da caça, da castidade e deusa-mãe. Nos livros de Homero, aparece como *senhora dos animais*.

Demétrio reuniu os artistas que desenhavam e os trabalhadores que produziam as miniaturas, estatuetas e várias outras imagens e oferendas que os devotos de Diana lhe ofereciam no templo. Então, lhes disse:

“Senhores, sabeis que deste ofício vem a nossa prosperidade e estais vendo e ouvindo que não só em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, este Paulo tem afirmado não serem deuses os que são feitos por mãos humanas” (ARA).

O perigo financeiro que enfrentavam era grande. Mas havia o perigo religioso também: “Não somente há o perigo de a nossa profissão cair em descrédito, como também o de o próprio templo da grande deusa, Diana, ser estimado em nada, e ser mesmo destruída a majestade daquela que toda a Ásia e o mundo adoram” (ARA). Isso lhes parecia muito grave, porque Éfeso havia recebido o título de cidade protetora dos deuses. Se abandonassem Diana, a cidade também perderia seu prestígio.

Os convocados por Demétrio saíram à rua para manifestar sua oposição a Paulo. Seu grito de guerra era: “Grande é a Diana dos efésios!” (ARA). Os habitantes da cidade, sem saber a causa pela qual esses homens gritavam pela rua, juntaram-se à procissão e se reuniram todos no teatro, lugar de reunião habitual para qualquer assunto que congregasse uma multidão. Levaram com eles Gaio e Aristarco, dois integrantes da equipe de assistentes de Paulo. Eram da Macedônia.

Quando Paulo viu o tumulto e o perigo que seus companheiros corriam, quis apresentar-se perante a multidão. Mas os discípulos, percebendo que o perigo era maior para Paulo que para qualquer um deles, o impediram. Nessa mesma forma de pensar, alguns integrantes das autoridades lhe enviaram uma mensagem dizendo: “Por favor, não se apresente no teatro.”

A assembleia era uma tremenda confusão. Cada um gritava algo diferente e a grande maioria ignorava a razão pela qual ali se encontrava. Repentinamente, dentre a multidão, alguns empurraram a Alexandre para frente a fim de que falasse. Possivelmente, tratava-se do ferreiro judeu semiconvertido ao cristianismo, a respeito de quem Paulo, mais tarde, escreveu a Timóteo: “Causou-me muitos males. O Senhor lhe dará a retribuição pelo que fez. Previna-se contra ele, porque se opôs fortemente às nossas palavras” (2Tm 4:14-15, NVI).

Na confusão, Alexandre tentou falar, mas quando reconheceram que se tratava de um judeu, as pessoas puseram-se a gritar durante quase duas horas, repetindo sempre a mesma coisa: “Grande é a Diana dos efésios!” (ARA).

Ninguém compreendia nada com os gritos. A única pessoa que agiu com prudência foi o escrivão da cidade, autoridade executiva da assembleia cívica. Era também o mediador oficial entre o governo da cidade e a administração romana da província, cujos escritórios estavam localizados em Éfeso. Ele sabia que se acontecesse qualquer coisa ilegal naquela reunião, seria o responsável perante as autoridades romanas e a cidade teria que pagar elevadas multas. Tendo acalmado a multidão, ele disse:

“Senhores, efésios: quem, porventura, não sabe que a cidade de Éfeso é a guardiã do templo da grande Diana e da imagem que caiu de Júpiter? Ora, não podendo isto ser contraditado, convém que vos mantenhais calmos e nada façais precipitadamente” (ARA).

Desde os tempos antigos, considerava-se que a imagem de um deus feito de algum meteorito havia caído do céu. Nos tempos posteriores continuou-se pensando da mesma forma para deuses feitos de outros materiais.

O escrivão continuou dizendo: “Estes homens que aqui trouxestes não são sacrílegos, nem blasfemam contra a nossa deusa” (ARA). Isto é, não são culpados de nenhum delito relacionado com a deusa que vocês desejam defender. Se não há ofensa, não há defesa. Reconheceu, no entanto, que Demétrio pudesse ter razão em outro aspecto do assunto que não estava sendo mencionado. Ele também não o identificou. Não era apropriado falar diretamente sobre lucro em assunto que se apresentava como religioso.

“Portanto”, acrescentou, “se Demétrio e os artífices que o acompanham têm alguma queixa contra alguém, há audiências e procônsules; que se acusem uns aos outros. Mas, se alguma outra coisa pleiteais, será decidida em assembleia regular” (ARA). Ou seja, a que estavam realizando não era legítima. Com base nisso, apresentou seu último argumento:

“Da maneira como está”, disse, “corremos o perigo de sermos acusados de perturbar a ordem pública por causa dos acontecimentos de hoje. Nesse caso, que razão poderíamos oferecer para justificar esta assembleia se não temos nenhuma?”

Tudo esclarecido, dissolveu-se a reunião. Cada um tomou seu caminho sem saber por que se haviam reunido. Tudo parecia sem sentido. Mas, para Demétrio e os judeus que atuavam manipulando a situação, havia sentido. Tinham tentado condenar Paulo e conseguir um castigo exemplar para ele; a morte, se tivesse sido possível ou, pelo menos, a expulsão da cidade. Não conseguiram nada. Eles não sabiam que Paulo já havia planejado sua partida, nem que estava para partir.

De qualquer forma, as forças ocultas não tinham conseguido vencer o poder de Deus que, através de Paulo, atuou em Éfeso para salvar muitas pessoas.

Macedônia e Grécia: vitória sobre os inimigos (At 20:1-3)

Na maior parte do tempo, o trabalho em Éfeso havia sido desenvolvido sem a ação violenta dos tradicionais inimigos de Paulo, mas não sem dificuldades. As maiores dificuldades o atingiram de forma enganosa. Não tão diretas como o tumulto final. As forças do mal trabalharam de forma oculta, mas com toda sua força. Usaram os incrédulos da sinagoga, os exorcistas ambulantes e, finalmente, Demétrio e os ourives com a deusa Diana. Mas não conseguiram detê-lo. Satanás trabalhou muito para vencê-lo, mas foi derrotado.

Em Macedônia e na Grécia, Paulo teve que enfrentar inimigos humanos. Satanás também estava envolvido, como sempre, mas não de forma tão direta como em Éfeso.

Macedônia: trabalhos importantes (v. 1, 2a)

Após o tumulto, Paulo permaneceu em Éfeso tempo suficiente para sentir que a dificuldade havia se acalmado. Um homem como Paulo, sempre preocupado com o bem-estar dos discípulos, não teria podido sair sem a certeza de que tudo estivesse bem com eles. Especialmente naquela oportunidade, quando os dirigentes da cidade não estavam contra ele.

A respeito de sua partida, Lucas brevemente escreveu: “Cessado o tumulto, Paulo mandou chamar os discípulos, e, tendo-os confortado, despediu-se, e partiu para a Macedônia” (ARA).

Os três anos de sua permanência em Éfeso haviam chegado ao fim (54-57 d.C.). Dirigiu-se primeiramente a Trôade, cidade em que, na segunda viagem, Deus, por meio de um sonho, indicou-lhe que devia ir a Macedônia. Esperava encontrar-se com Tito. Ele o havia enviado de Éfeso para atender problemas morais e doutrinários que haviam surgido na igreja local. Provavelmente, tenha levado a primeira epístola aos Coríntios que Paulo escreveu em Éfeso,

na primavera do ano 57 d.C., pouco antes de concluir seu trabalho ali. Não sabemos como combinaram para se encontrar em Trôade, mas é evidente que Paulo esperava encontrá-lo ali. Assim disse aos coríntios na segunda carta que lhes escreveu, da Macedônia, pouco tempo depois, no verão do ano 57 d.C.

“Quando cheguei a Trôade para pregar o evangelho de Cristo e vi que o Senhor me havia aberto uma porta, ainda assim, não tive sossego em meu espírito porque não encontrei ali meu irmão Tito. Por isso, despedi-me deles e fui para a Macedônia” (2Co 2:12, 13, NVI).

Cumpriu duas tarefas em Trôade: pregou o evangelho porque o Senhor lhe abriu uma porta grande e eficaz; e esperou a Tito, mas ele não chegou. Como estava ansioso para saber sobre a reação que sua carta havia produzido entre os coríntios, não pôde permanecer em Trôade por mais tempo.

Foi para a Macedônia. Não encontrou a Tito. Mas, na cidade de Filipos, Timóteo o esperava. Juntos, continuaram visitando os discípulos que viviam nas cidades nas quais estiveram na segunda viagem. Dessa vez, possivelmente, viajaram pela Via Egnatia para o oeste, talvez até o fim dela na costa do Mar Egeu, de frente para a Itália. Isso deu a Paulo a oportunidade de pregar o evangelho em Ilírico, território ao norte da Macedônia, como ele diz: “Desde Jerusalém e arredores, até o Ilírico, proclamei plenamente o evangelho de Cristo” (Rm 15:19, NVI).

Todo esse trabalho entre os crentes, em Macedônia e em Ilírico, onde ainda não havia nenhum cristão, ocupou mais ou menos um ano e meio de seu tempo, desde o verão do ano 55 até o fim do ano 56 d.C.

Grécia: conspiração de seus inimigos (v. 2b-3)

Paulo usa o nome de Grécia como sinônimo de Acaia, onde esteve durante três meses, durante o inverno entre os anos 55-57 d.C. No hemisfério norte, o inverno vai de dezembro até março. Permaneceu quase o tempo todo em Corinto, por causa dos problemas que haviam surgido ali. Muitos já estavam resolvidos; outros precisavam de atenção.

Nesse período, Paulo estava muito preocupado com um tema fundamental para a salvação: a justificação pela fé. Escreveu uma carta aos Gálatas sobre esse assunto no fim do ano 57, ou bem no início do ano 58 d.C. Além disso, queria informar aos irmãos de Roma que estava planejando visitá-los. Aproveitou para tratar dos dois assuntos e, da cidade de Corinto, nos primeiros meses do ano 58 d.C., escreveu a Epístola aos Romanos. Sobre o tema da justificação pela fé, disse-lhes:

“Não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê: primeiro do judeu, depois do grego. Porque no evangelho é revelada a justiça de Deus, uma justiça que do princípio ao fim é pela fé, como está escrito: O justo viverá pela fé” (Rm 1:16, 17, NVI).

Em seguida, no restante da epístola, explica a justificação. Sua mais preciosa gema sobre esse tema diz o seguinte: “Justificados, pois, mediante a fé, tenhamos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5:1, ARA).

E, estabelecendo a justificação pela fé como sinônimo de reconciliação, esclarece: “Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela Sua vida” (Rm 5:10, ARA).

Com isso, disse que a justificação pela fé é reconciliação com Deus. E por estar reconciliados ou justificados pela fé, somos salvos pela morte de Jesus.

A respeito de sua viagem a Roma, disse-lhes: “Visto que há muitos anos anseio vê-los, planejo fazê-lo quando for à Espanha. Espero visitá-los de passagem e dar-lhes a oportunidade de me ajudarem em minha viagem para lá” (Rm 15:23b-24).

Quando se encerraram os três meses dessa visita, descobriu que o plano de embarcar para a Síria havia sido descoberto por seus inimigos. Soube também que esses, conspirando contra ele, queriam matá-lo durante a viagem. “Por isso”, diz Lucas, “decidiu voltar pela Macedônia” (NVI).

Viajou por terra para embarcar para Neápolis, com destino a Trôade, na Ásia.

Retorno pela Ásia: vitória sobre a morte (At 20:4-38)

Não viajava sozinho. Uma delegação de discípulos o acompanhava. Paulo havia arrecadado em todas as igrejas uma oferta para os irmãos da Judeia e levava consigo grande soma de dinheiro. Por essa razão, quis levar representantes de vários lugares, provavelmente dos que contribuíram com maior importância, para que servissem de testemunhas, evitando assim qualquer suspeita com respeito a sua administração desse dinheiro. Casualmente, havia falado sobre esse assunto aos coríntios em sua viagem de ida; havia-lhes escrito da Macedônia. Ao mencionar-lhes que Tito, como ele, demonstrava a mesma preocupação por eles, de maneira muito solícita decidi ir visitá-los; alguém a quem Paulo chama de irmão, quis ir com ele. Sobre esse irmão ele diz:

“E não só isto, mas foi também eleito pelas igrejas para ser nosso companheiro no desempenho desta graça ministrada por nós, para a glória do próprio Senhor e para mostrar a nossa boa vontade; evitando, assim, que alguém nos acuse em face desta generosa dádiva administrada por nós” (2Co 8:19, 20, ARA).

Paulo não fazia nada em segredo com relação aos assuntos financeiros da igreja. Tudo era sempre muito claro. Não era apenas honesto; demonstrava sua honestidade. Não tinha nenhuma vantagem pessoal. Nenhum proveito próprio. Era sempre leal e completamente dedicado ao Senhor e à missão, de tal forma que toda sua vida era inquestionavelmente transparente.

Os membros da delegação (v. 4-6)

Na delegação, havia discípulos de vários lugares: Bereia, Tessalônica, Derbe e Ásia. Iam se juntando ao grupo de Paulo à medida que ele avançava na viagem, desde a Galácia, passando pela Ásia, Macedônia, Ilírico e Acaia, até Corinto. De Corinto começou o retorno com destino a Jerusalém. Como vimos, por causa da conspiração, a viagem se tornou mais lenta, retornando por terra até a Macedônia para embarcar de Neápolis, porto de Filipos, para Trôade.

Lucas não menciona nenhum delegado de Corinto. Isso poderia dar a impressão de que os coríntios não participaram da oferta,

mas isso não ocorreu. Os membros de Acaia também contribuíram. Quando Paulo contou aos romanos a respeito dessa doação, disse-lhes: “Agora, porém, estou de partida para Jerusalém, a serviço dos santos. Pois a Macedônia e a Acaia tiveram a alegria de contribuir para os pobres dentre os santos de Jerusalém” (Rm 15:25, 26, NVI).

Todos haviam sido generosos. Os crentes de Acaia eram ricos, os macedônios, pobres; mas todos deram conforme podiam, embora os macedônios tenham dado além do que podiam. Com alegria de missionário, Paulo disse aos coríntios: “Também, irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus concedida às igrejas da Macedônia; porque, no meio de muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade. Porque eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários, pedindo-nos, com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos” (2Co 8:1-4, ARA).

Por que eram tão generosos? “Porque deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus” (v. 5, ARA).

Dois princípios importantes para alguém ser generoso: primeiro, dar-se a si mesmo ao Senhor e, depois, dar de seus recursos na medida em que lhe seja possível, e até mais. A igreja precisa atender as necessidades inevitáveis: a manutenção dos pastores e o avanço da ação missionária. Atende a primeira necessidade com os dízimos; e a segunda, com as ofertas. As ofertas são voluntárias. Serão do tamanho do interesse que a pessoa tiver pela salvação dos perdidos.

Uma vida espiritual fraca e enfermiza demonstrará pouco interesse pela salvação dos pecadores, e as ofertas serão mesquinhas porque o egoísmo domina a vontade dessas pessoas. Por sua vez, uma experiência espiritualmente rica, de contínua comunhão com Deus através do Espírito Santo, sempre demonstrará interesse na salvação de outras pessoas, e as ofertas desses cristãos, geradas por uma atitude generosamente liberal, serão abundantes e entregues à igreja com o verdadeiro prazer de um espírito sem egoísmo e fiel.

De acordo com Lucas, os delegados mencionados no verso 4, os precederam, esperando-os em Trôade. Paulo permaneceu em

Filipos, com seu grupo de missionários que, a partir daquele momento, incluiu novamente Lucas.

“Navegamos de Filipos, após a festa dos pães sem fermento”, acrescenta, “e cinco dias depois nos reunimos com os outros em Trôade, onde ficamos sete dias” (ARA).

A semana dos pães sem fermento, a Páscoa do ano 57 d.C., ocorreu nos dias 7 a 14 de abril. Não há registro do que Paulo fez em Filipos nesse período, mas deve ter se dedicado a trabalhar por seus irmãos judeus na sinagoga, uma vez que o interesse do apóstolo pela salvação deles era permanente e essa data era muito apropriada para fazê-lo.

Sete dias em Trôade: uma despedida de grande consolo (v. 7-12)

Lucas concentra seu relato em um único fato ocorrido no último dia em que Paulo esteve em Trôade. Reuniu-se para se despedir dos irmãos e era o primeiro dia da semana, pois partiria no dia seguinte bem cedo. Lucas pode ter usado o sistema romano que contava os dias a partir das doze horas da noite até as doze da noite seguinte e, nesse caso, a reunião foi no domingo à noite. Ou usou o sistema judeu que contava os dias a partir do pôr-do-sol até o pôr-do-sol do dia seguinte. Neste caso, a reunião aconteceu no sábado à noite. De qualquer forma, era o primeiro dia da semana.

O mais provável é que Lucas tenha seguido o sistema romano e a reunião foi no domingo à noite porque a partida ocorreu *no dia seguinte bem cedo*. Se tivesse sido no sábado à noite, o dia seguinte teria ocorrido depois da parte clara de domingo e toda a noite do segundo dia, para, após esse período, sair bem cedo no segundo dia da semana. Muito tempo entre a reunião e a partida. O relato deixa espaço para todo esse período. Paulo prolongou o discurso até a meia-noite porque estava para partir.

Três coisas ocorreram na noite do primeiro dia da semana: os que estavam reunidos, os discípulos de Trôade e acompanhantes de Paulo, partiram o pão; Paulo pronunciou um discurso que se prolongou até a meia-noite; e o incidente com Êutico que caracterizou toda a reunião.

O *partir do pão era a Santa Ceia?* (v. 7a). Alguns dizem que sim. Outros não; afirmam que era um jantar de confraternização pela despedida de Paulo. E há ainda os que dizem que foi um jantar desse tipo, mas terminou com a celebração da Santa Ceia. O texto não apresenta detalhes. Parece claro que na reunião celebraram a Santa Ceia como era feito em Jerusalém, partindo o pão de casa em casa (Lc 2:42).

O fato de que a Santa Ceia tenha sido celebrada na reunião do primeiro dia da semana não é indício de que o domingo fosse um dia especial para os cristãos, como era o sábado, ou que o substituisse, pois os cristãos em Jerusalém tomavam a Santa Ceia todos os dias da semana: “Diariamente perseveravam unânimes no templo”, diz Lucas, “partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos” (At 2:46, 47, ARA).

Acaso, se reuniram no domingo à noite porque esse era um dia especial ou porque Paulo ia partir? Evidentemente, porque Paulo ia embora.

Celebraram a Santa Ceia porque era domingo, entendendo que esse era o dia em que cada semana se reuniam para fazê-lo?

Lucas não dá nenhum indício que permita confirmar a prática da Santa Ceia em cada domingo de todas as semanas, como um dia especial. O verbo no texto grego “partir o pão” é infinitivo no aoristo segundo. Em sua *Gramática Grega do Novo Testamento*, F. Blass e A. Debrunner afirmam: “No aoristo, a ação exata, momentânea, é concebida com um ponto que se localiza quer seja no começo ou no fim da ação” (p. 318).

Seu caráter exato, não repetitivo, é a chave aqui para se entender que não se trata de algo que tenha sido realizado em cada domingo, nem algo que se realizará todos os domingos, dali para frente. Ocorreu naquele domingo, particularmente, e nada mais.

O importante do relato não é o dia em que ocorreu, nem o ambiente no qual foi realizada a Santa Ceia, mas o *fato ocorrido*: uma reunião de despedida porque Paulo iria partir no dia seguinte.

O discurso de Paulo (v. 7b). Não foi um discurso formal como uma pregação de culto. Apenas uma conversação. No texto grego, Lucas diz: “Paulo falou ao povo, pretendendo partir no dia seguinte” (NVI). Ou seja, nada mais que uma conversação para lembrar os assuntos importantes que lhes havia ensinado e os respectivos argumentos que os esclareciam. Paulo queria estar certo de que se lembravam de todos os seus ensinamentos e não se restringiu por causa do tempo. “Prolongou o discurso até a meia-noite”, acrescentou Lucas.

Esse ambiente tranquilo, sem nenhuma formalidade, familiar e noturno da reunião também indica que não se tratava de uma reunião formal praticada pela igreja num culto de adoração, para o qual os cristãos tivessem dedicado o dia de domingo, excluindo dessa atividade os outros dias.

Era a conversação de um missionário que se despedia. Uma festa com elementos espirituais, sociais e afetivos. Um fato exato que correspondia a essa ocasião, pois Paulo não estaria se despedindo todos os dias.

Êutico, uma tragédia que trouxe consolo (v. 8-12). Lucas chama a atenção para um detalhe, aparentemente sem muito significado: a iluminação do local. De acordo com ele, “havia muitas lâmpadas no cenáculo onde estávamos reunidos” (ARA).

O quarto estava totalmente iluminado. Nada secreto, nem sinistro estava ocorrendo ali. Tudo estava claro. Além disso, a reunião era realizada no andar mais alto da casa, local reservado para encontros espirituais e sociais; eventos que, por sua iluminação, tornavam-se visíveis a todas as pessoas que estivessem nas outras casas e seus arredores.

Por outro lado, o óleo que era queimado nas lâmpadas contaminou o ar e Êutico, um jovem que estava sentado em uma janela, adormeceu profundamente. Foi uma tragédia. “Caiu do terceiro andar abaixo”, escreveu Lucas, “e foi levantado morto” (ARA).

O médico Lucas sabia do que estava falando. Os irmãos ficaram comovidos. Dor. A morte sempre gera dor muito intensa. Forma muito ruim de concluir uma reunião cristã da qual, ainda mais,

pela própria iluminação do quarto, muitas pessoas da vizinhança sabiam o que estava ocorrendo. Frequentemente levantavam estranhas acusações contra os cristãos. Poderiam até acusá-los de haver matado o jovem como um ato cultural dedicado à divindade. Tudo se associava à dor do grupo. Mas Paulo, descendo ao lugar onde haviam colocado o morto, com a segurança da fé que conhece bem a vontade de Deus, lhes disse: “Não fiquem alarmados! Ele está vivo!” (NVI).

Logo procedeu do mesmo modo como nos tempos antigos Elias e Eliseu haviam atuado. Quando o filho da viúva de Sarepta morreu, Elias orou. “Então ele se deitou sobre o menino três vezes e clamou ao Senhor: ‘Ó Senhor, meu Deus, faze voltar a vida a este menino!’ O Senhor ouviu o clamor de Elias, e a vida voltou ao menino, e ele viveu” (1Rs 17:21, 22, NVI).

Quando morreu o filho da benfeitora de Eliseu em Suném, ele entrou no quarto do menino, fechou a porta e orou ao Senhor. “Deitou-se sobre o menino e, pondo a sua boca sobre a boca dele, os seus olhos sobre os olhos dele e as suas mãos sobre as mãos dele, se estendeu sobre ele; e a carne do menino aqueceu. Então, se levantou, e andou no quarto uma vez de lá para cá, e tornou a subir, e se estendeu sobre o menino; este espirrou sete vezes e abriu os olhos” (2 Rs 4:34, 35, ARA).

Paulo fez o mesmo. Lucas o descreveu assim: “Inclinou-se sobre o rapaz e o abraçou” (NVI). A seguir, disse: “Não fiquem alarmados! Ele está vivo!” (NVI).

Todos retornaram ao terceiro andar para continuar a reunião. Paulo partiu o pão; já era o segundo dia da semana, e continuou a lhes falar até o amanhecer. Em seguida, partiu.

Os irmãos também foram embora do cenáculo onde suas emoções de despedida se haviam tornado mais tristes pela morte de Êutico. Mas como ele estava vivo, foram consolados. Consolaram-se pela despedida e pela morte. Não há, por acaso, a sensação de morte em cada despedida? O consolo vem através da ressurreição de tudo o que necessite retornar à vida. No espírito dos discípulos de Trôade, tudo havia revivido.

Viagem de Trôade para Mileto: solidão produtiva (v. 13-16)

Os companheiros de Paulo embarcaram imediatamente. Ele, porém, decidiu fazer a viagem a pé, de Trôade para Assôs, o porto seguinte onde a embarcação atracaria. O caminho era direto e mais curto que a viagem por mar. Paulo precisava ficar sozinho. Enquanto caminhava, poderia meditar, orar e planejar novamente para o futuro.

A mente de um homem que trabalha com pessoas, sempre argumentando para convencê-las, precisa de descanso e solidão. Na solidão, as melhores forças espirituais são reavivadas, o espírito criativo é agilizado, a capacidade de argumentar é fortalecida, o autocontrole se torna mais firme. As energias espirituais e mentais, na livre conversação que a mente realiza em solidão com Deus, multiplicam-se, tornam-se mais comunicativas e mais convincentes. Paulo precisava dessa solidão.

“Quando se reuniu conosco em Assôs”, escreveu Lucas, “recebe-mo-lo a bordo e fomos a Mitilene” (ARA).

No dia seguinte, passaram em frente a Quios e um dia depois atracaram em Samos, fazendo uma pequena escala em Troglílio. No terceiro dia, chegaram a Mileto. Paulo havia pensado em ir de Mileto a Éfeso, mas mudou de planos porque desejava chegar a Jerusalém com tempo para estar ali no dia de Pentecostes, que no ano 57 a.C. seria em 29 de maio.

Em Mileto: reunião com os anciãos de Éfeso (v. 17-35)

Mas, ao chegar a Mileto, soube que o barco ficaria vários dias nesse porto. Enviou um mensageiro aos anciãos de Éfeso, que lhes comunicou o desejo de se reunir com eles em Mileto. Eles foram. A ocasião foi memorável. Um exemplo de relacionamento pastoral com os conversos ganhos por um missionário incansável e constantemente interessado em seus “filhos na fé”. Paulo transmitiu instruções indispensáveis de grande valor para eles e para todos os dirigentes espirituais de todas as épocas. Mencionou os seguintes assuntos:

1. Conduta e trabalho de um missionário (v. 18-21).

Paulo começa suas últimas instruções aos efésios fazendo-lhes lembrar sua própria conduta enquanto esteve com eles. “Vós bem

sabeis como foi que me conduzi entre vós em todo o tempo, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia” (ARA).

A conduta a que Paulo se referiu é um modo de ser. O que ele fez quando estava com eles não era uma conduta passageira ou circunstancial. Era seu modo permanente de atuar, pois ele era assim.

“Vós bem sabeis”, disse.

“Observem o interior de seus próprios pensamentos a meu respeito. Esses conceitos que se formaram enquanto vocês observavam minhas atitudes diárias. Assim vocês sabem quem eu sou. Ninguém lhes falou a meu respeito. Ninguém colocou em vocês essas ideias sobre minha pessoa, nem eu mesmo. Vocês as elaboraram por si mesmos, porque viram o que eu fazia. Vocês não apenas sabem a meu respeito, mas entendem o que eu faço: conhecem minhas motivações, minhas intenções, meus objetivos. Tudo o que sou esteve aberto ao escrutínio de vocês, e dessa forma sou conhecido.”

“Vocês sabem que desde o primeiro dia em que cheguei, servi ao Senhor com toda a humildade” (NVI).

“Foi um serviço semelhante ao serviço de um escravo. Nunca desprezei uma ordem do Senhor, nunca reclamei direitos perante Ele; nunca me queixei de nada. Fui Seu obediente escravo o tempo todo. Humilde. Com a humildade da mente que se coloca sob a mente de Deus e dos seres humanos, por estar determinada a servi-los. Nenhum pensamento de benefício próprio no serviço, salvo o desejo de que Deus me aceitasse como Seu servo e que vocês não rejeitassem meu serviço.”

“Servi ao Senhor com toda a humildade e com lágrimas, sendo severamente provado pelas conspirações dos judeus” (NVI).

“O que eram minhas lágrimas senão apenas um modo de mostrar minhas emoções comprometidas com Deus, até a angústia? O que era minha dor, quando a sentia, mais que um açoite em minha carne, golpeada com a força brutal do inimigo, que o Senhor transformava em nova força para continuar servindo-O com alegria? Inimigos! O que são os inimigos? O que podem contra mim quando o poder de Deus está comigo?”

“Vocês sabem que não deixei de pregar-lhes nada que fosse proveitoso, mas ensinei-lhes tudo publicamente e de casa em casa” (NVI).

“Fui um verdadeiro pastor para todos vocês. Cuidei de vocês quando estavam com problemas e quando não estavam. Preguei-lhes a verdade do Senhor, a que mais necessitavam; e a que necessitavam menos não deixei de lhes anunciar. Transmiti-lhes conhecimentos quando vocês faziam parte da comunidade inteira de crentes e também na própria intimidade de seus lares, como uma única pessoa, preciosa para Deus e para mim. O coração pastoral que Deus me deu não podia descuidar de vocês em momento algum. Nunca deixei de mostrar interesse por vocês. Eu os busquei, servi, amei e por vocês sofri sem nunca renunciar a meu sofrimento.”

“Testifiquei, tanto a judeus como a gregos, que eles precisam se converter a Deus com arrependimento e fé em nosso Senhor Jesus” (NVI).

“Para os incrédulos, fui missionário, pregador e evangelista. Não fiz diferença entre judeus e gentios. Nem raça, nem cor, nem posição social me fizeram pensar em tratamentos diferentes. Fui tudo para todos. Deus precisava de todos, com a atitude básica de arrependidos. Sem arrependimento não pode haver perdão, e sem perdão ninguém se salva. Eu lhes falei do perdão; ensinei-lhes como viver o arrependimento, sem nenhuma falsidade, com a honesta integridade da tristeza; aquela tristeza que sente a dor pelo que fez, e nunca pelo duro dissabor das consequências.

“Falei-lhes da fé. Contei-lhes sobre o Senhor Jesus Cristo. Disse-lhes tudo o que a fé nEle significa para uma pessoa separada de Deus, perdida. Significa salvação. Vida eterna. Alegria e gozo, desde agora e para sempre. Uma consciência pura, sem perturbações, com a paz de um rio profundo, com a alegria de uma suave manhã primaveril, toda coberta de flores. Também lhes disse que todos nós somos semelhantes a Ele quando cremos. Quando cremos, Ele mesmo vive em nós e somos unicamente Seu espelho, por meio do qual, em todo momento, Ele mesmo Se reflete, Sua própria presença, Sua vida como ela é quando Ele a vive, Ele em nós e nós nEle; uma única pessoa quando nEle cremos com toda a força de nossa

simples fé, tão simples como a simples mão de uma criança quando pede alguma coisa.

“Isso eu fui; foi isso o que eu fiz para vocês no passado.”

E agora?

2. “Desejo somente uma coisa preciosa: concluir minha carreira com alegria.”

Paulo e o grupo de anciãos estavam repletos de uma emoção muito especial. Um sentimento fraternal. Afeto espiritual profundo. Desejo de entrega total a Deus e a Jesus Cristo. O apóstolo continuou dizendo: “Agora, compelido pelo Espírito, estou indo para Jerusalém, sem saber o que me acontecerá ali. Só sei que, em todas as cidades, o Espírito Santo me avisa que prisões e sofrimentos me esperam” (NVI).

“O Espírito Santo sempre me conduziu. Tudo o que fiz foi decidido por Ele. Por que teria que ser diferente agora? Vou vacilar agora, ou desviar minha jornada somente porque prisões e sofrimentos me são anunciados? Isso, por acaso, é novidade para mim? Já não sofri em outros lugares? Não fui aprisionado injustamente? Não há prisão que me detenha. Não. Não há dor que me amedronte. Sou servo do Senhor e isso é tudo em minha vida.”

E a vida, o que são as coisas da vida?

“Porém em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus” (ARA).

“Minha vida não está a serviço de mim mesmo. Isso seria egoísmo. O objetivo de minha vida: eu mesmo? Seria muito pouco objetivo, muito limitado, muito restrito. Minha mente em uma prisão, solitária, sem ninguém. Eu estaria enfermo; uma enfermidade de morte, uma morte sem esperança. Sem esperança, perdido.

“Tenho uma tarefa, uma missão do Senhor. Esse é o meu objetivo: anunciar o evangelho. Contar que a graça de Deus está disponível a todos os pecadores com o mesmo afeto, com a mesma generosidade, com o mesmo amor, para que todo o que crer em Jesus Cristo receba salvação e vida eterna. Nenhum outro objetivo é superior. Nenhum mais nobre. Nenhum tão peculiar de Deus. Nenhum tão próximo a

Jesus. Nenhum tão cheio do Espírito Santo. Nenhum que eu queira mais, porque eu o quero mais que a minha própria vida.”

3. A responsabilidade de Paulo pelos dirigentes de Éfeso (v. 25-27).

Continuou dizendo: “Agora sei que nenhum de vocês, entre os quais passei pregando o Reino, verá novamente a minha face” (NVI).

“Sinto muito, mas meu relacionamento pessoal com vocês está chegando ao seu fim. Não porque vocês ou eu tenhamos determinado isso. A vida é assim. Tive bom relacionamento com vocês. Anunciei-lhes o reino de Deus que, sendo espiritual agora, produz relações de afeto muito saudáveis e, em nosso caso, foram diretas por um longo tempo. Mas de agora em diante não nos veremos mais.

“Há uma coisa que deve ficar bem clara: ‘Estou limpo do sangue de todos; porque jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus’ (ARA). Não podem dizer que por negligência minha exista algo sobre a verdade divina que vocês não conheçam. Fui um pastor e mestre que cumpriu sua obrigação ensinando tudo o que Deus queria transmitir a vocês. Estão preparados para enfrentar qualquer situação relacionada com a doutrina.”

4. A responsabilidade dos anciãos (v. 28-31).

“Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus” (NVI).

“A primeira coisa que devem fazer é cuidar de vocês mesmos. Ter a mente e o pensamento voltados para si mesmos, no seu atendimento espiritual. Não descuidem de sua própria pessoa. Em primeiro lugar, sejam pastores de vocês mesmos, de tal forma que não lhes ocorra nenhum afastamento. Protejam-se de todo mal. Cuidem-se de vocês como eu os pastoreei. É indispensável que nada de errado ocorra com vocês para que possam ser bons pastores de todo o rebanho.

“Isto é o que devem ser: pastores do rebanho inteiro e de cada membro em particular. Para isso o Senhor os colocou como bispos da igreja. O mesmo cuidado que têm para com vocês mesmos, tenham-no para com a igreja. Nem menos nem mais. Lembrem-se de que vocês também são membros da própria igreja que pastoreiam. Ao cuidar dela, como lhes digo, de todos em conjunto e de cada um

individualmente, deve haver total integração entre vocês e ela, de modo que a defendam sempre, tanto quanto vocês se defendem de qualquer mal. Vivam por ela e para ela.

“Tenham sempre em mente que o Senhor comprou a igreja para Si mesmo. Pagou por ela o preço de sangue; deu por ela Seu próprio sangue. Não deixem que ninguém a deprecie, que ninguém a divida. O futuro não será fácil para ela nem para vocês.”

Quais os perigos?

“Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho” (ARA). Lobos que estarão à espreita, somente esperando que o pastor esteja distante, se descuide, que se ocupe com coisas alheias ao seu trabalho. Coisas que, estimulando seu próprio ego, o separem de Deus, o distanciem do seu Senhor, o tornem independente do Espírito Santo.

Que tristeza! Que espanto! Que pena!

“Dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles” (ARA).

Coisas que distorcerão a própria compreensão da igreja. Perverterão a doutrina, contaminarão a mente dos membros, desprestigiarão seus líderes. Farão tudo que for possível para demonstrar que somente eles são bons, somente eles são dirigidos por Deus, somente eles têm o Espírito Santo e somente o que eles ensinam é a verdade revelada por Deus. Não se importarão com a vida passada da igreja. Sua experiência com Cristo, como o Senhor esteve com ela, como a guiou para a luz, como a protegeu do mal e como a livrou do maligno. Dirão somente que tudo mudou, que o Senhor pede algo novo, algo próprio do meio e adequado para o ambiente onde a igreja vive. Novo modo de viver para um tempo novo e tranquilo.

O apóstolo sentia uma carga pesando em sua vida. A carga da apostasia terrível e próxima. Deus a havia revelado quando ele trabalhava em Tessalônica, na segunda viagem missionária. Pouco mais adiante, quando fez sua primeira visita à cidade de Corinto, ainda na segunda viagem missionária, no fim do ano 51 ou começo do ano 52 d.C., tornou a se referir a ela. Dessa vez por carta – a segunda que lhes escreveu de Corinto.

Então, lhes disse: “Com efeito, o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém; então, será, de fato, revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de Sua boca e o destruirá pela manifestação de Sua vinda. Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos” (2Ts 2:7-10, ARA).

“Anciãos de Éfeso, vocês não podem se descuidar porque esse terrível mal atingirá também a vocês.”

“Por isso, vigiem! Lembrem-se de que durante três anos jamais cessei de advertir cada um de vocês a respeito disso, noite e dia, com lágrimas” (NVI).

Paulo estava chegando ao fim de seu discurso. Havia apenas mais uma coisa que ele queria lhes dizer. Algo indispensável e muito prático.

5. A vinculação com Deus e com Sua Palavra (20:32-35).

Disse-lhes: “Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor” (ARA).

“Deixo vocês sob o cuidado de Deus. Sua mão protetora estará com vocês. Se não se afastarem dEle, podem ter a certeza de que Ele jamais os deixará à mercê do inimigo. Confie em Seu poder e vivam somente para Ele. Seus caminhos são bons. Sua vontade é poderosa e cheia de bondade para com Seus filhos fiéis. Nele, vocês todos estarão seguros.”

“Encomendo-vos também à Palavra da Sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados” (ARA).

“A Palavra os edificará em todos os aspectos da vida. Ela os fará espiritualmente fortes. No conhecimento da salvação, nada lhes faltará. A doutrina será clara e lhes fortalecerá para viver como vivem os santos.

“Por essa razão, a Palavra também lhes dará a herança que pertence aos santificados. Com ela, terão tudo o que os santos sempre tiveram: esperança, consolo, segurança, graça, todas as marcas de caráter que os separam para Deus, a salvação, a vida eterna e todas as Suas demais bênçãos. As abundâncias inesgotáveis de Deus.

“Mas nunca cobicem coisa alguma.”

“Não cobicei a prata nem o ouro nem as roupas de ninguém” (NVI).

A herança dos santos não é obtida pela cobiça, nem é alcançada por artimanhas da astúcia humana que quer beneficiar a si mesma com tudo o que possa tocar ou ver. Ele é obtida com trabalho e com esforço. “Vocês mesmos sabem que estas minhas mãos suprimam minhas necessidades e as de meus companheiros” (NVI).

Trabalho físico para atender as necessidades físicas. Para as necessidades espirituais, trabalho espiritual. Nenhuma necessidade é atendida por si mesma. Todas dependem do trabalho humano e o trabalho das pessoas fiéis depende da bênção divina. Não diga: minha mão conseguiu esta riqueza. Ela se tornou possível apenas porque o poder de Deus lhe deu força, porque a bênção de Deus lhe outorgou abundância de posses, que dá a todos abundantemente e não recrimina; Ele lhe deu tudo o que você tem, para que você possa ser uma bênção ao que não tem.

E Paulo concluiu seu discurso dizendo: “Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer os necessitados e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar que receber” (ARA).

Cada discurso de Paulo tinha como objetivo mostrar um modelo. Um modelo de vida pastoral que, com a bênção divina, havia-se encarnado na vida do apóstolo. Ele os fez recordar o que havia feito para que, a partir daquele momento, quando já não poderiam contar com seus conselhos, nem com sua ajuda, eles ocupassem plenamente seu lugar, substituindo-o na administração das igrejas. Assim como ele havia dependido de Deus e de Sua Palavra, eles deviam depender unicamente da Palavra e do próprio Deus, porque o poder que governa devidamente a igreja e que atende a todas as suas necessidades físicas, espirituais e missionárias está permanentemente em Deus e na Palavra.

Despedida: oração e afeto (v. 36-38)

O momento de dizer adeus havia chegado. Tudo o que era necessário dizer, havia sido dito. Faltavam somente a oração e as de-

monstrações de afeto fraternal que existia em todos com a mesma abundância do Senhor.

Lucas descreve a cena: “Tendo dito estas coisas, ajoelhando-se, orou com todos eles” (ARA).

Foi um ato espontâneo. Encorajamento do espírito humano que se encontra em Deus como algo comum de Seus domínios. A oração somente é comparada ao simples ato de respirar. No cristão fiel, assim como a respiração no corpo humano, a oração ocorre sem esforço, sem interrupção, sem extinguir-se. Um incessante palpitar de vida que mantém a vida e a prolonga. Oraram a Deus. Lucas não registrou nenhuma de suas palavras. Para que registrá-las? Acaso, são importantes as palavras que são elevadas a Deus em oração? Ou tem mais valor a vida que desse modo de aproxima dEle? Não tem maior valor a nova pessoa que, após a oração, retorna à vida rotineira conduzindo a experiência da própria intimidade com Deus, com vida plena?

Logo o afeto foi demonstrado. “Então, houve grande pranto entre todos, e, abraçando afetuosamente a Paulo, o beijavam” (ARA).

Como o queriam bem! Poderia ser menor essa demonstração depois de ele lhes haver pregado a Jesus Cristo e o evangelho que traz vida eterna? No cristianismo, Cristo une as emoções de alguns com os melhores sentimentos de outros. Todos se amam. O amor com o qual Cristo os amou os alcança como experiência própria, quando aceitam a Jesus e vivem juntos, todos unidos, pela ação sempre presente do Espírito Santo.

Somente uma tristeza: “Entristeceram-se grandemente”, escreveu Lucas, “pela palavra que ele dissera: que não mais veriam o seu rosto” (ARA).

A separação é a dor de uma perda. Nela, não se perde o afeto. Perde-se a presença. Lembro-me de você, mas você não está. Amo você, mas você foi embora. O que você faz na sua ausência? Apenas uma recordação em minha memória? Uma lágrima guardada da despedida? O que resta de você quando você não permanece? Somente meu afeto, minha dor, a despedida?

Os anciãos acompanharam Paulo até o navio.

E ele se foi.

Viagem de Paulo a Jerusalém: estou pronto (At 21:1-16)

Ao embarcar em Mileto, Paulo iniciou a etapa final da viagem a Jerusalém. Já estava informado a respeito dos perigos que o esperavam ali, mas nada diminuiu sua determinação de chegar a essa cidade. O relato de Lucas destaca dois locais no trajeto: Tiro e Cesareia. Nos dois, ele recebeu advertências e conselhos para mudar seus planos e não ir a Jerusalém. Paulo simplesmente disse: “Estou pronto.”

Tinha completa disposição, sem se preocupar com o perigo, nem com a realidade que esse perigo, anunciado antecipadamente, pudesse lhe apresentar.

Tiro: disposto a enfrentar o perigo (v. 1-6)

Lucas apresenta o itinerário da viagem. Menciona lugares por onde não passaram e outros onde ficaram pouco tempo. No trecho entre Mileto e Tiro, menciona Cós, Rodes e Chipre. A menção desses lugares oferece realismo e validade ao relato. Uma rápida menção da evidente sensação da pressa de Paulo para chegar a Jerusalém. Como sabia o que o esperava, parece que ao escrever dessa forma, Lucas comunica a ideia de que, para Paulo, quanto mais rápido enfrentasse a experiência negativa que o esperava em Jerusalém, melhor seria.

Uma vez que não poderia evitar a prisão previamente anunciada, era melhor estar nela o mais rápido possível. Uma filosofia de vida muito saudável. Não se privar de viver a realidade. De fato, a realidade é a única coisa inalterável que ocorre na vida diária dos seres humanos. Não a realidade que se pretende, mas a que de fato acontece. Negá-la como se não existisse, quando ela está presente, é tolice. Falta de saúde mental. É preciso vivê-la e tirar o melhor proveito para o único objetivo válido na vida: a missão. Era isso o que Paulo sempre fazia.

“Chegamos a Tiro”, diz Lucas, “pois o navio devia ser descarregado ali” (ARA).

Eram necessários sete dias para descarregar o navio. Paulo e seus companheiros poderiam ter procurado outro navio para viajar

imediatamente para Cesareia e Jerusalém. Mas como essa espera não os impediria de estar em Jerusalém a tempo para a festa de Pentecostes, permaneceram durante aquela semana em Tiro.

Havia na cidade uma igreja cristã. Não eram conversos de Paulo. Possivelmente, tivesse sido fundada pelos discípulos que fugiram de Jerusalém quando ocorreu a perseguição na qual Estêvão foi morto. Lucas havia informado a esse respeito (At 11:19).

Tiro estava localizada na Fenícia. Era um importante centro comercial. Tornou-se famosa por sua produção de tecidos, especialmente os que eram de púrpura com o fluido amarelo de um molusco chamado murex. Em contato com a luz solar, o fluido se tornava púrpura, e os fenícios o usavam como corante para tingir tecidos com os quais eram confeccionadas túnicas para reis e pessoas muito ricas. É dito que o corante murex valia mais que seu próprio peso em ouro.

Na igreja de Tiro, havia pessoas que tinham o dom de profetizar. O Espírito Santo as informou sobre o que aconteceria a Paulo em Jerusalém. Sabendo disso, elas o aconselhavam: “Não suba a Jerusalém.” Porém, Paulo, sabendo que a informação vinha do Espírito Santo, mas o conselho para não ir a Jerusalém provinha dos crentes dessa cidade, continuou sua viagem, sem se desviar do seu objetivo.

Passados os sete dias de espera, os discípulos da cidade o acompanharam até o navio. Já se havia estabelecido entre eles e Paulo um vínculo de afeto cristão, como sempre ocorria, porque os laços emocionais que produzem a fé comum e o comum serviço a Jesus não precisam de tempo para se desenvolver.

Todos acompanharam Paulo: os crentes com as respectivas famílias. Todos. Dos arredores da cidade chegaram à praia e oraram.

E antes de entrar no navio, sob o olhar dos atônitos passageiros e tripulantes, uma semana antes desconhecidos, abraçaram-se uns aos outros mostrando o afeto próprio de antigos conhecidos. Mas esse afeto não era produzido por relações sociais ou familiares. Era o afeto da fé comum. Era o carinho do mesmo Senhor a quem todos serviam e amavam com igual entrega.

Paulo continuou adiante, disposto a enfrentar qualquer perigo que o aguardasse em Jerusalém.

Cesareia: disposto a morrer (v. 7-16)

O navio deteve-se por um dia em Ptolemaida. Ali também havia cristãos, os quais, de acordo com Lucas, foram saudados por Paulo e seus companheiros. Em seguida, continuaram a viagem para Cesareia, onde Filipe morava e ficaram com ele.

“Ali Paulo passou uns poucos dias, pacíficos e felizes – os últimos da perfeita liberdade de que ele devia gozar por muito tempo” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 397).

De Jerusalém receberam uma visita muito importante: o profeta Ágabo. O mesmo que foi de Jerusalém para Antioquia quando Barnabé e Paulo estavam no auge de seu trabalho missionário nessa cidade, e anunciou a grande fome que ocorreu no tempo do imperador Cláudio (At 11:27, 28). Quando viu Paulo, tomando-lhe o cinto, uniu com ele as mãos e os pés do apóstolo e disse: “Assim diz o Espírito Santo: ‘Desta maneira os judeus amarrarão o dono deste cinto em Jerusalém e o entregarão aos gentios’” (NVI).

Era a confirmação de anúncios anteriores. Ágabo apenas informou o conteúdo da profecia. Nenhum conselho revelado ou pessoal sobre o que Paulo devia ou não fazer. Ele também era guiado pelo Espírito Santo e sabia qual era seu dever. Entretanto, outros, inclusive Lucas, o aconselharam: “Quando ouvimos estas palavras, tanto nós como os daquele lugar, rogamos a Paulo que não subisse a Jerusalém” (ARA).

Contudo, Paulo não se deixou guiar pelo bom desejo de todos eles.

Vendo que estava disposto a morrer e que seria impossível modificar sua decisão de ir a Jerusalém, disseram: “Faça-se a vontade do Senhor” (ARA).

Subiram a Jerusalém. Foram acompanhados por alguns discípulos de Cesareia e por um homem chamado Mnasom, antigo discípulo de Chipre, em cuja casa ficariam hospedados em Jerusalém. Sem dúvida, essa hospedagem foi combinada com ele na casa de Filipe. Os cristãos eram de um só coração e um só afeto. Ajudavam-se mutuamente, porque todos eles se amavam no Senhor.



Paulo em

9 Jerusalém: Prisão e Julgamento

Jerusalém estava repleta de pessoas. Estava sendo celebrada a festa de Pentecostes e haviam chegado judeus de todas as partes. Essa era uma das três festas anuais em que era exigida a presença de todos os homens judeus, no templo. Tinham que viajar a Jerusalém (Êx 23:17).

Era também chamada a Festa das Semanas, Festa das Primícias e Festa da Colheita (Êx 34:22). Tinha a duração de um dia. Era o 50º dia, sete semanas depois da cerimônia da oferta movida, que se realizava no segundo dia da Festa dos Pães sem Fermento (Lv 23:15, 16). A ordem era a seguinte: em 14 de Nisan, a oferta do Cordeiro Pascal; em 15 de Nisan, começava a Festa dos Pães sem Fermento; em 16 de Nisan, era apresentada a oferta movida. A partir daí, contavam-se os cinquenta dias para a Festa de Pentecostes. O mês de Nisan era o primeiro mês do ano judeu. Começava com a lua nova que, de acordo com o nosso calendário, caía no mês de março ou abril.

Os judeus chegavam em Jerusalém no devido tempo para cumprir seus votos e se purificar para estar em condições cerimoniais apropriadas para o dia da festa. Havia muita agitação no templo e Paulo enfrentaria uma situação que mudaria para sempre seu estilo de vida e o modo de cumprir a missão. Teria que fazê-lo na maior

parte do tempo de vida que lhe restava, como prisioneiro. Sua prisão começou no templo (At 21:17-26:32)

Aprisionamento no templo (At 21:17-22:29)

Era o templo destinado à adoração a Deus, ou para aprisionar pessoas inocentes? Como centro físico da religião e da cultura dos judeus, havia-se tornado um lugar no qual qualquer coisa podia acontecer. Eram praticados desde os atos mais piedosos que um judeu era capaz de praticar, e eram muitos, até os atos mais distantes de Deus, como a ação do ódio intransigente que colocava as vítimas em verdadeiro perigo de morte. A vida e a morte se aproximam perigosamente nos atos religiosos quando estes se desviam de Deus. O egoísmo é sempre uma atitude assassina. A pessoa que odeia mata, porque o ódio a torna menos humana, e, concentrando seus instintos mais baixos, pode mobilizar suas paixões ao ponto de torná-la agressiva, violenta e criminosa. Matar por motivação religiosa parece um contrassenso, mas ocorre.

Mais de uma vez Paulo havia enfrentado essa realidade. Encontrou-se com possíveis assassinos seus que buscavam sua morte como se busca a melhor das bênçãos divinas. Consciente ou inconscientemente, atuavam com a mesma paixão contra a vida, que somente o maior inimigo de Deus, Satanás, possui. Paulo estava para vivenciar novamente esse perigo.

Encontro com dirigentes cristãos: alegria e conselho (v. 17-25)

“Quando chegamos a Jerusalém”, diz Lucas, “os irmãos nos receberam com alegria” (NVI).

O grupo de Paulo era a equipe missionária de maior êxito que a igreja mundial possuía. Heróis da missão. Todos os fiéis de Jerusalém ouviam e contavam as maravilhas que, por meio deles, o Senhor fazia. Percorriam os melhores lugares do Império, pregando o evangelho e expandindo a presença da igreja no avanço de autênticos conquistadores. Não conquistavam o Império; conquistavam pessoas para Cristo. Perdidos, sem nenhuma chance de salvação,

tornavam-se crentes, servidores ativos da missão cristã. Servos incondicionais do Senhor.

Com grande expectativa, todos os crentes de Jerusalém esperavam a chegada deles. Queriam vê-los. Ouvi-los. Escutar de seus próprios lábios as histórias missionárias que outros a eles relatavam. Mas todos esses cristãos judeus eram fiéis observadores da lei de Moisés. Tinham suas dúvidas quanto a algumas coisas que ouviam sobre práticas seguidas por Paulo com respeito à lei.

Um dia após sua chegada, Paulo e seu grupo visitaram Tiago, líder máximo da igreja mundial. Todos os anciãos estavam com ele. Eram os dirigentes das igrejas de Jerusalém e uma espécie de Comissão Diretiva que atendia os assuntos oficiais da igreja. Depois de afetuosas saudações, o que é próprio entre líderes cristãos quando se encontram, Paulo se dispôs a dar as informações.

A seguir, Lucas diz: “Contou minuciosamente o que Deus fizera entre os gentios por seu ministério” (ARA).

Tudo era alegria. Glorificaram a Deus pelo extraordinário relatório que acabavam de ouvir. A igreja estava em franco progresso em todos os lugares.

Porém, da alegria genuína passaram à cautela. Chamaram a atenção do corajoso pregador para os muitos judeus que, em Jerusalém, haviam crido e aos preconceitos que eles tinham com respeito ao seu trabalho.

“Bem vê, irmão”, lhe disseram, “quantas dezenas de milhares há entre os judeus que creram, e todos são zelosos da lei; e foram informados a teu respeito que ensinas todos os judeus entre os gentios a apostatarem de Moisés, dizendo-lhes que não devem circuncidar os filhos, nem andar segundo os costumes da lei” (ARA).

Depois do relatório sobre a obra feita pelo Espírito Santo entre os gentios, essa informação pareceu estranha. Dava a impressão de que esses líderes viram nos crentes judeus de Jerusalém um poder de ação diferente do poder do Espírito Santo. “Tão logo saibam de sua chegada, certamente se reunirão.” Isso implicava o conceito de que era melhor se preparar devidamente para esse encontro. De que forma? Através de um conselho: “Faze, portanto”, lhe disseram,

“o que te vamos dizer: estão entre nós quatro homens que, voluntariamente, aceitaram voto; toma-os purifica-te com eles e faz a despesa necessária para que raspem a cabeça; e saberão todos que não é verdade o que se diz a teu respeito; e que, pelo contrário, andas também, tu mesmo, guardando a lei” (ARA).

Lucas não menciona o que Paulo pensou. Posso imaginar: Como pode ser? Tenho ou não o apoio desses líderes? É correto ou não o que o concílio de Jerusalém, com a presença deles mesmos, decidiu sobre esses assuntos? Por que não comunicaram às igrejas de Jerusalém que esse assunto já está resolvido, e totalmente resolvido para sempre? Suas perguntas devem ter-se desenhado no rosto porque os líderes lhes haviam contado.

“Quanto aos gentios que creram, já lhes transmitimos decisões para que se abstenham das coisas sacrificadas a ídolos, do sangue, da carne de animais sufocados e das relações sexuais ilícitas” (ARA).

Havia duas normas? Uma para os cristãos judeus e outra para os cristãos gentios? Se tivesse sido assim, a igreja universal não teria sido universal. Divisão da igreja desde o próprio começo? Quem estaria fazendo essa obra? Não podia ser Cristo. Quando Ele estava chegando ao fim de Sua obra na Terra, orou ao Pai estas palavras:

“Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em Mim, por intermédio da Sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és Tu, ó Pai, em Mim, e Eu em Ti, também sejam eles em Nós; para que o mundo creia que Tu Me enviaste” (Jo 17:20, 21).

A igreja devia ser uma só. Não devia ser duas, nem várias; dividida por práticas diferentes, nem por diferentes doutrinas, conforme as situações culturais ou formas de cultos das várias regiões geográficas do mundo.

Alvorço e prisão de Paulo (v. 26-36)

Havia algo estranho nesse conselho. Mas, para não criar problemas, se de algum modo pudesse evitar que a mencionada divisão oculta na mente e nos preconceitos se tornasse visível nos fatos, ele seguiu o conselho. “Tomando aqueles homens”, escreveu Lucas,

“no dia seguinte, tendo-se purificado com eles, entrou no templo, acertando o cumprimento dos dias da purificação, até que se fizesse a oferta em favor de cada um deles” (ARA).

Já estava feito. Faltavam somente os sete dias da purificação. Aparentemente, não haveria nenhuma consequência negativa. Mas não foi assim. Toda a intenção de dividir a igreja, por qualquer razão que seja, traz suas consequências. Nenhuma é positiva para ninguém. A única coisa que produz a bênção total de Deus é mantê-la unida. A sombra que todo desvio produz começou a espalhar suas trevas no momento menos pensado. Lucas o descreveu assim: “Quando já estavam por findar os sete dias, os judeus vindos da Ásia, tendo visto Paulo no templo, alvoroçaram todo o povo e o agarraram” (ARA).

Começaram a gritar: “Israelitas, ajudem-nos! Este é o homem que ensina a todos em toda parte contra o nosso povo, contra a nossa lei e contra este lugar. Além disso, ele fez entrar gregos no templo e profanou este santo lugar” (NVI).

Puro preconceito. Tinham visto Paulo na cidade, acompanhado de Trófimo, o efésio, e imaginaram que ele havia introduzido esse gentio no templo. Não havia feito isso. Mas, para eles, a realidade não importava. Somente importava o que eles, com sua fanática imaginação, concebiam como real. Era uma falsidade.

No entanto, a multidão da cidade, alvoroçada, se aglomerou sobre Paulo. Arrastaram-no para fora do templo, fecharam as portas, e tentaram matá-lo. Alguém levou a notícia ao comandante das tropas romanas; na hierarquia militar romana, um tribuno militar comandava uma corte de mil soldados. Força suficiente para manter a ordem em uma cidade como Jerusalém. Essa corte tinha sua base na torre chamada Antônia, construída por Herodes, o Grande, ao nordeste do templo, em honra a Marco Antonio. O comandante se chamava Cláudio Lísias (At 23:26).

“Toda a cidade de Jerusalém estava amotinada”, foi a informação chegada ao comandante da força, que deu ordens urgentes. “Centuriões, soldados, corram!” E ele correu com eles. Ao vê-los, os judeus pararam de espancar Paulo. O comandante o prendeu e o amarrou com duas correntes. Estava preso.

“Quem é você? E o que fez?”, lhe perguntou, mas não havia condições para ouvir as respostas. A multidão continuava agitada e confusa. Alguns gritavam uma coisa; outros, outra coisa. O comandante vendo que não conseguia saber a verdade, mandou que Paulo fosse levado para a fortaleza. A multidão pressionava mais e mais. Os soldados apressando o passo, quase correndo, levaram Paulo carregado. A multidão continuava gritando: “Mata-o!”

Defesa de Paulo (21:37-22:21)

Quando Paulo ia ser recolhido à fortaleza, disse ao comandante: “Posso lhe dizer algo?”

O comandante ficou surpreso porque Paulo lhe falou em grego. Um tanto confuso, lhe respondeu: “Não é você o egípcio que iniciou uma revolta e há algum tempo levou quatro mil assassinos para o deserto?” (NVI).

Os assassinos ou sicários eram judeus rebeldes contra Roma. O nome sicário se originava de uma adaga que usavam para atacar os soldados romanos quando os encontravam sozinhos, abrindo-lhes o abdômen e deixando-lhes na rua com as entranhas expostas.

Paulo respondeu: “Não. Sou judeu, cidadão de Tarso, cidade importante da Cilícia. Por favor, me permita falar.”

Foi-lhe permitido. Em pé, na escadaria da fortaleza, Paulo fez um sinal com a mão e, quando se fez grande silêncio, começou a falar em aramaico: “Irmãos e pais, ouçam agora a minha defesa” (NVI).

Ficaram assombrados. Ao ouvir que lhes falava em aramaico, fizeram absoluto silêncio.

Paulo começou sua defesa testemunhal. Defendeu-se para dar testemunho, e o deu. Expressou cinco conceitos inseridos na história de sua conversão ao Caminho.

Primeiro conceito: o cristão não é inferior ao judeu (v. 3). Os judeus estavam acostumados ao conceito de que nada havia superior ao judaísmo. Era verdade. Tudo o que era sagrado que os judeus tinham em sua religião havia vindo a eles diretamente de Deus, menos suas tradições que mantinham uma aparência de pura forma-

lidade sem valor espiritual. O judaísmo era uma religião revelada. Mas o cristianismo não era diferente.

Em primeiro lugar, porque aceitava todos os conteúdos do Antigo Testamento, que era chamado de Escrituras, incluindo as leis e práticas que prometiam o Messias e faziam lembrar diariamente essa promessa. Como o Messias tinha vindo em Jesus Cristo, já não era necessário mantê-las como prática simbólica diária, porque a função do símbolo, quando a realidade simbolizada surge, se extingue.

Em segundo lugar, porque, ao aceitar a Jesus como o Messias, o cristianismo confirmava todas as profecias da Escritura a Seu respeito. Não havia nenhuma contradição com o judaísmo; tinha somente o cumprimento. O que fez a diferença entre o judaísmo e o cristianismo não foi o cumprimento das antigas profecias sobre o Messias, foi a rejeição delas. O cristianismo não as rejeitou.

Em pé, diante da multidão, homem de pequena estatura e sem as características físicas que atraem a admiração das pessoas, Paulo causou um forte e quase atrativo impacto pela segurança de seu porte. Não demonstrava timidez. Parecia estar no comando do que lhe era próprio. Com voz firme e penetrante, disse: “Sou judeu, nascido em Tarso da Cilícia, mas criado nesta cidade. Fui instruído rigorosamente por Gamaliel na lei de nossos antepassados, sendo tão zeloso por Deus quanto qualquer de vocês hoje” (NVI).

Sua identidade ficou clara, como também sua educação e sua fidelidade. Não havia diferença entre ele e qualquer um dos judeus que o escutavam, com exceção, talvez, do grau de instrução. O seu era superior. Mas não destacou essa diferença.

Segundo conceito: a intransigência religiosa somente produz morte (v. 4, 5). O zelo que sentia por Deus era realmente por Deus, ou pela maneira como aquela geração O entendia? Se tivesse sido por Deus, no trato religioso aos demais, teria refletido Seu caráter. Não foi assim. Paulo fez uma descrição de si mesmo com um realismo dramático.

“Persegui este Caminho até a morte, prendendo e metendo em cárceres homens e mulheres” (ARA).

Essa única declaração deveria ter convencido a multidão de que a intransigência não era coisa boa. Mas acrescentou:

“Como o podem testemunhar o sumo sacerdote e todo o Sinédrio; deles cheguei a obter cartas para seus irmãos em Damasco e fui até lá, a fim de trazer essas pessoas a Jerusalém como prisioneiras, para serem punidas” (NVI).

Terceiro conceito: Deus não deixa ninguém em trevas (v. 6-11). Após estabelecer a verdadeira identidade do cristianismo, em nada inferior ao judaísmo, e depois de haver mostrado o sentido mortal da intransigência, estava pronto para explicar sua própria conversão, como base para que entendessem a forma como Jesus estava atuando em relação aos judeus que criam nEle.

Contou-lhes então: “Por volta do meio-dia, eu me aproximava de Damasco, quando de repente uma forte luz vinda do céu brilhou ao meu redor” (NVI).

“Fui tomado pela força dessa presença e caí por terra, enquanto uma voz me disse: ‘Saulo, Saulo, por que Me persegues?’

“Respondi: ‘Quem és Tu, Senhor?’

“‘Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem tu persegues.’”

Os que acompanhavam Paulo também viram a luz, porque a luz é para todos. Mas não perceberam a voz de quem falava. A presença visível de Jesus esteve à disposição de todos, mas Sua voz, o conteúdo de Suas palavras, estava disponível somente para os que estivessem dispostos a crer. Embora sem ele mesmo perceber plenamente, essa era a atitude de Paulo e Deus sabia disso.

“Que farei, Senhor?”, perguntou.

“Levanta-te, entra em Damasco, pois ali te dirão acerca de tudo o que te é ordenado fazer” (ARA).

Por causa da intensa luz, Paulo havia ficado cego. Seus companheiros o levaram pela mão a Damasco. O processo da conversão de Paulo estava progredindo. Jesus Se havia manifestado a ele. Apenas era necessário que alguém da igreja entrasse em contato com ele para indicar a missão que Deus lhe havia confiado.

Quarto conceito: todos os crentes têm uma missão divinamente confiada (v. 12-16). Deus seguiu dois passos para dar a Paulo a missão de sua vida: devolveu-lhe a visão e lhe deu a tarefa de testemunhar. Ele o fez através de um emissário. Primeiramente, Paulo falou

a respeito dele, dizendo: “Um homem chamado Ananias, piedoso segundo a lei e muito respeitado por todos os judeus que ali viviam, veio ver-me” (NVI).

Essa informação era importante para seu auditório. Paulo, acusado de profanar o templo, não havia se relacionado com um grupo de pessoas em rebelião contra Deus. Pelo contrário, eram devotos e fiéis. Além do mais, não viviam escondidos. Sua vida era pública e todos podiam observá-la. Ao serem observados, todos ficavam muito bem impressionados e podiam dizer que eram pessoas de bem.

Paulo continuou seu relato: “Ananias pondo-se junto a mim, disse: ‘Irmão Saulo, recupere a visão.’ Naquele mesmo instante pude vê-lo” (NVI).

Deus já o havia capacitado para a missão. Não que um cego esteja incapacitado para realizá-la. Certamente, está e de muitas maneiras, podendo alcançar resultados tão grandiosos como uma pessoa que tenha visão e, talvez, até mais extraordinários. Ocorria que, no caso particular de Paulo, era necessário que recuperasse a visão para que a presença de Deus se tornasse absolutamente real; e a ação de Seu poder, autêntica. A conversão de Paulo e a dimensão da missão que Deus estava para lhe confiar requeria.

A seguir, Paulo acrescentou: “Ananias me disse: O Deus dos nossos antepassados o escolheu para conhecer Sua vontade, ver o Justo, e ouvir as palavras de Sua boca” (NVI).

Não se tratava de outro Deus; era o próprio Deus de Abraão, o Deus de Israel, o Deus de Jacó, o Deus de todos os pais da nação. Ele havia mostrado o Justo Jesus. Por que O chamou de Justo? Pela mesma razão que João, ao escrever mais tarde, assim O chamou: “Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; e Ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro” (1Jo 2:1, 2, ARA).

O Justo é quem nos justifica. Jesus Cristo nos justifica de todo pecado, pois Ele foi o sacrifício, representado pelo Cordeiro no santuário, que Se ofereceu a Si mesmo por nós, e Se tornou nosso constante mediador e nosso intercessor permanente.

Agora, a missão. “Tu serás Sua testemunha diante de todos os homens, das coisas que tens visto e ouvido” (ARA).

Deus já havia feito e dito tudo o que Paulo precisava para sua conversão e para que participasse da tarefa de testemunhar. Somente faltava começar a atuar. Ananias lhe havia dito qual deveria ser sua primeira ação, e Paulo contou à multidão o que Ananias lhe disse: “E agora, por que te demoras? Levanta-te, recebe o batismo e lava os teus pecados, invocando o nome dEle” (ARA).

Se a um perseguidor dos fiéis, como Paulo, Deus confiou a missão de ser Sua testemunha, por que não podia dar a mesma missão a todos os demais que lavassem seus pecados como ele? Certamente, podia. Então, ficava claro que, pelo fato de haver recebido o chamado de Deus, da forma como o recebeu, Paulo devia ser respeitado pelo próprio povo de Deus em vez de esse mesmo povo, aos gritos, pedir que o matassem.

Quinto conceito na defesa de Paulo: Deus confirmou tudo em uma visão (v. 17-21). A visão confirmatória ocorreu de tal forma que deveria ter despertado a mais completa aceitação do povo. E ela ocorreu no lugar mais sagrado de Israel. Paulo continuou dizendo: “Quando voltei a Jerusalém, estando eu a orar no templo, tive uma visão.”

Quando o povo ouviu isso, deveria ter-se concentrado em suas palavras para saber que coisa extraordinária Paulo tinha visto nessa visão.

“Vi o Senhor que me dizia: ‘Depressa! Saia de Jerusalém imediatamente, pois não aceitarão seu testemunho a Meu respeito.’ Eu respondi: Senhor, estes homens sabem que eu ia de uma sinagoga a outra, a fim de prender e açoitar os que creem em Ti. E quando foi derramado o sangue de Tua testemunha Estêvão, eu estava lá, dando minha aprovação e cuidando das roupas dos que o matavam” (NVI).

Essa reação de rejeição por parte do povo pode ter sido normal naquela época, quando Paulo estava no auge de sua popularidade, quando todo o povo confiava no seu zelo para exterminar os seguidores do Caminho, mas não agora, depois de tanto tempo, especialmente quando o cristianismo já se havia estabelecido em Jerusalém e em todo o mundo. O povo de Israel precisava aprender a ter tole-

rância e até se convencer das verdades cristãs. Mas não era assim. Paulo apenas pronunciou a seguinte frase que, pela reação do povo, tornou-se a última de sua defesa: “Então o Senhor me disse: ‘Vá, Eu o enviarei para longe, aos gentios” (NVI).

A proteção do comandante (v. 22-29)

Ao ouvir a palavra gentios, lembraram-se de que Paulo estava sendo acusado de haver profanado o templo, nele introduzindo gentios; e não puderam mais se conter. Toda a força exclusivista de uma visão religiosa intolerante se somou à vontade de todos eles e começaram a gritar, dizendo: “Tira esse homem da face da Terra! Ele não merece viver!” (NVI).

A multidão continuava gritando. Os homens tiravam suas capas e lançavam poeira para o ar. Uma atitude violenta. Tornaram-se tão violentos, que o comandante deu ordens aos soldados para que o recolhessem à fortaleza a fim de evitar que o matassem.

“Açoitem-no”, disse.

Queria forçá-lo a declarar o verdadeiro motivo por que a multidão agia contra ele tão violentamente. Os soldados tentaram amarrá-lo com correias para executar a ordem do açoite. Mas Paulo disse ao centurião: “Vocês têm o direito de açoitar um cidadão romano sem que ele tenha sido condenado?” (ARA).

O centurião se assustou. Imediatamente procurou o comandante na fortaleza e disse-lhe: “Este homem é cidadão romano.”

O comandante também ficou preocupado. Não sabendo exatamente o que fazer, ou talvez duvidando das palavras do centurião, aproximou-se de Paulo e lhe perguntou: “Diga-me, você é cidadão romano?” (NVI).

Paulo respondeu: “Sim, sou” (NVI).

“Eu”, disse o comandante, “precisei pagar um elevado preço por minha cidadania” (NVI).

“Mas eu”, respondeu Paulo, “a tenho por direito de nascimento” (NVI).

Os soldados que se preparavam para açoitá-lo, imediatamente se afastaram dele. Não queriam sofrer as consequências legais im-

postas pela lei aos que maltratavam um cidadão de Roma. O próprio comandante estava com medo por haver mandado amarrá-lo. Medo do poder romano que ele mesmo representava. Incrível! O aprisionador com medo de seu prisioneiro! Se soubesse qual era o poder que Paulo representava, maior que todos os poderes existentes, quanto maior medo teria sentido! Mas a grandiosidade do poder de Deus não está no medo que possa gerar, e sim na tranquila confiança que oferece ao pecador quando este, arrependido e com fé, se entrega ao Senhor.

Paulo perante o Sinédrio (At 22:30-23:22)

O comandante estava com um problema. O que fazer com o prisioneiro? Soltá-lo era um risco. Poderiam matá-lo. O que responderia às autoridades romanas quando estas fossem informadas de que, por um descuido seu, os judeus haviam assassinado um cidadão de Roma? Deixá-lo na prisão, sem saber exatamente qual era a culpa do prisioneiro, era muito difícil para ele. Não podia adotar nenhuma das duas alternativas. A solução era submetê-lo ao julgamento do Sinédrio.

O Sinédrio se reúne (22:30-23:11)

No dia seguinte, o comandante convocou os principais sacerdotes e todo o Sinédrio para saber o motivo da acusação contra Paulo. Mandou que lhe tirassem as cadeias e o fez comparecer perante o Sinédrio. O Grande Sinédrio era também chamado de Concílio, a Suprema Corte Judaica que, ao mesmo tempo, era tribunal de justiça, corpo legislativo e órgão diretivo em assuntos religiosos e políticos. Nessa época, era integrado por 71 membros, uma mescla de fariseus e saduceus. Seu presidente era o sumo sacerdote. Suas decisões podiam ser finais, com exceção da pena de morte, que o Império Romano reservava unicamente para suas próprias autoridades.

O comandante apresentou Paulo perante o Sinédrio e o autorizou a explicar seu caso. Paulo realizou sua defesa baseada em duas estratégias: sua boa consciência e a divisão do Sinédrio.

1. A estratégia da boa consciência tinha por objetivo mostrar ao tribunal que sua opção pelo Caminho havia sido honesta e contava com a aprovação de Deus.

“Varões, irmãos, tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência até ao dia de hoje” (ARA).

Ananias, o sumo sacerdote, considerou blasfêmia as palavras de Paulo. Mandou que lhe batessem na boca.

Sabendo que o comandante não autorizaria que batessem em um cidadão romano e conhecendo a lei judaica que somente autorizava o castigo físico de um preso depois que um processo judicial fosse realizado com justiça (Dt 25:1-3), Paulo, sem se irritar, com calma própria de quem está seguro do que faz, lhe disse: “Deus te ferirá, parede branqueada! Está aí sentado para me julgar conforme a lei, mas contra a lei me mandas ferir?” (NVI).

A injustiça é sempre incoerente. Motivo? Atua de forma contrária ao que diz a lei, quer seja de forma direta, por um ato autoritário, ou de forma dissimulada pela astúcia dos juízes, que não servem à lei mas sim a outras motivações mais pessoais. Alguns dos presentes lhe disseram: “Você ousa insultar o sumo sacerdote de Deus?” (NVI)

Paulo lhes respondeu: “Não sabia, irmãos, que ele é sumo sacerdote; porque está escrito: Não falarás mal de uma autoridade do teu povo” (ARA).

É bem possível que Paulo não tenha distinguido com clareza quem havia falado, pois depois de ficar cego quando ia a Damasco, em perseguição aos cristãos, parece que sua visão ficou com uma deficiência permanente (At 9:8, 9). Por outro lado, como ele ia esperar que o sumo sacerdote fosse atuar contra a lei? A rapidez com que reconheceu sua falta e sua voluntária submissão à lei indicam que seu erro foi completamente involuntário. Paulo sabia perfeitamente que um dirigente dado ao povo por Deus devia ser respeitado (Êx 22:28).

Paulo percebeu que o sumo sacerdote, tendo planejado ou não dessa forma, havia eliminado uma possível defesa com base na honestidade e na boa consciência. Precisou mudar de estratégia.

2. Paulo usa a divisão do Sinédrio entre fariseus e saduceus.

“Irmãos”, disse, “sou fariseu, filho de fariseu. Estou sendo julgado por causa de minha esperança na ressurreição dos mortos” (ARA).

O Sinédrio ficou dividido. A antiga discussão entre fariseus e saduceus surgiu instantaneamente. Os saduceus pretendiam manter as antigas crenças de Israel e diziam que os fariseus haviam importado do zoroastrismo persa. Zoroastro, o profeta divino do zoroastrismo, ensinava a existência de dois reinos espirituais com suas respectivas hierarquias de espíritos bons a maus. Rejeitando essas doutrinas, os saduceus não criam que houvesse ressurreição, nem anjos, nem espíritos. Os fariseus, que não aceitavam a totalidade do zoroastrismo, criam na ressurreição e nos anjos, baseados nos ensinamentos bíblicos.

A discussão entre os dois grupos tornou-se violenta. Gritavam entre si. A contradição entre eles chegou ao ponto culminante quando alguns dos escribas, da parte dos fariseus, pondo-se em pé, disseram com respeito a Paulo: “Não encontramos nada de errado neste homem. Quem sabe se algum espírito ou anjo falou com Ele?” (NVI).

No calor da discussão, os dois grupos empurravam Paulo, alguns querendo defendê-lo e outros querendo condená-lo. O comandante percebeu que se a tensão continuasse entre fariseus e saduceus, terminariam despedaçando a Paulo. Chamou mais soldados e ordenou-lhes que levassem a Paulo para dentro da fortaleza a fim de protegê-lo. Os soldados obedeceram imediatamente a ordem e Paulo ficou livre do perigo.

Na noite seguinte, o Senhor apareceu a Paulo e lhe disse: “Coragem! Assim como você testemunhou a Meu respeito em Jerusalém, deverá testemunhar também em Roma” (NVI).

Assim, Paulo recebeu a confirmação do Senhor: tudo o que estava ocorrendo era apenas uma forma de levá-lo às mais altas autoridades do Império, às quais deveria pregar o evangelho. Ali estava para cumprir a missão do Senhor, e o restante de sua vida estaria igualmente consagrado a ela.

Conspiração contra Paulo: um jovem frustra a ação (v. 12-22)

Mais de quarenta judeus fizeram uma conspiração contra Paulo. Juraram que não comeriam nem beberiam nada enquanto não o matassem. Foram ter com os principais sacerdotes e anciãos com a seguinte decisão: “Juramos solenemente, sob maldição, que não comeremos nada enquanto não matarmos Paulo” (NVI).

Precisavam apenas de uma pequena colaboração dos dirigentes. Então, lhes disseram: “Agora, portanto, vocês e o Sinédrio peçam ao comandante que o faça comparecer diante de vocês com o pretexto de obter informações mais exatas sobre o seu caso. Estaremos prontos para matá-lo antes que ele chegue aqui” (NVI).

Não sabiam que Paulo estava sob ordens muitos superiores às deles e, para que as cumprisse, Deus Se havia comprometido a protegê-lo.

Desta vez utilizou um jovem, sobrinho de Paulo. Ele ouviu a conversa dos conspiradores e rapidamente foi à prisão. Contou tudo ao seu tio. Este mandou chamar um dos centuriões e disse: “Leve este rapaz ao comandante; ele tem algo para lhe dizer” (NVI).

Parece que Paulo sempre falava com a segurança característica dos verdadeiros dirigentes. O centurião não demonstrou nenhuma resistência. Levou-o ao comandante e lhe disse: “O preso Paulo pediu-me que trouxesse à tua presença este rapaz, pois tem algo que dizer-te” (ARA).

A mente do comandante reagiu com a mesma curiosidade de todos os que estão em meio a uma crise política. Querem toda informação que possam obter e a querem em segredo. Levou o rapaz à parte e perguntou-lhe: “Que tens a comunicar-me?” (ARA).

“Os judeus planejam pedir-te que apresentes Paulo ao Sinédrio amanhã, sob pretexto de buscar informações mais exatas a respeito dele” (NVI).

O jovem foi preciso e claro. Como informante, não podia ser melhor. Mas era atrevido também, no melhor sentido do termo. Deu-lhe um conselho: “Não te deixes convencer” (NVI).

Seu conselho estava bem fundamentado e o explicou ao Comandante.

“Mais de quarenta deles estão preparando uma emboscada contra Paulo. Eles juraram solenemente não comer nem beber enquanto não o matarem. Estão preparados agora, esperando que prometas atender-lhe o pedido” (NVI).

Quando os inimigos da missão divina tornam-se enganosos e astutos em suas ações, Deus atua com simplicidade. Bastou um juvenzinho para desbaratar a ação planejada por mais de quarenta homens. A proteção de Seu servo era importante para Deus e, através desse jovem, convenceu o comandante.

Despediu o jovem e disse-lhe: “Não diga a ninguém que você me contou isso” (NVI).

Paulo perante dois governadores: manipulações (At 23:23-25:12)

A manipulação dos governadores romanos no julgamento de Paulo não era nenhuma novidade, nem foi a última vez que isso aconteceu em um julgamento; não apenas em Roma, mas em todos os lugares e em qualquer época. Em toda manipulação da justiça sempre há algum interesse que não agrada à justiça. Geralmente agrada os interesses pessoais do juiz, ou dos que o manipulam.

A tentativa de manipular o julgamento de Paulo não teve êxito porque ele estava protegido por Deus e porque o propósito divino de que ele fosse levado para Roma a fim de testemunhar às autoridades do Império devia ser cumprido. Além disso, testemunhou diante das autoridades que participaram em seu julgamento antes de chegar a Roma.

Paulo é enviado ao governador Félix: proteção romana (23:23-35)

Da simples proteção que um juvenzinho pode oferecer, Deus passou à grandiosa e até portentosa proteção do Império. O comandante decidiu retirar Paulo da cena de perigo que Jerusalém representava em uma das três mais importantes festas do calendário religioso anual judaico. Decidiu enviá-lo ao governador Félix, cuja sede ficava em Cesareia, mais ou menos 100 km a noroeste

de Jerusalém, na costa. Queria estar seguro de que nenhum dos quarenta homens conspiradores, nem ninguém, fizesse algum mal a Paulo durante a viagem. Enviou dois centuriões, duzentos soldados, setenta cavaleiros e duzentos lanceiros. Guarda digna de um alto oficial do Império.

Além disso, mandou preparar vários cavalos e animais de carga para que Paulo cavalgasse levando seus pertences e houvesse outros animais descansados para substituição; pois o caminho, embora fosse uma ladeira, era montanhoso e longo. A ordem era entregá-lo a Félix são e salvo. Além do mais, o comandante entregou-lhes uma carta destinada ao Governador, nos seguintes termos: “Cláudio Lísias ao excelentíssimo governador Félix, saúde” (ARA).

“Os judeus prenderam este homem e estavam para matá-lo, mas eu cheguei com meus soldados e o resgatei, porque fiquei sabendo que era cidadão romano. Queria saber de que o acusavam e assim o levei ao Sinédrio judaico. Descobri que o acusavam de algumas questões de sua lei, mas não havia nenhuma acusação contra ele que justificasse a morte ou prisão. Quando me informaram de que estava sendo preparada uma cilada contra ele, decidi enviá-lo a ti, em seguida. Também ordenei a seus acusadores que exponham diante de ti as acusações que tenham contra ele.”

O fim da carta continha um relatório da revolta contra Paulo, da reunião do Sinédrio, da conspiração descoberta, da citação que fez aos acusadores para que se apresentassem perante Félix. Especialmente das oportunas intervenções do comandante que demonstravam ser ele um oficial atento, eficiente, justo e submisso à autoridade do governo. Excelentes recomendações sobre si mesmo. Não podia ser diferente. Além disso, era do prestígio pessoal que viviam os oficiais romanos e seus dirigentes de todos os níveis. Por sua vez, como servo de Deus, Paulo vivia da missão divina e para ela.

Seguindo as instruções do comandante, quando chegaram a Antipátride, cidade construída por Herodes, no vale de Saron, para homenagear a Antipáter, seu pai, no dia seguinte os soldados e os lanceiros retornaram, deixando a cavalaria para que protegesse Paulo no restante do caminho.

Em Cesareia o governador recebeu Paulo, leu a carta e lhe perguntou: “De que província é você?”

“Da Cilícia”, respondeu.

“Ouvirei seu caso quando os seus acusadores chegarem aqui”, disse-lhe (NVI).

Mandou que fosse detido no pretório de Herodes; nome que regularmente os romanos davam ao palácio de um governador provincial do Império. Ficou sob vigilância, mas não estava na masmorra de uma prisão. Essa era outra forma de proteção do poder romano. Deus mantinha Paulo sob Sua própria vigilância para que nada o impedisse de cumprir a ordem de testemunhar em Roma.

Acusação: bajulação e falsidade (24:1-9)

Passaram-se somente cinco dias da chegada de Paulo a Cesareia até o momento em que Félix, o governador, sentou-se no tribunal para ouvir a acusação contra Paulo. Havia chegado também a Cesareia o sumo sacerdote Ananias e alguns dos anciãos, dirigentes de Israel, acompanhados de Tértulo, orador e advogado de certo prestígio, para que apresentasse a acusação contra o acusado.

Diante do governador, Tértulo começou um discurso de três partes: uma de bajulação, outra de acusação e a última, muito breve, teve o objetivo de induzir a decisão na mente do governador.

Bajulação. “Excelentíssimo Félix, tendo nós, por teu intermédio, gozado de paz perene, e, também por teu providente cuidado, se terem feito notáveis reformas em benefício deste povo, sempre e por toda parte, isto reconhecemos com gratidão” (ARA).

A bajulação do advogado Tértulo tinha por objetivo conquistar a vontade do governador em favor da acusação que logo apresentaria. Paz. É claro que a nação estava em paz, pois ninguém podia fazer nada contra o Império sem ser esmagado até a extinção. A paz de uma opressão brutal. Quem podia desfrutá-la? De acordo com o bajulador, todos. De acordo com a realidade, ninguém. A benevolência de Félix, conforme o historiador judeu Josefo e o historiador romano Tácito, era inexistente. A mesma coisa ocorria com a gratidão dos judeus. As reformas que Félix ha-

via feito sempre foram para aumentar suas riquezas. Tácito conta que recebia grandes somas dos salteadores para que os deixasse atuar livremente. De vez em quando, Félix fazia alguma reforma, aparentemente para controlá-los, mas o verdadeiro objetivo era exigir maiores somas dos salteadores e sua riqueza continuava aumentando (Anales xii.54).

A seguir, Tértulo acrescentou: “Entretanto, para não te deter por longo tempo, rogo-te que, de conformidade com a tua clemência, nos atendas por um pouco” (ARA).

Clemência? Não possuía nenhuma, mas o advogado pretendia que o governador tomasse uma decisão rápida em favor dos acusadores.

A bajulação do advogado, no entanto, agradou a Félix porque parecia demonstrar que os judeus nada sabiam sobre seus abusos.

Acusação. Então, Tértulo apresentou dois elementos na acusação: “Este homem é uma peste”, disse primeiramente. Um criminoso. Entre seus crimes, foi acusado de estar promovendo sedições entre os judeus por todo o mundo, e ser também o principal agitador da seita dos nazarenos. A traição contra o Império estava implícita. Falta muito grave.

Depois disse: “Tentou até mesmo profanar o templo; então o prendemos” (NVI).

Tértulo acusou Paulo de cometer ações contra a lei de Roma e contra a lei de Israel. Duplamente culpado, tinha que ser condenado. Essa conclusão subjacente iniciou a intenção de induzir a uma decisão definida na mente do governador.

Indução. “Se tu mesmo o interrogares”, disse-lhe, “poderás verificar a verdade a respeito de todas as acusações que estamos fazendo contra ele” (NVI).

Uma mensagem de grande sublimidade e perfeição. “Não é necessário interrogá-lo para saber a verdade. Já o sabes. Mas deve ser interrogado para a comprovação. E quando tudo estiver comprovado, deve ser condenado.”

A delegação do Sinédrio rapidamente concordou com tudo o que o advogado disse. Diziam: “Tudo é assim, como ele falou.”

Defesa: consciência limpa (v. 10-21)

O governador Félix fez um sinal a Paulo, autorizando-o a falar. Paulo apresentou sua defesa com base em que havia feito tudo com a consciência limpa. O contraste entre o discurso de Paulo e o de Tértulo é impressionante.

Paulo não bajulou a Félix. Na introdução, somente mencionou o tempo em que ele havia atuado como juiz da nação: “Sei que há muitos anos tens sido juiz desta nação; por isso de bom grado faço minha defesa” (NVI).

Nem uma palavra sobre sua maneira de administrar os assuntos legais ou outros assuntos. Além de não falar como Tértulo, apenas falou sobre o tempo, sem se referir a nenhuma das outras coisas ditas por ele, silenciosamente as negou. Não era apropriado enfrentá-lo diretamente nesses aspectos. O que importava era a sua defesa.

Primeiro argumento: a brevidade do tempo. Disse: “Não há mais de doze dias desde que subi a Jerusalém para adorar” (ARA).

Desde que Paulo chegou a Jerusalém até o dia em que compareceram perante Félix, haviam se passado somente catorze dias, contados assim: primeiro dia, reunião com os apóstolos em Jerusalém (21:18-20). Segundo dia, início dos dias da purificação. Terceiro ao sétimo dia, os cinco dias da purificação e, no sétimo, ocorre o ataque dos judeus e o resgate de Cláudio Lísias (21:27-33). Oitavo dia, defesa de Paulo perante o Sinédrio (22:30-23:11). Nono dia, conspiração para matar Paulo; descoberta da conspiração, e partida de Paulo para Cesareia (23:12-22, 31). Décimo dia, chegada a Cesareia e primeiro encontro com Félix (23:32, 33). Décimo primeiro ao décimo quarto dia, os cinco dias que se passaram até o segundo encontro com Félix (24:1). Paulo não contou o dia da sua chegada nem o dia em que estavam perante Félix; restaram doze dias.

Não houve tempo para realizar uma sedição em Jerusalém; nem a havia feito. “Não me acharam no templo discutindo com alguém, nem tampouco amotinando o povo, fosse nas sinagogas ou na cidade” (ARA).

Segundo argumento: não existem provas. Paulo disse: “Não te podem provar as acusações que, agora, fazem contra mim” (ARA).

Pode haver uma condenação sem que as provas sejam apresentadas? Decisivamente, não. Não era permitido nem pelo sistema judiciário israelita, nem pelo romano.

Terceiro argumento: confesso haver atuado com a consciência limpa, em tudo.

Paulo reúne vários fatos que demonstram a qualidade de suas ações: “(1) Sirvo a Deus de acordo com o Caminho, que eles chamam seita, mas é o Deus de meus pais. (2) Creio em todas as coisas que estão escritas na lei e nos profetas. (3) Tenho a mesma esperança em Deus que eles têm, isto é, que haverá ressurreição de justos e injustos. (4) Por causa dessa esperança procuro atuar com a consciência limpa, em tudo, não somente diante de Deus, como também diante dos homens.”

Quarto argumento: o que fiz em Jerusalém comprova minha inocência.

Novamente, de várias maneiras, ele prova que as coisas que fez em Jerusalém não revelam nenhuma atividade que se aproxime das culpas que lhe atribuem: “(1) Cheguei a Jerusalém para trazer esmolas ao meu povo e apresentar ofertas. (2) Estava no templo oferecendo ofertas e purificando-me, quando alguns judeus da Ásia me encontraram. Não estava liderando nenhuma multidão, nem fazendo ajuntamento ou tumulto. (3) Caso tivessem alguma coisa de que me acusar, esses judeus da Ásia deveriam se apresentar diante de ti, mas não estão aqui porque não podem me acusar de nada que eu tenha feito. Não têm provas. (4) Esses mesmos que estão aqui deveriam dizer se encontraram alguma coisa errada em mim quando compareci perante o concílio convocado pelo comandante Lísias, salvo o que eu disse: a respeito da ressurreição dos mortos sou julgado hoje por vocês.”

Félix: decisão corrupta (v. 22-27)

Paulo terminou sua defesa. É evidente que não havia nenhuma causa contra ele. Félix devia tê-lo declarado inocente, e, absolvendo-o, deixá-lo em liberdade. Mas não o fez. Simplesmente adiou a decisão para o futuro. Encerrou a reunião dizendo aos

delegados do Sinédrio: “Quando chegar o comandante Lísias, decidirei o caso de vocês” (NVI).

Mandou que o centurião mantivesse Paulo sob custódia, concedendo-lhe alguma liberdade e com o direito de receber seus familiares para que o visitassem e o servissem. Se, para ele, era evidente que Paulo não era culpado de nada, o que o induziu a mantê-lo como prisioneiro? Duas coisas: curiosidade e cobiça.

Por curiosidade, alguns dias depois, mandou chamar Paulo. Félix estava com a esposa, que era judia. Os dois queriam ouvir mais a respeito da fé em Cristo Jesus. Paulo lhes falou sobre a pessoa de Jesus e a respeito da vida justa que Ele havia vivido, qualidade de vida que Ele esperava de todos, porque todos os seres humanos terão que comparecer perante o Juízo vindouro. Amedrontado, Félix disse-lhe: “Pode sair. Quando achar conveniente, mandarei chamá-lo de novo” (NVI).

Contudo, mais forte que a curiosidade religiosa de Félix era sua cobiça. Muitas vezes ordenou que trouxessem Paulo à sua presença e conversava com ele. Lucas explicou a razão: “Esperava com isto que Paulo lhe oferecesse algum dinheiro para que o soltasse.”

Porém, Paulo não era nenhum dos salteadores que sempre lhe davam dinheiro para que os deixasse agir livremente. Não tinha dinheiro para isso. E mesmo que tivesse, o maior desejo de Paulo, durante sua prisão em Cesareia, não era obter a liberdade, mas ser enviado a Roma. Félix passou dois anos no jogo da corrupção procurando obter dinheiro de Paulo. Não conseguiu. Entretanto, Lucas, conforme se pode crer, usou esse período organizando os materiais necessários para escrever seu livro.

No fim desses dois anos, originou-se uma luta violenta entre judeus e gentios em Cesareia. Félix procurou apaziguá-los, mas a violência de suas ações causou grande derramamento de sangue entre os líderes dos judeus. Esse fato, juntamente com uma acusação contra ele por suas relações fraudulentas com os salteadores, causaram a sua destituição. Ao partir, tentando manter a simpatia com os judeus, manteve Paulo na prisão. Talvez esperando que o novo governador o condenasse.

Festo: decisão política (25:1-12)

As autoridades do Império substituíram Félix por Pórcio Festo, no ano 60 d.C. Festo era um homem menos sanguinário e menos corrupto que Félix, mas não menos sujeito às manipulações políticas que eram comuns entre as autoridades romanas, em todas as partes.

Não demorou para visitar as autoridades judaicas. Apenas três dias após sua chegada, viajou a Jerusalém. Os líderes judeus também não esperaram muito para lhe falar sobre Paulo. Lucas diz: “Pediram a Festo o favor de transferir Paulo para Jerusalém, contra os interesses do próprio Paulo” (NVI).

Não era um pedido de boa fé, pois planejavam matá-lo no caminho. Festo percebeu seus planos e, conhecendo a história da prisão de Paulo, que Félix, sem dúvida, lhe havia contado antes de partir para Roma, suspeitando, lhes disse: “Paulo está preso em Cesareia, e eu mesmo vou para lá em breve” (NVI).

Além disso, se ofereceu para tratar do assunto tão logo lá chegasse e, para provar sua intenção de fazê-lo, acrescentou: “Os que dentre vós estiverem habilitados que desçam comigo; e, havendo contra este homem qualquer crime, acusem-no” (ARA).

A promessa de um novo julgamento de Paulo foi clara. Não precisaram esperar muito. Festo permaneceu de oito a dez dias em Jerusalém e retornou a Cesareia. Os representantes do Sinédrio o acompanharam. No dia seguinte, assentando-se no tribunal, ordenou que Paulo fosse trazido perante ele.

Tão logo Paulo apareceu, seus acusadores o rodearam e insistiam em muitas e graves acusações. No entanto, Lucas diz: “Não as podiam provar.”

De sua parte Paulo se defendia, dizendo: “Nenhum pecado cometi contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César” (ARA).

Nesse momento, o governador que havia agido de maneira muito política ao visitar os líderes judeus, apenas fez uso de suas funções, sentindo maior prestígio em sua conduta politizada. Lucas diz: “Quería assegurar-se do apoio dos judeus.”

Não estava preocupado com a justiça do caso. O que mais lhe interessava era o que fosse politicamente conveniente. Mas cometeu um erro em sua estratégia: em lugar de ele mesmo tomar uma decisão sobre o assunto, transferiu essa decisão para Paulo, perguntando-lhe: “Queres tu subir a Jerusalém e ser ali julgado por mim?” (ARA).

Paulo, rapidamente percebeu o perigo. Como voltar outra vez ao foco da conspiração para que seus inimigos o matassem mesmo antes que o julgamento começasse?

Então, respondeu: “Estou perante o tribunal de César, onde convém seja eu julgado; nenhum agravo pratiquei contra os judeus, como tu muito bem sabes. Caso, pois, tenha eu praticado algum mal ou crime digno de morte, estou pronto para morrer; se, pelo contrário, não são verdadeiras as coisas de que me acusam, ninguém para lhes ser agradável, pode entregar-me a eles.”

Paulo falou com toda clareza. Expôs sua própria inocência, as intenções assassinas de seus inimigos, a motivação política do governador e seu direito a um julgamento justo. Para assegurar-se de que não seria submetido a nova manipulação que retardasse ainda mais sua viagem a Roma, acrescentou: “Apelo para Cesar!” (NVI).

Mesmo irritado, Festo consultou seus conselheiros. Devem ter-lhe confirmado o direito que todo cidadão romano tinha de apelar ao imperador, especialmente quando suspeitava que sua causa estava sendo conduzida com má intenção. A seguir, disse-lhe: “Você apelou para César, para César irá!” (NVI).

Com essa sentença, Paulo ficava livre de espreitas e conspirações provenientes de Jerusalém e também de outras manipulações políticas que o governador Festo pudesse inventar. Além disso, o deixava no caminho para Roma, onde deveria cumprir a missão que Deus lhe havia dado, de testemunhar perante o imperador.

Paulo perante o rei Agripa: inculpável (At 25:13–26:32)

Mas ainda estava preso – uma situação muito estranha para a justiça romana e também para a justiça israelita. As leis das nações proibiam castigar um homem inocente. Mas os administradores da

lei estavam enredados por seus pequenos interesses pessoais. Os juízes romanos, pela cobiça de dinheiro e de poder político. Os juízes israelitas, pelo ódio que sentiam contra Paulo.

Ódio e cobiça, dois males da natureza humana pecadora que conduzem os seres humanos a uma conduta injusta e, muitas vezes, criminosa. Ambos os males se faziam presentes. Os que conspiravam contra Paulo quiseram matá-lo e os juízes cometiam a injustiça de mantê-lo preso sem que houvesse cometido qualquer delito para merecer esse castigo.

Mas Paulo não estava preso por haver cometido algum delito, nem os juízes eram os que realmente decidiriam seus assuntos. Paulo estava ali porque, possivelmente, essa seria a única maneira de ser conduzido ao imperador, e este dedicaria tempo para ouvi-lo. Deus conduzia a vida de Paulo. Ele a dirigia em função da obra que lhe havia incumbido de realizar: levar o evangelho de Jesus aos gentios, incluindo seus dirigentes e dirigidos.

Antes de ir a Roma devia testemunhar perante o rei Agripa. Herodes Agripa II, neto de Herodes o Grande e filho de Herodes Agripa I, que morreu comido por vermes (At 12:20-23). Quando seu pai morreu, no ano 44 d.C., ele estava em Roma. O imperador Cláudio quis fazê-lo sucessor do pai, mas ele ainda era demasiadamente jovem, com apenas dezessete anos. No ano 50, deu-lhe o pequeno reino de Cálcis, no Líbano e, no ano 53, trocou esse reino por um maior que abrangia a Galileia, os territórios do nordeste do Mar da Galileia e parte de Bereia. Além disso, era o administrador dos tesouros do Templo e tinha o direito de nomear os sumos sacerdotes. Descendente de Marianne, esposa de Herodes o Grande, sua avó era judia e ele era altamente apreciado pelos judeus. Os romanos o consideravam especialista em assuntos religiosos judaicos.

Agripa visita Festo: nenhuma acusação contra Paulo (25:13-27)

Passados alguns dias, não muito tempo, Agripa resolveu fazer uma visita protocolar ao recém-chegado governador da Judeia, seu vizinho. Foi acompanhado de Berenice, sua irmã e mulher. Tanto

escritores judeus como romanos falam da relação existente entre eles como “pecaminosa”, incestuosa. Permaneceram com Festo durante muitos dias. Por isso, Festo teve tempo para falar com eles sobre o preso especial que estava sob sua guarda. Disse-lhes então: “Há aqui um homem que Félix deixou preso” (NVI).

Contou-lhes a história de seu relacionamento com Paulo desde a visita que fizera a Jerusalém após três dias de sua chegada. Nessa visita, os sacerdotes e anciãos o acusaram perante eles, exigindo-lhe que o condenasse. “A eles respondi que não é costume dos romanos condenar quem quer que seja, sem que o acusado tenha presentes os seus acusadores e possa defender-se da acusação” (ARA).

Os acusadores foram a Cesareia com Festo e ele convocou o tribunal para ouvi-los.

“Os acusadores, nenhum delito referiram dos crimes de que eu suspeitava. Traziam contra ele algumas questões referentes à sua própria religião e particularmente a certo morto, chamado Jesus, que Paulo afirmava estar vivo” (ARA).

Em seguida, como que justificando a estranha sentença que pronunciou nesse julgamento, acrescentou: “Fiquei sem saber como investigar tais assuntos; por isso perguntei-lhe se ele estaria disposto a ir a Jerusalém e ser julgado ali. Mas ele apelou ao imperador e eu ordenei que ficasse sob custódia até que eu pudesse enviá-lo a César” (NVI).

O rei Agripa lhe disse: “Eu também gostaria de ouvir esse homem” (NVI).

“Amanhã o ouvirás”, respondeu-lhe Festo.

No dia seguinte, Festo reuniu o tribunal. O rei Agripa e Berenice, com os altos oficiais e os homens importantes da cidade, entraram na audiência, com grande pompa e demonstração de poder.

Festo apresentou um discurso justificando a reunião. Começou dizendo:

“Rei Agripa e todos vós que estais presentes conosco, vedes este homem, por causa de quem toda a multidão dos judeus recorreu a mim tanto em Jerusalém como aqui, clamando que não convinha que ele vivesse mais. Porém eu achei que ele nada praticara passível

de morte; entretanto, tendo ele apelado para o imperador, resolvi mandá-lo ao imperador” (ARA).

Festo descreveu muito bem a situação do preso. Estava tudo claro com respeito a Paulo. Mas, para Festo, sua própria situação não estava tão clara. Havia para ele uma complicação muito séria. Descreveu-a deste modo: “O problema é que não tenho nada definido para escrever ao soberano sobre ele.”

Diante do absurdo de enviar um preso ao imperador, sem ter nenhuma acusação clara para informar a seu respeito, sentia a necessidade de alguma ajuda por parte desse grupo.

“Por isso eu o trouxe diante dos senhores, e especialmente diante de ti, rei Agripa, de forma que, feita esta investigação, eu tenha algo para escrever. Pois não me parece razoável enviar um preso sem especificar as acusações contra ele” (NVI).

Defesa de Paulo perante Agripa: não é culpado de nada (26:1-32)

Quando Festo terminou de explicar o problema que tinha com o aprisionamento de Paulo, o rei Agripa fez uso da palavra e, dirigindo-se a Paulo, disse: “É permitido que uses da palavra em tua defesa” (ARA).

Paulo, estendendo a mão para concentrar a atenção de todos os membros do tribunal, incluindo os visitantes, começou dizendo: “Rei Agripa, considero-me feliz por poder estar hoje em tua presença, para fazer a minha defesa contra todas as acusações dos judeus, especialmente porque estás bem familiarizado com todos os costumes e controvérsias deles. Portanto, peço que me ouças pacientemente” (NVI).

A seguir, Paulo narra sua vida dividindo-a em três etapas: antes de se tornar seguidor de Jesus, Paulo o judeu. O momento de sua conversão, Paulo o cristão. E sua obediência à visão, Paulo o missionário.

Paulo, o judeu: Vivi como fariseu (v. 4-11). Paulo narrou sua vida afirmando que todos os judeus conheciam como havia sido.

“Eles me conhecem há muito tempo e podem testemunhar que, como fariseu, vivi de acordo com a seita mais severa da nossa religião” (NVI).

Se os judeus quisessem, poderiam ter testemunhado a esse respeito. Mas não disseram nada. Queriam unicamente acusá-lo e o fizeram acusando-o de ações contra a religião, o que Paulo realmente não havia praticado. A realidade era outra.

“Agora, estou sendo julgado por causa da esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais. Creio nela.”

Todas as tribos de Israel tiveram a mesma esperança. Expressavam-na todas as manhãs e todas as tardes através do sacrifício contínuo realizado primeiramente no santuário, depois no templo. Toda a vida da nação encontrava sentido nessa promessa. O Messias viria como substituto de todos. Como o Cordeiro do sacrifício diário, daria Sua vida para salvar do pecado a nação judaica e o mundo inteiro. Desde os tempos antigos, os judeus criam na ressurreição de todos. Por que lhes era tão difícil crer na ressurreição de Jesus? Por que condenavam um homem que cria na realidade da esperança?

Morto o Messias, não podia permanecer no sepulcro. Tinha que ressuscitar. Sua ressurreição era a confirmação da esperança na ressurreição dos mortos. Se não tivesse ressuscitado, ninguém ressuscitaria. E Paulo, então, tornou o assunto mais pessoal para seu auditório. Disse-lhes: “Por que os senhores acham impossível que Deus ressuscite os mortos?” (NVI).

E logo admite que as pessoas podem crer em erros terríveis. Erros que as levam a estranhas condutas, compatíveis com a agressão e até o assassinato.

“Na verdade, a mim me parecia que muitas coisas devia eu praticar contra o nome de Jesus, o Nazareno” (ARA).

Disse-lhes ainda que havia perseguido Seus seguidores em Jerusalém, com a autorização dos próprios líderes religiosos; e quando o Sinédrio decidia a morte deles, ele também votava a favor.

“Muitas vezes ia de uma sinagoga para outra a fim de castigá-los, e tentava forçá-los a blasfemar. Em minha fúria contra eles, cheguei a ir a cidades estrangeiras para persegui-los” (NVI).

Paulo, o cristão: Vi a luz (v. 12-18). Mas essas perseguições eram um grave erro. Não correspondiam à verdadeira religião de Israel

que ele queria viver com fidelidade. Contou-lhes como se apercebeu de que estava agindo contra a vontade do Deus de seus antepassados a quem ele queria servir.

“Com estes intuitos”, disse, “parti para Damasco, levando autorização dos principais sacerdotes e por eles comissionado. Ao meio-dia, ó rei, indo eu caminho fora, vi uma luz no céu, mais resplandecente que o Sol, que brilhou ao redor mim e dos que iam comigo” (ARA).

Contou-lhes como a intensidade da luz impediu que ele visse o que estava acontecendo ao redor deles e provocou sua queda por terra. Despojou-o de todos os seus poderes. Os poderes que havia recebido dos líderes; poderes próprios que um homem agressivo possui; poderes de cavaleiro que comanda sua cavalgadura. Estava caído por terra. Não podia ver, mas não havia sido abandonado por Deus. Jesus tampouco o desprezava.

“Ouvi uma voz que me falava em língua hebraica: Saulo, Saulo, por que Me persegues? Dura coisa é recalcitares contra os aguilhões” (ARA).

Paulo, então, perguntou: “Quem és Tu, Senhor?” (ARA).

“Eu sou Jesus, a quem tu persegues” (ARA).

Nesse instante, contou, percebeu o mal que estava fazendo contra os seguidores de Jesus. Cria que suas ações eram atos de fidelidade a Deus porque perseguia os que, de acordo com ele, eram inimigos da religião judaica revelada por Deus a seus antepassados. Um erro. Grave erro. Havia outra obra que devia realizar.

Contou que o Senhor continuou lhe dizendo: “Levanta-te e firma-te sobre teus pés, porque por isto te apareci, para te constituir ministro e testemunha, tanto das coisas em que Me viste como daquelas pelas quais te aparecerei ainda, livrando-te do povo e dos gentios, para os quais Eu te envio, para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em Mim” (ARA).

Paulo afirmou que havia recebido a luz e que Jesus o havia enviado aos gentios para apresentá-la a eles. Seguir a Jesus não era um

erro, era a correção do erro que seus acusadores cometiam por se haver afastado da esperança de seus próprios antepassados. Jesus era o Messias, a esperança de Israel, luz para os gentios.

Paulo, o missionário: Não fui desobediente (v. 19-23). Paulo havia chegado ao ponto culminante de sua argumentação; faltava somente justificar a obra que estava realizando.

“Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial” (ARA).

Contou-lhe que havia anunciado o evangelho primeiramente em Damasco, depois em Jerusalém e em toda a Judeia. Disse-lhe também que havia ido à terra dos gentios e lhes havia pedido que se arrependessem, que se convertessem a Deus e praticassem obras dignas de arrependimento.

“Por causa disto, alguns judeus me prenderam, estando eu no templo, e tentaram matar-me. Mas, alcançando socorro de Deus, permaneço até ao dia de hoje, dando testemunho, tanto a pequenos como a grandes, nada dizendo, senão o que os profetas e Moisés disseram haver de acontecer” (ARA).

Que coisas eram essas?

“Que Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios” (ARA).

Festo não se conteve.

“Estás louco, Paulo!”, gritou-lhe. “As muitas letras te fazem delirar” (ARA).

“Não estou louco, excelentíssimo Festo”, respondeu-lhe. “O que estou dizendo é verdadeiro e de bom senso” (NVI).

Em seguida, Paulo deu uma meia-volta missional em sua defesa e incluiu o rei Agripa na conversação. Fez isso de forma muito elegante. Mas dirigindo-se ainda a Festo, disse: “O rei está familiarizado com essas coisas, e lhe posso falar abertamente. Estou certo de que nada disso escapou do seu conhecimento, pois nada se passou num lugar qualquer” (NVI).

E então, voltando-se diretamente ao rei, disse-lhe: “Rei Agripa, crês nos profetas? Eu sei que sim” (NVI).

“Por pouco me persuades a me fazer cristão”, respondeu-lhe o rei.

“Assim Deus permitisse que, por pouco ou por muito”, disse Paulo, “não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem tais qual eu sou, exceto estas cadeias” (ARA).

O rei se levantou e todos os demais. A audiência estava encerrada. Paulo se defendeu bem, mas seu objetivo não era obter a liberdade que qualquer preso teria desejado mais que qualquer coisa. Paulo era diferente. Queria somente testemunhar de Cristo. Além disso, se fosse possível, queria conseguir a conversão de seus ouvintes. Havia testemunhado perante o tribunal e perante o rei. Para ele era tudo.

Mas os demais, enquanto se retiravam, iam comentando entre si: “Este homem não fez nada que mereça morte ou prisão” (NVI).

O próprio rei disse a Festo: “Este homem bem podia ser solto, se não tivesse apelado para César” (ARA).

O imperador – esse era o objetivo de Paulo. Queria a conversão do imperador e de todo o Império. Por que não? Por acaso os cristãos não tinham que pregar o evangelho a todas as pessoas, em todo o mundo, incluindo os reis e imperadores, e todos os seus dirigentes?



Paulo em

10 Roma: Perigos e Pregação

Finalmente, a viagem para Roma! As viagens por mar, nessa época, eram muito perigosas. Os únicos recursos que os marinheiros tinham para se orientar eram o Sol e as estrelas. Quando as condições atmosféricas os deixavam invisíveis, era sábio não viajar. E se estivessem viajando, o perigo estava à porta.

A viagem de Paulo à Itália teve muitas privações. Lucas conta sobre isso com maestria, dinamismo, e com um realismo tão intenso que raramente se vê nesse tipo de relato. Um pequeno clássico da literatura (27:1-28:31). Por todos os detalhes e a forma de se referir aos acontecimentos ocorridos, é evidente que seu autor foi uma testemunha ocular dos fatos. Lucas estava com Paulo. Além de Lucas, como um gesto de simpatia especial, Festo lhe havia permitido levar consigo Aristarco (Cl 4:10). Dois companheiros que o serviram com abnegação e lhe suavizaram grandemente a falta de comodidade da viagem.

A viagem: perigos e determinação divina (At 27:1-28:15)

A viagem começou bem, mas, no trajeto, as condições para a navegação se tornaram extremamente perigosas por causa do mau tempo. Mais de uma vez o perigo era de perda total, incluín-

do a vida de tripulantes e passageiros. Contudo, Paulo estava no navio. Deus o havia enviado a Roma com uma missão. Não o abandonaria. A determinação de Deus era que esse projeto não fosse frustrado. E a determinação divina não é variável como a determinação humana. As circunstâncias não se alteram. Fez tudo o que foi preciso para que Paulo chegasse a salvo e realizasse a tarefa que devia cumprir.

Ao proteger Seu enviado, protegeu também a tripulação inteira e todos os passageiros. As bênçãos enviadas por Deus a Seus filhos sempre incluem as pessoas que os rodeiam. Assim como a presença de dez pessoas boas em Sodoma e Gomorra teria salvado da destruição as cidades da planície, a presença dos filhos de Deus assegura bênção para toda a humanidade.

De Cesareia a Sidom: tudo correu bem (27:1-3)

Festo encarregou um centurião de transferir o prisioneiro Paulo e alguns outros mais. Tinha que levá-los a Roma e entregá-los ao chefe militar, chefe dos pretorianos ou guarda imperial. O centurião chamava-se Júlio e pertencia à companhia Augusta.

Lucas, incluindo-se a si mesmo e a Aristarco, descreveu a partida dizendo: “Embarcamos num navio de Adramítio, que estava de partida para alguns lugares da província da Ásia, e saímos ao mar, estando conosco Aristarco, um macedônio de Tessalônica” (NVI).

A embarcação não saiu com destino a Itália. Era da Ásia e Adramítio estava na costa asiática, aproximadamente a oitenta quilômetros de Trôade, onde Paulo teve a visão do varão macedônio que lhe suplicava para trabalhar na Europa, e seu percurso era pela costa da Ásia.

Paulo estava bem acompanhado. Lucas, médico e colaborador em muitas outras viagens, podia ajudá-lo no cuidado de sua saúde e em outras atividades, juntamente com Aristarco, fiel companheiro que havia enfrentado com ele os perigos criados pela rebelião dos ourives em Éfeso (At 19:29) e, quando saíram da cidade, fazia parte da delegação que acompanhou Paulo levando a oferta das igrejas para os irmãos pobres da Judeia (At 20:4).

“No dia seguinte”, diz Paulo, “ancoramos em Sidom” (NVI).

Foi um começo feliz. Nenhuma dificuldade, pois o tempo era favorável. Todos estavam de bom ânimo, incluindo Júlio, o centurião.

“Júlio”, escreveu Lucas, “num gesto de bondade para com Paulo, permitiu-lhe que fosse ao encontro dos seus amigos, para que estes pudessem as suas necessidades” (NVI).

Certamente, Festo lhe tinha dado instruções para que Paulo fosse bem tratado, e Lucas deve ter tido conhecimento disso, pois quando mencionou a presença de outros presos no grupo que Júlio estava levando para Roma, escreveu que se tratava de outros, no sentido de ser diferentes de Paulo. Presos de outra condição. Por outro lado, a essa altura da viagem, Paulo já deveria ter conquistado a boa vontade do centurião, coisa que ele sempre conseguia em seus relacionamentos.

De Sidom a Bons Portos: primeiras dificuldades (27:4-12)

Tão logo saíram de Sidom começaram as dificuldades. O vento soprava ao contrário. Avançaram lentamente para o norte seguindo a costa. Ao norte de Chipre, dirigiram-se para o oeste, avançando entre Chipre e o continente. Passaram em frente a duas províncias: Cilícia, onde Paulo nasceu, e Panfília, que Paulo visitou duas vezes em sua primeira viagem missionária (At 13:13; 14:24-26).

Chegaram, então, a Mirra, um porto da província de Lícia, conhecido como depósito de trigo para ser distribuído na região. O centurião encontrou um navio de Alexandria, Egito. Estava descarregando trigo, uma vez que o Egito era o celeiro do Império Romano. Dirigia-se para a Itália. Muito conveniente para Júlio. Decidiu embarcar nele com seus prisioneiros.

A navegação continuou enfrentando dificuldades, ainda maiores que antes.

“Navegamos vagorosamente por muitos dias e tivemos dificuldade para chegar a Cnido. Não sendo possível prosseguir em nossa rota, devido aos ventos contrários, navegamos ao sul de Creta, de frente de Salmona. Costeamos a ilha com dificuldade e chegamos a um lugar chamado Bons Portos” (NVI).

Detiveram-se ali durante alguns dias. Não porque tivessem alguma coisa para fazer, mas pelas condições adversas do tempo. O inverno estava chegando e a navegação se tornaria muito perigosa. Seria impossível continuar a viagem para a Itália; teriam que passar o inverno em algum lugar. A questão era: Onde? Em Bons Portos, lugar sem nenhuma comodidade, ou em Fenice, não muito distante para o oeste de Chipre?

Júlio relatou a Paulo a discussão que havia sobre as duas alternativas para invernar. Paulo não vacilou. Imediatamente, lhes disse: “Senhores, vejo que a viagem vai ser trabalhosa, com dano e muito prejuízo, não só da carga e do navio, mas também da nossa vida” (ARA).

Mas como o porto não era adequado para passar o inverno, o centurião e o restante da tripulação decidiram continuar a viagem até Fenice. Do ponto de vista racional, foi uma decisão muito boa. Mas o conselho do apóstolo, favorecido pela inspiração do Espírito Santo, tinha outros elementos que a razão nem sempre consegue compreender. Mais tarde, a realidade, mais forte que a razão, provaria que seu conselho era melhor.

De Bons Portos a Malta: tempestade e naufrágio (27:13-44)

Quando ocorreu uma mudança no tempo, o vento sul começou a soprar suavemente, contrário ao vento forte do norte que os havia açoitado durante toda a viagem. Levantaram âncoras e foram costeando a ilha rumo a Fenice. Mas nunca chegaram a Fenice. Qual o motivo?

“Não muito depois, desencadeou-se, contra o navio, um tufão de vento, chamado Euroaquilão” (ARA).

O vento vinha do nordeste, levantando grandes ondas, e sua força foi tão grande que não conseguiram manter a proa na direção que desejavam. Tiveram que cessar as manobras e deixar que o navio navegasse para o sudeste. Entraram no mar aberto. Já sem a proteção da ilha, ficaram totalmente à mercê do mau tempo. Tudo ficou pior, conforme Lucas diz: “No dia seguinte, sendo violentamente castigados pela tempestade, começaram a lançar fora a carga” (NVI).

No terceiro dia, lançaram ao mar a armação do navio. A tempestade continuou. Não podiam ver o Sol nem as estrelas. Tudo parecia perdido.

“Finalmente perdemos toda a esperança de salvamento”, escreveu Lucas (NVI).

A tripulação e os passageiros haviam passado muitos dias sem comer. Ninguém parecia ter condições de fazê-lo, nem tinham tido tempo para preparar a refeição.

Paulo, preocupado com isso, pondo-se em pé no meio deles, disse: “Na verdade, era preciso terem-me atendido e não partir de Creta, para evitar este dano e perda” (ARA).

Não falou como uma recriminação. Queria que não esquecessem a força real de suas palavras, para que no futuro, quando tivesse algum outro conselho inspirado pelo Espírito Santo, o respeitassem. Ao mesmo tempo reforçava a necessidade de seguir o que estava para lhes dizer: “Mas, já agora, vos aconselho bom ânimo, porque nenhuma vida se perderá de entre vós, mas somente o navio” (ARA).

Essa notícia produziu efeito positivo em alguns e negativo em outros. A perda do navio certamente era desagradável para o dono, mas a conservação da vida era mais importante.

Logo lhes explicou o motivo por que tinha tanta certeza do que lhes dizia: “Esta mesma noite, um anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas! É preciso que compareças perante César, e eis que Deus, por Sua graça, te deu todos quantos navegam contigo” (ARA).

A determinação divina continuava sendo constante. A tempestade não mudaria os planos de Deus para Paulo. Somente Paulo poderia fazê-lo. Deus nunca força ninguém, pois respeita o livre arbítrio que Ele mesmo deu a cada ser humano, pela criação. Paulo, por sua vez, já havia aprendido a manter sua vontade integrada à vontade de Deus. Faria somente o que Deus desejasse.

“Assim, tenham ânimo! Creio em Deus que acontecerá do modo como me foi dito. Devemos ser arrastados para alguma ilha” (NVI).

Foi somente na décima quarta noite de viagem, sob a tempestade, à meia-noite, que os marinheiros, ao ouvir ruídos de recifes,

imaginaram que estavam próximos da terra. Lançaram a sonda. Acharam vinte braças (36 metros). Um pouco mais adiante, encontraram quinze braças (27 metros). Para evitar um choque com as rochas, lançaram quatro âncoras pela popa. Esperaram. Ansiavam pelo amanhecer. Os marinheiros planejavam fugir do navio. Baixaram o bote salva-vidas com o pretexto de largar as âncoras da proa.

Paulo, dirigindo-se ao centurião e aos soldados, disse: “Se estes homens não ficarem no navio, vocês não poderão salvar-se” (NVI).

Os soldados cortaram os cabos do bote salva-vidas e o deixaram afastar-se.

Já amanhecia. Paulo, preocupado com o estado físico do grupo, disse: “Hoje, é o décimo quarto dia em que, esperando, estais sem comer, nada tendo provado. Eu vos rogo que comais alguma coisa; porque disto depende a vossa segurança; pois nenhum de vós perderá nem mesmo um fio de cabelo” (ARA).

Unindo a ação às palavras, tomou um pão, deu graças a Deus na presença de todos, e começou a comer. Todos fizeram o mesmo. Um total de 276 pessoas. Quando terminaram de comer, com maior energia, trabalharam arduamente para aliviar o peso do navio, atirando todo o trigo ao mar.

O Sol havia despontado.

A luz não lhes permitiu reconhecer o lugar, mas avistaram uma enseada. A praia pareceu-lhes apropriada para encalhar o navio. Cortaram as âncoras. Desataram as cordas que prendiam os lemes. Alçaram a vela da proa e se dirigiram à praia. A proa encravou-se e ficou imóvel, e a popa, açoitada pela violência das ondas, tornava-se em pedaços.

Os soldados romanos pensaram que seria melhor matar os presos e, dessa forma, evitar que fugissem, como certamente fariam ao descer do navio. Não queriam pagar com a vida a fuga dos prisioneiros. Mas o chefe deles, o centurião, querendo salvar a vida de Paulo, impediu-os de executar o plano. Júlio tomou essa decisão porque depois de tudo o que Paulo havia feito no decorrer da viagem, estava certo de que ele era um homem de Deus e temia fazer qualquer coisa contra ele.

Em seguida ordenou: “Os que sabiam nadar que se lançassem primeiro ao mar em direção à terra. Os outros teriam que salvar-se em tábuas ou pedaços do navio” (NVI).

Obedeceram. “Todos chegaram a salvo em terra” (NVI).

Em Malta: dois milagres (28:1-10)

“Uma vez em terra, verificamos que a ilha se chamava Malta.”

Próximo de Sicília, para o sudeste, sem perceberem, haviam percorrido uma grande distância; quase a metade de toda a viagem.

Os habitantes do lugar, os bárbaros, não gregos, nem romanos, demonstraram grande bondade para com os náufragos. Acenderam uma fogueira para protegê-los da chuva e do frio.

Paulo, solícito como sempre, ajuntou um monte de gravetos e os atirou ao fogo. Entre os gravetos, estava uma víbora que, ao sentir o calor, quis fugir e se prendeu à mão do apóstolo. As pessoas, sempre ansiosas para emitir um julgamento contra os outros, vendo a víbora presa na mão de Paulo, diziam: “Certamente este homem é assassino, pois, tendo escapado do mar, a Justiça não lhe permite viver” (NVI).

Eles não compreendiam o poder que atuava em Paulo. Sacudiu a mão e a víbora caiu no fogo. Eles observavam. Esperavam que de um momento para outro ele começasse a inchar ou caísse morto. Passou muito tempo. Continuavam a observá-lo, mas já não com espírito de condenação, como no início. Estavam assombrados. Começaram a perceber que estavam diante de um milagre.

“Viram que nenhum mal lhe sucedia”, diz Lucas. Mudaram seu modo de pensar a respeito de Paulo e disseram que ele era um deus.

Esse foi o primeiro milagre que Deus fez na ilha de Malta, enquanto Paulo e seus dois companheiros de missão permaneceram na ilha. Isso deu a Paulo grande credibilidade.

Permaneceram em Malta durante três meses. Todo o inverno. Nenhum navio passaria pela ilha para levá-los, pois não era seguro navegar durante essa estação.

Paulo, como sempre, aproveitou a estada na ilha para pregar o evangelho. A missão estava sempre presente em sua vida, em todo o

lugar. Haviam naufragado próximo à propriedade de Públio, o principal homem da ilha. Um título que correspondia ao de governador romano da ilha que, naquela época, estava sob o domínio de Roma. Públio hospedou Paulo e seus dois companheiros durante três dias. Tratou-os bondosamente. Seu pai estava doente, com febre e disenteria. Paulo entrou para vê-lo. Orou por ele, impôs-lhe as mãos e o homem foi curado.

A notícia do milagre ocorrido na casa de Públio se espalhou por todos os habitantes como uma onda de esperança. Enfermos de todas as partes vieram a Paulo.

“E foram curados”, diz Lucas.

Enquanto Paulo e o médico Lucas curavam as enfermidades do povo, pregavam-lhes o evangelho e as pessoas demonstravam seu afeto e simpatia. Dispensaram bom tratamento a Paulo, como também a todos os náufragos, provendo-lhes tudo o que necessitaram durante o tempo em que permaneceram na ilha. E quando foram embora, proveram o que necessitariam durante a viagem para a Itália.

De Malta a Roma: encontro com os irmãos (28:11-15)

Após permanecerem três meses na ilha, embarcaram num navio de Alexandria que ali invernara. O navio permaneceu três dias em Siracusa, Sicília. Costeando a ilha, navegaram para o norte e passaram em Régio, porto continental situado na ponta sul do formato de bota que tem a Itália, no estreito de Messina. Embora até essa ocasião tivessem enfrentado ventos contrários, no dia seguinte soprou um vento favorável do sul e, no segundo dia, chegaram a Putéoli, naquela época, porto principal de Roma. Roma distava 224 quilômetros ao norte do porto.

Em Putéoli, já havia alguns cristãos e eles sabiam que Paulo estava chegando nesse navio. Foram recebê-lo. Houve muita emoção fraternal. Não esperavam recebê-lo como prisioneiro, mas desde a chegada de sua epístola aos Romanos à Itália, todos queriam conhecê-lo e aprender dele. Rogaram-lhe que permanecesse com eles sete dias. Mas o apóstolo estava preso; não podia tomar essa decisão por si só. Consultou o centurião, que o autorizou com amabilidade.

Sabia quem Paulo era e após a longa viagem com ele, o respeitava como ser humano sempre serviçal e o admirava como enviado de Deus; sempre demonstrando sabedoria, e sempre possuidor de conhecimento das circunstâncias, muito prático e muito útil.

No oitavo dia, o centurião Júlio, juntamente com os presos, iniciou a viagem a Roma, por terra. Durante o percurso de 224 quilômetros, Paulo, cheio de atenções por parte do centurião, mas preso a um soldado, teve tempo para meditar. Como havia desejado chegar a Roma! Entretanto, antes de sua prisão em Jerusalém, nunca havia pensado em chegar à capital do Império naquela condição: prisioneiro. Relembrou sua vida. Toda ela cheia de provas, sofrimentos e frustrações. Uma espécie de tristeza solitária se apoderou dele. Poderia pregar o evangelho nessas condições? Poucos quilômetros depois de Putéoli entraram na Via Ápia, uma das principais estradas de Roma no sul da Itália.

Os irmãos de Roma também sabiam que Paulo estava chegando. Saíram para recebê-lo. Um grupo o esperava na Praça de Ápio, a praça do mercado nessa cidade. Mas ainda faltavam aproximadamente 71 quilômetros para chegar a Roma. Outros se juntaram a eles em Três Vendas, local de descanso na Via Ápia, mais ou menos 16 quilômetros mais adiante.

Lucas descreve o encontro com os cristãos em uma frase cheia de significado: “Vendo-os Paulo e dado, por isso, graças a Deus, sentiu-se mais animado” (ARA).

Muitos dos que foram recebê-lo eram seus próprios conversos que havia encontrado nas cidades de Éfeso, Filipos e Corinto, na Ásia e Europa. Cada um trazia na memória os triunfos obtidos sobre a intransigência, a oposição e a apostasia. As vitórias de cada pessoa sobre suas próprias debilidades para viver o evangelho com fidelidade. Sentiu a recompensa no afeto desses crentes que, com tanta alegria, o recebiam como se fosse um pai. Até os próprios soldados romanos, endurecidos pelos constantes trabalhos de seu ofício, sentiram a ternura do afeto. Eles mesmos haviam aprendido a respeitá-lo, a admirá-lo e, alguns deles, até a amá-lo.

O restante da viagem para Roma foi tão prazeroso como podia ser para um homem preso que se sentia querido por todos. Alguns eram amigos na fé. Outros, servos do Império.

Tendo chegado a Roma, o centurião entregou os presos ao chefe militar; mas Paulo recebeu permissão para morar por conta própria, sob a custódia de um soldado.

Por que o chefe da Guarda Pretoriana ou Guarda Imperial tratou tão bem a Paulo? Possivelmente, por três razões: a carta de Festo, que apresentava Paulo como um homem sem culpa e acusado injustamente. O relatório do centurião, através do qual Paulo era mencionado como um homem que não demonstrava rebeldia; era servicial e amigo de todos. E a personalidade do chefe da guarda. Nessa época era Afrânio Burro, um homem de bom caráter e muito boa reputação.

O soldado que vigiava Paulo não ficava de guarda na porta de sua casa. Uma de suas mãos presa à mão de Paulo, com uma cadeia, o mantinha junto a ele todo o tempo. O soldado era substituído de quatro em quatro horas. Muitos estiveram com Paulo e ouviram seus ensinamentos até o ponto de Paulo se tornar o tema permanente de conversação entre os soldados do pretório. Assim diz Paulo, ainda na prisão, em sua carta aos filipenses:

“Quero que saibam, irmãos, que aquilo que me aconteceu tem, ao contrário, servido para progresso do evangelho. Como resultado, tornou-se evidente a toda a guarda do palácio e a todos os demais que estou na prisão por Cristo” (Fp 1:12, 13, NVI).

Em Roma: liberdade para pregar (At 28:16-31)

Paulo era muito diligente e sabia como fazer as coisas a fim de que estas contribuíssem para o progresso do evangelho. No terceiro dia, após sua chegada, enviou um convite aos dirigentes dos judeus para que fossem à sua casa, pois desejava explicar-lhes um assunto importante. A colônia judaica em Roma era numerosa. O decreto de expulsão, emitido por Cláudio, no ano 49 d.C., os manteve fora de Roma por algum tempo, mas quando perdeu sua vigência, os judeus retornaram a Roma, onde, naquela época, havia várias sinagogas. O nome de onze delas foi preservado.

Com os dirigentes judeus: discordância (28:16-29)

Quando os líderes dos judeus se reuniram com Paulo, estes disseram:

“Meus irmãos, embora eu não tenha feito nada contra o nosso povo nem contra os costumes dos nossos antepassados, fui preso em Jerusalém e entregue aos romanos. Eles me interrogaram e queriam me soltar, porque eu não era culpado de crime algum que merecesse pena de morte” (NVI).

Uma coisa o apóstolo deixou bem clara desde o início: era inocente. Não havia cometido nenhum delito, e no julgamento feito pelos romanos nada foi encontrado. Mas estava preso. Por quê? Continuou explicando: “Diante da oposição dos judeus, senti-me compelido a apelar para César, não tendo eu, porém, nada de que acusar minha nação” (ARA).

Era importante que os dirigentes judeus de Roma soubessem que ele não tinha nenhuma queixa para apresentar contra a nação israelita, nem contra seus dirigentes. Não falou nada sobre os maus tratos, nem sobre a conspiração para matá-lo. O importante não eram os sofrimentos que havia suportado, mas sim sua inocência.

Em seguida, começou a explicar o motivo de sua prisão: “Por essa razão pedi para vê-los e conversar com vocês. Por causa da esperança de Israel é que estou preso com estas algemas” (NVI).

Como a explicação de Paulo havia sido clara e honesta, os dirigentes judeus responderam-lhe da mesma forma. Assim deve ser sempre toda conversação entre religiosos, e mais ainda se são líderes, como era o caso naquela ocasião.

Disseram: “Nós não recebemos da Judeia nenhuma carta que te dissesse respeito; também não veio qualquer dos irmãos que nos anunciasse ou dissesse de ti mal algum” (ARA).

A inocência de Paulo havia sido explicada por ele e aceita pelos dirigentes judeus. Entretanto, nem tudo havia sido dito ainda. Nesse clima de conversação honesta, eles queriam saber mais alguma coisa.

Acrescentaram: “Todavia, queremos ouvir de sua parte o que você pensa, pois sabemos que por todo lugar há gente falando contra esta seita” (NVI).

Combinaram conversar sobre o assunto e marcaram um dia apropriado. Possivelmente, Paulo não tenha preferido conversar imediatamente porque esperava que, ao marcar para outra ocasião, eles contariam aos judeus a respeito do que estava acontecendo e sobre a conversação que teriam com ele. Outros se sentiriam atraídos para ouvir a explicação de Paulo e um maior número de judeus poderia ouvir a respeito do evangelho.

Assim aconteceu. “Vieram em grande número ao encontro de Paulo na sua própria residência”, escreveu Lucas (ARA).

Naquele dia, lhes falou desde a manhã até à tarde. O dia todo. Sobre o quê? Sobre o reino de Deus e a respeito de Jesus. Provou-lhes que Jesus era o Messias. Baseou-se nos escritos da lei de Moisés e nos profetas. Tudo era profecia. Como se tratava de profecias verdadeiras, algum dia iriam se cumprir. Cumpriram-se em Jesus. Contou-lhes sua própria experiência e lhes falou sobre o verdadeiro valor da religião, como Jesus a ensinava. Esse valor não se encontrava em teorias, ritos, cerimônias ou credos. Encontrava-se no poder salvador que, através de Jesus, justifica o pecador e renova a vida deste perante Deus. Mostrou-lhes Jesus como o Profeta prometido por Moisés, a quem eles deviam ouvir. Mostrou-lhes Jesus como o servo sofredor apresentado em Isaías que, em Seu sofrimento, trouxe o remédio para o pecado de todo ser humano. Mostrou-lhes Jesus como o Cordeiro sacrificado no templo, representando Sua morte na cruz para limpar os pecados de todos os seres humanos.

“Alguns ficaram comovidos e aceitaram a explicação, convencendo-se de que Jesus era o Messias.” Outros não creram. Não tinham razões nem podiam negar as profecias, mas não estavam dispostos a aceitar que Jesus fosse o Messias. Pareceu-lhes que isso era apenas uma conclusão de Paulo, não uma verdade da Escritura.

Paulo disse aos incrédulos: “Bem falou o Espírito Santo a vossos pais, por intermédio do profeta Isaías, quando disse: Vai a este povo e dize-lhe: De ouvido, ouvireis e não entendereis; vendo, vereis e não percebereis. Porquanto o coração deste povo se tornou endurecido; com os ouvidos ouviram tardiamente e fecharam os olhos, para que

jamais vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, para que não entendam com o coração, e se convertam, e por mim sejam curados” (ARA).

Embora citando-lhes uma profecia que se cumpria neles mesmos, não creram. Por isso, Paulo concluiu com estas palavras: “Tomai, pois, conhecimento de que esta salvação de Deus foi enviada aos gentios. E eles a ouvirão” (ARA).

Como o grupo de judeus se havia dividido, uns criam e outros não, saíram da reunião e foram discutindo entre si. Com que resultado? Lucas não revela. Mas, certamente, se repetiu em Roma o que havia ocorrido em muitos outros lugares. Os crentes acompanharam Paulo e os incrédulos trabalharam contra ele.

Dois anos de cativeiro: pregação livre (28:30, 31)

Paulo permaneceu por dois anos na casa alugada. De 61 a 63 d.C. Nesse período, pregou o evangelho a todos os que iam visitá-lo. Seus ajudantes devem ter providenciado o auditório de Paulo para que ele continuasse pregando.

Lucas conclui sua história do cristianismo apostólico que, na segunda parte, era a história das missões realizadas por Paulo, dizendo: “Paulo pregava o Reino de Deus e ensinava a respeito do Senhor Jesus Cristo, abertamente e sem impedimento algum” (NVI).

Vários homens notáveis colaboraram com Paulo, em Roma: Lucas, o médico amado. Timóteo, amado filho. Tíquico, irmão amado, fiel ministro e conservo no Senhor. Aristarco e Epafras, companheiros de prisão (Cl 4:7-14). Demas, fiel por algum tempo, o abandonou, amando as riquezas deste mundo (2Tm 4:10). Epafrodito, irmão, colaborador e companheiro de lutas (Fp 2:25).

Entre seus conversos, estava um homem simples com uma história fantástica: Onésimo, o escravo pagão que fugiu de seu senhor Filemon. Pobre, renegado, sem esperança. Paulo sentiu compaixão por ele e o ajudou. Comunicou-lhe o evangelho e ele foi convertido. Sincero, bondoso, prestativo, honesto, consagrou-se ao serviço de Paulo, cuidou de suas necessidades com grande afeição, e com zelo exemplar dedicou-se a promover o evangelho. Paulo apreciou

seus valores e pensou que seria muito útil para a obra missionária. Mas antes era preciso resolver a situação que havia sido provocada entre ele e Filemon, outro converso de Paulo, quando fugiu de sua casa. Paulo o enviou a Filemon com uma carta cheia de afeição, de empatia, que descreve a verdadeira relação entre amo e escravo, quando os dois são crentes em Cristo. Extraordinário exemplo de bom relacionamento entre pessoas que, pela fé, foram integradas à unidade em Cristo Jesus.

Da casa-prisão de Paulo o evangelho se expandiu para os judeus, para a Guarda Pretoriana, para os gentios de Roma e para a própria casa de Nero, o mais desprezível de todos os imperadores romanos; o qual, julgando-se Deus, não demonstrava nenhum vestígio de divino, nem sequer conservava os sentimentos humanos mais elementares. Seus cortesãos, uma cópia dele, eram cruéis, degradados e corruptos. Quem dentre eles algum dia aceitaria o evangelho? Houve alguns que aceitaram.

“Mesmo na casa de Nero foram ganhos troféus para a cruz”, diz Ellen G. White, em *Atos dos Apóstolos*, página 463. Mais adiante, ela acrescenta: “Não somente houve conversos ganhos para a verdade na casa de César, mas depois de sua conversão eles permaneceram nessa casa. Não se sentiram na liberdade de abandonar seu posto de dever por não lhes ser mais favorável o ambiente. A verdade os achara ali, e ali permaneceram testificando por sua vida e caráter mudados do poder transformador da nova fé” (Ibid., p. 466).

Além de pregar o evangelho durante os dois anos em que esteve preso em Roma, Paulo escreveu quatro de suas famosas epístolas. Aos efésios (6:20), aos filipenses (Fp 1:13, 14), aos colossenses (4:18), e a Filemon (1:9). Escritas provavelmente até o fim do tempo em que permaneceu na prisão. A carta aos filipenses pode ter sido escrita no ano 63 d.C. e as outras três em 62 d.C.

Quando escreveu aos filipenses estava muito alegre. Esperava que seu julgamento terminasse rapidamente e de maneira favorável para ele.

Assim o expressou: “Espero no Senhor Jesus enviar-lhes Timóteo brevemente, para que eu também me sinta animado quando receber notícias de vocês. Não tenho ninguém que, como ele tenha

interesse sincero pelo bem-estar de vocês, pois todos buscam os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo. Mas vocês sabem que Timóteo foi aprovado porque serviu comigo no trabalho do evangelho como um filho ao lado de seu pai. Portanto, é ele quem espero enviar, tão logo me certifique da minha situação, confiando no Senhor que em breve também poderei ir” (Fp 2:19-24).

Paulo foi absolvido. Mas Lucas não fala nada a esse respeito. Concluiu o livro deixando-o em suas cadeias, porque essa situação representava a maior vitória de seu ministério e a maior segurança para o progresso do evangelho.

Lucas iniciou sua história em Jerusalém e a concluiu em Roma, capital do Império e o lugar onde havia a maior intransigência contra o cristianismo. Uma vitória inquestionável. Se Paulo tivesse chegado a Roma como um pregador livre, teria enfrentado perseguições e todo tipo de dificuldades para pregar o evangelho. Mas chegou como prisioneiro e não teve nenhum impedimento para cumprir a missão confiada a ele por Deus. O poder que estava com ele era superior a todos os poderes do Império e ele os vencia mesmo quando pareciam mais poderosos do que nunca.

O livro bíblico de Atos dos Apóstolos tem sido chamado, com justiça, o livro dos Atos do Espírito Santo, já que nele se descreve de maneira vibrante a obra poderosa que os discípulos de Jesus realizaram sob a influência do Espírito de Deus.

Neste volume, que pertence à série “Comentário Bíblico Homilético”, o Dr. Mario Veloso apresenta com riqueza de detalhes tanto os atos dos apóstolos quanto as reflexões inspiradoras derivadas deles. É um conteúdo capaz de impulsionar a vida e a missão evangelizadora da igreja.

O Dr. Veloso, de origem chilena, tem servido à Igreja Adventista por muitos anos, em praticamente todos os níveis e tipos de ministério. Pensador profundo e amante da poesia, é autor de vários livros que têm sido uma bênção para a igreja, como esperamos que este também seja.

